



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL**

**ANÁLISE TIPOLÓGICA E O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL:
Estudo de fábricas doceiras na zona rural de Pelotas, RS**

Arq. Urb. Roberta Mecking Arantes Santos

Pelotas
Abril, 2011

Arq. Urb. Roberta Mecking Arantes Santos

ANÁLISE TIPOLÓGICA E O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: Estudo de fábricas doceiras na zona rural de Pelotas, RS

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural
da Universidade Federal de Pelotas,
como requisito à obtenção do Título de
*Mestre em Memória Social e
Patrimônio Cultural*

ORIENTADORA:

Profa. Dra. Margarete R. F. Gonçalves
PPG Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel)

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Margarete R. F. Gonçalves
PPG Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel)

Prof. Dr. Eduardo Grala da Cunha
PPG Mestrado em Arquitetura e Urbanismo (UFPel)

Prof. Dr Fábio Vergara Cerqueira
PPG Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Margarete R. F. Gonçalves, pelo interesse e pela ajuda prestada em todos os momentos em que precisei.

Aos professores do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural pelas ótimas aulas ministradas.

Aos colegas do curso pelas ricas discussões em aula, troca de conhecimentos e momentos de *happy hour*.

Ao professor Sylvio Jantzen pela crítica ao trabalho e pela indicação e empréstimo de bibliografia essencial à pesquisa.

Ao professor Alcir Bach por toda informação compartilhada de forma generosa e sempre em meio a boas conversas.

À professora e amiga Karen Melo por ter me apresentar o “mundo rural” sempre com brilho nos olhos e também por me ajudar e orientar desde a época da graduação.

Aos acadêmicos de arquitetura e amigos Camila Ortega e Ivan Kuhlhoff que auxiliaram no processo de levantamentos das fábricas com notável dedicação e com muito bom humor— mesmo quando as saídas de campo tinham início perto das seis horas da manhã.

Àqueles que abriram as portas das fábricas e fizeram com que este trabalho fosse possível: João e Noêmia Casarin, Ivo Schaun, Angelita e Paulo Crochemore, Marta e Ricardo Crochemore, Nelson Crochemore, Vera (secretária da Red Indian), Dalva Patzlaff, Luiz Ariosto e funcionárias da Golden Peach.

Às amigas do voleibol Fefa, Silvia, Laís, Pity, Elisa e Carol que sempre me alegraram e trouxeram mais leveza a esta jornada.

À minha amiga e arquiteta Vanessa Bosenbecker, amiga e parceira em todos os momentos e que soube entender a minha ausência nos ocasiões em que o curso impunha dedicação exclusiva.

Por fim, a cereja do bolo. Gostaria de agradecer especialmente e com todo o meu carinho à minha mãe, minha melhor amiga e companheira. Ao meu pequeno irmão Fernando que Deus colocou na minha vida pra me encher de felicidade. E ao meu companheiro Emerson, paciente e compreensivo, amor da minha vida.

RESUMO

SANTOS, Roberta Mecking Arantes. **Análise tipológica e o patrimônio industrial: um estudo de fábricas doceiras na zona rural de Pelotas, RS.** 2011. 246 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A presente dissertação estuda as tipologias arquitetônicas das unidades fabris destinadas à produção do doce na zona rural de Pelotas através de pesquisa teórica e prática. Para tanto, foram selecionadas oito fábricas, com datas de registro entre 1950 e 1970. Como o pêssego é a principal fruta utilizada na produção dos doces coloniais da região, foram analisadas fábricas localizadas na área reconhecida (na década de 1960) pela concentração de pomares de pessegueiros. A discussão proposta vincula-se ao tema do patrimônio industrial e pretende contribuir para o reconhecimento, análise e preservação de remanescentes da arquitetura industrial pelotense, bem como, ao problematizar as questões metodológicas surgidas, visa a estimular trabalhos análogos para outros ramos. O estudo feito demonstra as transformações dos referidos espaços, alinhavadas a evolução das técnicas empregadas para a fabricação do doce. Para alcançar os objetivos foram estudadas teorias relativas ao “tipo”, tais como as de Quatremère de Quincy, Giulio Carlo Argan, Aldo Rossi, dentre outros. A parte experimental do trabalho foi feita com saídas de campo, para a realização dos levantamentos arquitetônicos, e apoio em teóricos que já se utilizaram de análise tipológica em situações práticas e objetivas. Nesta fase, foram essenciais os estudos do arquiteto Pier L. Cervellati e do arquiteto francês Philippe Panerai. Os resultados obtidos identificaram as características que constituem os diferentes tipos arquitetônicos das unidades fabris e delinearam as tipologias que aproximam as edificações no tocante à similaridade formal, funcional e de relação com o entorno.

Palavras-chave: patrimônio imaterial; arquitetura industrial; análise tipológica; espaços de produção doceira;

ABSTRACT

SANTOS, Roberta Mecking Arantes. **Análise tipológica e o patrimônio industrial: um estudo de fábricas doceiras em zona rural. Pelotas, RS.** 2011. 246 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

The dissertation studies the architectural typology of the plant units intended for the production of candy in Pelotas rural environment through theoretical and practical research. Therefore, the study selected eight factories with registration dates between 1950 and 1970. As the peach is the main fruit used in the region for colonial candy production, there were analyzed factories located in the area recognized (in 1960s) by the concentration of peach orchards. The proposed discussion is linked to the theme of industrial heritage and aims to contribute to the recognition, analysis and preservation of remnants of the industrial architecture of Pelotas, as well as, to discuss methodological issues arising, aims to encourage similar works for other branches. The study demonstrates the transformations of the referred spaces, connected to the development of the techniques employed for candy production. To achieve the objectives, theories were studied regarding the "type", such as the ones by Quatremère de Quincy, Giulio Carlo Argan, Aldo Rossi, among others. The experimental work was accomplished through field trips, to achieve the architectural surveys, and supported by theorists who used the typological analysis by applying it in practical and objective situations. At this stage, the studies made by architect Pier L. Cervellati and the French architect Philippe Panerai were essential. The obtained results identified the characteristics that constitute different architectural types of the plant units and outlined the typologies that approximate the buildings concerning the formal, functional and surrounding related similarity.

Keywords: intangible heritage; industrial architecture; typological analysis; candies production spaces.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Chaminé vista na fachada lateral da fábrica de Arthur Schiller.....	38
Figura 2 – Cobertura em sheds. Vista interna da fábrica de Albino Saalfeld.....	39
Figura 3 – Fábrica Dannemann. Mais antiga fábrica de charutos do Brasil.....	40
Figura 4 – Fábrica São Luiz, em Itu-SP. Exemplar do estilo colonial.....	45
Figura 5 – Indústrias Reunidas Matarazzo.....	45
Figura 6 – O Engenho por Frans Post (1668).....	64
Figura 7 – Concentração de pomares de pessegueiros em Pelotas.....	78
Figura 8 – Mapa de localização das fábricas de Nestor e Nelson crochemore.....	83
Figura 9 – Vista da fábrica de Sr. Nestor Crochemore	83
Figura 10 – Panorâmica a partir da fábrica de Nestor Crochemore.....	84
Figura 11 – fundos da Igreja Comunidade São Pedro.....	84
Figura 12 – Cantina Ribes.....	84
Figura 13 – Galpão de Eventos CNN Raízes da Tradição.....	85
Figura 14 – Vista frontal da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.....	86
Figura 15 – Planta de cobertura da Indústrias Reunidas Crochemore.....	87
Figura 16 – Paredes antigas da Indústrias Reunidas Crochemore.....	88
Figura 17 – Azulejos da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.....	88
Figura 18 – Chaminé da Indústrias Reunidas Crochemore.....	89
Figura 19 – Planta baixa esquemática da Indústrias Reunidas Crochemore.....	90
Figura 20 – Setorização da planta baixa da Indústrias Reunidas Crochemore.....	91
Figura 21 – Diferentes trajetos percorridos na Indústrias Reunidas Crochemore.....	92
Figura 22 – Taxos de inox da Indústrias Reunidas Crochemore.....	94
Figura 23 – Fachada frontal da Indústrias Reunidas Crochemore.....	96
Figura 24 – Análise de proporções na Indústrias Reunidas Crochemore.....	97
Figura 25 – Análise de linhas ordenadoras na Indústrias Reunidas Crochemore.....	98
Figura 26 –Análise de relação cheios/vazios na Indústrias Reunidas Crochemore	98
Figura 27 – Análise de simetria na Indústrias Reunidas Crochemore.....	99
Figura 28 – Igreja Comunidade São Pedro e fábrica de Nestor Crochemore.....	100
Figura 29 – Corredor entre a fábrica Nestor Crochemore e seu bloco de serviços complementares.....	102
Figura 30 – Planta de cobertura da fábrica de Nestor Crochemore.....	103
Figura 31 – Chaminé da fábrica de Nestor Crochemore.....	104
Figura 32 – Planta baixa esquemática e setores da fábrica de Nestor Crochemore.	105

Figura 33 – Trajetória da produção da fábrica de Nestor Crochemore.....	105
Figura 34 – Portão do setor de recepção da fábrica de Nestor Crochemore.....	106
Figura 35 – Pisos da antiga residência do conjunto fabril de Nestor Crochemore....	110
Figura 36 – Fachada frontal da fábrica de Nestor Crochemore.....	111
Figura 37 – Fachada lateral da fábrica de Nestor Crochemore.....	111
Figura 38 – Análise de proporções na fachada frontal da fábrica de Nestor Crochemore	
.....	112
Figura 39 – Análise de proporções na fachada lateral da fábrica de Nestor Crochemore	
.....	112
Figura 40 – Análise de linhas ordenadoras adotadas nas fachadas da fábrica de	
Nestor Crochemore.....	113
Figura 41 – Análise da relação entre cheios e vazios nas fachadas da fábrica de	
Nestor Crochemore.....	113
Figura 42 – Análise de simetria nas fachadas da fábrica de Nestor Crochemore.....	114
Figura 43 – Vista aérea da concentração de fábricas na Ponte Cordeiro de Farias...	116
Figura 44 – Recorte do mapa rural cadastral de Pelotas.....	117
Figura 45 – Fábrica de João Bauer Sobrinho.....	117
Figura 46 – Fábrica de Conservas Bauer.....	117
Figura 47 – Delrio.....	118
Figura 48 – Fábrica de Arthur Schiller.....	118
Figura 49 – Fábrica de Albino Saalfeld.....	118
Figura 50 – Imagem aérea do conjunto fabril da Red Indian.....	119
Figura 51 – Planta de cobertura da Red Indian.....	121
Figura 52 – Treliças metálicas da fábrica Red Indian S/A.....	122
Figura 53 – Tesouras de madeira da Red Indian S/A.....	122
Figura 54 – Chaminé da Red Indian.....	123
Figura 55 – Esquema de revestimentos do edifício principal da Red Indian e suposto	
sentido da produção.....	124
Figura 56 – Divisória interna da fábrica da Red Indian S/A	124
Figura 57 – Setorização e planta baixa esquemática da Red Indian S/A.....	125
Figura 58 – Fachada Red Indian S/A.....	128
Figura 59 – Análise de proporções adotadas na Red Indian S/A.....	128
Figura 60 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na fachada frontal da fábrica Red	
Indian S/A.....	129
Figura 61 – Análise de relação entre cheios e vazios na Red Indian S/A.....	129
Figura 62 – Análise de simetria na Red Indian S/A.....	130
Figura 63 – Avenida Jacarandá	131

Figura 64 – Igreja do Advento.....	132
Figura 65 – Hospital Dr. Hernesto Arndt.....	132
Figura 66 – Vista da fábrica de Conservas Patzlaff a partir da Av. Jacarandá.....	132
Figura 67 – Imagem aérea do conjunto fabril da Indústria de Conservas Patzlaff.....	133
Figura 68 – Etapas de construção da indústria de Conservas Patzlaff.....	134
Figura 69 – Planta de Cobertura da Indústria de Conservas Patzlaff.....	136
Figura 70 – Chaminé da Indústria de Conservas Patzlaff.....	137
Figura 71 – Setorização da Indústria de Conservas Patzlaff.....	138
Figura 72 – Planta baixa da Indústria de Conservas Patzlaff e delimitação do recorte a ser detalhado.....	139
Figura 73 – Recorte da planta baixa esquemática da Indústria de Conservas Patzlaff.....	140
Figura 74 – Esquema do caminho da produção na Indústria de Conservas Patzlaff..	141
Figura 75 – Fachada frontal da Indústria de Conservas Patzlaff	143
Figura 76 – Análise de proporções adotadas na Indústria de Conservas Patzlaff.....	143
Figura 77 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na Indústria de Conservas Patzlaff.....	144
Figura 78 – Análise de relação entre cheios e vazios na Indústria de Conservas Patzlaff.....	145
Figura 79 – Análise de simetria na Indústria de Conservas Patzlaff.....	145
Figura 80 – Imagem aérea da Fábrica de Conservas Schaun.....	147
Figura 81 – E.M.E.F. Professor Francisco Araújo.....	148
Figura 82 – Parque Nova Cascata	148
Figura 83 – Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe.....	148
Figura 84 – Residência da propriedade da fábrica de Albino Schaun.....	150
Figura 85 – Fachadas atual e antiga da Conservas Schau.....	150
Figura 86 – Fachada lateral da fábrica de Conservas Schau.....	151
Figura 87 – Foto interna da fábrica de Conservas Schaun onde se vê o madeiramento da cobertura.....	151
Figura 88 – Foto interna da fábrica de Conservas Albino Schaun onde pode ser visto o forro de madeira.....	151
Figura 89 – Chaminé da Conservas Schaun.....	152
Figura 90 – Setorização da Conservas Schaun.....	153
Figura 91 – Trajetória da produção na Conservas Schaun.....	154
Figura 92 – Azulejo do refeitório da Conservas Schaun.....	157
Figura 93 – Azulejo do banheiro da fábrica de Conservas Schaun.....	157

Figura 94 – Fachada frontal da Conservas Schaun.....	157
Figura 95 – Análise de proporções adotadas na Conservas Schaun.....	158
Figura 96 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na Indústria de Conservas Patzlaff.....	159
Figura 97 – Análise de relação entre cheios e vazios na Indústria de Conservas Patzlaff.....	159
Figura 98 – Análise de simetria na Indústria de Conservas Patzlaff.....	160
Figura 99 – Imagem aérea da fábrica de Albino Saalfeld.....	161
Figura 100 – Prédios do conjunto fabril de Albino Saalfeld.....	163
Figura 101 – Planta esquemática de cobertura da fábrica de Albino Saalfeld.....	165
Figura 102 – Treliças metálicas da fábrica de Albino Saalfeld.....	165
Figura 103 – Tesouras de madeira da fábrica de Albino Saalfeld.....	165
Figura 104 – Chaminé da fábrica de Albino Saalfeld.....	166
Figura 105 – Trajetória da produção na fábrica de Albino Saalfeld.....	167
Figura 106 – Setorização da planta baixa da fábrica de Albino Saalfeld.....	168
Figura 107 – Imagem interna do salão de baile presente junto à fábrica de Albino Saalfeld.....	172
Figura 108 – Ladrilhos hidráulicos do salão de baile da fábrica de Albino Saalfeld....	172
Figura 109 – Fachada da fábrica de Albino Saalfeld.....	173
Figura 110 – Análise de proporções adotadas na fábrica de Albino Saalfeld.....	173
Figura 111 – Análise de linhas ordenadoras da fábrica de Albino Saalfeld.....	174
Figura 112 – Análise de relação cheios/ vazios na fábrica de Albino Saalfeld.....	174
Figura 113 – Análise de simetria na fábrica de Albino Saalfeld.....	175
Figura 114 – Imagem aérea da fábrica de Arthur Schiller	176
Figura 115 – Histórico de implantação dos prédios da fábrica de Arthur Schiller.....	177
Figura 116 – Análise formal da implantação da fábrica de Arthur Schiller.....	178
Figura 117 – Planta de cobertura da fábrica de Arthur Schiller.....	179
Figura 118 – Chaminé da fábrica de Arthur Schiller.....	180
Figura 119 – Setorização da planta baixa da fábrica de Arthur Schiller.....	181
Figura 120 – Trajetória da produção da fábrica de Arthur Schiller.....	182
Figura 121 – Detalhamento da produção- área externa na fábrica Arthur Schiller....	183
Figura 122 – Detalhamento da produção- área interna na fábrica de Arthur Schiller.184	184
Figura 123 – Setor de serviços complementares da fábrica de Arthur Schiller.....	186
Figura 124 – Fachada frontal da fábrica de Arthur Schiller.....	188
Figura 125 – Análise de proporções adotadas na fábrica de Arthur Schiller.....	189
Figura 126 – Análise de linhas ordenadoras na fábrica de Arthur schiller.....	189
Figura 127 – Análise de relação entre cheios e vazios na fábrica de Arthur Schiller..190	190

Figura 128 – Análise de simetria na fábrica de Albino Saalfeld.....	190
Figura 129 – Localização das edificações do entorno da fábrica de João Casarin....	192
Figura 130– Escola Municipal Garibaldi.....	193
Figura 131 – Igreja da comunidade Sant’Anna.....	193
Figura 132 – Museu Etnográfico da Colônia Maciel.....	193
Figura 133 – Análise retrospectiva da fábrica de João Casarin.....	194
Figura 134 – Planta de cobertura da fábrica de João Casarin.....	196
Figura 135 – Fachada original da fábrica de João Casarin com chaminé ao fundo..	196
Figura 136 – Setorização e sentido da produção na fábrica de João Casarin.....	197
Figura 137 – Fábrica de João Casarin em atividade.....	199
Figura 138 – Baile no interior da fábrica de João Casarin.....	199
Figura 139 – Entorno da fábrica de João Casarin.....	201
Figura 140 – Fachada frontal da fábrica e da residência de João Casarin.....	202
Figura 141 – Análise de proporções adotadas na fábrica de João Casarin.....	202
Figura 142 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na fábrica de Arthur schiller..	203
Figura 143 – Análise de relação entre cheios e vazios na fábrica de Arthur Schiller..	204
Figura 144 – Análise de simetria na fábrica de Albino Saalfeld.....	204

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - Patrimônio Imaterial e a Tradição Doceira	21
1.1. <i>Novas definições para antigos conceitos</i>	21
1.2. <i>O Reconhecimento do patrimônio gastronômico</i>	23
1.3. <i>A Materialidade que Envolve o Bem Intangível: Lugares de Memória</i>	25
1.4. <i>A Tradição Doceira de Pelotas, RS. Inventário, Cooperativas e outros Instrumentos</i>	28
CAPÍTULO II - Arquitetura Industrial	31
2.1. <i>A Arquitetura Industrial no Mundo</i>	31
2.2. <i>Desenvolvimento da Tipologia Fabril</i>	33
2.3. <i>Os Símbolos da Industrialização</i>	37
2.4. <i>A Estética Fabril</i>	39
2.5. <i>O Nascimento das Fábricas no Brasil</i>	41
2.6. <i>Tipologias Industriais no Brasil</i>	43
2.7. <i>O Reconhecimento do Patrimônio Industrial</i>	46
2.8. <i>Dificuldades na Preservação Industrial</i>	50
2. 9. <i>Arqueologia Industrial</i>	53
CAPÍTULO III - Análise Tipológica e a Preservação do Patrimônio Industrial..	56
3.1. <i>Abordagens Teóricas sobre Tipologia</i>	57
3.2. <i>A Preservação do Patrimônio Industrial e a contribuição da análise Tipológica</i>	62
CAPÍTULO IV - O Patrimônio Industrial Pelotense.....	68
4.1. <i>A industrialização Rural e o Ramo de Produtos Alimentares</i>	71
4.2. <i>O Espaço da Produção dos Doces Coloniais</i>	74
CAPÍTULO V - Fábricas rurais de Doces de Pelotas: Análise tipológica	77
5.1. <i>Análise tipológica: Construindo um Instrumento</i>	77
5.2. <i>Caracterização das fábricas de doces pelotenses, localizadas na zona rural</i>	81
5.2.1. <i>Indústrias Reunidas Crochemore - Nelson Crochemore</i>	81
5.2.2. <i>Fábrica de Nestor Crochemore</i>	99
5.2.3. <i>Red Indian S/A Indústria e Comércio</i>	115
5.2.4. <i>Indústria de Conservas Patzlaff</i>	130
5.2.5. <i>Fábrica de Conservas Schaun</i>	145
5.2.6. <i>Fábrica de Albino Saalfeld- Atual Golden Peach</i>	160
5.2.7. <i>Fábrica de Arthur Schiller</i>	175
5.2.8. <i>Fábrica de João Casarin</i>	190
CAPÍTULO VI – Análise Geral das Fábricas	205
6.1 - <i>Caracterização da amostragem</i>	205
6.2 - <i>Relações com o Entorno</i>	206
6.3- <i>Configurações Inteiras dos Edifícios</i>	207
6.4- <i>Grandes Elementos Construtivos</i>	208
6.5- <i>Apreciação dos Ambientes Internos</i>	209
6.6- <i>Apreciação das Vistas Externas</i>	211
6.7- <i>Delineiam-se as Tipologias</i>	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	218
REFERÊNCIAS	222
ANEXOS	228

INTRODUÇÃO

O presente trabalho estuda a arquitetura industrial de fábricas de doce situadas na zona rural de Pelotas, cidade localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, Brasil, objetivando verificar a existência de tipologias arquitetônicas nas unidades fabris, a partir do estudo de aspectos culturais e econômicos.

O interesse por este tema tem origem no trabalho final de graduação, apresentado no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, no qual se propôs um projeto arquitetônico para o Museu do Doce de Pelotas, a ser implantado em ambiente rural. No desenvolvimento da proposta, foi observada a necessidade de referenciais das unidades produtoras de doces de Pelotas, e se vivenciou a escassez de informações a respeito, mostrando o amplo universo a ser investigado.

Além disto, a importância em abordar este tema vai de encontro à valorização do conhecimento acerca daquele que é tido como um patrimônio cultural da cidade, o saber que envolve a tradição doceira.

A cidade de Pelotas é, atualmente, reconhecida como Capital Nacional do Doce e realiza, desde 1986, a FENADOCE (Feira Nacional do Doce) que traz à cidade milhares de visitantes. Mas, não é apenas no período da feira que o doce e os saberes, que o tornam patrimônio cultural imaterial, fazem parte da vida da população deste município. A identificação dos pelotenses com este bem é visível nas feiras livres, confeitarias e restaurantes e na existência de inúmeras fábricas de doces, de diferentes portes, implantadas, em grande parte, na zona rural.

No presente trabalho, as unidades fabris constituem o foco de estudo por acreditar-se que possuem maior fragilidade no que diz respeito a um olhar mais atencioso que possa converter-se em medidas para salvaguardá-las, principalmente em virtude do local onde a maioria está implantada, a zona rural.

O universo rural, durante muito tempo, foi tido como atrasado. Sabe-se que a idéia que se faz deste universo não corresponde à sua realidade, sua ontologia, e sim às suas representações. Essas representações não caracterizavam a zona rural como portadora de uma cultura que comporia o

quadro da cultura de uma nação, já que é tida como região subdesenvolvida, território a ser modernizado e área de futura expansão da cidade. Os “desenvolvidos” seriam aqueles que seguissem o modelo imposto pelos centros urbanizados que funcionariam como a alavanca do progresso das regiões menos dinâmicas.

Isso se deve, em parte, ao fato de que formamos as nossas representações através das histórias que ouvimos, pelo conhecimento que nos é transmitido acerca de referido tema. Enquanto que a noção do que é o urbano já é objeto de estudo há muito tempo, a idéia do que representa o rural é retratada há pouco tempo, através de conceitos elaborados, na maioria das vezes, por indivíduos urbanos.

Este descaso também é notado quando se trata do patrimônio no âmbito industrial. Assim como nos debates que tem seu foco no patrimônio rural, pode-se dizer que os estudos acerca do patrimônio industrial, se comparados a outras formas de expressão cultural, também são muito recentes. A preocupação em preservar seus remanescentes caminha com as transformações que ocorrem na concepção do que se entende por cultura e bens patrimoniais.

Suas características estéticas sofreram, e ainda sofrem, preconceitos daqueles que por muito tempo enxergavam que apenas os casarões ecléticos ligados a grandes nomes, as igrejas barrocas e os monumentos aos heróis eram passíveis de um olhar mais atento.

Segundo Kühl (2009), a falta de valorização dos elementos que compõem um patrimônio industrial, encontrados em um espaço rural, é ainda mais agravada. Este é o caso das fábricas de doces de Pelotas, em sua maioria localizadas na zona rural, onde os estudos que se referem a sua manifestação cultural ainda são incipientes, o que configura um reflexo da tardia ampliação da noção conceitual de patrimônio.

A história do desenvolvimento da noção de patrimônio indica que, em um primeiro momento, os discursos acerca de patrimônio visavam apenas a proteção dos grandes monumentos que estavam atrelados à idéia de “tesouro nacional”, para que se reforçasse a identificação dos cidadãos com bens que seriam representativos de uma nação, servindo de testemunho para uma versão oficial sobre sua história (FONSECA, 1997, p.59). Porém, atualmente

vigora uma nova leitura do que é um bem patrimonial, que resulta de uma longa trajetória de discussões sobre o entendimento e as estratégias de preservação deste. Pode-se dizer que um dos fatores preponderantes para que isso ocorresse foi o reconhecimento pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) da importância de preservação dos bens imateriais, tais como as tradições, o folclore, os saberes, as técnicas e línguas (GIMENES, 2006).

Em função disto, no dia 4 de Agosto de 2000, foi assinado o decreto federal, Nº. 3.551, o qual instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial e definiu para protegê-los o registro em livros temáticos focados nos Saberes, nas Celebrações, nas Formas de Expressão e nos Lugares. No âmbito do livro dos Saberes é notório o reconhecimento da gastronomia como bem cultural, onde se encontram registrados, por exemplo, o “ofício das baianas de acarajé” e o “modo artesanal de fazer queijo minas” (IPHAN, 2000). Este é o resultado de anos de pesquisa de profissionais de diversas áreas do saber sobre o tema alimentação, que há muito tem sido explorado por apresentar múltiplas interfaces.

O ato de se alimentar não é apenas biológico. Este ajuda a identificar os costumes, a vivência do indivíduo. Segundo Cavignac e Dantas (2005, p. 63), “a decodificação dos sistemas alimentares auxilia na leitura das culturas humanas e na busca das suas lógicas, pois a alimentação informa, sobre a maneira como os homens cultivam, escolhem, preparam seus alimentos”.

Seguindo estes preceitos, que colocam o patrimônio gastronômico como importante foco de análise dos hábitos dos homens, percebe-se como a cultura e o patrimônio de Pelotas estão entrelaçados com os costumes alimentares da população. Desde a tradição proveniente da indústria do charque até a cultura que engloba a arte doceira.

O charque, produto originário da salga da carne, no século XIX, foi a atividade econômica responsável pelo apogeu da cidade de Pelotas. Os senhores charqueadores, proprietários das fazendas produtoras de charque, com seu alto poder aquisitivo e ansiosos por padrões culturais europeus de refinamento, em seus saraus consumiam doces finos originários da culinária portuguesa, configurando assim o início da tradição doceira. Ambas as tradições, a do charque e a do doce, explicam-se mutuamente já que era

através da venda do charque que se obtinha o açúcar nordestino usado na produção dos doces (JÚNIOR, 2003, p.25).

Os saberes que dizem respeito à feitura dos doces são correlatos a diferentes culturas de diversas etnias que se fazem presente em Pelotas. Segundo Betemps (2007), inicialmente, na primeira metade do século XIX, os chamados “doces finos” eram produzidos da mesma forma que os portugueses e estes simbolizavam o desenvolvimento e a opulência da cidade que recebia a alcunha de Princesa do Sul. Aos poucos, esta herança portuguesa foi sendo modificada pelas mãos e ingredientes das mucamas vindas da África ou do estado da Bahia, Brasil, levando a uma contribuição muito importante dos negros a essa cultura. Na segunda metade do século XIX, o arrendamento das propriedades dos charqueadores para imigrantes alemães, italianos, pomeranos e franceses trouxe novos conhecimentos para a cultura do doce.

Os colonos imigrantes, através do cultivo de árvores frutíferas e pelos costumes que trouxeram de seus países de origem, agregaram mais saberes a cultura do doce que já tinha seu reconhecimento, mas que até o momento era intrínseca a sociedade em seu âmbito urbano.

No início da colonização desenvolveram-se, nas propriedades rurais, atividades relacionadas à produção de vinhos, doces em pasta e conservas, repercutindo em um caráter diversificado de produção a este território. Posteriormente, os imigrantes passaram a produzir, e ainda produzem, os chamados “doces coloniais”, caracterizados pelos doces em passas, cristalizados e compotas (CARUSO, 2008, p. 15).

Atualmente, a grande maioria das agroindústrias que se estabeleceram em Pelotas no período pós-charque não está mais em atividade devido à política econômica implantada no início do século XX no estado do Rio Grande do Sul, que priorizava e incentivava o desenvolvimento das grandes indústrias conserveiras. Somam-se a isto as restrições provenientes das novas legislações sanitárias que muito contribuíram para empobrecer o cenário dos locais de produção do “doce colonial” em Pelotas (CARUSO, 2008, p. 18).

No tocante a questão da preservação da cultura do doce em Pelotas, percebe-se a necessidade de estudos capazes de traduzirem referenciais e instrumentos para auxiliar na preservação deste testemunho do período de

industrialização do município de Pelotas. Acredita-se que isto possa ser alcançado com a ampliação do conhecimento sobre as formas de produção evidenciadas em aspectos construtivos e estéticos das edificações fabris. Para tanto, estes aspectos serão avaliados com a utilização de um instrumento bastante utilizado em trabalhos análogos, que é o da análise tipológica.

A forma de análise de tipos é incentivada na Carta de Nizhny Tagil (2003), um dos principais instrumentos criados para a preservação de bens arquitetônicos, que versa sobre o patrimônio industrial. Esta indica, como meio de se obter maior conhecimento sobre as unidades fabris, a execução de levantamentos de campo e a criação de tipologias industriais. Salienta ainda a necessidade de que os levantamentos e a classificação sejam feitos antes do abandono de determinadas técnicas industriais (TICCIH, 2003).

O que se pretende não é defender que se conservem os remanescentes da arquitetura da industrialização de forma integral e sim demonstrar que a análise tipológica aponta traços característicos das edificações, ainda negligenciados, que podem e devem servir de subsídio para intervenções futuras de restauro, muitas vezes necessárias para garantir a vida funcional, e de preservação.

Focando na obtenção de referenciais e de informações capazes de subsidiar projetos de preservação do patrimônio industrial, no presente trabalho pesquisou-se, a partir da análise tipológica dos edifícios, a organização formal e funcional de unidades fabris de produção doceira existentes na cidade de Pelotas, RS, no período de 1950 a 1970.

Primeiramente, quando da preparação do projeto de pesquisa para o ingresso no Programa de Pós-graduação Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, a intenção era a de inventariar a totalidade das fábricas de doce existentes no município, mas com o decorrer da investigação percebeu-se a grande quantidade de lugares que remontam a história desta atividade produtiva, sendo a maioria destes, especialmente os instalados na zona rural de Pelotas, desconhecidos do grande público. Estes fatos e a necessidade de viabilidade da pesquisa resultaram na delimitação do número de fábricas a serem analisadas, as quais foram escolhidas a partir da avaliação dos critérios utilizados por diversos trabalhos análogos e, também, por anterior consulta a material disponível em

dissertações, monografias e publicações sobre as fábricas de doces em Pelotas. Neste ponto, foi de fundamental importância a dissertação de Alcir Bach, intitulada “O Patrimônio Industrial Rural: As Fábricas de Compotas de Pêssego em Pelotas- 1950 à 1970” (2009), na qual o autor servindo-se de numerosos registros fotográficos montou uma espécie de catálogo das fábricas de pêssego de Pelotas, com um breve histórico de cada uma delas, no qual identifica a data de fundação, a relação com grupos étnicos e se está em funcionamento.

De posse deste material foram selecionadas oito fábricas, de diferentes portes, com datas de registro entre 1950 e 1970, capazes de oferecer uma ampla gama de características e de descrições sobre a atividade de produção do doce em suas unidades fabris. A amostragem ficou composta pelas seguintes unidades fabris: Fábrica de Nelson Crochemore, Fábrica de Nestor Crochemore, Red Indian S/A Indústria e Comércio, Indústria de Conservas Patzlaff, Fábrica de Conservas Schaun, Fábrica de Albino Saalfeld, Fábrica de Arthur Schiller e Fábrica de João Casarin.

Através do levantamento destas fábricas e da revisão bibliográfica se investigou a possibilidade de verificar tendências de tipologias formais e de organização do espaço, relacionando-as com aspectos culturais intrínsecos à produção doceira. Os questionamentos centrais foram: de que maneira variam as formas arquitetônicas estudadas? Como a produção do doce condiciona o programa de necessidades da edificação? O acervo construído remanescente delinea um partido arquitetural específico, passível de ser definido a partir da investigação de um conjunto recorrente de categorias formais e construtivas?

O desenvolvimento desse trabalho ocorreu a partir de uma estrutura de composição dividida em introdução, quatro capítulos de revisão bibliográfica, um capítulo de resultados, considerações finais e referências bibliográficas.

O primeiro dos capítulos de revisão bibliográfica apresenta o referencial teórico sobre o **Patrimônio Imaterial e a Tradição Doceira, no qual** aborda-se o avanço das questões relativas ao reconhecimento do patrimônio imaterial, temas sobre o patrimônio gastronômico e a tradição doceira de Pelotas, RS. O segundo capítulo descreve sobre a **Arquitetura Industrial e a Preservação do seu Patrimônio**, apresentando temáticas que tratam da arquitetura industrial e do patrimônio industrial de forma mais abrangente para que o contexto local

possa ser melhor compreendido. No terceiro capítulo discorre-se a respeito da **Análise tipológica e a preservação do patrimônio** visando às questões de preservação do patrimônio, industrial. O quarto e último capítulo da revisão bibliográfica trata do **Patrimônio Industrial Pelotense**, focado nas unidades fabris de produção doceira.

Nos capítulos finais, intitulados **Fábricas rurais de doces de Pelotas: Análise tipológica e Análise Geral das Fábricas**, realizou-se o levantamento arquitetônico das unidades fabris rurais de doce e realizou-se o registro deste por meio de fotografias e de graficação de plantas baixas, cortes e fachadas. Os dados obtidos foram analisados a partir da construção de um instrumento de análise que foi elaborado e fundamentado nos trabalhos de Panerai (1983), Cervellati (1976), Kohlsdorf (1996) e Rossi (1995). A análise comparativa dos dados possibilitou a identificação de tipologias arquitetônicas dentro da amostragem pré-estabelecida.

Finaliza-se o trabalho com as considerações finais, as referências bibliográficas e o levantamento arquitetônico em anexo.

Espera-se que esta investigação sirva como material multidisciplinar para a consulta de profissionais que investigam a produção do conhecimento acerca do repertório arquitetônico dos locais de trabalho de Pelotas, em especial os que envolvem a história da produção do doce traduzida pela leitura de seus espaços, e que sirvam, também, como instrumento para políticas públicas.

CAPÍTULO I - Patrimônio Imaterial e a Tradição Doceira

1.1. *Novas definições para antigos conceitos*

Tomando-se como referência o início do uso do termo “patrimônio” pode-se dizer que é recente a mudança em sua escala de abrangência e a de ampliação de seu significado.

Em um primeiro momento os discursos acerca de patrimônio visavam apenas proteger os grandes monumentos que estavam atrelados à idéia de “tesouro nacional”, para que se reforçasse a identificação dos cidadãos com bens que seriam representativos de uma nação, servindo de testemunho para uma versão oficial sobre sua história (FONSECA, 1997, p. 59). Hoje, o que se percebe é que vive-se em um tempo onde o mais singelo fragmento do passado é passível de patrimonialização. Todo e qualquer vestígio parece correr grande perigo de desaparecer, deixando com isso a sociedade sem suas raízes, sem seus suportes essenciais para rememoração. E aqueles, que por ventura arriscarem-se na pretensão de desmistificar valores atribuídos a certas tradições ou bens patrimoniais serão prováveis alvos de duras críticas podendo ser tratados como “vândalos” (POULOT, 2008, p. 27).

Atualmente, vigora uma nova leitura do que é um bem patrimonial, que reflete uma longa trajetória de discussões sobre o entendimento e as estratégias de preservação deste. Pode-se dizer que um dos fatores preponderantes para que isso ocorresse foi o reconhecimento da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) dos bens imateriais. Reconhecimento este que veio através de anos de discussões públicas, iniciadas na década de 1990, pautadas no que se chama de “Sociedade da Informação” e que possuiu outras denominações, como “Era da Informação”, “Economia do conhecimento” ou “Rede Social”.

Estudiosos afirmavam que as “tecnologias da informação transformaram a sociedade global de forma tão radical como a Revolução Industrial mudou o mundo do século XIX”. Este foi um momento em que a sociedade começou a temer as consequências do que conhecemos por

globalização. Surgiu o medo de que tradições se perdessem pela influência de outras culturas. Mas, o que se viu é que, como consequência da globalização, as discussões sobre o patrimônio imaterial tiveram maior repercussão e mobilização internacional, demonstrando assim que até mesmo a “temida globalização” possui seus aspectos positivos na proteção do patrimônio (BROWN, 2005, p. 42).

A reflexão sobre os efeitos da sociedade globalizada tais como a proliferação de multinacionais, as novas relações de trabalho, os grandes movimentos migratórios, as novas faces do turismo e a internet, intensificaram a discussão sobre as questões de identidade (TILLEY, 2006, pg. 8). A argumentação recorrente diz que o sujeito que antes possuía a sua identidade unificada, hoje se encontra fragmentado, constituído por diversas identidades que acabam por substituir aquela que até então era considerada como permanente (HALL, 2005, p. 12).

Neste cenário de insegurança a UNESCO promoveu a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (CSICH), que resultou na Recomendação de 1989, sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, e na Declaração Universal de 2001, sobre a diversidade cultural. A Convenção estabeleceu meios para preservação do patrimônio imaterial, através da promoção da mesma, documentando-a e tornando-a acessível por meio da educação. A definição de “patrimônio imaterial” ficou assim formulada:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003, p. 4)

No Brasil, por este se tratar de um país de cultura diversa e plural, existiu por parte de uma parcela da população, em geral intelectuais e artistas, um esforço para que o Estado reconhecesse a cultura popular de interesse nacional, apesar disso, as formas de expressão populares ficavam às margens

de qualquer política de proteção. E com a finalidade de corrigir este quadro, a Constituição de 1988 formalizou a dimensão imaterial dos bens culturais. (VIANNA, 2004, p.1)

Contudo, durante 12 anos a imaterialidade foi inapreensível pela lei. Um determinante passo na caminhada da preservação do patrimônio intangível (como também é denominado) é dado quando, em 4 de Agosto de 2000, foi assinado o Decreto Lei N°. 3.551 que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial. E definiu como forma de protegê-los o registro em livros temáticos do IPHAN: livro dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão e dos Lugares (IPHAN, 2000).

Este processo de documentação, de inventário que objetiva desenvolver um cânone¹ do que é o patrimônio tem, segundo Michael Brown, “um papel modesto na preservação da cultura” (2005, p.48), contudo, é uma medida essencial para que se possa dar subsídios a ações de preservação do patrimônio imaterial. Não podendo, portanto ser fechada em si mesma, abrindo oportunidade para novos instrumentos de gestão do patrimônio que são necessários para abarcar as novas concepções do que é patrimonialização. Pois, esta a partir do momento em que passou a englobar bens intangíveis, criou grandes complexidades para os gestores do patrimônio.

1.2. O Reconhecimento do patrimônio gastronômico

Dentre os livros temáticos do IPHAN, interessa de maneira especial a esta pesquisa o livro que se refere aos Saberes que, segundo define o Decreto Lei N°. 3.551, 04/08/2000, “são atividades desenvolvidas por atores sociais convededores de técnicas e de matérias-primas que identificam um grupo social ou uma localidade” (BRASIL, 2000, p. 3). No âmbito do livro dos Saberes ou modos de fazer, pode ser percebido o reconhecimento da gastronomia como bem cultural, onde se encontram registrados, por exemplo, o “ofício das baianas de acarajé” e o “modo artesanal de fazer queijo minas” (IPHAN, 2000).

Isto reflete o atual interesse, de diversas áreas do conhecimento, no tema alimentação, por esse apresentar interfaces variadas e estar relacionado

¹ A palavra cânone refere-se a um conjunto de regras sobre determinado assunto.

com um ato que não é apenas biológico, mas que também ajuda a identificar os costumes e a vivência do indivíduo. Segundo Cavignac e Dantas (2005, p. 63) “a decodificação dos sistemas alimentares auxilia na leitura das culturas humanas e na busca de suas lógicas, pois a alimentação informa, sobre a maneira como os homens cultivam, escolhem, preparam seus alimentos”.

Existem ainda outros autores que se ocuparam com o tema em questão buscando relacionar os aspectos biológicos da alimentação com o seu caráter cultural. Amon (2008), por exemplo, utiliza-se das teorias dos autores Garine (1987) e Da Matta (1984 e 1987) para demonstrar que a alimentação provém de processos de seleção e de combinação. A forma como ocorre a refeição, com quem ela é compartilhada, são aspectos culturais. O autor ainda aponta que o alimento, de certa forma, é universal, já a comida possui as suas especificidades de acordo com o contexto em que ela é produzida.

Gimenes (2006), por sua vez, contribui para a reflexão acerca da cultura gastronômica ao analisar o termo “gosto alimentar” onde, mais uma vez, é exposto o intercâmbio entre cultura e biologia. Em seu estudo também descreve os costumes que envolvem a alimentação como capazes de caracterizar a identidade local, tornando-se “muitas vezes uma espécie de insígnia local, fato que ganha importância dentro do contexto turístico.” (GIMENES, 2006, p. 3)

Através da exposição de Gonçalves (2002), vê-se reforçado o valor dos saberes que envolvem a culinária na leitura das sociedades:

O modo como cada uma classifica, prepara e consome os alimentos expressa a diversidade de culturas singulares e apresenta-se, também, como elemento constitutivo de suas identidades. Nesse sentido, a alimentação desempenha relevante papel na produção de identidades nacionais, regionais, étnicas e religiosas; assim, pode-se dizer que, na medida em que congrega um conjunto de práticas, relações e representações sociais, revela a estrutura social dos diferentes grupos humanos e apresenta-se como importante “instrumento de identificação social”. (GONÇALVES, 2002, p. 9 In: IPHAN, 2004, p.58)

O primeiro registro do IPHAN que aponta para a valorização do patrimônio gastronômico nacional ocorreu em dezembro do ano 2000, quando da inscrição do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras. O registro trata da fabricação artesanal de panelas de barro que são indispensáveis para fazer e

servir a moqueca capixaba, prato típico da cultural do Estado de Espírito Santo. (IPHAN, 2002, p. 1)

Em dezembro de 2004 foi a vez do Ofício das Baianas de Acarajé possuir seu registro junto aos livros temáticos do IPHAN:

Os elementos essenciais do Ofício das Baianas de Acarajé compreendem os rituais envolvidos na produção do acarajé, na arrumação do tabuleiro e na preparação do lugar onde as baianas se instalam; os modos de fazer as comidas de baiana; o uso do tabuleiro para venda das comidas; a comercialização informal em logradouros, feiras e festas de largo; o uso da indumentária própria das baianas, como marca distintiva de sua condição social e religiosa, presente especialmente nos panos da costa, nos turbantes, nos fios de contas e outras insígnias. (IPHAN, 2004, p. 1)

O último bem imaterial ligado à alimentação, que foi incorporado ao livro dos Saberes em junho de 2008, foi o Modo Artesanal de Fazer Queijo Minas. A iniciativa dessa preservação partiu de demanda dos produtores locais que enfrentavam problemas de ordem sanitária que os impediam de continuar fabricando o queijo de forma artesanal. Neste caso, o registro no IPHAN teve o intuito de auxiliar em questões de políticas de salvaguarda deste bem. Como se pode ver, o universo do patrimônio imaterial de cunho gastronômico envolve elementos diversos que não são só a feitura de determinado prato típico.

1.3. A Materialidade que Envolve o Bem Intangível: Lugares de Memória

O processo de reconhecimento do patrimônio imaterial, como se sabe, é muito recente e possui um caráter muito dinâmico. Muitos dos instrumentos que hoje são utilizados para sua salvaguarda ainda apresentam lacunas e, mesmo os que são aplicados aos bens materiais, precisam que sua estrutura seja constantemente problematizada, estudada e, por vezes, reformulada.

Assim, apesar de serem notáveis os esforços para a preservação da tradição doceira, como foi descrito, alguns aspectos de sua representação ainda não são contemplados. Este é o caso dos bens que, por sua materialidade, podem oferecer suporte para a memória acerca da produção do doce. O valor desses bens materiais é ressaltado na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial que considera como profunda a “interdependência que existe entre o patrimônio cultural imaterial e o patrimônio material cultural e natural” (UNESCO, 2006). No Decreto Lei nº 3551/2000

também percebe-se a preocupação com a conservação dos suportes materiais quando é notada a afirmação de que salvaguardar um bem cultural de natureza imaterial é atuar no sentido da melhoria das condições sociais e materiais de transmissão e reprodução que possibilitam sua existência (BRASIL, 2000, p.4).

Vianna (2004) ilustra esta questão através de uma passagem de seu trabalho onde retrata o patrimônio imaterial como uma relação de dependência e cumplicidade com seus suportes materiais:

Deve-se ter consciência nítida de que a natureza imaterial do bem cultural não existe em si. Ela é indissociável de uma base, dimensão ou natureza material – seja ela ambiental ou ecológica; humana, dos criadores de sentidos e suas práticas; ou simbólica, observável por meio das representações ou sentidos construídos coletivamente. A legislação sobre bens materiais, porém, não dá conta da dimensão imaterial desses bens. (VIANNA, 2004, p. 14)

Cabe aqui, através da teoria de Nora (1993) sobre a memória, ressaltar a importância e buscar compreender a categoria utilizada pelo autor a qual chama de “lugar de memória”. Este apresenta o material, o concreto como suporte para a formação de uma memória coletiva (o imaterial). O autor acredita que a memória se alimenta dos grupos e que quando estes acabam ela perde seu grau de organização. Estes grupos podem ser exemplificados, no caso da tradição doceira, pelas famílias de produtores de doces, que se caracterizam por pessoas que têm um vínculo forte pelo grupo “família”, que pode ser constituído no local de trabalho ou mesmo ser o grupo familiar compreendido em sua propriedade. Desta forma, os grupos em questão são portadores de uma memória coletiva que tem como lugar e como suporte a fábrica de doces.

Isto é o que se percebe nas fábricas de doce ainda em atividade na zona rural de Pelotas, como por exemplo, a fábrica “Doces Crochemore”², na qual se identifica que junto às unidades que compõem o conjunto fabril (garagem, escritório e a própria unidade de produção) são encontradas residências de pessoas pertencentes a uma mesma família que participam do

² A Fábrica de Doces Crochemore foi fundada em 1952, na Colônia Vila Nova, pertencente ao 7º Distrito de Pelotas.

processo de manufatura do doce. Essa ritualização, segundo Nora (1993), é necessária para caracterizar o que ele chama “lugar de memória”.

Mas, se o lugar de memória pode ser descrito também por ser lugar freqüentado por pessoas que têm um vínculo com ele, que funciona como pano de fundo para os ritos dessas pessoas, pode-se dizer que os espaços onde se localizam as fábricas que hoje se encontram desativadas também compõem um quadro da memória coletiva. Estas unidades fabris fazem parte do cotidiano de boa parte da população que por ali trafega, quando se desloca em direção à zona urbana ou para outras localidades rurais, já que muitas destas fábricas situam-se junto às estradas. Estas são, ainda hoje, pontos de referência muito marcantes porque se constituem em referencial para abrigar paradas de ônibus e servem como importante elemento na identificação das localidades onde estão inseridas. Portanto, estas devem ser entendidas como lugares de memória, pois são “história que ainda tem restos de memória” (D’ALÉSSIO, 1993, p. 103).

Ao conceituar “lugares de memória”, Nora (1993) nos aponta para três sentidos que estes possuem: material, funcional e simbólico:

Os três aspectos coexistem sempre (...) é material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização, da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1984 In: KHOURY, 1993, p. 22)

No primeiro aspecto abordado por Nora (1993), o material, percebe-se que a arquitetura pode ser um instrumento capaz e fundamental de materializar o imaterial, como um meio direto de evocação de lembranças.

No que se refere à situação em Pelotas, sobretudo na zona rural, devido a fatores, como a decadência do setor agroindustrial no município, ocorrido no período de 1980 a 1990, e a dificuldade em efetivar as questões ligadas ao patrimônio industrial (principalmente fora do perímetro urbano) percebe-se o abandono de diversas fábricas de doces, as quais ficam sujeitas a intempéries e a degradação do espaço físico e maquinário. A indiferença com que são tratados os maquinários e até os próprios edifícios das unidades fabris propicia que muito da história dos processos de produção doceira seja perdido.

Esta situação só se reverterá quando houver uma transformação na mentalidade da sociedade que ainda não consegue enxergar o patrimônio industrial como digno de preservação.

1.4. A Tradição Doceira de Pelotas, RS. Inventário, Cooperativas e outros Instrumentos.

Considerando que a herança cultural pode ser lida através de outras formas de expressão, na cidade de Pelotas, RS, acredita-se que a herança cultural também possa ser lida através dos modos alimentares, em especial a arte doceira.

Os saberes que dizem respeito à feitura dos doces são correlatos a diferentes culturas de diversas etnias que se fazem presente em Pelotas. Nas primeiras décadas do século XIX, época em que as charqueadas alavancaram a economia pelotense, os chamados “doces finos”, cuja origem remete aos portugueses, simbolizavam o desenvolvimento e a opulência da cidade que recebia a alcunha de Princesa do Sul (BETEMPS, 2007).

Como foi dito anteriormente, a tradição doceira pelotense teve sua origem no período da indústria do charque. O charque, terminologia usada para o trabalho de salga da carne, era feito em locais existentes na zona rural da cidade de Pelotas, denominados charqueadas. Ambas as tradições (do charque ou do doce) explicam-se mutuamente já que era através da venda do charque que se obtinha o açúcar nordestino usado na produção do doce (JÚNIOR, 2003, p. 25).

A tradição doceira portuguesa foi adaptada pelas mãos e ingredientes das mucamas, vindas da África ou da Bahia, indicando uma contribuição muito importante dos negros nesta cultura (BETEMPS, 2007).

Mais tarde, na segunda metade do século XIX, ocupando o espaço gerado pelo arrendamento de propriedades dos charqueadores em lotes coloniais, chegaram ao território pelotense, mais especificamente, na zona rural, imigrantes alemães, italianos, pomeranos e franceses. Estes, a partir do cultivo de árvores frutíferas e dos costumes que trouxeram de seus países de origem, agregaram mais saberes à cultura do doce que já tinha seu

reconhecimento, mas que, até o momento, era intrínseca à sociedade em seu âmbito urbano. Os imigrantes produziam e ainda produzem os chamados “doces coloniais” do tipo doces em passas, cristalizados e em compotas (MAGALHÃES, 1993).

No início da colonização, além de desenvolverem as atividades relacionadas à produção de doces em pasta e conservas, que eram atreladas às propriedades dando um caráter diversificado a este território, os imigrantes europeus também desenvolveram atividades de produção de vinho (CARUSO, 2008, p. 15).

Devido à política econômica adotada pelo Estado do Rio Grande do Sul, que priorizava e incentivava o desenvolvimento das grandes indústrias conserveiras, e às restrições referentes às novas legislações sanitárias muitas das agroindústrias que se estabeleceram em Pelotas no período pós-charque foram desativadas. Estes fatos e a falta de diretrizes culturais de preservação do município contribuíram para empobrecimento do cenário dos locais de produção do “doce colonial” (CARUSO, 2008, p. 18), situação esta hoje vivenciada no meio rural.

A tradição doceira ainda é muito forte no município de Pelotas. Hoje, apesar de o número de unidades fabris doceiras em Pelotas ser difícil de definir, dados do Sindicado da Indústria de Doces e Conservas Alimentícias de Pelotas apontam que existem dezesseis indústrias de conservas em atividade na região, dentre estas dez estão na cidade de Pelotas, e que a fabricação de doces caseiros é a principal atividade de, aproximadamente, cinco mil famílias de agricultores (DUARTE, 2008, p. 81).

A história da tradição doceira pelotense é cada vez mais difundida entre os indivíduos do município e até do país, caracterizando, portanto, um processo de conscientização que busca alertar para a necessidade de preservação desse bem imaterial, a partir da criação de mecanismos e instrumentos que possam tornar esta preservação possível e adequada.

Dentre os instrumentos para a preservação dos saberes no que tange à feitura do doce destaca-se a recente formulação do Inventário Nacional de

Referências Culturais- Produção de Doces Tradicionais Pelotenses³. Toda a documentação que integra o referido Inventário foi entregue para representantes do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no dia 30 de outubro de 2009.

O Inventário do doce de Pelotas foi desenvolvido em dois anos de pesquisa, conforme a metodologia proposta pelo IPHAN. Na primeira etapa, formou-se uma equipe de trabalho que delimitou os bens a serem inventariados, classificando-os em doces finos e coloniais e fez um levantamento bibliográfico que buscou localizar e registrar o acervo escrito referente aos doces de Pelotas. Posteriormente, executou-se a etapa de identificação de entrevistas, tanto no meio urbano como no meio rural, que foram fundamentais para a compreensão da dinâmica de produção dos doces. Por fim, elaborou-se a documentação que deu origem ao Inventário (FERREIRA, 2007).

Espera-se que com o reconhecimento da produção dos doces pelotenses no âmbito nacional, estes possam ter maior visibilidade e, assim, contar com ações de salvaguarda que propiciarão um aumento da capacidade de preservar, transmitir e valorizar este bem.

Apesar de admitir-se que o Inventário é um instrumento de grande valia, como já explicitado anteriormente, a documentação é apenas umas das diversas iniciativas que devem permear o processo de preservação de um bem. Sabe-se que, dentro das atuais recomendações de gestão do patrimônio, não basta termos um registro feito com o máximo de rigor científico se a prática documentada não tiver força para continuar existindo. Por isto que, paralelamente ao inventário, deve-se usar outros meios para se tentar proteger o patrimônio. Como exemplo de ação complementar, cita-se o projeto Pólo de Doces⁴, de 2005, que objetiva promover e organizar o setor de produção doce na cidade de Pelotas. Neste é feita a capacitação de empresas para a melhoria

³ O projeto foi proposto pela Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas- o CDL, coordenado pela Secretaria de Cultura- Secult, e a execução foi realizada pela equipe do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia- LEPAARQ da UFPel. Contou com o financiamento da UNESCO e do Banco Interamericano de Desenvolvimento- BID.

⁴ Projeto de desenvolvimento setorial do SEBRAE Sul, iniciado no final do ano de 2005, que reúne os empreendedores da cidade ligados ao mercado de doces, tanto doçarias formais como doceiros informais que produzem doces de confeitoraria e doces artesanais de frutas, em diferentes escalas de produção e que atingem diversos mercados;

de seus produtos e processos, visando o seu crescimento e desenvolvimento (KNEIPP, 2007, p. 26).

Depois de dois anos de funcionamento do projeto Pólo de Doces, algumas empresas começaram a contratar mão-de-obra especializada para ajudar na produção e a se orientar em questões relativas à segurança alimentar, ao processo e ao padrão. Estas descobriram, também, quão fundamental é a contratação de consultorias, e, o mais importante, foi como os doceiros passaram a se enxergar, não mais como alguém que “apenas faz doce”, mas como uma empresa de produção (Ibidem, op. cit. p. 44).

Como um subprojeto do Pólo de Doces, ainda em fase de proposta, esta sendo criado um selo que identifique os produtos originários do território do doce, delimitado através da Indicação Geográfica⁵, concedida pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial- INPI.

Juntamente a estas iniciativas supracitadas tem-se a criação de cooperativas e sindicatos que tratam de unir os doceiros e as empresas, os quais são os atores sociais que compõem o cenário deste patrimônio imaterial na cidade de Pelotas. Essas associações trabalham em prol de uma melhor produtividade e crescimento do setor, para que a promoção da tradição doceira não se limite apenas ao período de realização da festa nacional do doce, a FENADOCE⁶.

CAPÍTULO II - Arquitetura Industrial

2.1. A Arquitetura Industrial no Mundo

O termo “fábrica”, de origem latina, é por definição o local onde objetos são produzidos, onde atividades que diferem da normalidade cotidiana

⁵ A Indicação Geográfica tem como objetivo articular o grupo de empresas produtoras de doces tradicionais, e implementar regulamento técnico referente à qualidade e rastreabilidade dos doces tradicionais de Pelotas, cuja notoriedade seja comprovada através de resgate histórico-cultural e atestada pelo INPI.

⁶ A FENADOCE é um evento anual, criado pelo poder público em 1986, que busca promover a cultura doceira da cidade de Pelotas- RS. Hoje a festa é promovida pelo CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas).

ocorrem. A produção fabril, por sua vez, divide-se em três segmentos: o de Bens de Produção, constituído de fábricas que produzem máquinas para outras fábricas; o de Bens Intermediários, constituído por fábricas que produzem matéria-prima; e o de Bens de Consumo, constituído por fábricas de produtos finais (IBGE, 2001, In: SANTOS, 2006, p. 20)

Já a palavra “indústria”, que também possui origem latina, refere-se à capacidade de transformação, à capacidade de se produzir algo. Além de ser utilizada como sinônimo de fábrica, a palavra indústria também designa “um conjunto de determinado setor das atividades de transformação”, como por exemplo, a indústria siderúrgica, a indústria automobilística, entre outras. (SANTOS, 2006, p. 17)

As fábricas nasceram de uma transformação econômica e tecnológica de grande repercussão no mundo inteiro que teve suas raízes na Grã-Bretanha do século XVIII, a Revolução Industrial. A liderança desta nação, na primeira fase da Revolução Industrial está vinculada às condições técnicas e culturais trazidas pelo Renascimento.

Com a Revolução Industrial houve a substituição do processo manual de produção pela máquina. Mudaram as relações de trabalho e a relação da produção com o edifício que a abriga. No século XVII, as oficinas que existiam não necessitavam de um espaço específico para a fabricação dos produtos. Desta forma, elas ocupavam edificações que eram adaptadas a estas atividades, muitas vezes, prolongamentos das habitações. A arquitetura destes espaços de produção era considerada meramente utilitária e não chegava a compor uma tipologia própria. A partir das transformações advindas da Revolução Industrial, surgiram novas demandas, novas necessidades de organização do espaço que foram sendo supridas, inicialmente, de forma improvisada e, posteriormente, tomando forma de outras tipologias arquitetônicas. Porém, com o passar do tempo, tornou-se imperativa uma concepção espacial própria para as atividades industriais.

A tipologia fabril foi se transformando na medida em que ocorriam as diversas inovações tecnológicas, principalmente no que se refere às diferentes formas de produção de energia.

Inicialmente, as fábricas eram movidas pela tração de animais e, até mesmo, pela energia muscular humana. Após este primeiro momento, ainda

em meados do século XVIII, a energia eólica e a energia hidráulica já se apresentavam como uma nova solução para a produção industrial. O uso de energia hidráulica impôs limites de localização às fábricas, já que estas deveriam localizar-se próximas a pontos de abastecimento de água para movimentar suas rodas d'água. As unidades fabris ficavam condicionadas a questões de estiagem ou inundações o que prejudicava a continuidade das atividades produtivas (CASTRO, 2002, p. 104).

A invenção de James Watt, em 1769, da máquina a vapor repercutiu em uma grande revolução nos modos de produção e na própria estrutura física da fábrica, assim como na sua localização. Podendo ser instalada em qualquer local, as fábricas que usualmente ficavam na zona rural, passaram a fixar-se mais próximas à cidade, onde encontravam a sua disposição mão-de-obra e matéria-prima, além de poderem vender de forma mais direta seus produtos. Essa migração das fábricas para as áreas urbanas mudou a dinâmica das cidades causando um enorme impacto urbanístico. Sobre esta nova tipologia que começou a desenvolver-se na cidade, Saia escreveu:

“Surgiu então a necessidade de um abrigo distinto e desvinculado do espaço da habitação: o lugar do fazer, a “casa das máquinas”. Com a mobilidade e a independência conferida pela máquina a vapor, a indústria (e a industrialização) torna-se um processo transportável, que implicava diretamente organização da cidade, dando origem, por sua vez, aos problemas que pautariam as principais preocupações do Urbanismo Moderno.” (SAIA, 1989 In: SANTOS, 2006, p. 20)

2.2. Desenvolvimento da Tipologia Fabril

No início do desenvolvimento fabril, por razão da pouca flexibilidade que a madeira oferecia e dos riscos de incêndio das estruturas de madeira, as fábricas caracterizavam-se por modelos compactos e dispostos em mais de um pavimento, como consequência do tipo de energia utilizada, gerada através de moinhos de vento e de rodas d'água.

Com o aumento da utilização das máquinas em substituição ao trabalho do homem, o espaço da produção acabou sendo um forte condicionante para uma maior produtividade e organização. Diante das exigências implícitas nos sistemas produtivos que foram se desenvolvendo é que se configurou uma tipologia própria para a fábrica.

Para a formulação de uma categorização morfológica mais abrangente sobre o desenvolvimento da tipologia fabril, Santos (2006, p. 18) classificou as fábricas em três grupos: obras isoladas, conjuntos fabris e complexos fabris. O autor identifica como sendo uma “obra isolada” a unidade fabril onde todas as etapas e equipamentos encontram-se em um único ambiente. Situação típica das fábricas do século XVIII. O segundo grupo, os “conjuntos fabris”, caracterizam-se pelos agrupamentos de obras que surgem como resposta à necessidade de desmembramento das atividades em edificações específicas, os quais são organizados de acordo com o produto. E, por fim, os “complexos fabris” que correspondem a uma reunião de conjuntos fabris reunidos por motivo de ordem corporativa ou técnica. Tipologia esta recorrente nas unidades fabris modernas.

Saia (1988) em seu trabalho propõe uma forma mais específica de classificação das unidades fabris, a qual envolve os programas das indústrias e os diferentes modelos de edificação. A primeira classificação é o “*Programa Industrial Camuflado*”, que corresponde à instalação das primeiras fábricas na Inglaterra, que se utilizavam de modelos de edificações tradicionais para o fim industrial. A segunda classificação é denominada “*Origens da Padronização*”. Nesta são percebidas as mesmas orientações programáticas, porém com inovações nos sistemas construtivos, tais como a utilização de perfis metálicos e pilares de ferro fundido à prova de fogo. Estas modificações repercutiram em um esquema padronizado de edificação industrial, propiciando maior flexibilidade e possibilidade de expansão rápida das áreas de produção. A terceira classificação, “*Diferenciação Programática*”, é notada uma significativa alteração interna tornando mais complexos os espaços interiores e exteriores dos edifícios das fábricas (SAIA, 1988 In: MOREIRA, 2007, p. 131).

De acordo com Moreira (2007, p. 126), a partir do início do século XIX, para suprir as necessidades dos esquemas produtivos fabris foram adotadas soluções arquitetônicas que sofreram influência das teorias utilitaristas inglesas e das “orientações racionalistas” do espaço de produção. E a concepção de fábrica que anteriormente visava a ser apenas o invólucro das máquinas, acaba por expandir esta mentalidade, e a essas unidades produtivas foram agregados outros edifícios que, a primeira vista, pareceram ter a intenção de subsidiar os problemas de ordem institucionais de seus operários. Eram estes:

creches, vilas operárias, escolas, serviços médicos. Porém, o real intuito da criação destes complexos industriais era o de ter o absoluto controle sobre seus trabalhadores.

A arquitetura industrial, em termos tipológicos, caracteriza-se por uma grande gama de soluções diferenciadas tanto em seu programa quanto na sua estrutura, que varia conforme o tipo de atividade produtiva que ali se desenvolve. São edifícios marcados pelo grande porte e por características que são específicas do setor industrial ao qual pertence, como por exemplo, a expressão simbólica do produto transmitida pela imagem corporativa que é nela reconhecida. A fábrica tornou-se, com o transcorrer dos anos, e mediante constantes transformações em sua concepção formal, o símbolo do momento histórico que é conhecido hoje como a “Era da Máquina”.

O pensamento lógico que estava por trás do desenvolvimento da fábrica, ao longo dos séculos XVIII e XIX, foi conseguido com mínima participação dos arquitetos. As mentes criativas, durante este período, foram os engenheiros que, sem as restrições das convenções da arquitetura, forneceram a base tecnológica e formal para a arquitetura de nossos dias (WINTER, 1970, p. 7)

A interação entre o programa, a volumetria e o tratamento plástico só foi alcançada a partir do momento em que o edifício em si foi alvo de inovações tecnológicas, assim como o foram as máquinas. Neste contexto, os engenheiros buscaram novas soluções em materiais e técnicas de construção, quando passaram a utilizar o ferro, o vidro e o concreto.

Ferro, Vidro e Concreto

Como dito anteriormente, as primeiras edificações construídas para fins industriais sofriam constantemente com a ocorrência de incêndios, pois as estruturas dos pisos e das coberturas eram compostas por elementos de madeira. Na tentativa de solucionar esta questão, foram pesquisados materiais alternativos de baixa combustão, o ferro apareceu como o grande aliado para resolver este problema. Mais tarde, toda caixilharia⁷ foi sendo substituída por ferro fundido. E isto só foi possível com o advento da energia a vapor, gerado

⁷ Entende-se por caixilho qualquer armação na qual se encaixa os vidros na janela. Caixilharia, por sua vez, caracteriza-se pelo conjunto de caixilhos.

pelo aquecimento da água a partir da queima do carvão. Este processo foi fundamental para que a Inglaterra se colocasse à frente dos outros países durante a Revolução Industrial:

“A utilização do coque, obtido com a queima do carvão mineral para a produção de liga de ferro para laminação, foi outro fator determinante do destaque da Inglaterra na Revolução Industrial. O abandono do carvão vegetal neste processo possibilitou a produção de um material mais eficiente e a ampliação desta produção, uma vez que o carvão mineral era abundante. O ferro, que até então era escasso e caro, passou a ser um material de fácil fabricação e com múltiplas possibilidades de utilização.” (CASTRO, 2002, p. 106)

O ferro fundido abriu caminho para a pré-fabricação e industrialização da estrutura do edifício da fábrica. A adoção do ferro como solução estrutural veio a possibilitar uma padronização da estrutura e um aumento na extensão dos espaços fabris. Este fez com que estruturas inteiras pudessem ser pré-fabricadas e montadas em diversas regiões do mundo. Desta forma, o ferro contribuiu com a consolidação de uma tipologia para a indústria e, também, figurou entre os fatores determinantes para o desenvolvimento da primeira Arquitetura Internacional.

Somadas às conquistas do uso do ferro, surgiram as provenientes de outros materiais, tais como o concreto armado e o vidro, que possibilitaram novas modificações na linguagem arquitetônica industrial.

O concreto armado, que teve seu uso muito difundido especialmente durante a Segunda Revolução Industrial, somou-se ao vidro na tarefa de moldar a forma dos edifícios fabris. O concreto possibilitou rapidez, plasticidade e uma transformação considerável na escala dos ambientes das fábricas (grande espaços livres), tal como exigiam as novas técnicas de produção e os novos maquinários que surgiam. O uso destes materiais na construção auxiliou na configuração de uma composição plástica que pôde identificar o edifício como indústria.

O ferro, o concreto e o vidro proporcionaram a abertura para novas linhas de pensamento dentro da estética, pautadas no racionalismo e no funcionalismo, que mais tarde serviram de base para o que se denominou Arquitetura Moderna.

2.3. Os Símbolos da Industrialização

Existem dois elementos que, quando pensamos na fábrica, logo nos ocorrem e nos ajudam a construir a imagem mental desta: a chaminé e os *sheds*.

A chaminé (fig. 1) é um elemento que configura um significado distinto na edificação industrial. Sua seção poderia ser redonda, retangular ou prismática. Os materiais utilizados variam desde alvenarias de pedras até o material metálico. Porém, o mais difundido foi a alvenaria de tijolos aparente por possuir propriedades como resistência ao calor, menor custo e facilidade de manutenção. A *priori*, a chaminé possui origem funcional, contudo, serviu também como elemento estético de configuração da paisagem industrial. Mais do que isso, a chaminé era um forte suporte para a memória do lugar, da empresa, da comunidade e daqueles que de alguma forma fazem ou fizeram parte do cotidiano da indústria. Algumas vezes, chegavam a receber ornamentos que não se viam nem mesmo no próprio corpo do edifício, para que pudesse ser marcante a sua presença no cenário da fábrica.

A importância da chaminé como marco identificador da indústria é relatada em muitos trabalhos, como por exemplo, no estudo de Bach (2009) que trata de patrimônio industrial rural, mais especificamente, sobre as fábricas de pêssego na zona rural de Pelotas, RS:

A imagem da chaminé, ícone da cidade industrial, também aparece no cenário rural, e é apresentada como vestígio maior dessa atividade industrial que movimentou a região no período analisado e, no tempo em que essa produção ocorreu, era também um elemento distintivo de progresso econômico para a empresa que representava. (BACH, 2009, p. 17)



Figura 1- Chaminé em vista lateral da fábrica de Arthur Schiller, localizada no 5º distrito de Pelotas.

Em outro estudo, de autoria de Essinger (2009), referente à cidade de Pelotas, RS, que analisa a questão da memória da Companhia Fiação e Tecidos de Pelotas, nota-se, mais uma vez, a chaminé figurando como importante agente para a rememoração da comunidade:

A chaminé da fábrica, que ainda domina a paisagem da zona da várzea (...) evoca a memória coletiva relativa à fábrica de tecidos. Alta e de cor alaranjada, contrastante com o azul do céu, é visualizada de longe, e simboliza a época em que o bairro era um centro industrial movimentado. (ESSINGER, 2009, p. 196)

Apesar de a eletricidade ter sido amplamente utilizada no período pós Segunda Guerra Mundial, a imagem da fábrica moderna ainda é associada às altíssimas chaminés, que chegavam a ter 50m de altura.

Os *sheds* (fig. 2), *por sua vez*, são aberturas existentes nas coberturas usadas para a iluminação (antes que a luz elétrica pudesse cumprir esta função) e ventilação dos amplos espaços fabris. Estes acabavam por condicionar as dimensões do edifício e configuravam uma linha de topo (os chamados “telhados dentes de serra”) muito marcante para a leitura formal das unidades fabris. O desenvolvimento deste modelo, como nos indica Moreira

(2007, p. 125), “possibilitou, nas primeiras décadas do século XX, a aplicação do conceito de linha de produção que revolucionou a produção industrial”



Figura 2- Cobertura em *sheds*. Vista interna da fábrica de Albino Saalfeld, localizada no 5º Distrito de Pelotas.

2.4. A Estética Fabril

Durante o século XIX, os proprietários das indústrias priorizavam nas edificações fabris os aspectos mais técnicos, funcionais e econômicos e não tinham a preocupação com ornamentos ou efeitos decorativos. Qualquer luxo era considerado desperdício (MIRANDA, 2003, p. 17). Assim mesmo, algumas fábricas investiram em aplicação de elementos decorativos nas fachadas (fig. 3), e mesmo no século XIX, a estética fabril foi traduzida em diversas tipologias industriais. Além disto, existem também aquelas que introduziram na composição do espaço fabril elementos que se referiam a um historicismo, tais como o egípcio do moinho John Marshall, em Leeds, o gótico francês da manufatura Bénédictine, em Fécamp, entre outros (CASTRO, 2002, p. 110).

Com a modernização dos equipamentos e das técnicas de produção, os espaços tiveram que se adaptar configurando novos layouts e tendo como consequência uma nova linguagem, mais padronizada, para as fachadas. Os edifícios fabris foram os primeiros a incorporar os novos materiais e tecnologias da construção, devido, sobretudo, ao não comprometimento com a arquitetura tradicional. Dentro de um cenário onde se almejava criar um estilo que definisse a época, a arquitetura fabril foi desenvolvida segundo novos

paradigmas, de ordem estética e social, que foram a base da arquitetura durante o início do século XX.



Figura 3- Fábrica Dannemann. Mais antiga fábrica de charutos do Brasil (segunda metade do século XIX), onde se notam elementos ornamentais na fachada. Localizada em São Félix, BA.

Fonte: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=951050>>. Acesso: 30 de março de 2011.

Dentre as abordagens arquitetônicas que influenciaram as edificações fabris destacam-se, segundo Miranda (2003, p. 20): “o racionalismo de Choisy, onde a forma seria sempre o resultado da técnica; a tradição acadêmica da École des Beaux-Arts de Paris; e os pensamentos de Morris e Ruskin⁸ que vieram a influenciar a Werkbund⁹ na Alemanha e os Manifestos Futuristas¹⁰ na Itália”. Sendo que estes dois últimos não só tiveram papel fundamental na constituição de uma arquitetura industrial, como também, influenciaram os arquitetos que protagonizaram o Movimento Moderno.

⁸ William Morris e John Ruskin estiveram à frente do movimento estético e social inglês, conhecido por *Arts and Crafts*. Movimento este que idealizava uma arte “feita para o povo e pelo povo”, a idéia de que o operário se torne um artista, conferindo valor estético ao trabalho padronizado da indústria.

⁹ A Werkbund, fundada em 1907 por Herman Muthesius, Naumann e Schmidt, era uma associação entre artesãos, arquitetos e industriais e trouxe a estética para a produção e a padronização. Ver em Miranda, 2003, p. 20.

¹⁰ Foi um dos primeiros movimentos do Modernismo, enalteciam o rompimento com o passado e a identificação do homem com a máquina e a velocidade ditada pelo novo século.

Buscava-se trazer para o exterior uma imagem que estivesse de acordo com o processo que ocorria no interior do edifício, com o intuito de proporcionar ao público a valorização do caráter tecnológico do edifício e sua imagem positiva no contexto da marca da empresa.

2.5. O Nascimento das Fábricas no Brasil

O cenário econômico e político brasileiro foi o fator determinante da defasagem da arquitetura industrial do país em relação a países como Inglaterra e Estados Unidos. Somente após 100 anos da Revolução Industrial na Inglaterra, o Brasil sente os reflexos da Primeira Revolução Industrial e quando surgem as primeiras fábricas modernas. Este descompasso se justifica, principalmente, pela tardia abolição da escravatura (1888), pois o sistema industrial necessitava de mão-de-obra livre e de trabalhadores dispostos a consumir os produtos da indústria. É válido lembrar que as primeiras fábricas do Brasil são oriundas do período colonial, quando estas tinham estreita ligação com o sistema fabril capitalista da Europa. (SANTOS, 2006, p. 23). A produção de tecidos rústicos ocorreu desde os primeiros anos de colonização: “O algodão, que já era conhecido pelos indígenas, passou a ser cultivado pelos portugueses gerando uma produção têxtil relevante, principalmente no Pará e Maranhão e, mais tarde, no Ceará, São Paulo e Minas Gerais” (CASTRO, 2002, p. 126). Entre os produtos manufaturados ou industrializados que se destacam neste período estão: a mineração, o açúcar, o fumo de corda, o charque, o sal, velas, móveis, dentre outros. A atividade industrial caracterizada, principalmente, pelas indústrias de transformação, ligadas aos setores têxteis e de produtos alimentares, foi a que predominou como atividade produtiva na primeira fase da industrialização brasileira, ocorrida no período de 1870 a 1930. A indústria têxtil foi considerada a responsável pela primeira indústria moderna do Brasil. Neste período, as soluções adotadas para a configuração dos edifícios eram as mais diversas:

Edificações horizontais como as fiações e tecelagens ou partidos verticais, como os moinhos e beneficiadoras de grãos. A implantação dessas fábricas podia ser periférica ao lote ou em linha, programa organizado em edifício único ou em partes ou ainda estruturados em ferro, tijolo ou concreto (MIRANDA, 2003, p. 31).

Houve, ainda, o período que se chamou de Segunda Revolução Industrial do Brasil. Este foi delineado pelo uso da Tecnologia e por novas formulações na estrutura da organização do trabalho.

Neste segundo momento da Revolução Industrial, foram marcantes a invenção do motor à combustão e o emprego da energia elétrica nas fábricas. Estes avanços trouxeram modificações profundas nos programas e nos layouts das fábricas brasileiras, assim como ocorreu em todo o mundo. Também a criação das linhas de montagem, exigiu maior desempenho destas edificações que incorporavam características específicas para satisfazer estas novas necessidades. Isso repercutiu na horizontalidade dos edifícios para abrigar as máquinas e linhas de montagem e em grandes construções para subsidiar o armazenamento das matérias-primas e dos produtos. Foi quando o vidro, o concreto armado e o aço foram introduzidos, e ajudaram a romper com os modelos tradicionais em *sheds*, clarabóias ou lanternins¹¹, e a configurar uma nova linguagem em arquitetura, com planta livre de grandes espaços contínuos e com fachadas compostas por panos de vidros.

As grandes modificações no cenário da arquitetura industrial brasileira sempre tiveram correspondência com o momento político em que se vivia. Em cada época, a intervenção do Estado se aplicava de modo diferente, gerando novas formas de relação de trabalho e novas questões relacionadas à economia industrial, que eram traduzidas, consequentemente, em novas tipologias e diferentes formas de pensar a estética fabril.

Santos (2006) apresenta em seu trabalho uma classificação dos períodos políticos do Brasil correlacionando como estes influenciaram no desenvolvimento do período industrial do país.

Primeiramente, o autor trata da Era Vargas (1930-1945, 1951-1954), onde enfatiza a criação do Ministério da Indústria e Comércio e o Ministério do Trabalho. De acordo com Santos (2006, p. 27) neste período a industrialização era induzida pelo Estado e houve um intenso aumento na construção da edificação industrial. Nota-se nas propostas para as edificações fabris uma

¹¹ Clarabóia é abertura em telhado que é coberta com material transparente ou translúcido e usada para deixar passar luz natural ou difusa ao recinto abaixo podendo ou não ser dotada de dispositivos de ventilação. Lanternim, por sua vez refere-se a um telhado menor, sobreposto na cumeeira de outro, com aberturas laterais para a iluminação e ventilação. Ambos, clarabóia e lanternim, fazem parte do conjunto abarcado pela chamada iluminação zenital (que vem de cima).

grande dependência tecnológica de outros países, pois se importava não só o maquinário para as fábricas, como também os seus projetos arquitetônicos. Os arquitetos e engenheiros brasileiros vão galgando sua participação em projetos industriais de grande porte apenas a partir da década de 1930, quando os preceitos do Movimento Moderno estão em ebulição.

O segundo momento evidenciado pelo autor refere-se ao governo de Juscelino Kubitschek (eleito em 1955), quando o Brasil preocupou-se em buscar a atualização tecnológica ocorrida nos EUA e países da Europa, após a Segunda Guerra Mundial. Através do crédito estrangeiro que se conseguia com facilidade àquela época¹², Juscelino Kubitschek conseguiu atrair recursos e o país viveu anos de euforia pela estabilidade política e econômica, que teve como símbolo a construção da cidade de Brasília (1957-1961).

O terceiro momento aborda o contexto político que ficou conhecido por Milagre Econômico. Este período não aponta nenhuma ruptura com o desenvolvimentismo, seguiu a implantação da indústria pesada e da infra-estrutura. Ao final deste, o Brasil sofreu com as consequências negativas do projeto industrialista dos militares, quando da primeira crise do petróleo (1973).

Finalmente, o autor resgata a etapa da industrialização que foi denominada de Terceira Revolução Industrial. Foi quando surgiu a preocupação por questões relativas ao meio ambiente. As fábricas passaram a deslocar-se pelo planeta com a pretensão de associar mercados, matéria-prima e mão-de-obra barata. Após a década de 90, onde ocorreram diversas privatizações, a industrialização brasileira segue um novo rumo, multiplicam-se pequenas indústrias e algumas fábricas fecham para dar lugar a investimentos imobiliários, comerciais, habitacionais.

2.6. Tipologias Industriais no Brasil

No que tange à análise tipológica das indústrias brasileiras nota-se uma grande variedade de tipos fabris que, de certa forma, caracterizam sua localização no tempo e no espaço. Os momentos políticos, econômicos e

¹² Após a Segunda Guerra Japão e a Europa já estavam reconstruídos e os EUA estendiam sua influência econômica e política pelo mundo, combinando planos de ajuda econômica aos interesses da Doutrina Truman (em que os EUA davam ajuda militar aos países nos quais via a necessidade de barrar o avanço do comunismo). Ver em Santos, 2006, p. 29.

tecnológicos marcaram a trajetória do desenvolvimento dos edifícios industriais, apontando as prioridades que eram dadas em determinada época e as condições que o país possuía para inovar em suas tecnologias. A questão do espaço geográfico tem a particularidade de subsidiar a história das fábricas brasileiras com informações que dizem respeito aos locais mais prósperos, como as grandes capitais. Sob esta ótica é possível fazer a leitura de que no início as fábricas se localizavam em áreas mais afastadas, principalmente, pela questão de geração de energia que impunha a construção dos edifícios próximo à pontos de abastecimento de água. Posteriormente a partir da invenção da máquina a vapor (1776), a cidade pode englobar estas atividades.

Os arquitetos Foot e Leonardi (In: CASTRO, 2002, p. 129), estabeleceram, de forma abrangente, dois padrões para definir a arquitetura industrial brasileira. Os autores estabeleceram uma linha do tempo onde especificam que características tipológicas são relativas a um determinado período da história do Brasil.

O primeiro período, “o colonial” (fig. 4), refere-se às fábricas criadas no Império, com aspectos formais próximos aos da casa grande de açúcar ou café, onde contavam ainda com a mão-de-obra escrava. Várias fábricas têxteis deste período possuíam cultura de algodão em seu próprio terreno, caracterizando uma atividade industrial como extensão da atividade agrícola. O que se via nestas fachadas era a expressão do gosto predominante do período, onde os proprietários desejavam criar um marco em sua localidade. Os prédios compunham-se de “extensos pavilhões horizontais, com a chaminé destacando-se na paisagem, fachadas caiadas e com aberturas e platibandas emolduradas. A presença dos telhados de barro e esquadrias de madeira caracterizava estas edificações.” (CASTRO, 2002, p. 130)



Figura 4- Fábrica São Luiz, em Itu-SP— exemplar do estilo colonial.

Fonte: <<http://www.panoramio.com/photo/39587531>>. Acesso em: 14 de março de 2011.

O segundo período, identificado como “o britânico manchesteriano” (fig. 5), engloba as fábricas construídas no início do século XX, onde os edifícios assemelhavam-se aos edifícios industriais internacionais. Eram características deste grupo “... as fachadas típicas de tijolos aparentes, estrutura sóbria e pesada em concreto e simetria de planos” (Ibidem, op. cit. p. 130). Neste período surgiram as sociedades anônimas, cujas administrações influíram diretamente na composição das fachadas, já que acabava desaparecendo o nome das famílias que nestas ficava estampado.



Figura 5- Indústrias Reunidas Matarazzo. Foram o maior complexo industrial da América Latina, com início de suas atividades em 1881, em Sorocaba, SP.

Fonte:<<http://www.dgabc.com.br/News/5840920/historias-da-matarazzo-que-a-demolicao-nao-pode-apagar.aspx>>. Acesso em 14 de março de 2011.

Desta classificação se pode inferir que alguns elementos que compõem a indústria se mantiveram com o passar dos tempos, tais como a grande

chaminé, que marca a presença no território, os tijolos aparentes das paredes, a marcação de acesso através de grandes portões, espaços amplos e modulados e a busca pela iluminação natural, aspectos da linguagem formal da arquitetura fabril brasileira desde o início da industrialização.

Contestando o academicismo vigente surgiu o modernismo, que teve como símbolo o manifesto “Acerca da arquitetura moderna”¹³, de Gregori Warchavchik (1925). No entanto, a arquitetura moderna brasileira teve sua consolidação somente na década de 1940, quando a arquitetura dos edifícios industriais “a Fábrica de Processamento de Café de Rino Levy, em São Paulo (1946); a Fábrica Sidney Ross Company, de Reidy, em Petrópolis, RJ (1948); a fábrica SOTREQ dos irmãos Roberto, localizada no Rio de Janeiro (1949) e a fábrica Duchen de Oscar Niemayer, em São Paulo (1950)” conseguiram destaque e reconhecimento em revistas internacionais (MIRANDA, 2003, p. 33).

2.7. *O Reconhecimento do Patrimônio Industrial*

As preocupações com os edifícios de arquitetura industrial tiveram início na França, em fins do século XVIII, em reação ao chamado “vandalismo revolucionário” que ameaçava destruir grande parte dos remanescentes da arte medieval deste país (KÜHN, 2007, p. 37).

Mas, foi no período pós Segunda Guerra Mundial, década de 1960, que a relevância do tema tomou maiores proporções. Com as destruições ocorridas durante o período de conflito, o mundo voltou seu olhar para os remanescentes do processo de industrialização. Sobretudo após a demolição de edifícios emblemáticos, como o Palácio Cristal no Porto-Portugal, em 1951; a Estação Euston em Londres-Inglaterra, em 1962¹⁴; o Palácio Les Halles em Paris-França, em 1970, dentre outros.

¹³ Neste texto, Warchavchik defende que se faça uma arquitetura de acordo a época em que se vive, manifestando-se contra os ornamentos, que julgava desnecessários, advindos do ecletismo, contra a imitação cega da técnica da arquitetura clássica. Ver em: FIORE, R. H. Warchavchik e o Manifesto de 1925. ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, v. 2, p. 76-87, 2002.

¹⁴ Essa estação intermunicipal foi a primeira a ser construída naquela cidade e, mesmo com os protestos públicos, foi demolida e reinaugurada completamente desfigurada em 1968. (EVANGELISTA, 2003)

Através da análise das chamadas Cartas Patrimoniais, pode-se ter idéia da trajetória que percorreu a tentativa de preservação do patrimônio industrial e compreender o papel que estes vestígios têm na configuração do patrimônio mundial.

Iniciando pela Carta de Atenas de 1933, redigida na Assembléia do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), observa-se nesta que o olhar dos gestores do patrimônio sobre o processo industrial era nefasto e eram enfatizadas as conseqüências negativas da industrialização no texto “Era da Máquina”:

O advento da era da máquina provocou imensas perturbações no comportamento dos homens, em sua distribuição sobre a terra, em seus empreendimentos, movimento desenfreado de concentração nas cidades a favor das velocidades mecânicas, evolução brutal e universal sem precedentes na história. O caos entrou nas cidades (CARTA DE ATENAS, 1933, p. 5).

A preocupação principal percebida é com relação aos impactos da industrialização sobre as cidades, demonizando, de certa forma, os percalços deste processo. O que torna, neste momento, distante das perspectivas de preservação o patrimônio oriundo desta atividade.

Anos depois, foi redigida a Carta de Veneza, em 1964, que contém registros de métodos de preservação do patrimônio histórico edificado sem ênfase ao patrimônio industrial.

A valorização do tema do patrimônio industrial surgiu na Europa, em 1975, quando da adoção de uma *Recommandation relative à l'archéologie industrielle* pela Assembléia Parlamentar do Conselho da Europa. Esta desencadeou diversos colóquios que trouxeram mais força ao tema da preservação do patrimônio industrial (MOREIRA, 2007, p. 253).

Poucos anos depois, em 1978, mais um importante passo foi dado em prol dos testemunhos do processo industrial, com a criação do Comitê Internacional para a Preservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), durante o III Congresso Internacional sobre o Patrimônio Industrial, em Estocolmo. Esse Comitê ainda levou alguns anos para se estruturar e só em 1999 é que o tema do patrimônio industrial foi trazido para uma mesa temática, na ocasião da

Assembléia Mundial do ICOMOS, no México (HERNÁNDES, 2001 In: MOREIRA, 2007, p. 253)

No Brasil, pode-se dizer que o interesse por questões relativas ao patrimônio industrial surgiu antes mesmo da difusão do termo arqueologia industrial no país, que ocorreu na década de 1970 (POZZER, 2006). Isto pode ser notado através da ação do SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que, em 1938, já havia tombado a Fábrica de Ferro Patriótica, situada em Ouro Preto-MG. No campo teórico, no entanto, a preocupação com o patrimônio industrial é notada apenas a partir de 1974, data em que foi feito o estudo do historiador Warren Dean, sob o título “A fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial” (EVANGELISTA, s/d).

A partir da década de 1980, o tema ganhou maior visibilidade com o desenvolvimento de várias pesquisas e a realização dos Seminários Nacionais de História e Energia, nos anos de 1986 e de 1999, promovidos pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Companhia de Energia Eletropaulo – São Paulo e, recentemente, a filiação do Brasil ao TICCIH, em 2004 (MOREIRA, 2007, p. 270).

Mesmo reconhecendo que as análises teóricas sobre o tema surgiram tardeamente no país, o Brasil é um dos poucos países a ter uma área industrial considerada patrimônio mundial. É o caso das minas e fábricas da cidade de Ouro Preto-MG que foram listadas pela UNESCO como patrimônio da humanidade¹⁵ (EVANGELISTA, s/d).

Na década de 80, em um período no qual o patrimônio industrial já galgava certo reconhecimento por consequência do chamado “Milagre Econômico”, no Brasil, foi redigida a Carta de Petrópolis (1987) com uma ampliação do rol que contempla os bens a serem preservados, incluindo, então, o universo do trabalho. Uma ação que pode ter auxiliado o Patrimônio Industrial em seu caminho pelo reconhecimento, mesmo sem mencioná-lo diretamente.

¹⁵ É o caso da cidade de Ouro Preto, juntamente com suas minas, que foram listadas pela UNESCO como patrimônio da humanidade.

A preservação não deve priorizar a exclusividade de usos, deve abrigar os universos de trabalho e cotidiano, onde se manifestam as verdadeiras expressões de uma sociedade heterogênea e plural, isso devido a característica de polifuncionalidade do sítio histórico urbano (CARTA DE PETRÓPOLIS, 1987, p. 1).

No ano de 1995 o Brasil foi marcado por ações preservacionistas do patrimônio industrial, a partir da redação de duas Cartas Patrimoniais, que, de certa forma, inseriram uma visão particular acerca do desenvolvimento da indústria. Em Brasília foi elaborada a carta que versa sobre autenticidade. De forma discreta, nesta é feita uma alusão à arquitetura fabril, englobando-a no grupo de bens a serem salvaguardados, quando diz que a graduação da autenticidade “será diferente para a arquitetura colonial, industrial, acadêmica, eclética, moderna, e assim por diante, tudo isto retroalimentado por meio de uma interpretação correta do bem, alicerçada na investigação, na consulta e na discussão” (CARTA DE BRASÍLIA, 1995). É a primeira referência a este tipo de arquitetura desde a Carta de Atenas de 1933. O segundo instrumento mencionado refere-se à Recomendação Europa, de 1995, que enumera as causas da degradação de áreas de paisagens culturais. Dentre elas, mais uma vez, “o desenvolvimento descontrolado de setores da indústria”. A Carta recomenda um estudo de impacto nas paisagens afetadas quando do planejamento de grandes construções (RECOMENDAÇÃO EUROPA, 1995).

Entretanto, o quadro brasileiro é ainda caracterizado pela incipiência em pesquisas teóricas e práticas acerca do tema da preservação do patrimônio industrial. As tentativas de reverter esta situação são ainda isoladas e insuficientes. Conforme afirma Castro (2002, p. 99):

(...) a maioria das antigas instalações industriais, já desativadas, encontram-se em total estado de abandono e arruinamento, mantendo-se presentes nos locais devido à sólida construção com que foram concebidas. Muitas já desapareceram, restando, quando muito, apenas alguns registros históricos, iconográficos ou a lembrança daqueles que ali trabalharam.”

Durante o século XX foi aumentando, gradativamente, a percepção da relevância dos remanescentes do processo industrial e um grande passo foi dado em 2003, com a formulação da Carta de Nizhny Tagil, durante o congresso internacional realizado pelo TCCIIH, na Rússia, na qual o patrimônio industrial ganhou diretrizes de preservação. A carta traz uma definição para o

patrimônio industrial traduzido não apenas pelo edifício em si, como também pelos “vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico” (TCCIIH, 2003, p. 3). Uma abordagem ampla que vem consolidar o trabalho que a arqueologia industrial já desempenhava, juntamente com outras disciplinas e organizações relacionadas.

Importante salientar que a falta de sensibilidade com relação ao patrimônio industrial e a acelerada expansão urbana, que levou a uma desenfreada especulação imobiliária, colocaram e ainda colocam os prédios industriais fabris em situação de permanente risco de demolição.

2.8. Dificuldades na Preservação Industrial

A preocupação em preservar seus remanescentes caminha com as transformações que ocorrem na concepção do que se entende por cultura e bens patrimoniais. As características estéticas do patrimônio industrial sofreram e ainda sofrem preconceitos daqueles que por muito tempo enxergavam que apenas os casarões ecléticos ligados a grandes nomes, as igrejas barrocas e os monumentos aos heróis eram passíveis de um olhar mais atento. Isto é comprovado na literatura sobre a história da arquitetura.

Muitos livros foram escritos sobre a história da arquitetura, mas quase todos se preocuparam com os edifícios remotos de nossas vidas normais; consequentemente, a maioria das pessoas possui um quadro mental bastante preciso de uma catedral gótica inglesa ou uma casa de campo colonial Americana, entretanto não podem imaginar o prédio onde os automóveis Modelo T da Ford foram produzidos (WINTER, 1970, p. 7).

Além disso, o caráter contemporâneo dos elementos construtivos do patrimônio industrial também contribuiu para que ficasse mais difícil compreender a necessidade de preservá-los, uma vez que o valor de “antiguidade” predominou por muito tempo na avaliação dos bens patrimoniais.

Em seu estudo a respeito dos problemas enfrentados pelos que lutam pela preservação do patrimônio industrial, Kühl (2009) escreve sobre o Colóquio *Preservación de la arquitectura industrial en Iberoamérica y España*, realizado na Andaluzia-Espanha, em 2001. A autora descreve que as Atas do mesmo apontam para uma maior dificuldade em respeitar os edifícios

industriais do que outros monumentos históricos por razão da falta de sensibilidade em relação a eles, que são considerados meros recipientes, por seus espaços livres e versáteis. Enfatizando, o que já foi dito anteriormente a respeito do preconceito estético existente, ainda neste colóquio foi observado que quando os edifícios fabris são transformados para novos usos, “transcuram-se amiúde suas especificidades” (KÜHL, 2009, p. 55).

Evangelista (s/d), por sua vez, contribui para esta discussão no momento em que descreve a imagem que é atribuída a este tipo de objeto:

“Nem sempre belas, às vezes ocupando grandes espaços em terrenos caros e muitas vezes pouco estimadas pela vizinhança, as instalações e áreas industriais dificilmente são imaginadas como algo a ser preservado, estudado e valorizado”.

Segundo o autor, vai ser o interesse histórico que vai alavancar o interesse pelos testemunhos das atividades produtivas. E é a partir deste interesse histórico que as características estéticas e simbólicas serão evidenciadas após anos de negligência.

Não bastasse a forma negativa como foram e continuam sendo vistas as edificações fabris, outras questões tornam este cenário ainda mais complexo. O crescimento desenfreado das cidades, acompanhado da especulação imobiliária exerce uma pressão muito grande sobre as paisagens industriais. Estas, muitas vezes, configuram grandes espaços obsoletos e decadentes, não conseguindo inserir-se na realidade atual.

As antigas fábricas, em geral, por não conseguirem mais corresponder ao novo meio técnico, acabam sendo abandonadas acarretando uma destruição imagética do lugar o que conduz a uma desvalorização imobiliária. Desse modo, a adaptação desses prédios, funcional e muitas vezes formal, feita de maneira coerente e de acordo com legislações específicas que visem à conservação deste patrimônio, acabam sendo as principais medidas para que se assegure a vida das unidades fabris (TICCIH, 2003, p. 8). Esta adaptação pode ter aspectos facilitadores encontrados na própria arquitetura dos edifícios, visto que a arquitetura não é apenas um reflexo da sociedade e do que ela produz, pois ela também a condiciona (LLOPART, 1998, p. 37).

Porém, a situação torna-se ainda mais complexa a partir do momento em que se avaliam as fábricas localizadas na zona rural, pois este universo, durante muito tempo, foi tido como atrasado. Sabe-se que a ideia que se faz

deste universo não corresponde a sua realidade, sua ontologia, e sim às suas representações que não caracterizavam a zona rural como portadora de uma cultura que comporia o quadro de uma nação. Os “desenvolvidos” seriam aqueles que seguissem o modelo imposto pelos centros urbanizados que funcionariam como a alavanca do progresso das regiões menos dinâmicas. Segundo Carvalho (2003, p. 175), “As teses ruralistas do Estado Novo limitaram-se muitas vezes a realçar o bucolismo saudoso e tradicional dos modos simples de viver de uma população submissa e pouco instruída”.

A complexidade observada se deve, em parte, ao fato de que as representações formam-se através do conhecimento acerca do referido tema transmitido a partir de histórias ouvidas. Enquanto a noção do que é o urbano já é objeto de estudo há muito tempo, a idéia do que é o rural é retratada há pouco tempo, através de conceitos elaborados, na maioria das vezes, por indivíduos urbanos.

Da mesma forma que o patrimônio industrial começa a ser reconhecido a partir do momento em que a visão sobre o que é cultura e bem patrimonial muda, o mesmo ocorre com relação ao patrimônio rural. Este começa a ter a sua valorização quando a cultura popular é inserida nas discussões que vão definir o que deve ser salvaguardado.

Além dos problemas de avaliação do patrimônio industrial, os edifícios localizados no meio rural sofrem com a falta de visibilidade de suas atividades fabris. Somente a adaptação destes remanescentes de distintos processos produtivos às necessidades econômicas e sociais atuais pode reinseri-los na dinâmica produtiva de sua região.

Para que se possam fazer as alterações cabíveis e obter-se o uso correto das fábricas rurais são necessários estudos que ajudarão a compreender seu contexto territorial e sócio-cultural. Fundamentalmente, é primordial que este edifício ou este complexo industrial não seja analisado isoladamente. As ações devem ser desenvolvidas em escala abrangente que englobe as questões sociais e culturais, articulando o bairro ou a região no sistema urbano ao qual pertence, respeitando suas características e a “vocação” do local historicamente estratificado, intervindo na região e determinando usos para as edificações que contemplem aspectos sociais,

formais, documentais, memoriais e simbólicos da área e dos edifícios que a compõem, escolhendo novas utilizações que respeitem e sejam compatíveis com esses fatores (KÜLH, 2009, p. 143).

2. 9. Arqueologia Industrial

A disciplina Arqueologia Industrial é oriunda da década de 1950, quando as destruições pós Segunda Guerra repercutiram em manifestações daqueles que se sensibilizaram com a perda representada pelo desaparecimento de testemunhos históricos da industrialização. Isso acabou por motivar a academia a tomar a dianteira pela preservação desses vestígios, sendo muitas vezes a luta pela preservação desencadeada por ela própria.

O desenvolvimento desta disciplina passou por intensos questionamentos com relação às definições de seu conteúdo e seus limites cronológicos, bem como a própria utilização do termo “Arqueologia Industrial” para a sua denominação (MOREIRA, 2007, p. 258). Mais tarde este limite temporal de estudo foi expandido e suas barreiras geográficas foram transpostas. Isto ocorreu através da compreensão de que a indústria se desenvolveu de forma desigual entre as nações. A Revolução Industrial ocorreu em épocas diferentes em cada país, em alguns mais cedo e em outros, com décadas de atraso. Existiam e ainda existem grandes defasagens no que diz respeito, por exemplo, ao emprego de novas tecnologias. Desta forma, percebeu-se que o processo industrial de toda humanidade não poderia ser representado apenas por uma nação e que o trabalho da Arqueologia Industrial não poderia limitar-se a um período tão restrito (CASTRO, 2002, p. 91).

Além desta ampliação temporal e geográfica da área de interesse da Arqueologia Industrial, com o passar dos anos aumentou, também, a abrangência dos elementos que entregam o rol dos bens a serem analisados.

Dentre os precursores da arqueologia industrial, citam-se os trabalhos de Dudley e Rix que, em 1955, utilizaram pela primeira vez o termo “arqueologia industrial” em uma publicação para a revista *The Amateur Historian*, no qual destacaram a importância e a urgência da preservação e documentação dos vestígios materiais da industrialização, muitos deles ameaçados de demolição (HUDSON, 1979 In: MOREIRA, 2007, p. 258). Além

disto, segundo afirma Clark (1988 In: THIESSEN, 2006), Dudley, que era professor Universidade de Birmingham, promoveu visitas dos seus estudantes a antigas instalações industriais na região:

“prática que foi seguida por amadores preocupados com a preservação dos antigos vestígios da industrialização e que acabou por abrir um novo campo de investigação centrado no conhecimento dos aspectos materiais da Revolução Industrial”. Neste momento, a preservação do patrimônio industrial reportava-se ao patrimônio arquitetônico da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra, durante os séculos XVIII e XIX.

Além do patrimônio arquitetônico da Revolução Industrial, atualmente existe a compreensão de que outros objetos, vestígios e edifícios fazem parte do mesmo processo produtivo como, por exemplo, as construções ligadas aos meios de transporte e comunicação e os edifícios pré-fabricados de diferentes tipologias. Os escritos sobre o tema os abordam conjuntamente, porém, estudando-os por tipologias (KÜHL, 2009, p. 40).

Para proceder à pesquisa dos remanescentes do processo de industrialização, Guedes (1999) propõe uma estrutura metodológica que supõe uma série de necessárias funções advindas de um árduo trabalho de campo, tais como a investigação, inspeção, registro e preservação. A investigação implica em uma busca pelos objetos que possam auxiliar no entendimento ou na fundamentação de ideias sobre uma forma industrial do passado. A inspeção está pautada na utilização de diversas técnicas de medida, fotografia e de datação para guardar as características do monumento em estudo. O registro promove a criação de fichários regionais que possam ser consultados por qualquer pesquisador, garantindo a existência de uma permanente referência ao monumento. E a última função, a preservação, segundo o autor, carece de uma “utilização moderada”, pois já existem muitos locais destinados à cultura, mas com escassas condições de habitabilidade e com difícil vida financeira.

Cabe salientar que, a fim de atender as funções que aqui foram mencionadas, a Arqueologia Industrial bebe nas águas de distintas áreas do saber, como a história, a antropologia, a sociologia, a arquitetura, a restauração, dentre outras. Pressupõe um estudo com referenciais teórico-metodológicos de caráter multidisciplinar. Conforme observa Thiesen (2006):

(...) o termo *arqueologia industrial* pode ser pequeno para abarcar tantos temas, mas, sobretudo reduz a possibilidade de compreensão de um fenômeno que se materializou em parte na indústria e seus produtos, mas também em numerosos outros domínios da cultura material.

CAPÍTULO III - Análise Tipológica e a Preservação do Patrimônio Industrial

Nos debates realizados ao longo do tempo, com o intuito de conceituar a arquitetura, alguns elementos têm sido considerados fundamentais para a sua compreensão, são eles: o tipo, a função e a tectônica. Esses elementos estão fortemente correlacionados à tríade vitruviana: *firmitas*, que caracteriza a estabilidade; *utilitas*, atualmente interpretada como função; e *venustas*, caracterizada pela beleza (NESBITT, 2006, p. 51).

Segundo Moneo (1978, p. 28), “a primeira formulação coerente e explícita de uma idéia do tipo de teoria da arquitetura foi desenvolvida por Quatremère de Quincy, no final do século XVIII”. Mas a noção teórica deste conceito já encontrava território a partir do século XVII quando foi realizada uma investigação epistemológica da forma de embasar o conceito de tipologia, nesta os pesquisadores trataram de estudar a origem da forma, o seu significado e a metodologia empregada no processo criativo do arquiteto (MEDEIROS, 2005, p. 23).

Dentro da história da teoria da arquitetura dois momentos atuam como marco na trajetória do estudo dos tipos e ambos remetem a épocas em que se julgava que a arquitetura vivia uma crise de identidade e a tipologia apareceu como instrumento capaz de propiciar a sua “volta por cima”.

No primeiro momento, nas primeiras décadas de 1800, a arquitetura não estava conseguindo acompanhar a velocidade do desenvolvimento técnico-científico e os arquitetos perdiam espaço para um novo profissional originário das escolas politécnicas francesas, o engenheiro. Este se mostrava mais capacitado para lidar com a nova dinâmica imposta pela Revolução Industrial e, posteriormente, pela consolidação da burguesia (MEDEIROS, 2005, p. 23). A solução apontada por Quatremère (entre 1788 e 1825) era a de que através do estudo dos tipos a arquitetura reconstruísse seu elo com o passado. A partir de então, a tipologia tornou-se um instrumento de análise e um recurso para a historiografia e teve início uma série de levantamentos de monumentos, que foram organizados e agrupados, seguindo um rigor de

classificação que correspondia aos métodos científicos da época (PEREIRA, 2004, p. 150).

O segundo momento remonta aos anos 60 do século XX, época em que os preceitos do modernismo entravam em declínio sofrendo duras críticas e começava então a ser instaurado o pós-modernismo. A retomada ao “tipo” é atribuída à publicação em 1962, do artigo de Giulio Carlo Argan, intitulado “Sobre a Tipologia em Arquitetura” (NESBITT, 2006, p.268), onde ele traz novamente à luz a teoria exposta por Quatremère, colocando a tipologia como instrumento fundamental para investigar o neo-racionalismo italiano onde entre seus principais representantes encontravam-se os arquitetos Aldo Rossi, Carlo Aymonino, Vittorio Gregotti e Giorgio Grassi, todos pertencentes ao movimento chamado *Tendenza* que propunha não apenas o debate teórico à respeito da tipologia como também a sua utilização na prática (MEDEIROS, 2005, p. 19).

Com o conceito de “tipologia” acreditava-se poder entender a história da arquitetura de forma ampla, abarcando desde os exemplares mais singelos até as grandes obras. Este conceito servia para se contrapor a idéia do arquiteto modernista gênio, artista supervalorizado onde a arquitetura ficava à sua sombra (CORREIA, 2005, p. 48).

3.1. Abordagens Teóricas sobre Tipologia

Assim como outros conceitos considerados indissociáveis à arquitetura possuem diferentes interpretações, o elemento aqui abordado, o “tipo”, também foi teorizado sob diferentes olhares e a sua definição, embora tenha sofrido variações ao longo dos anos, apresenta aspectos em sua essência que são comuns nos trabalhos dos estudiosos no tema. Para a efetiva compreensão dos sentidos atribuídos à tipologia torna-se imprescindível uma breve exposição dos conceitos de alguns dos teóricos com maior expressão neste assunto.

Iniciando-se pelo século XVIII, verifica-se que, através da pesquisa de diferentes culturas, Quatremére de Quincy mostrou que a arquitetura mantinha a sua essência e que esta advinha da tradição clássica, embasada em três formas básicas as quais ele denominou “tipos”, cada uma delas atribuída a uma organização social: *a cabana*, que correspondia a comunidades agrícolas

sedentárias; *a tenda*, vinculada a tribos nômades; e *a caverna*, correspondendo então aos caçadores (MEDEIROS, 2005, pg. 25). Ainda segundo o autor, cada um desses três tipos provinha de um determinado povo: *a cabana* dos gregos, *a tenda* dos chineses e *a gruta* dos egípcios (PEREIRA, 2004, p.153).

Para que se entendesse o novo termo que empregava, Quatremère comparou o “tipo” ao “modelo”. Para tanto, utilizou-se da origem da palavra tipo, que se deriva da palavra grega *tipos*, a qual exprime por uma acepção muito geral e, desde então aplicável a muitas nuances ou variedades da mesma idéia, aquilo que entendemos por *modelo, matriz, impressão, molde, figura em relevo ou em baixo-relevo*”. (QUATREMERE DE QUINCY, 1825. In: PEREIRA, 2008, p. 303). O autor explicava que o modelo devia ser copiado tal qual é e o tipo, pelo contrário, era algo que servia de base para que se criassesem obras que não se assemelham entre si.

Desta forma, Quatremère descreveu a história da arquitetura de forma não linear e como sendo o resultado do cruzamento de múltiplas culturas. E apesar de sua formulação conceitual ter sido considerada vaga e de difícil aplicação por alguns autores (MEDEIROS, 2005, p. 27), seu estudo foi fundamental para a teorização da tipologia, sendo retomado no desenvolvimento da teoria arquitetônica pós-modernista.

Já o arquiteto Jean-Nicholas-Louis Durand, (1760-1834) não acreditava que o “tipo” emergia da imitação da natureza ou dos antigos. Para ele o princípio fundamental da arquitetura deveria ser buscado na própria arquitetura, na composição:

De acordo com Durand, o arquiteto dispõe de elementos— colunas, pilares, fundações, abóbadas e etc.— que tomaram forma e proporção através de seu relacionamento com material e com uso. Estes elementos, como argumenta Durand, devem ser livres da tirania das Ordens; as ordens clássicas podem ser vistas como mera decoração. Assim Durand oferece uma série de pórticos, vestíbulos, escadas, quadras, etc. como parte de futuras edificações associadas com programas precisos. Estas partes, ordenadas e apresentadas como um repertório de modelos, constituem os materiais disponíveis ao arquiteto. (MONEO, 1978, p. 28)

Para Durand a tipologia era centrada na catalogação de prédios com partidos e funções similares onde ele evidenciava as semelhanças que eles tinham entre si e ressaltava as normas de composição por meio de elementos

da geometria plana. Sua metodologia de tentar ler a intenção arquitetônica dos edifícios por meio de formas geométricas carregava os traços do contexto técnico-científico em que ele vivia e introduziu fundamentos racionais à tipologia (MEDEIROS, 2005, p. 30).

O arquiteto Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc, um dos mais importantes teóricos da arquitetura do século XIX, também deu sua contribuição para a construção do conceito de tipologia ao abordar a questão do estilo. Ele, assim como outros teóricos de sua época, acreditava que os anos 1800 careciam de um estilo que definisse a arquitetura do século, assim como ocorreu com a arquitetura grega, romana, egípcia ou medieval. Na definição de “estilo”, Viollet-le-Duc compatibilizava alguns preceitos adotados por Quatremère em sua noção de “tipo”. Ambos argumentavam que havia algo essencial na natureza que deveria ser imitado. Porém, a posição mais racionalista de Viollet-le-Duc fazia com que ele enxergasse este princípio ordenador da forma como sendo a própria solução estrutural condicionada pelos materiais e técnicas construtivas inerentes ao prédio. Segundo ele, a arquitetura dos antigos que possuísse estilo poderia servir de inspiração desde que não se copiasse a sua aparência e sim que se buscasse interpretar o que levou à formação daquele estilo (MEDEIROS, 2005, p. 32).

O debate mais contemporâneo de tipologia surgiu como resposta às críticas feitas à arquitetura modernista e na tentativa de construir uma base teórica coerente com a nova fase que a arquitetura viria a atravessar: o pós-modernismo.

O Movimento Moderno rejeitava a idéia de tipo, aspirava que os arquitetos mostrassem para a sociedade uma nova imagem para a arquitetura e correspondesse ao novo mundo industrialização. Ao rejeitar a idéia de tipo e introduzir a arquitetura de massa acabaram por se aproximar da noção de modelo. Teoria esta completamente contrária à singularidade que acreditavam que o arquiteto livre das amarras dos tipos poderia produzir.

O historiador Giulio Carlo Argan, já na década de 1960, em sua conceituação de tipologia retoma o estudo de Quatremère quando faz a distinção entre “modelo” e “tipo” dizendo que apenas este último deveria ser o ponto de partida para o projeto (PEREIRA, 2004, p. 154). Segundo o autor, o tipo não era uma imagem passível de ser copiada literalmente, mas capaz de

dar abertura para a livre interpretação e para a intuição, ou seja, uma base que possibilitasse uma infinidade de variações. A tipologia seria algo a ser investigado em edificações já construídas, um estudo *a posteriori* com o objetivo de sinalizar semelhanças formais que dariam maior legibilidade a estrutura básica destas. Argan (2006, p. 269) argumenta que:

A criação de um tipo depende da existência de uma série de construções que tenham entre si uma evidente analogia formal e funcional. Em outras palavras, quando um “tipo” é definido pela prática ou pela teoria da arquitetura, ele já existia na realidade como resposta a um complexo de demandas ideológicas, religiosas ou práticas ligadas a uma determinada situação histórica em qualquer cultura.

Através da avaliação das edificações construídas, Argan (2006) afirma que apesar da possibilidade de existir uma variável gama de categorias e subcategorias de tipos, qualquer obra da arquitetura pode ser caracterizada como pertencente a uma das três classes gerais que correspondem à configuração das construções de forma mais abrangente, as quais são: *elementos estruturais básicos*, *elementos de composição* e *elementos de decoração*. O mesmo conclui também que o emprego do “tipo” está relacionado a necessidades que têm origem no passado.

Como uma crítica à arquitetura modernista, Argan (1966) faz uma importante distinção entre o conceito de estandar e o tipo:

A diferença, no entanto, é sensível, porque o objeto estandar não resulta, como no tipo, de uma tradição histórica senão, pelo menos, de um traçado racional dos problemas funcionais correspondentes, nem tende a conservar nem a transmitir uma determinada forma, sendo evidente, por sua mesma conexão com as condições técnicas e econômicas da produção, que cada estandar, também atuando fortemente sobre a produção contemporânea, será rapidamente superado por outro estandar. Neste sentido, pois, o conceito de estandar está muito mais próximo ao modelo que ao do tipo. (ARGAN, 1966, p. 11)

Outro arquiteto e teórico que muito contribuiu na teorização do “tipo” arquitetônico foi Aldo Rossi (1931-1997) que, assim como Argan, utilizou-se dos preceitos teóricos de Quatremère para fundamentar a sua visão pós-modernista de tipologia, concordando com a ideia de que o “tipo” seria a regra, aquilo que está mais próximo da essência da arquitetura. Reafirmando a colocação de Quatremère, ele diz que “tudo precisa de um antecedente, nada,

em gênero algum, vem do nada" (QUATREMERE DE QUINCY, 1825. In: PEREIRA, 2008, p.3 05). Porém, Rossi (1995) vai além ao fazer uma interpretação mais ampla do objeto arquitetônico quando o situa em seu contexto, sem tratar o tipo de forma isolada e sim como princípio básico de uma "arquitetura da cidade" (CORREIA, 2005, p. 45).

Com relação à idéia de funcionalismo, quando empregada na argumentação contrária ao conceito de tipo, Rossi (1995, p. 27) chama-a de ingênuo e diz que toda a tentativa de se explicar os fatos urbanos através da função deve ser repelida. Pois, segundo ele, podem ser encontrados exemplos de fatos urbanos cujas funções mudaram com o tempo ou mesmo onde não há função específica.

Rossi (1995, p. 27) também expõe que se o tipo se torna constante então ele se faz presente em todos os fatos urbanos e, por consequência, torna-se um elemento cultural. Desta forma, a tipologia não é somente lida nas edificações como também nas cidades. O autor exemplifica seu argumento através da relação entre edifícios de planta central e as cidades monocêntricas.

Já para Correia (2005, p. 30), a percepção do vínculo existente entre a análise tipológica e a preservação do patrimônio ocorre quando são reconhecidas as permanências tipológicas que vão definir a identidade da arquitetura e do lugar, através da memória e da história, visto que, segundo argumenta Colquhoun (NESBITT, 2006, p. 274), os artefatos arquitetônicos são codificados por camadas de significação cultural e histórica e, no ato de sua descodificação, a tipologia se mostra como um instrumento da memória cultural.

Como se pôde ver no breve panorama feito, apesar de algumas divergências entre as teorias analisadas, verifica-se que existe um censo comum sobre a visão do "tipo" como um elemento primordial para o entendimento da arquitetura e para sua classificação.

A tipologia há muito vem sendo empregada porque é a ferramenta capaz de enriquecer o conhecimento em torno do repertório arquitetônico. A leitura feita a partir de tipologias permite contar a história da arquitetura situando-a em seu contexto técnico-científico e sócio-cultural. Além disto, os teóricos contemporâneos são unânimes na afirmação de que todo o processo

projetivo possui uma etapa inicial que é estruturada em uma análise da arquitetura precedente.

A tipologia é vista como um “catálogo de soluções gerais para problemas de composição arquitetônica, idealizado até o mais alto nível diagramático” (NESBITT, 2006, p. 51). Toda a produção arquitetônica está veiculada a utilização do “tipo”, pois ou ela altera algum tipo ou contribui na formação de um novo. Este processo parte da comparação de formas individuais para extrair os padrões formais comuns que são essenciais para as edificações.

É evidente que diferentes conceitos de tipologia geram diferentes ferramentas de análise e, por isto, somente utilizando conceitos correspondentes ao contexto analisado se pode ter um sentido historiográfico da arquitetura (MEDEIROS, 2005, p. 4). Um dos traços recorrentes da arquitetura historicista é a associação da função da edificação a um determinado estilo, como os prédios religiosos, que são freqüentemente relacionados aos estilos medievais, os pavilhões voltados ao lazer, que são ligados aos estilos exóticos e os monumentos públicos, que muitos acreditam remeter ao neoclássico ou neo-renascimento (PEREIRA, 2004, p. 150). Isto culmina em uma tipologia regida pela dicotomia estilo/função que nem sempre consegue representar o repertório arquitetônico em sua totalidade como ocorre em muitos casos contidos no amplo universo das tipologias industriais. Neste sentido, Panerai (1983, p. 132) coloca que a tipologia é um instrumento e não uma categoria. Permite dirigir o estudo dos fenômenos urbanos e funciona como uma proposição para a condução e a base para a criação.

3.2. A Preservação do Patrimônio Industrial e a contribuição da análise Tipológica

Até meados do século XIX, a arquitetura destinada à indústria era produzida a partir de modificações e adaptações de tipologias que caracterizavam outra função precedente a esta. O que quer dizer que antes que surgisse uma tipologia própria da produção industrial já existia a idéia de fábrica como local para esta atividade. A partir do século XX, a arquitetura destinada às fábricas teve de adequar-se aos novos sistemas produtivos,

novas tecnologias e equipamentos que requeriam um espaço fabril que absorvesse as necessidades produtivas que então se apresentavam. A arquitetura industrial num primeiro momento estava centrada no atendimento das exigências das técnicas de produção fabril e dos novos materiais empregados nas edificações. Posteriormente a construção desta tipologia buscou satisfazer as mudanças ocorridas nas diretrizes acerca da fiscalização dos esquemas de trabalho (MOREIRA, 2007, p. 121).

O interesse por estudar essa tipologia é atual e teve início a partir do momento em que os remanescentes da arquitetura industrial começaram a ser percebidos como bens patrimoniais, tradutores de memória e cultura, que necessitavam de certa urgência na formulação de instrumentos para sua preservação, pois passaram um grande tempo sem que suas características formais fossem identificadas como dignas de políticas de salvaguarda.

Atualmente, com a nova concepção de patrimônio em vigor mais abrangente, já existe uma vasta gama de trabalhos que buscam compreender a arquitetura industrial utilizando-se para isto a análise tipológica.

Kühl (2009), em sua recente publicação “Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização”, afirma ser imprescindível o estudo do conjunto de elementos que constituem uma unidade fabril e dos adjacentes a sua produção, tais como os meios de transporte, uma estação ferroviária, etc., analisando-os por tipologia. Em seu trabalho, a autora descreve como a análise deve proceder para situar a unidade fabril em seu contexto territorial e sociocultural, demonstrando um afinamento com as teorias contemporâneas das análises tipológicas anteriormente explicitadas:

(...) deve ser feito um estudo da distribuição no espaço das edificações, um levantamento métrico-arquitetônico de cada uma delas, exame e documentação de vestígios materiais ligados à produção e um extenso registro fotográfico. É preciso também aprofundar os estudos histórico-documental e iconográfico, através de fontes escritas ou gráficas, e a análise de testemunhos orais etc., que se refiram aos edifícios, à produção e ao trabalho (KÜHL, 2009, p. 47).

Seguindo essa linha metodológica destaca-se, também, o trabalho da arquiteta Esterzilda Berenstein Azevedo (1990) que ao pesquisar a arquitetura dos engenhos de açúcar do Recôncavo Baiano, sob um viés mais abrangente,

abarcou o estudo das técnicas ali empregadas, o levantamento dos tipos de energia implantados e como síntese percebeu as relações desta tipologia arquitetônica com a estrutura da sociedade da época, suas hierarquias, estrutura familiar, comunicação social, dentre outras peculiaridades. Segundo a autora, a relação arquitetura-sociedade fica mais transparente quando é descrito o chamado quadrilátero principal do engenho de açúcar, seu arranjo espacial e os materiais utilizados em cada um dos edifícios. Nos engenhos de açúcar do Recôncavo Baiano, em uma posição mais elevada, situavam-se a capela e a casa-grande, e, em um plano mais baixo da topografia do terreno, a fábrica, a casa de purgar, a senzala e as moradias dos trabalhadores livres (fig. 6). A posição mais elevada permitia aos senhores de engenho um maior controle sobre a sua propriedade o que era condizente com a sociedade em questão, escravocrata (AZEVEDO, 1990, p.96).



Figura 6- O Engenho por Frans Post (1668)

Fonte: <<http://people.ufpr.br/~lgeraldi/imagensengenhos.html>>. Acesso em 15 de dezembro de 2010.

Outros trabalhos têm sido desenvolvidos no esforço de conhecer o repertório da arquitetura industrial e sua história através de análises de “tipos”, tais como a investigação tipológica da arquitetura das fábricas paulistas de louça doméstica e o estudo acerca da arquitetura ferroviária e industrial em São João Del-Rei e Juiz de Fora (MOREIRA, 2007). No primeiro caso o estudo busca mostrar, através da análise da metodologia da história, das tipologias

arquitetônicas, das técnicas construtivas tradicionais e da arqueologia industrial, a multiplicidade dos temas inerentes ao patrimônio industrial e no segundo caso são expostas algumas tendências, estudadas pela autora quanto aos aspectos formais e de organização espacial e o predomínio da recorrência à linguagem de uma corrente estilística (o ecletismo) como referência formal nas edificações.

Reconhecer e preservar o patrimônio de forma adequada em toda a sua abrangência, abarcando todas as suas especificidades, requer um amplo trabalho de levantamentos arquitetônicos e documentais capazes de preencher lacunas informativas e de cunho metodológico correspondentes ao tema, principalmente no que tange aos aspectos materiais, onde se encontram os estudos dos “tipos” (PEREIRA, 2007, p. 24). Esses estudos tipológicos, juntamente com as investigações históricas, auxiliam na comunicação entre os elementos definidores da paisagem urbana e as múltiplas culturas responsáveis por sua materialização (PEREIRA, 2007, p. 118).

A forma de análise de tipos é incentivada por um dos principais instrumentos criados para a preservação de bens arquitetônicos, a Carta de Nizhny Tagil (2003) que versa sobre o patrimônio industrial. Esta indica, como meio de se obter maior conhecimento sobre as unidades fabris, a execução de levantamentos de campo e a criação de tipologias industriais (TICCIH, 2003).

O que se pretende não é defender que se conservem os remanescentes da arquitetura da industrialização de forma integral e sim demonstrar que a análise tipológica aponta traços característicos das edificações, ainda negligenciados, que podem e devem servir de subsídio para as intervenções futuras, muitas vezes necessárias para garantir a vida funcional.

Segundo Santos (1996, p.185), para se poder atrair atividades competitivas há de se ter uma renovação técnica significativa e esta vai exigir adaptações da arquitetura que absorvam as necessidades da produção em sua contemporaneidade. A adaptação feita de modo coerente e a adoção de novos usos podem ser fundamentais para a sobrevivência do edifício, desde que se dê sob o controle legal correspondente, seguindo as determinações dos conselhos técnicos e podendo receber até incentivos fiscais (TICCIH, 2003).

A própria natureza das formas inerentes a tipologia industrial, caracterizada por edificações sóbrias e sólidas, propicia mudanças por serem de fácil manutenção e de amplos espaços livres, facilitando a sua adaptação a diversos usos, público ou privado (CHOAY, 2001, p. 219).

As mudanças são a marca do nosso tempo, por isso torna-se fundamental “investigar o papel que as modificações de soluções-tipo desempenham com relação aos problemas e soluções que não têm precedentes em qualquer tradição” (COLQUHOUN, 2006, p. 282).

A investigação tipológica permite instrumentalizar as novas construções, que irão dialogar com as preexistências ou com os acréscimos feitos, para que sejam realizadas de maneira mais coerente e com algum suporte teórico que justifique a maneira através da qual está ocorrendo a intervenção.

A nova construção não só se aproxima fisicamente da que já está ali, formando com ela uma linguagem visual e espacial, mas também repercute em uma nova interpretação do material histórico com a qual ela tem que dialogar. Segundo Rubiò (2006, p. 259):

Extraindo da análise tipológica uma primeira aproximação às suas leis internas, o projeto surge como um compromisso entre os modos peculiares à tradição moderna, que se baseiam na independência da nova e da velha estrutura, e a correspondência dimensional, tipológica e figurativa entre novas e as velhas partes, na tentativa de criar uma correlação mútua capaz de unificar a totalidade do complexo arquitetônico.

É possível perceber a vasta operacionalidade que a tipologia apresenta no âmbito das estratégias políticas do patrimônio arquitetônico, quando permite que este seja compreendido em sua totalidade. Esta compreensão mais abrangente é entendida atualmente como sendo primordial para a elaboração de medidas eficazes para salvaguardar a história da arquitetura que, como foi visto, repercute na preservação da história da própria cidade e de suas dinâmicas sócio-culturais.

As características evidenciadas pela análise tipológica podem+ espelhar os costumes, tradições e os valores culturais da sociedade e serão usadas para a valoração dos elementos que compõem um patrimônio industrial. Estas servirão de embasamento para avaliar a melhor forma de

harmonizar as novas construções ou ampliações com os bens patrimoniais preexistentes.

CAPÍTULO IV - O Patrimônio Industrial Pelotense

A industrialização na cidade de Pelotas, RS, teve seu início a partir da atividade econômica que se desenvolveu neste território em um período anterior à sua fundação como freguesia (sete de julho de 1812), o da produção do charque.

Segundo Grando (1989, p. 103), foi na região de Pelotas que tiveram início as primeiras manifestações industriais do Rio Grande do Sul, correspondentes ao preparo e beneficiamento da carne salgada, o charque (1780).

Gutierrez (2001, p. 47 In: AGUIAR, 2009, p. 29) relata em seu trabalho que a primeira fábrica de salga de carne de Pelotas, local conhecido como charqueada, ocorreu nos últimos anos da década de 70, século XVIII, às margens do Arroio Pelotas, e era de propriedade do português José Pinto Martins. Segundo a autora, as charqueadas caracterizaram o início da industrialização e foram responsáveis pela posição de destaque que a cidade ocupou durante o período em que a produção de carne salgada desenvolveu-se na região Sul.

O charque produzido, exportado a altos preços, principalmente para a região nordeste do país, fez com que os charqueadores industrialistas acumulassem uma grande riqueza o que refletiu em uma transformação da produção arquitetônica na cidade de Pelotas. Os charqueadores, que possuíam as sedes das charqueadas nas margens do arroio Pelotas, passaram a construir na zona urbana casarões e sobrados de traços arquitetônicos europeus, devido à construção destes ser realizada por engenheiros vindos da Europa (MARTINS, 2005, p. 74).

A riqueza advinda das charqueadas também foi responsável por mudanças no cenário urbano pelotense:

Uma parte significativa da riqueza acumulada com a pecuária e indústria saladeiril era reinvestida na modernização da paisagem urbana. Deste modo, surgem nestas cidades de forma recorrente equipamentos urbanos próprios da época; praças remodeladas conforme conceitos de paisagismo e espaço público influenciados pelas idéias vindas da França e Inglaterra; construção de teatros. (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006, p. 2)

Contudo, segundo estudo da Fundação de Planejamento Urbano e Regional de Pelotas (FUPURP, 1983, p. 16), a produção charqueadora apresentava uma contradição de relevante importância. Se por um lado obtinha condições favoráveis de articulação com o contexto nacional em suas exportações, por outro lado, a sua forma de produção utilizando mão-de-obra escrava apresentava-se como um obstáculo, pois impedia o desenvolvimento capitalista e condicionava a evolução social do trabalho, fundamental à expansão do mercado local. Durante o Segundo Império, a região gaúcha que compreendia a atividade charqueadora apresentava um dos maiores contingentes de cativos africanos do país e Pelotas era responsável pela maior concentração (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006, p. 4)

Além disto, a produção do charque também enfrentava constantes crises no que diz respeito a preços de seus produtos por causa das contradições entre os interesses da Coroa portuguesa, dos criadores de gado e dos charqueadores. (CRUZ apud AGUIAR, 2009, p. 61)

Estes fatores, aliados à modificação dos hábitos alimentares, e, sobretudo, ao progresso das técnicas de refrigeração, culminaram na decadência das charqueadas, iniciada durante a primeira guerra mundial (1914-1918). No século XX, no ano de 1920, o charque começou a perder gradativamente seu papel na alimentação da população e por volta de 1930 a atividade charqueadora encerrou seu ciclo com o fechamento da última charqueada pelotense. (FUPURP, 1983, p. 16)

No período final da crise da economia charqueadora surgiram novas alternativas para a economia pelotense. Os próprios charqueadores começaram a pensar em outras formas de investimento, explorando ramos como a fabricação de sabão e velas, fiação e tecidos, dentre outros. (AGUIAR, 2009, p. 53)

Assim começou a diversificação da indústria pelotense, ainda em meio ao regime escravocrata e em área de charqueadas. Esta mudança de rumos da produção é creditada aos chamados “burgueses imigrantes”, que foram conquistando o espaço antes ocupado pelos tradicionais senhores charqueadores e imprimindo sua mentalidade empreendedora na economia local (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006, p. 5).

A localização das novas fábricas não seguia uma rígida setorização, mas pode-se demarcar a concentração destas, principalmente, em função dos acessos portuário e ferroviário (CRUZ apud AGUIAR, 2009, p. 64).

Lopes (2009, p. 6) traça dois padrões para a localização da indústria pelotense no tecido urbano. O primeiro:

(...) se refere à localização intra-urbana, no qual as indústrias se distribuíam entre a zona portuária e a estação da ferrovia, ao longo do ramal ferroviário que conectava o porto a estação. Esta zona industrial incluía, além do mais, o entorno da estação ferroviária, a Avenida Saldanha Marinho, as margens do arroio Santa Bárbara e a Avenida 20 de setembro, no entorno da usina elétrica da companhia Light & Power.

E o segundo padrão estaria na zona norte de Pelotas onde se situaram engenhos de arroz e a Fábrica Lang. De acordo com o autor, as fábricas do segundo padrão se estabeleceram nesta região pela proximidade de acesso as fontes de matérias-primas. (Ibidem, op. cit. p. 6)

Nesta nova etapa da economia, que ocorreu no final do século XIX, Pelotas e a cidade de Rio Grande, localizada 68 km mais ao Sul, tornaram-se os dois principais núcleos da primeira fase da industrialização no Estado. No final deste século, a indústria têxtil já havia assumido importante papel no desenvolvimento das duas cidades (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006, p. 5).

Esta fase de industrialização de Pelotas deixou uma herança arquitetônica bastante significativa que compõe hoje o patrimônio industrial urbano. Nesta gama de edifícios sobressaem-se alguns exemplares como símbolos da industrialização, que são bastante citados na bibliografia que trata do patrimônio cultural material da cidade. São eles: a Fábrica de Sabões e Velas (1871) de Frederico Carlos Lang; a Cervejaria Ritter (1876); A Estação Férrea (1884); a Cervejaria Rio-Grandense (1889) que em 1944 foi vendida a Cervejaria Brahma; a Fábrica de Curtumes (1895); a Companhia Fiação e Tecidos pelotense (1908); o Frigorífico Anglo (1919); o Moinho Pelotense (1925); e a Laneira Brasileira (1949).¹⁶

No início do século XX, o período do apogeu econômico-industrial de Pelotas sofreu um enfraquecimento devido a questões de ordem política que

¹⁶ Sobre a história destas edificações e características arquitetônicas consultar: Moura e Schlee, 1998; Leon, 1993, v.1 e v.2; Peixoto e Cerqueira, 2006.

culminaram no favorecimento econômico da capital, Porto Alegre, e da região da Serra. Dentre estas, citam-se a encampação do *Porto de Rio Grande* (1919) e a liquidação do *Banco Pelotense* (1931) (PEIXOTO; CERQUEIRA, 2006, p. 6).

Neste cenário, no período de 1980 a 1990, a região de Pelotas presenciou o fechamento de importantes fábricas que foram decretando falência (*Ibidem*, op. cit. p. 6). Na tentativa de reduzir o impacto do empobrecimento da região, a prefeitura da cidade lançou estratégias para reverter o quadro como a criação de um distrito industrial através da lei nº2096, de seis de dezembro de 1973, destinada à instalação de estabelecimentos fabris. Todavia, o município não conseguiu recuperar o prestígio econômico de outrora e a realidade atual é de um grande empobrecimento da cidade, onde os edifícios que simbolizam o apogeu da economia industrial, em sua grande maioria, sofrem com o abandono e ficam sujeitos às ações do tempo.

4.1. A industrialização Rural e o Ramo de Produtos Alimentares

A vinda de imigrantes para o estado do Rio Grande do Sul foi impulsionada pela política de imigração do governo federal, que visava à ocupação das terras através do uso da “mão-de-obra branca” com o intuito de assegurar sua posição hegemônica nas regiões de fronteira (BETEMPS; VIANA, 2008, p. 4) e pelo declínio da economia do charque na cidade de Pelotas (GRANDO, 1989, p. 18). Em função disto, a partir de 1824, o Estado já recebia um grande contingente de imigrantes europeus.

Segundo Grando (1989, p. 18), a imigração de agricultores europeus se tornou uma esperança de renovação econômica para o Sul. Os charqueadores apossavam-se de terras lindeiras às suas, transformavam-nas em colônias e as vendiam aos imigrantes europeus.

No território que hoje é Pelotas a presença dos imigrantes é identificada desde a fundação da Freguesia de São Francisco de Paula (1812), mas é com a instauração da Cidade de Pelotas, aliada ao fim do conflito Farroupilha (1845) que toda a opulência e riqueza provenientes da indústria do charque passaram a atrair os imigrantes (BETEMPS; VIEIRA, 2008, p. 12).

O apogeu da colonização em Pelotas ocorreu no transcorrer da década de 1880, quando foi criada a colônia francesa de Santo Antônio, que é considerada a primeira a apresentar claramente interesses especulativos (BETEMPS; VIEIRA, 2008, p. 12).

A colônia francesa de Santo Antônio, hoje pertencente ao sétimo distrito de Pelotas, Distrito do Quilombo, tinha a sua produção destinada ao comércio, sobretudo de alfafa (alimento dos cavalos das charretes urbanas), vinho e suínos (BETEMPS; VIEIRA, 2008, p. 18).

Apesar de não se poder precisar a data em que começou o cultivo da uva, sabe-se que a primeira vinícola de que se tem registro em Pelotas era de propriedade do francês Amadeo G. Gastal e localizava-se em Monte Bonito, distrito situado à 18 km da cidade (GRANDO, 1989, p. 86).

A produção francesa de uva era vista como bem sucedida apesar de um tanto instável, sendo que, conforme relata Grando (1989, p. 88), em 1911 havia, aproximadamente, 350.000 pés de videiras plantadas. Porém, a fabricação ainda se mantinha em moldes artesanais domésticos, o que a colocava em posição de atraso em relação às vinícolas da serra gaúcha que já implantavam um processo industrial de produção.

Mais tarde, não podendo mais competir com as vinícolas da Serra, o agricultor francês Amadeo G. Gastal redireciona seus esforços para a fruticultura. As antigas fábricas de vinho sofreram adaptações para abarcar a nova produção. A fruticultura, que era, inicialmente, apenas para o consumo próprio, viria a ser mais tarde considerada o maior legado dos agricultores franceses a Pelotas através das compotas, dos doces de massa e dos frutos cristalizados (BETEMPS e VIEIRA, 2008, p. 18).

De acordo com BACH (2009, p.15), a colônia francesa Santo Antônio foi responsável pelo surgimento no ano de 1900 da primeira indústria rural de compotas de pêssego em calda, de propriedade de Augusto Pastorello, de origem italiana, porém criado na França. O estabelecimento foi erguido ao lado da casa do Senhor Pastorello (BACH, 2009, p.15).

No inicio do século XX, a cultura da fruticultura ganhou força e se desenvolveu graças à situação privilegiada do estado do Rio Grande do Sul que possui áreas que estão entre as raras regiões brasileiras com condições

ecológicas propícias ao cultivo de frutas. Dentre elas a cidade de Pelotas se destaca. E no município, a Colônia Santo Antônio

(...) encontra- se na origem do que consiste hoje na maior região brasileira produtora de pêssegos, e suas fábricas rurais abriram o caminho para uma indústria tornada essencialmente urbana e que vem a ser a maior concentração industrial de conservas vegetais do País. (GRANDO, 1989, p. 16)

A atividade econômica do cultivo de frutas foi se destacando em todo o país e com o passar dos anos o número de indústrias rurais foi se ampliando, auxiliando no desenvolvimento de um setor produtivo que crescia muito em Pelotas, o de alimentos. Segundo dados notificados pela Fundação de Planejamento Urbano e Regional de Pelotas (FUPURP, 1983, p. 20), no ano de 1950, na cidade o ramo denominado Produtos Alimentares representava mais de 65% do valor da produção industrial e 34% dos estabelecimentos produtivos.

Foi através da produção de pêssego em calda nos pequenos estabelecimentos rurais que Pelotas ficou conhecida nacionalmente, atraindo investimentos até possuir a maior produção de compotas de pêssego em calda do país.

Apesar de todo o crescimento econômico, na década de 70 ocorreu o declínio e a falência das fábricas de doces localizadas em zona rural. Os motivos que apontam para a decadência das chamadas agroindústrias passam por questões políticas e sanitárias.

De acordo com Grando (1989, p.112-113), por volta de 1970 ocorreu o período que se denominou “milagre econômico”, marcado por incentivos do governo federal à produção industrial que culminaram em profundas transformações no parque industrial de conservas. Segundo análise da FUPURP (1983, p. 22):

Boa parte dos problemas da indústria de alimentos está baseada no modelo de crescimento capitalista estimulado pelo governo federal desde 1967. A concentração do capital e da renda, a orientação da produção para um mercado de elite e externo em detrimento do mercado interno de consumo de massa, limitam as possibilidades de crescimento de ramos, como Produtos Alimentares.

Grandes unidades fabris de produtos alimentares, detentoras de aporte tecnológico avançado, foram instaladas no centro do país e entraram em uma desleal competição com as empresas localizadas em Pelotas, possuidoras de menor tecnologia visto que eram, sobretudo, de caráter artesanal. A crise atingiu o seu ápice quando as grandes empresas instalaram-se em Pelotas (BACH, 2009, p. 175).

Na mesma época, com fins de controlar a atividade produtiva e as suas instalações, surgiram novas leis de ordem sanitária. Itens como a limpeza e a utilização de azulejos nas paredes, dentre outros, eram analisados por fiscais da saúde. Estas novas normas disciplinares acabaram por afastar do mercado os fabricantes artesanais.

Atualmente, apesar de o número de fábricas de doces ter sofrido uma queda significativa, a tradição doceira ainda se mantém viva em Pelotas. Conforme demonstrado no Inventário dos Doces Tradicionais Pelotenses (2009), as formas artesanais de produzir doces, com a utilização de frutas, em sua maioria, permanecem sendo desenvolvidas por famílias ou pequenas fábricas na zona rural. Muitas delas demonstram preferência por usar artefatos que consideram tradicionais como o tacho de cobre, a colher de pau e o fogão a lenha.

4.2. O Espaço da Produção dos Doces Coloniais.

Assim como as charqueadas, as indústrias que fabricavam doces em compotas também se localizaram próximas aos arroios, pois se utilizavam destes para captar água para o processamento da fruta, para a limpeza do local e o escoamento de seus produtos (BACH, 2009, p. 31).

É através da descrição de Grando (1989, p. 30) sobre as casas da colônia que se pode ter uma idéia da arquitetura das fábricas artesanais que se instalaram na região, já que, em alguns casos, estas são fruto da adaptação de construções residenciais:

De um modo geral, as casas da Colônia são de um só piso, com um pequeno porão e de um estilo arquitetônico característico das regiões onde ocorreu o predomínio da pecuária de corte no Rio Grande do Sul (...). Algumas das raras construções de pedras, do final do século passado, conservam-se ainda na Colônia.

Nas fábricas artesanais os fatores arquitetônicos, condicionantes importantes na organização dos espaços, são o modelo de produção, e o dimensionamento do espaço físico. Estes importantes condicionantes na organização dos espaços internos estão identificados na classificação realizada pelo Inventário dos Doces Pelotenses (2009) que conceitua três diferentes tipos de ambientes produtivos:

Ambientes artesanais: são manufaturas familiares, com produção artesanal na qual se utiliza fogão à lenha, tacho de cobre, pá de madeira. Para a conservação da matéria prima empregada na feitura dos cristalizados, utiliza-se a técnica de armazenamento da fruta em bombonas com acréscimo de pequena quantidade de conservantes. Ambientes semi-industriais: são manufaturas familiares em processo de adequação às exigências dos órgãos da saúde e regularização da atividade econômica. Neste ambiente trabalham, predominantemente membros da família do produtor, juntamente com um número pequeno de empregados vindos de outras famílias, da vizinhança, principalmente em período de safra. Estas fábricas semi-industriais trabalham com tachos de inox movidos à caldeira externa, mas sem descartar o uso do tacho de cobre, principalmente na retirada do doce, quando pronto, do tacho de inox para ser embalado. Nestes ambientes a conservação ocorre da mesma forma que no meio artesanal onde a fruta é armazenada em bombonas. Ambientes industriais: as unidades industriais (...) encontram-se, na sua grande maioria, no perímetro urbano de pelotas (...). Possuem tachos de inox movidos à caldeira externa, alimentadas por combustão à lenha (...)

O produto que a empresa manufatura também é relevante para se estabelecer o tipo de ambiente que suportará esta produção. Na análise deste aspecto, como suporte referencial, tem-se as informações do INRC- Produção de Doces Tradicionais Pelotenses (2009)¹⁷, que contém dados sobre o local de produção de cada tipo de doce. O Inventário aponta que as instalações de compotas de pêssego, figo ou abacaxi, geralmente, possuem cinco principais instalações, que são: escritório, refeitório, depósito, descarga e instalação de produção efetiva.

As instalações onde o figo cristalizado é produzido são compostas por tachos de inox movidos por combustão de uma caldeira externa, local ventilado e iluminado onde os tachos de inox encontram-se instalados, e local para a secagem.

¹⁷ INRC- Inventário Nacional de Referências Culturais. Trata-se de metodologia adotada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN objetivando a produção de conhecimentos sobre os domínios da vida social.

No caso da marmelada branca, a organização do espaço da manufatura costuma se dividir entre cinco e seis ambientes, os quais são: *ambiente de recepção de frutas*; setor onde as frutas são descascadas, desencarоçadas, despolpadas e armazenadas; *ambiente com forno à lenha*, onde ficam os tachos de cobre; *ambiente de montagem do doce*; *ambiente externo onde os doces secam ao sol* e, por fim, *o ambiente de comercialização*.

Esta primeira noção a respeito do espaço de produção de doces em ambiente rural servirá como base para nortear a investigação proposta por esta pesquisa. Espera-se que através da análise de tipologias sejam verificadas as principais similaridades e discrepâncias entre as fábricas pré-selecionadas.

CAPÍTULO V - Fábricas rurais de Doces de Pelotas: Análise tipológica

5.1. Análise tipológica: Construindo um Instrumento

A análise tipológica é um processo complexo e a maioria da bibliografia traz uma abordagem a respeito de tipologias consagradas como residenciais e sacras. Tratar da tipologia arquitetônica de edifícios industriais, especialmente em meio rural, implica em um trabalho minucioso de escolha de variáveis afinadas com a atividade fabril que possam indicar similaridades e individualidades nos objetos estudados.

O método de estudo utilizado na análise tipológica das fábricas rurais de doces de Pelotas apoiou-se não apenas em conceitos teóricos, mas buscou trazer de cada autor estudado a contribuição necessária para proceder à investigação. Foram pesquisados não só autores que trouxeram uma teorização do tipo, mas também aqueles que utilizaram a análise tipológica de modo prático. Primeiramente, foi de suma importância o trabalho de Panerai (1983), através do qual se delineou a estrutura geral deste estudo. O autor indica os passos a serem seguidos para se chegar à construção de uma tipologia. A primeira etapa se refere à definição do corpus, representado neste trabalho pelas fábricas de doces rurais. É quando são selecionados objetos pertencentes ao mesmo nível de leitura e quando se delimita a zona de estudo:

É importante saber se vai se fazer uma análise exaustiva, na qual se consideram todos os objetos em detalhe, ou uma análise representativa (em forma de sondagem) em que será necessário determinar as amostras, e logo verificar, depois elaborado os tipos, que são representativos de toda a zona (PANERAI, 1983, p. 139)

A escolha das fábricas foi realizada com o intuito de compor um conjunto que pudesse representar uma ampla gama de tipos de arquitetura industrial rural encontrados no universo da produção doceira pelotense. Para tanto, foram observadas as fábricas catalogadas por Bach (2009), que buscou identificar todas as que produziam pêssego em calda, no período de 1950 a 1970. Destas foi selecionada uma amostragem de oito fábricas, localizadas na área de concentração de pomares, identificada no Acervo da Secretaria

Estadual de Agricultura, no ano de 1960, na parte hachurada do mapa da figura 7.



Analisaram-se fábricas em pleno funcionamento, 50% da amostragem, e também as já desativadas. Além disto, também foram selecionadas fábricas de portes diferentes para ampliar os tipos a serem analisados. É importante salientar que a facilidade de acesso também foi um critério utilizado na escolha dos objetos de pesquisa, assim como características formais e localização de algumas. A facilidade de acesso, na maioria dos casos, estava mais diretamente ligada à possibilidade de contato com o responsável pela fábrica e a sua disponibilidade em abrir suas portas do que, propriamente, ao acesso

físico ao local. As fábricas selecionadas foram: Fábrica de Nelson Crochemore, Fábrica de Nestor Crochemore, Red Indian S/A Indústria e Comércio, Indústria de Conservas Patzlaff, Fábrica de Conservas Schaun, Fábrica de Albino Saalfeld, Fábrica de Arthur Schiller e Fábrica de João Casarin.

A segunda etapa descrita por Panerai (1983, p.147) refere-se à descrição exaustiva dos objetos de “classificação prévia”, nos quais “notas, croquis, fotografias, traçados anteriores, cadastros, permitem secundar a memória e estimulam melhor a observação”. Em sua teoria, o autor enfatiza que, como os critérios de análise variam de acordo com a natureza dos objetos, o momento de escolhê-los é o mais delicado da análise. Nesta etapa do trabalho o estudo de outros autores foi fundamental para preparar de forma mais completa possível o instrumento de análise.

Aldo Rossi salienta a importância em se considerar, no momento da análise, os edifícios como parte do todo que é a cidade (ROSSI, 1995, P.24). Panerai (1983, p.153) reforça este pensamento quando define tipologia como “conjunto dos tipos e das suas relações” e indica que se situem os tipos em um sistema global e define ainda a “tipologia edilícia” (1983, p.127) como sendo aquela que “engloba na só os edifícios, mas também os muros, as ruas, os jardins, o marco da cidade, com o fim de classificá-los em relação à forma urbana de um período histórico determinado”.

A partir das teorias de Panerai (1983) e Rossi (1995) fez-se a primeira parte da descrição dos critérios de análise das unidades fabris rurais, procurando descrever o local onde estas estão implantadas, caracterizar a localidade, observar a relação do objeto com a estrada e com as construções vizinhas e o seu impacto na região.

No momento do estudo em que se trata do edifício em si, é utilizada a classificação proposta por Argan (2000). Segundo ele

(...) normalmente as tipologias arquitetônicas são diferenciadas segundo três grandes categorias, a primeira das quais compreende configurações inteiras de edifícios, a segunda, os grandes elementos construtivos, a terceira, os elementos decorativos. Exemplo da primeira categoria são os edifícios de planta central ou longitudinal; da segunda, as coberturas planas ou em cúpula, os sistemas arquitravados ou em arcos; da terceira, as ordens das colunas, os detalhes ornamentais, etc.

A partir do acima exposto, foram traçados os primeiros parâmetros gerais de investigação das edificações fabris, lembrando que se considerou a

terceira categoria de Argan (2000) inaplicável a esta amostragem porque os prédios das fábricas são compostos de fachadas simples, sem ornamentação, situação típica da arquitetura industrial especialmente implantada em um ambiente rural.

Para complementar a elaboração dos critérios de análise dos edifícios fabris, buscou-se auxílio na obra de Cervellati (1976), na qual o autor se utilizou de estudos de morfologia urbana e de tipologia para elaborar o Plano para o Centro Histórico de Bolonha. Em seu estudo, Cervellati exemplifica os itens que podem condicionar as características tipológicas arquitetônicas de prédios industriais, sendo estas o sistema estrutural portante, a técnica construtiva, os parâmetros dimensionais utilizados, os materiais empregados segundo a tradição local, etc. Além disso, chama a atenção para a investigação funcional do objeto:

O estudo tipológico tem levado a uma individualização de tipos arquitetônicos por meio das análises das características estruturais, dimensionais e distributivas (organização espacial) e das necessidades de uso (organização funcional). Estas análises pretendem, a nível de pesquisa e de representação, definir as condições e as margens de transformação de cada uma das categorias tipológicas individuais até o momento atual (CERVELLATI, 1976, p. 33).

A definição dos últimos critérios de análise das unidades fabris, os quais foram chamados de “apreciação dos ambientes externos”, baseou-se fundamentalmente em alguns parâmetros de avaliação topoceptiva¹⁸ de Kohlsdorf (1996), julgados adequados a descrição desta amostragem. A autora trabalha com parâmetros para a análise de quarteirões, paisagens urbanas e ruas. Como as fachadas das fábricas em análise se mostraram muito complexas por, na maioria dos casos, serem constituídas de diversos prédios, utilizou-se como itens de avaliação topoceptiva o estudo das cores e dos materiais, a análise de proporções, a verificação de linhas ordenadoras, a relação entre os espaços cheios e os vazios e a existência ou não de simetria.

Após a fase de descrição das fábricas selecionadas e avaliação das características não comuns identificadas, seguindo as teorias de Panerai

¹⁸ A análise topoceptiva busca observar o comportamento dos espaços urbanos em termos de identificação e orientação das pessoas. Ver em Kohlsdorf, 1996, p. 72.

(1983, p. 148), foram elaborados os tipos arquitetônicos existentes. Ao final do processo foi feita a construção da tipologia, agrupando os tipos que apresentarem similaridades entre si.

No desenvolvimento do trabalho procurou-se conhecer não apenas a forma arquitetônica das fábricas rurais doceiras de Pelotas como, também, os hábitos e modos de fazer de cada uma, segundo os preceitos de Cervellati:

A tipologia dos edifícios nasce de toda a série de funções da forma de habitar humana (isto é, uma constância de modos e formas de viver que foram se materializando em edifícios similares), as quais, em relação a sua organização recíproca e a seu significado, foram se unindo segundo uma certa forma espacial e uma certa agregação estrutural e cujo “tipo construtivo” se pode chamar: igreja, convento, palácio, residência, hospital, etc. (CERVELLATI, 1976, p. 34)

Por fim, faz-se imprescindível enfatizar que:

(...) o critério tipológico não conduz a resultados definitivos: seja porque são muitos e diversos os temas sobre o qual pode-se proceder a catalogação (função, estrutura, planimetria, esquemas formais, modos ornamentais, etc.) seja porque, constituída uma classe é sempre possível subdividi-la ulteriormente em outras classes mais específicas, com um processo que se detém apenas sobre a obra de arte singular, *unicum*. (ARGAN, 1966, p. 1)

5.2. Caracterização das fábricas de doces pelotenses, localizadas na zona rural

5.2.1. Indústrias Reunidas Crochemore - Nelson Crochemore

A fábrica de doces Indústrias Reunidas Crochemore começou a funcionar em 1950, quando o Senhor Nelson Crochemore iniciou a trabalhar com pêssego em uma antiga cantina de vinho, localizada no 7º distrito de Pelotas, atualmente denominado de Quilombo. Em 1952, o Senhor Nelson fez uma sociedade com o irmão Nilo Crochemore e um riograndino chamado Fuad Abdala Nader. Na empresa trabalhava como técnico o Dr. Reinaldo Maia que era ligado ao controle de produção de vinho da cidade de Rio Grande. As atividades da fábrica começaram em um pavilhão pequeno com o uso de motor a vapor e, pela primeira vez na colônia, do processo de “pelar” os pêssegos com soda cáustica. No rótulo das embalagens dos produtos fabricados era identificada a sociedade existente “Indústrias Reunidas Crochemore”. Todo o

trabalho era manual e foi aprendido observando as outras fábricas da colônia, como por exemplo, a fábrica Quinta Pastorello, construída em 1900, reconhecida como a primeira indústria rural de compotas de pêssego em calda na zona rural de Pelotas (BACH, 2009, p. 15). Na fábrica faziam de tudo: enlatavam, rotulavam e encaixotavam. Os produtos fabricados em Pelotas eram enviados a cidade de Rio Grande onde o Sr. Fuad fazia as vendas e, às vezes, exportava os produtos de navio. A fábrica chegou a produzir 30 mil latas por safra. Trabalharam durante duas safras (1952/1953) e, após falidos, desfizeram a sociedade. Nilo Crochemore ficou com o prédio da fábrica e Nelson Crochemore foi trabalhar sozinho “por comissão”, produzindo cerca de 10 mil latas/safra para a fábrica Red Indian. Em 1968, Nelson Crochemore começou novamente a enlatar, trabalhando com Lino Bauer, Ernesto Ney e Paulo Mülling (BACH, 2009, p. 98). A fábrica produzia e ainda produz doces de massa (figada, goiabada, pessegada), cristalizados, rapadura de leite, ambrosia e, também, itens de padaria como pães, cucas, etc.

1ª PARTE- RELAÇÃO COM O ENTORNO

Localização e Vizinhanças

A visita a fábrica Indústrias Reunidas Crochemore teve o acompanhamento de um dos filhos de Nelson Crochemore, o Sr. Ricardo Crochemore. Esta é localizada em um terreno de forma irregular na localidade de Vila Nova (Fig. 8), no 7º distrito de Pelotas, denominado de Quilombo.

A localidade de Vila Nova parece ser uma região propícia à instalação de fábricas de doces. Bach (2009), em seu registro de fábricas de compotas de pêssegos na zona rural de Pelotas, identificou, além desta em estudo, outras seis fábricas de conservas nesta localidade: Lorena, Carlito Saalfeld, Otávio Beskow, José Luiz Rodrigheiro e as fábricas de Nilo e Nestor Crochemore (fig. 9), as duas últimas localizadas a, aproximadamente, 150m da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.



Figura 8- Localização da Indústria Reunidas Crochemore, de Nelson Crochemore, e da fábrica de Nestor Crochemore. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2006.



Figura 9 – Vista da fábrica do Sr. Nestor Crochemore.

O 7º distrito é descrito por Silva (2009, p. 150) como local de profundas transformações onde são notadas, cada vez mais, “ocupações não agrícolas, a

procura por sítios de lazer ou mesmo a possibilidade da implantação de loteamentos, associadas a ingressos por interesses diversos". Uma panorâmica montada a partir da esquina da fábrica do Sr. Nestor Crochemore apresenta uma pequena amostra desta diversidade (fig. 10). Além disto, a autora ressalta os atrativos naturais presentes neste território como, por exemplo, os três cerros, a colônia municipal, a própria rede hídrica, dentre outros.



Figura 10 - Panorâmica a partir da fábrica do Sr. Nestor Crochemore.

Fonte: <<http://www.panoramio.com/photo/38711841>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2011.

Localizadas a poucos metros da fábrica, existem diversas edificações como, por exemplo, a Igreja Comunidade São Pedro (fig. 11) com uma arquitetura de tipologia sacra fácil de ser identificada, que utiliza tons pouco saturados em sua fachada, e a Cantina Ribes (fig. 12) com uma arquitetura de linhas simples caracterizada pela utilização de varanda na fachada principal. Este restaurante é bastante conhecido na região e é indicado por sites de turismo rural na região da colônia.



Figura 11- Fundos da Igreja Comunidade São Pedro, voltado para o interior do terreno da fábrica de Nelson Crochemore.



Figura 12 - Cantina Ribes ao fundo e fábrica de Nestor Crochemore em primeiro plano.

Na vizinhança existe ainda um posto de gasolina, um posto de saúde, a escola Municipal E. F. Nestor Elizeu, nome do proprietário de uma das fábricas

da família Crochemore, um salão comunitário, a associação esportiva Esporte Clube Vila Nova, o galpão de eventos Centro Cultural Nativista (CCN) Raízes da Tradição (fig. 13) e pequenas casas de comércios. Enfim, são diversos usos que qualificam este espaço e o tornam atrativo.



Figura 13 - Galpão de Eventos CNN Raízes da Tradição.

Fonte:<<http://www.panoramio.com/photo/44172674>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2011.

Características Gerais

A implantação da fábrica ocorreu na região considerada como o centro da Vila Nova e possui edificações próximas de usos diversos. O edifício principal foi construído a uma distância de, aproximadamente, vinte metros de recuo frontal o que faz com que a sua implantação seja menos impactante na visualização geral do entorno. Mas, na medida em que se entra no terreno, percebe-se que sua cota aumenta, originando uma boa visualização do conjunto fabril já na estrada de acesso.

Em um primeiro plano do conjunto de prédios da fábrica vê-se uma edificação de caráter residencial, de pequenas dimensões (fig. 14), que faz com que as edificações existentes na propriedade figurem de forma harmônica na paisagem rural analisada. Além desta, estão também instaladas algumas residências pertencentes a membros da família Crochemore.



Figura 14 - Vista frontal da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore, localizada no 7º. Distrito de Pelotas, RS, atualmente denominado Quilombo .

2ª PARTE: CONFIGURAÇÕES INTEIRAS DOS EDIFÍCIOS

A planta baixa da fábrica possui forma básica geral retangular e uma organização central. Os anexos construídos ao longo dos anos foram sendo incorporados ao edifício o que reforça a centralização das funções, já que existe apenas um prédio anexo com atividade relativa à produção doceira que não se encontra junto ao corpo da fábrica, o qual corresponde à pequena construção de tipologia residencial que abriga a função de um escritório externo.

A fábrica possui área total igual a 1142,02 m², sendo esta distribuída em 964,42 m² de área construída do prédio e 177,6 m² de área externa coberta para a recepção das frutas. A testada máxima do conjunto fabril é de 29,05 m e a profundidade é de 41 m.

Apesar da união existente entre os diferentes anexos que ajudam a compor a fábrica, as diversas adições ficam evidentes no aspecto geral da unidade fabril. Não há uma leitura clara de um único prédio e sim a visibilidade dividida entre diferentes construções que se unem de forma compacta, sem muitos jogos de volumes. As fachadas são simples e com ruídos em sua composição, o que reflete o que ocorre no interior da fábrica, pois, os espaços internos não seguem a um padrão de alinhamentos, revestimentos, etc.

O edifício, isolado, que corresponde a um dos escritórios possui arquitetura própria que não é compatibilizada nem pelo edifício da fábrica e nem pelas residências encontradas na propriedade.

3^a PARTE: GRANDES ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Cobertura

A cobertura se compõe de telhados constituídos por uma, duas e quatro águas (fig. 15), com pés-direitos diferenciados e fechamento com materiais diversos.

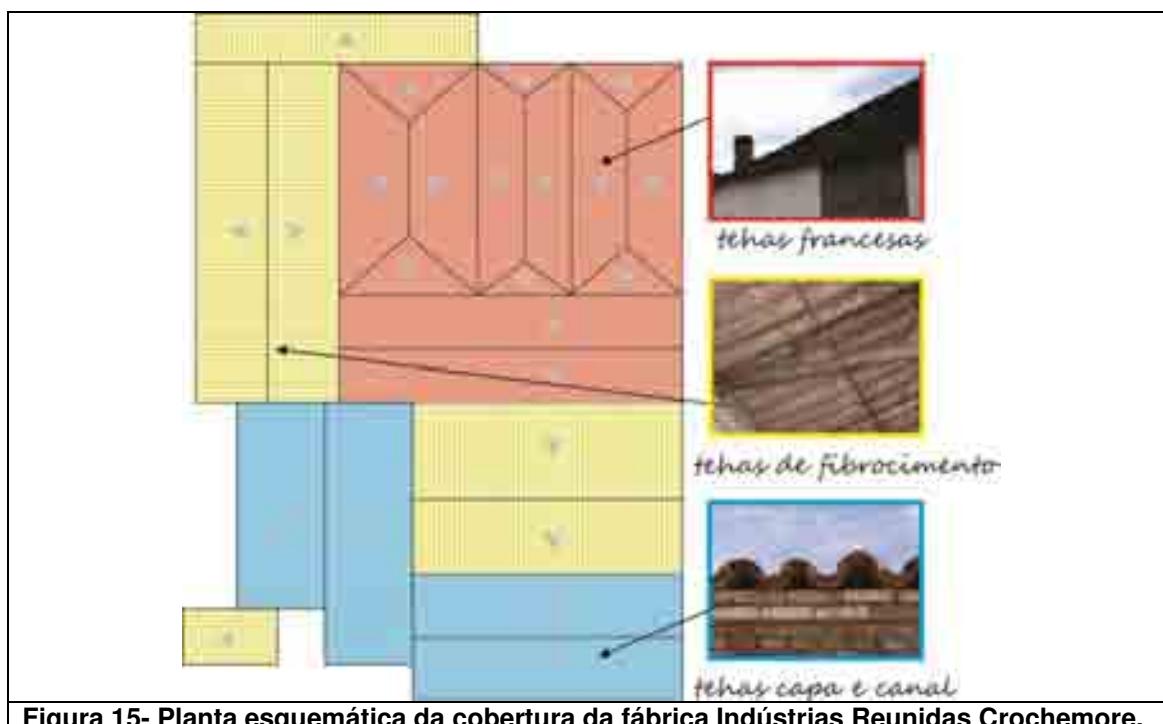


Figura 15- Planta esquemática da cobertura da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

A estrutura de composição da cobertura apresenta-se com variação na escolha dos materiais empregados. Na grande maioria do conjunto a estrutura da cobertura é executada com peças de madeira, porém, no galpão de produção e no alpendre da fachada frontal é utilizada uma estrutura metálica. Quanto ao fechamento da cobertura são encontrados três tipos de telhas:

- Ondulada de fibrocimento: encontrada no galpão da produção doceira; parte da cobertura da área externa coberta dos fundos; alpendre da fachada frontal; prédio destinado à recepção e limpeza das frutas.

- Telha cerâmica, tipo capa e canal: encontrada na garagem; na circulação entre o prédio da recepção de frutas e o que abriga o escritório interno e na área externa dos fundos.
- Telha cerâmica francesa: encontrada na maioria da cobertura, no restante dos prédios.

Paredes:

Todas as paredes são compostas por alvenaria de tijolos de barro. A diferença encontrada está nas espessuras— algumas das antigas paredes possuem espessura de 40 cm (fig. 16) e as restantes 25 cm— e também nos revestimentos que podem ser observados em diversos padrões mesmo em um único ambiente (fig. 17). A maioria dos ambientes recebe revestimento cerâmico até a altura de dois metros, o restante é apenas rebocado e pintado. Tijolos à vista são notados apenas no prédio da garagem, tanto interna como externamente.

	
Figura 16- Paredes antigas da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.	Figura 17- Azulejos da área de produção da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

Chaminé:

A chaminé da fábrica (fig. 18) possui seção circular e é executada em alvenaria de tijolos de barro. Esta situa-se nos fundos da fábrica, sendo facilmente perceptível a distância porque se encontra na parte mais alta do terreno, caracterizando-se, assim, como um ponto focal nesta paisagem.



Figura 18- Chaminé da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

4^a PARTE: APRECIAÇÃO DOS AMBIENTES INTERNOS

A distribuição interna dos espaços (fig. 19) é disposta de forma muito fragmentada e isto ocorre porque a produção dessa empresa é diversificada. Não existe apenas a produção dos doces de fruta, a fábrica trabalha também com rapaduras, pães, cucas e ambrosia. Além disso, a fábrica foi construída a partir do aproveitamento de um prédio, originalmente, utilizado na vinicultura. Esta atividade original deixou alguns vestígios como as aberturas em arco em largas paredes.

Para facilitar o entendimento da organização espacial e das trajetórias da produção dos diferentes doces foi realizada uma setorização, representada na figura 20, que agrupou os espaços nas seguintes categorias: acessos e circulação, carga, descarga e recepção das frutas, produção doceira, padaria e, por fim, serviços complementares.

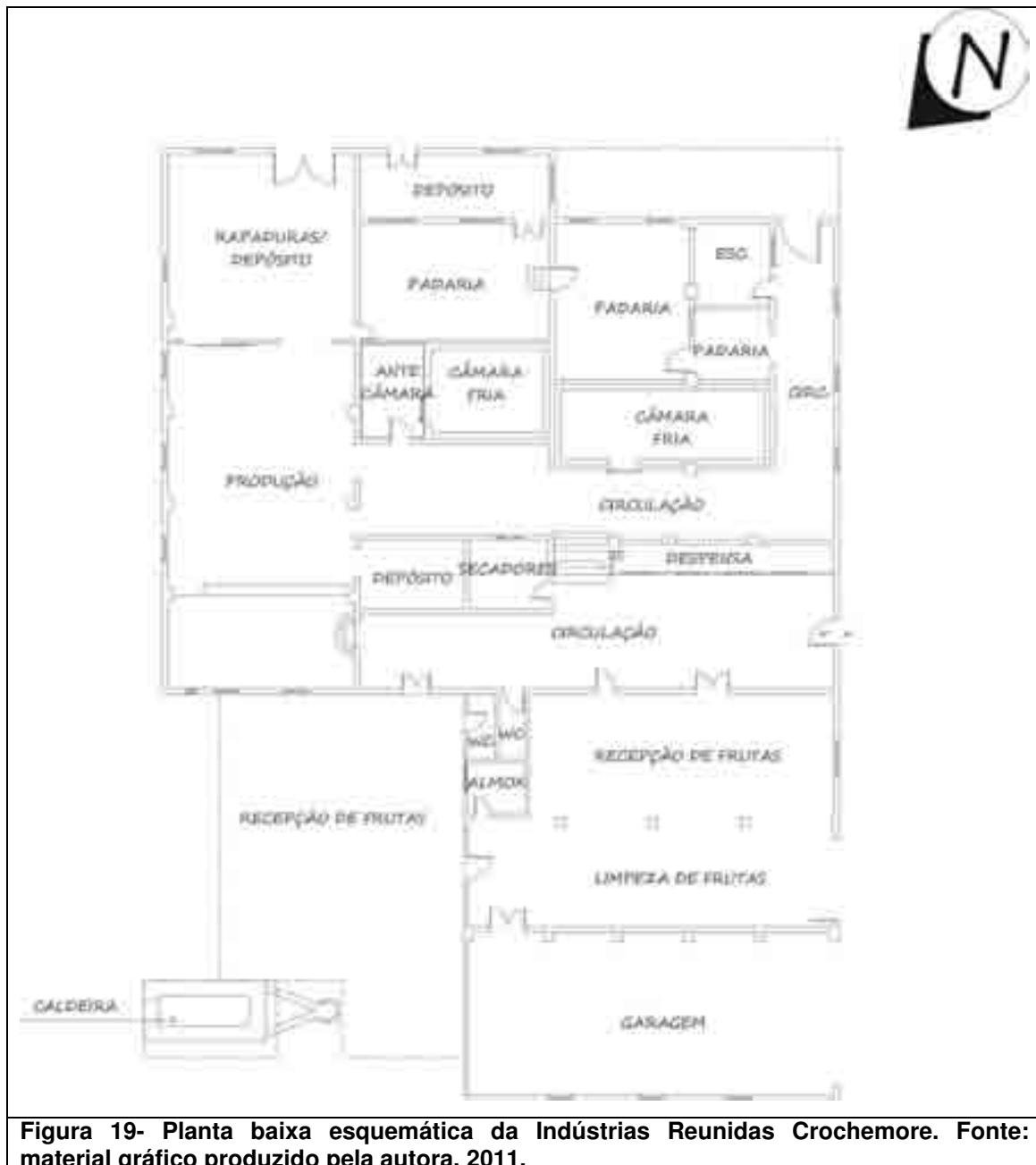
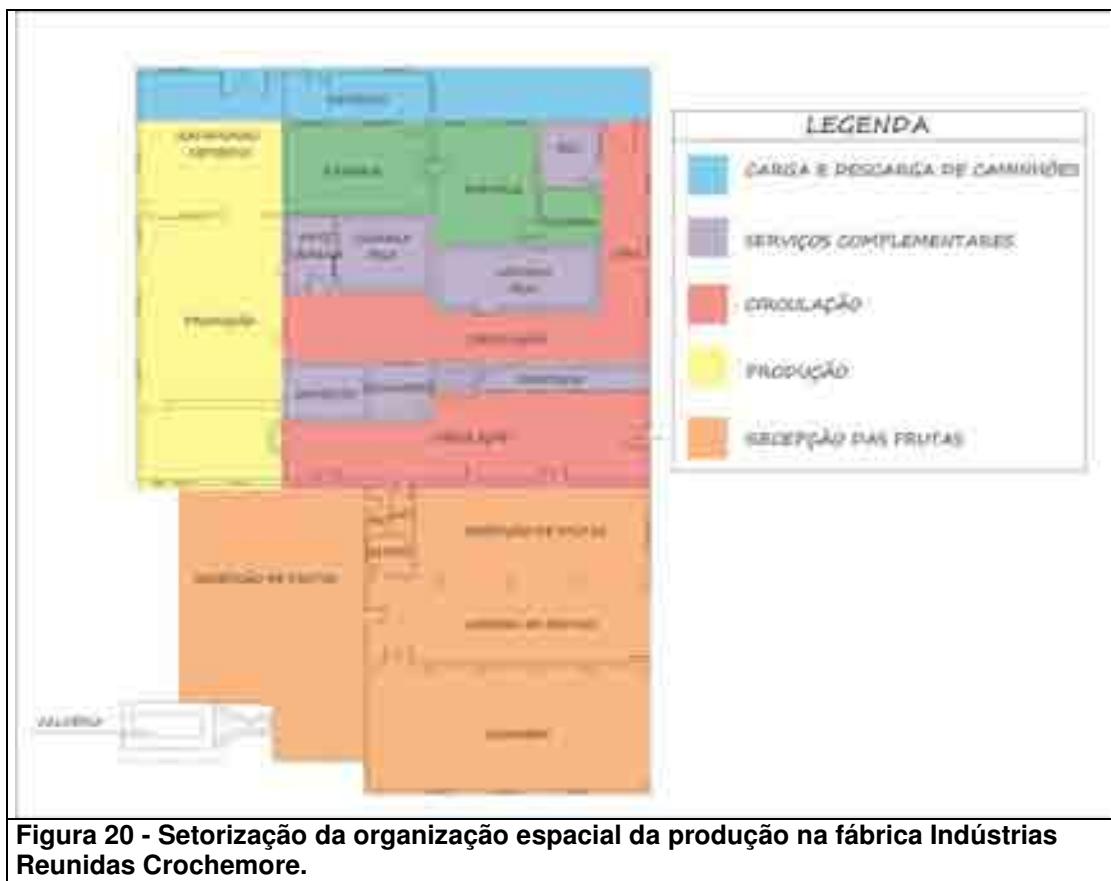
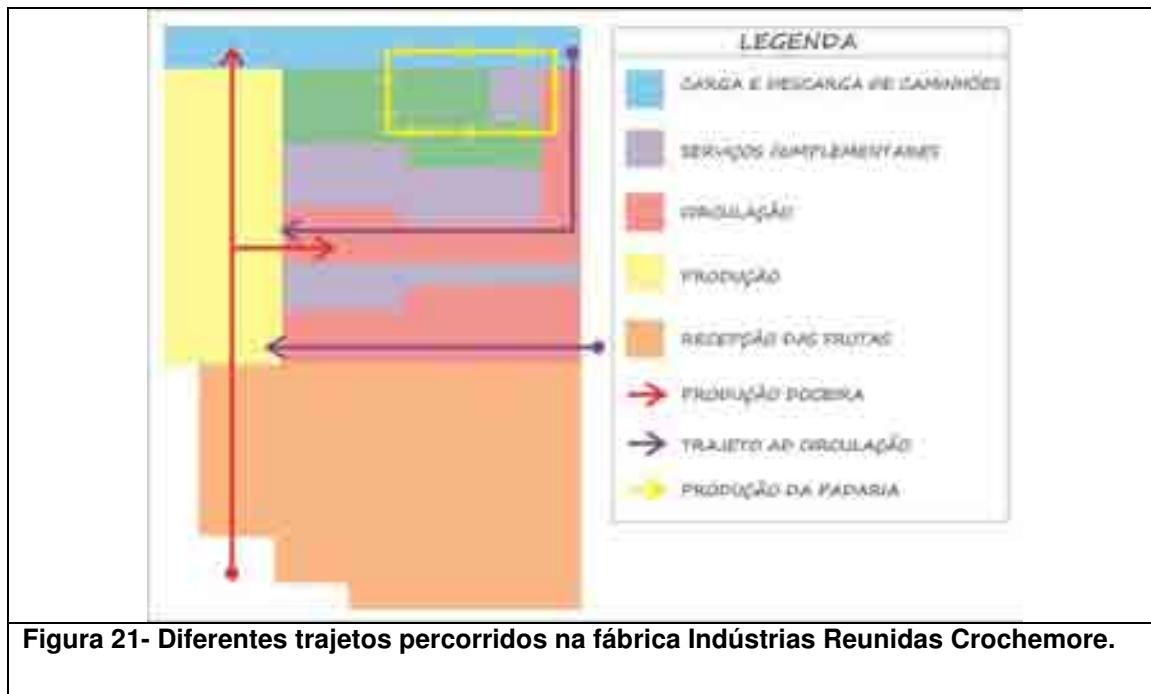


Figura 19- Planta baixa esquemática da Indústrias Reunidas Crochemore. Fonte: material gráfico produzido pela autora, 2011.



A leitura que se teve a partir desta representação gráfica veio a confirmar a complexidade observada no momento do levantamento arquitetônico desta fábrica, porém, ajudou a visualizar os caminhos percorridos na fabricação dos diferentes produtos.

Como se pode ver na figura 21, a produção dos doces de fruta, identificada por uma linha vermelha, segue uma trajetória linear que inicia nos fundos do terreno e é finalizada na parte frontal da fábrica. O processo produtivo da padaria, representado por uma linha amarela, pode ser descrito como centralizado porque ocorre apenas em um determinado ponto, em uma área presente na parte frontal do prédio.



Circulação:

Primeiramente, se compararmos com outras fábricas analisadas, esta se difere por possuir espaços individualizados para este fim (fig. 20). Em outros casos, a circulação se dá em meio às áreas de produção que possuem grandes vãos e permitem esta mobilidade.

A segunda questão se refere ao aproveitamento desses espaços. Em ambos a largura não se mantém a mesma, ora há um afunilamento, ora há alargamento. Quando esta largura aumenta, o espaço agrega uma nova função, a de estocar baldes de doces. Há uma legenda escrita no próprio revestimento cerâmico da parede com a classificação dos doces que ali são armazenados temporariamente sobre pallets.

Pode-se dizer, ainda, que as duas áreas que compõem este setor têm em uma de suas extremidades acesso à área externa e na outra extremidade acesso ao galpão de produção doceira e que todas suas janelas possuem esquadrias metálicas.

Estes locais são revestidos por placas cerâmicas até a altura de dois metros nas paredes e, no piso, recebem outro padrão de placas cerâmicas. Recebem revestimentos de forro de PVC, exceto pelo segmento que atende ao escritório e à padaria. Neste trecho o forro é de madeira apoiado em barrotes.

Setor de Carga e Descarga

É a área mais nova da fábrica e foi construída a partir da demanda que surgiu em se ter um espaço encarregado de armazenar os doces e outros itens da padaria além de receber alguns itens para a produção da padaria, com boa circulação, a fim de facilitar o carregamento dos caminhões e a descarga de matéria-prima. Este setor abrange toda a testada da fábrica e possui pequena profundidade.

É constituído por dois ambientes internos— que somam 45m² aproximadamente— e por ambiente externo, de área correspondente a 36,6m².

Nas áreas internas o piso é revestido por placas cerâmicas, as mesmas são utilizadas para revestir as paredes até a altura de dois metros. São utilizadas esquadrias metálicas tanto nas janelas quanto nas portas e são acessados por portões metálicos de diferentes dimensões. Um dos ambientes internos é contínuo à área de produção doceira onde estas duas atividades (produção e estoque) são efetuadas em um mesmo espaço.

Já na área externa, o chão é coberto por britas e a estrutura (metálica) da cobertura é aparente. Esta cobertura é utilizada para a proteção dos caminhões que ali são estacionados.

Setor de Produção Doceira:

Este setor desenvolve-se linearmente o que induz o sentido da produção. Trata-se de um grande galpão com descontinuidade nos revestimentos tanto de piso quanto de paredes. Neste pode ser observada uma área mais elevada (60 cm) com piso revestido por grandes placas cerâmicas, onde são fixados tachos de inox (fig.22). As paredes nesta área recebem revestimento de azulejos e algumas áreas são revestidas por placas cerâmicas.

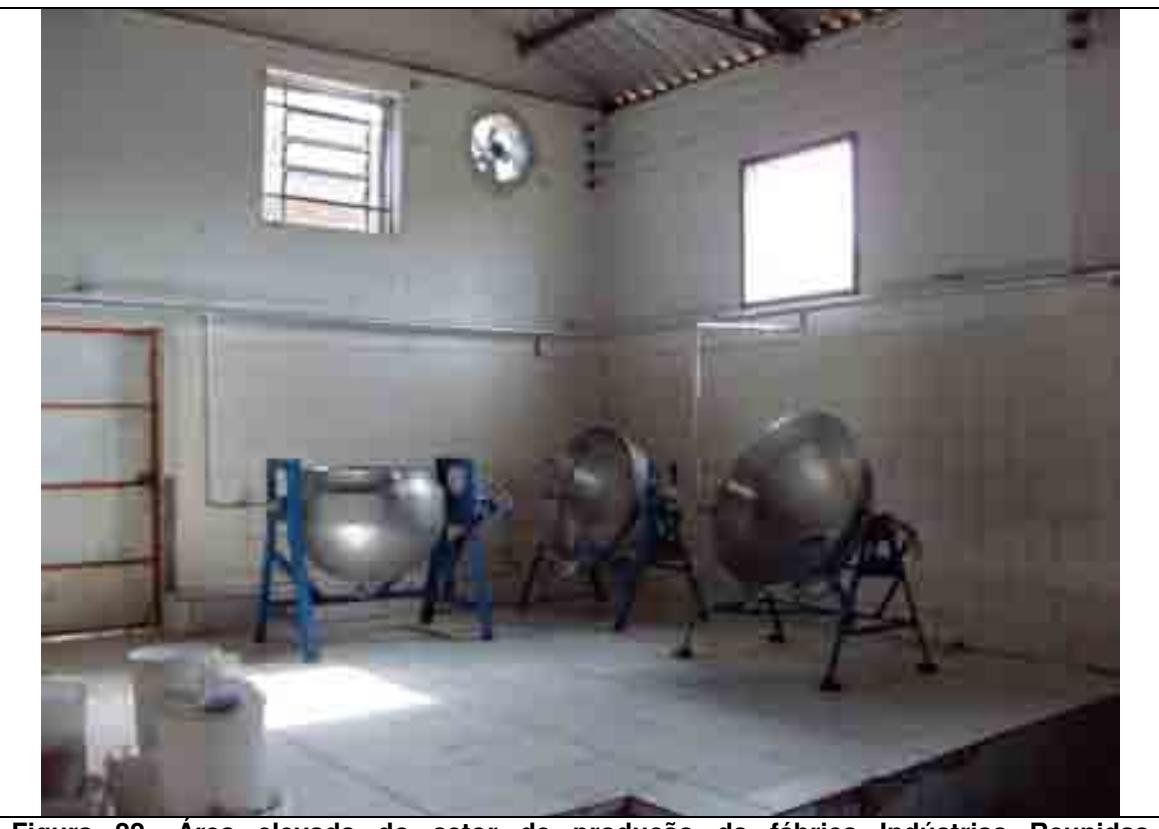


Figura 22- Área elevada do setor de produção da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

A área total deste ambiente (162 m^2) recebe um único sistema construtivo de cobertura composto por treliças metálicas (corroídas por ação do vapor oriundo dos tachos) e telhas onduladas de fibrocimento. Na área em que o galpão apresenta cota mais baixa, o piso é, em sua maioria, revestido por ardósia e em uma pequena parcela do piso são utilizadas placas cerâmicas. As paredes recebem, até a altura de dois metros, até três tipos diferentes de peças cerâmicas (placas e azulejos).

As janelas recebem esquadrias metálicas que seguem a um padrão encontrado no conjunto fabril e as portas presentes neste local possuem esquadria de madeira.

Setor de Recepção de frutas:

A recepção das frutas totaliza uma área equivalente a $456,88\text{ m}^2$ e se dá primeiramente em um espaço externo coberto onde também está localizada a caldeira. Neste local foi executado um calçamento com tijolos e cimento para abrigar as frutas, classificá-las e posteriormente encaminhá-las ao interior do

prédio. A cobertura desta área externa é sustentada por uma estrutura de madeira bem rudimentar e utiliza dois tipos de telha. A maior área coberta é composta por telhas de barro e uma pequena parte recebe telhas onduladas de fibrocimento.

No interior da fábrica, as frutas passam por um amplo espaço, resultado da união entre dois prédios. Ali as frutas ficam em local mais protegido contra intempéries, são lavadas, preparadas para servir ao processo produtivo. Não se pôde fazer a apreciação deste espaço internamente, mas se teve a informação de que as paredes são de alvenaria revestida até a altura de 2m com pintura epóxi.

Junto a este local estão localizados os banheiros, masculino e feminino, e um pequeno almoxarifado.

Este setor é composto ainda pelo prédio da garagem que abriga o veículo que traz a matéria-prima. Internamente nota-se a antiga parede que correspondia à configuração original na época em que se produzia vinho. Os acessos por meio de vãos em arco hoje estão fechados, mas diferença de espessura na parede ainda evidencia os arcos. O piso é de cimento as paredes são revestidas em parte por reboco e pintura, em outras áreas a alvenaria fica aparente. A cobertura é executada com madeiramento aparente e telhas capa e canal e as janelas possuem esquadrias metálicas.

Padaria:

A produção da padaria correspondia, antigamente, a uma área de 40,50 m², hoje está área totaliza 88,59 m². Esta duplicação da área repercutiu no aumento do número de acessos a este local. A forma geral deste setor é irregular, composta por três diferentes formas (uma quadrangular e duas retangulares) de dimensões diferentes.

Todos os espaços são revestidos no piso e paredes (até dois metros de altura) por placas cerâmicas de mesmo padrão e utilizam forros de PVC.

Serviços complementares:

Em outras fábricas analisadas, este setor se mantinha, de certa forma, centralizado. No caso da fábrica de Nelson Crochemore, estes espaços estão dispersos em meio ao conjunto fabril. Foram denominados como “serviços complementares” as áreas que compreendem o escritório, as câmaras frias e antecâmara, o pequeno depósito e a despensa.

No escritório nota-se que o piso é revestido por placas cerâmicas enquanto que as paredes são apenas rebocadas e pintadas. É utilizado forro de madeira sobre barrotes e a única janela encontrada volta-se à área de circulação do interior da fábrica caracterizando assim um ambiente de pouca iluminação.

A área a que se chamou de despensa é presente em um alargamento da área de circulação. Nela são vistas telas de nylon que fazem a proteção do ambiente e os materiais empregados são os mesmos encontrados no restante da circulação (piso e paredes revestidos por placas cerâmicas e forro de PVC).

5^a PARTE: APRECIAÇÃO DA VISTA EXTERNA

Cores e revestimentos: A cor predominante nas fachadas da fábrica é a branca (fig. 23). As janelas são pintadas de cinza e possuem caixilhos de telas de nylon com armação em madeira, também pintada de cinza, como proteção contra insetos. As janelas são destacadas na fachada a partir de uma marcação vertical feita através de uma faixa de reboco grosso deixado na cor natural do cimento (fig. 18). Este detalhe está presente em parte da fachada lateral e em parte da fachada frontal (mais recuada).



Figura 23- Fachada frontal da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

As outras edificações presentes no terreno também possuem a cor branca em suas fachadas, exceto no prédio onde funciona o escritório externo da fábrica, cujas fachadas são pintadas na cor laranja. Além disto, o referido prédio possui, também, uma varanda em sua fachada frontal, com vão curvo e peitoril metálico que fazem com que a sua volumetria seja diferente dos demais.

Simplificação da forma: A fachada da fábrica é horizontalizada, organizando-se de forma linear. A linha de coroamento do conjunto é bastante irregular devido à grande quantidade de diferentes caimentos dos telhados que a compõem (fig. 24).

Ao se buscar extrair as formas básicas e regras de composição que poderiam existir na fachada, constatou-se que as esquadrias obedecem a uma dada proporção (fig. 24), dividindo-se sua maior dimensão por sua menor dimensão se tem como resultado o número 1,45. Os portões que não seguem a este padrão são delineados por retângulo “raiz de quatro” (somatória de dois quadrados) e um quadrado.

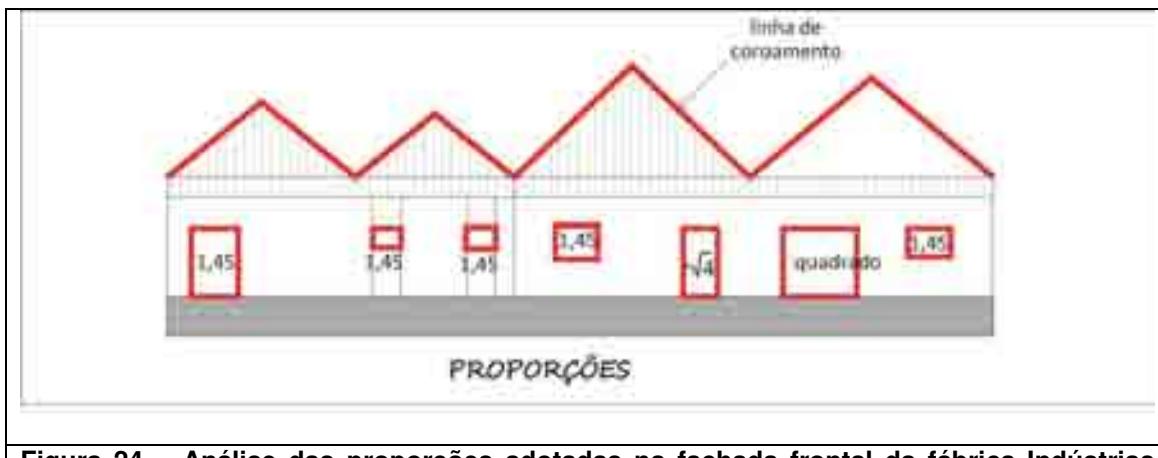


Figura 24 – Análise das proporções adotadas na fachada frontal da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

Linhos ordenadoras: As linhas traçadas horizontalmente nas fachadas procuram demonstrar as relações que os prédios mantém entre si com relação aos alinhamentos, diferenças de alturas, distribuição de esquadrias, etc.

Analizando-se as linhas ordenadoras lançadas na fachadas da fábrica em estudo (fig. 25), constatou-se que as esquadrias respeitam um mesmo limite de altura o que garante certa “clareza” na fachada. No entanto, a parte

que corresponde ao topo da fachada apresenta leitura mais confusa, pois, existem diferentes inclinações de telhados que resultam em diferentes alturas de cumeeiras.



Figura 25 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na fachada frontal da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

Relação entre cheios e vazios: A parte mais nova da fachada, em primeiro plano e à direita, apresenta uma relação mais harmônica entre espaços cheios e vazios. Na área mais recuada, há uma grande distância entre o portão e as janelas e estas possuem dimensões menores, fazendo com que predominem os espaços cheios nesta determinada área (fig. 26).



Figura 26 – Análise de relação entre cheios e vazios na fachada frontal da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

Simetria: Ao estudar a simetria das fachadas dos diferentes edifícios observou-se que este instrumento de composição não foi utilizado (fig. 27). No anexo mais novo o que pode ser observado é um espelhamento partindo do meio deste volume, mas a diferença na dimensão dos portões não permite que este seja classificado como simétrico.



Figura 27 – Análise de simetria da fachada frontal da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore.

5.2.2. Fábrica de Nestor Crochemore

A fábrica de doces de Nestor Crochemore foi construída em 1954, a partir de uma sociedade com o irmão Nilo Crochemore. Esta funcionava de forma artesanal no prédio de Nilo Crochemore, que também trabalhava “por comissão” para indústrias conserveiras maiores. A sociedade terminou em 1964. Paralelamente as atividades da fábrica de doces, Nilo Crochemore construiu um prédio e criou, em 1959, a fábrica de “Conservas Sulmar”, processando pêssegos e outros produtos. Em 1973, fez uma sociedade com a firma Rizzo S/A de Caxias do Sul, enlatando, além do pêssego, outras frutas e legumes, no prédio por ele construído. Posteriormente, em 1976, com dificuldades de recursos financeiros para se adequar as exigências estabelecidas pela Secretaria da Saúde, vendeu a fábrica para a empresa Rizzo S/A permanecendo na empresa como gerente de produção até a sua aposentadoria, em 1982 (BACH, 2009, p. 101).

1^a PARTE- RELAÇÃO COM O ENTORNO

Localização e Vizinhanças

Assim como a fábrica de doces Indústrias Reunidas Crochemore, a fábrica de Nestor Crochemore está localizada em terreno situado na localidade de Vila Nova, no 7º distrito de Pelotas, atualmente denominado de Quilombo.

Por estar localizada nas proximidades da fábrica Indústrias Reunidas Crochemore, a sua vizinhança se caracteriza pela mesma diversidade de edificações já descritas neste trabalho¹⁹.

Características gerais

O prédio da fábrica chama a atenção não só por sua monumentalidade como, também, pela arquitetura do edifício de esquina que compõe este conjunto fabril, com características mais urbanas, como a forma de sua platibanda, esquadrias, etc. (fig. 28).



Figura 28- Prédio da fábrica de Nestor Crochemore, em primeiro plano, e Igreja Comunidade São Pedro, ao fundo.

¹⁹ Ver item 5.2.1.1, p. 82.

2^a PARTE: CONFIGURAÇÕES INTEIRAS DOS EDIFÍCIOS

Como ocorreu em outras fábricas, o conjunto fabril teve início em uma residência, antiga casa do proprietário, a partir da qual foram sendo agregados novos prédios. Os novos prédios construídos respeitaram os alinhamentos, alturas, proporções e regras de composição do prédio antigo. Atualmente esta edificação encontra-se sem uso e é mantida fechada.

A configuração da planta baixa da fábrica é central, obedece a uma forma básica quadrada, fechada em si mesma, com uma área central de forma orgânica que serve para iluminação de alguns ambientes do edifício. Paralelamente ao conjunto principal, existe a implantação de alguns blocos anexos, que se organizaram de modo linear, distando apenas 5,6 m da fábrica.

A área total da fábrica é de 2305,21 m², sendo que a área do bloco principal é igual a 1819,36 m² e a área total dos anexos é de 485,85 m². A testada do conjunto fabril é de 41 m e a profundidade é de 44,5 m.

As visuais que se tem a partir das ruas que tangenciam esta unidade fabril, apontam para uma unidade do conjunto. Nota-se que alguns edifícios foram construídos em épocas diferentes; assim mesmo, tentam manter a linguagem formal das construções preexistentes.

Entre os diferentes edifícios que compõem este cenário há sempre um elemento de transição, como um estreito muro, para unir os edifícios, dar unidade ao conjunto, sem precisar, de fato, encostar uns aos outros.

O bloco de anexos, situado ao lado da fábrica, por sua vez, distingue-se da linguagem formal do bloco principal. A falta de tentativa de aproximar a imagem dos dois blocos é visível nos diferentes sistemas construtivos nas alturas e nas relações com as esquadrias. No corredor criado entre os dois blocos (fig. 29), nota-se que a fachada do conjunto fabril perde a preocupação estética encontrada em outras fachadas e acaba por se igualar ao bloco de anexos no que tange à desorganização de sua composição de fachada.



Figura 29 – Corredor entre a fábrica Nestor Crochemore e seu bloco de serviços complementares (à direita).

3^a PARTE: GRANDES ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Cobertura

Aos olhos daquele que transita pela rua, o sistema construtivo empregado na totalidade do conjunto industrial parece ser o mesmo: telhas de barro do tipo francesas, estrutura de madeira com grandes inclinações, variando apenas o número de águas de cada edifício (fig. 30). O edifício original da fábrica, implantado na esquina do conjunto, possui uma pequena platibanda de alvenaria de tijolos maciços e a cobertura é de estrutura de madeira com fechamento de telhas de barro, tipo francesa, como na maior parte da fábrica. Contudo, no interior do terreno há um segundo tipo de percepção, já que os edifícios anexos adotaram coberturas quase planas, utilizando-se de telhas de fibrocimento dos tipos etercalha, etermax e ondulada.

Em espaços avarandados, criados nas fachadas laterais da fábrica, os famosos “puxadinhos”, a estrutura da cobertura é de treliças metálicas e o fechamento é com telhas de fibrocimento do tipo onduladas. No interior do prédio esta descontinuidade de sistemas construtivos também é visível, pois, ocupando parte da área destinada à iluminação, existem pequenos anexos que também se utilizam deste mesmo tipo de cobertura aplicada aos “puxadinhos.”

Na recepção da fábrica a cobertura é um telhado de quatro águas em estrutura de madeira com fechamento com telhas de barro francesas, sem forro.

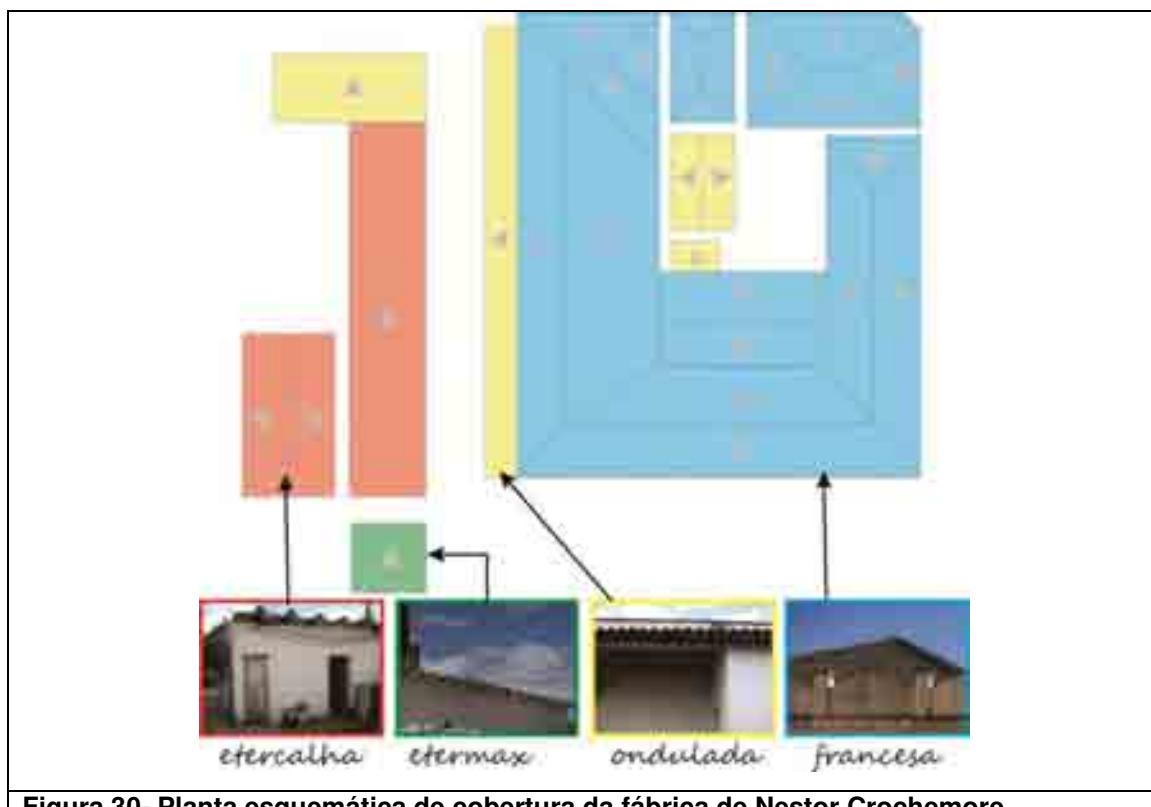


Figura 30- Planta esquemática de cobertura da fábrica de Nestor Crochemore.

Parede

As paredes da fábrica são, em sua maioria, compostas por alvenarias de tijolos de barro maciços que, em todos os ambientes, recebem algum tipo de revestimento, seja ele um simples reboco pintado ou azulejos.

Segundo Angelita Crochemore, esposa do proprietário da fábrica, nos últimos anos, as maiores alterações realizadas na arquitetura da fábrica foram internamente. Foram retiradas algumas paredes para abrir alguns ambientes e construídas novas para criar outras divisões de espaço.

Chaminé

A fábrica possui duas chaminés (fig. 31). Uma, mais antiga, de alvenaria de tijolos de barro maciços aparentes que se situa do lado de fora do prédio da caldeira, e outra, mais moderna, metálica que está situada no interior do prédio

da caldeira. Ambas possuem seção circular e são visíveis a partir da estrada do Quilombo, que passa em frente à fábrica.



Figura 31- Chaminés da fábrica de Nestor Crochemore.

4^a PARTE: APRECIAÇÃO DOS AMBIENTES INTERNOS

Na época em que o levantamento foi realizado, outubro de 2010, a fábrica estava em pleno funcionamento, o que permitiu observar as diferentes etapas da produção e retratar a sua organização espacial de forma mais fiel. Fazem parte deste trajeto três importantes setores: “recepção”, “produção” e “depósito”. Além destes, existe o setor de serviços complementares, constituído pelo bloco anexo à fábrica e por pequenas construções no centro do bloco principal e o da antiga residência, primeira sede da produção (fig. 32). A produção possui uma trajetória que pode ser descrita, de forma geral, por um “L” (fig.33).

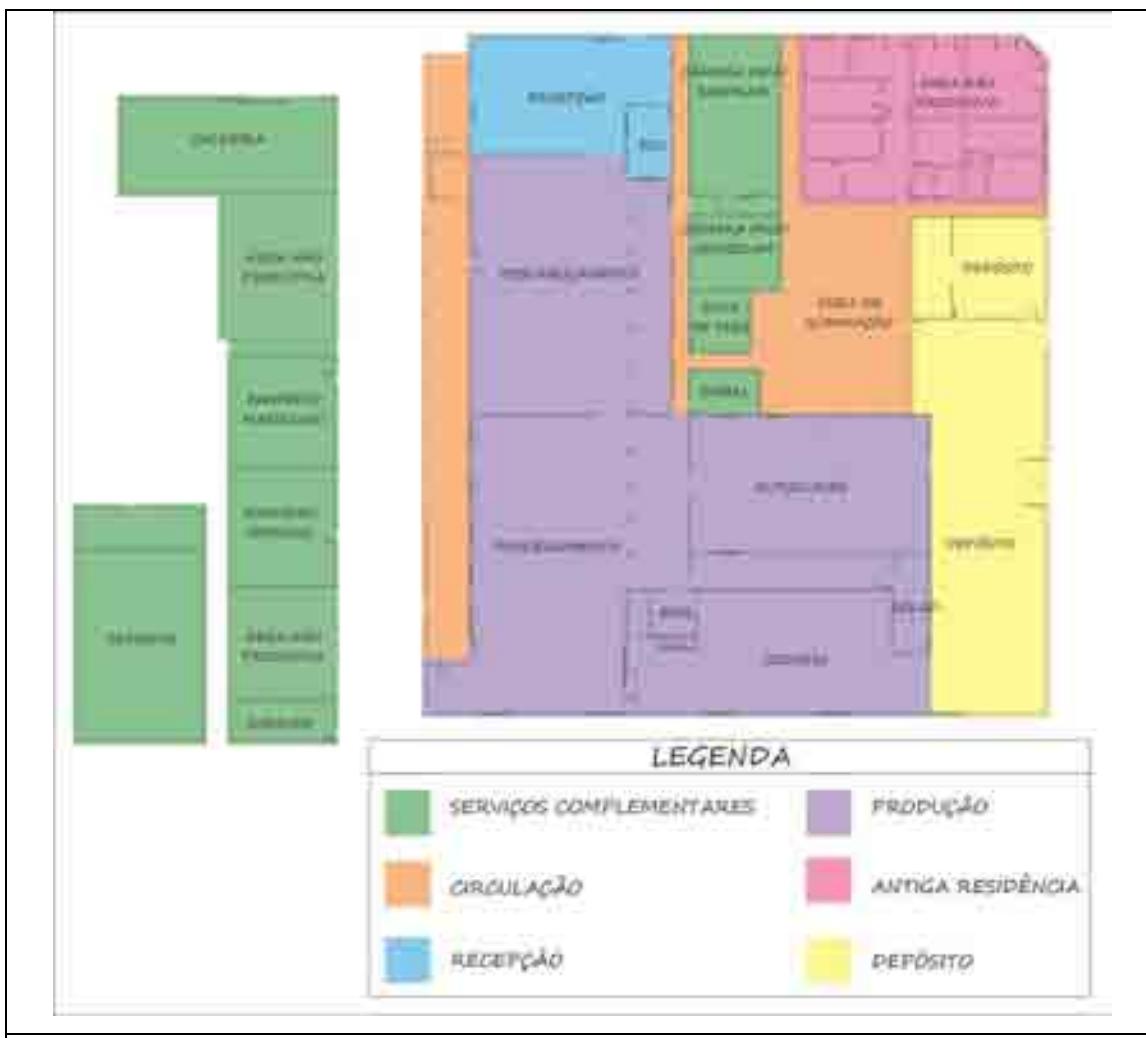


Figura 32 - planta baixa esquemática e setorização da fábrica de Nestor Crochemore.

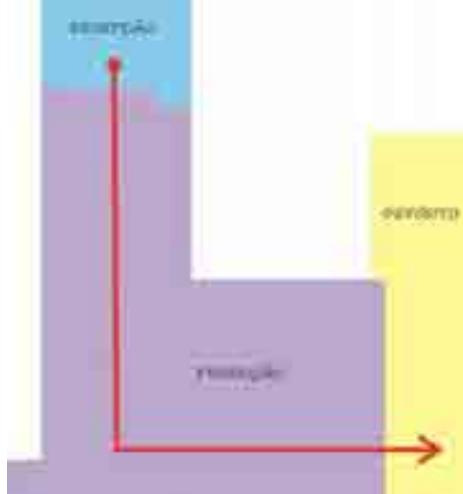


Figura 33- trajetória da produção da fábrica de Nestor Crochemore.

A área de iluminação existente no centro da fábrica é de difícil trânsito devido às novas construções, que foram restringindo este espaço, e a vegetação que ali cresce. A circulação que deveria ocorrer em uma das

fachadas laterais da fábrica não pode ser realizada porque existem muitas barreiras físicas impedindo o livre trânsito, tais como velhas máquinas que não estão mais em operação e aquelas que já viraram sucata.

Implantado na esquina, o edifício da antiga residência já abrigou a função de escritório da fábrica, hoje é descrito como “área não produtiva”.

Recepção:

A recepção se dá em um ambiente de 87,84 m² e é a área encarregada de receber a matéria-prima que chega, passando pela lateral da fábrica, através de um grande portão metálico (fig. 34). Esta também foi a entrada utilizada, no momento da visita, para realizar o levantamento. Além deste, há outro portão metálico, de mesmas dimensões, no ambiente. Trata-se de um ambiente com piso de cimento, a estrutura de madeira do telhado de quatro águas aparentes, permitindo a visualização de suas telhas de barro francesas. Somente a parede que faz divisa com a área de produção recebe o revestimento de azulejos até a altura de 1,5m, as demais recebendo azulejos até a altura de 1,95 e são pintadas na mesma tonalidade da fachada.



Figura 34- Portão do setor de recepção da fábrica de Nestor Crochemore.

Na divisa entre este espaço e a área de produção está localizado um pequeno escritório, de área equivalente a 13,4 m², construído recentemente, segundo relato de Angelita Crochemore. O escritório possui seu acesso na

área de recepção, que se dá por porta de madeira e duas janelas (uma direcionada à recepção e outra à área de produção) também com esquadrias de madeira. Seu piso é revestido por placas cerâmicas, as paredes são rebocadas e pintadas em tom de amarelo saturado e apresenta forro de lambris de madeira.

Produção

Este setor, que se desenvolve em “L”, (fig. 33) acontece em ambientes diferentes. Após recepção, as frutas passam ao amplo espaço do descaroçamento. Neste, o piso é de cimento e paredes revestidas até a altura de 1,95m com azulejos, o restante é apenas rebocado e pintado. As esquadrias são metálicas exceto pelas que são presentes no alto nas paredes (que dividem os ambientes internos), que são confeccionadas em madeira. O teto é revestido com uma manta térmica, solução adotada há sete anos por questões de economia. Lateralmente há uma área que serve como um estoque para os sacos de açúcar, nesta o forro é interrompido, a estrutura do telhado fica aparente e as paredes são apenas rebocadas e pintadas.

Do espaço do descaroçamento, as frutas partem para o ambiente onde será realizado o seu processamento. Neste podem ser percebidos os mesmos revestimentos e esquadrias observados no espaço anterior, exceto pelo teto que é revestido com forro de PVC. Há uma pequena área, de pé-direito mais baixo, situada lateralmente, que possui laje rebocada e pintada. Neste local não há nenhuma espécie de maquinário instalado, é apenas espaço de circulação.

O destino da fruta, a partir daí, dependerá do tipo de doce a ser produzido. Ao lado deste ambiente ocorre a linha das autoclaves onde as latas usadas para o pêssego e figo em calda, dentre outras frutas, são fervidas. Neste ambiente há uma continuidade de revestimentos utilizados no espaço anterior tanto no piso e paredes quanto no forro, porém, aqui todas as esquadrias são metálicas.

O outro ambiente da linha de produção da fábrica é a “cozinha”. Para ela são encaminhadas as frutas que darão origem aos doces preparados em tachos inox. Este é um local escorregadio por conta do vapor produzido pelos tachos de inox e pelos tanques e do piso que é revestido por placas cerâmicas.

Quanto aos revestimentos de teto, parede e às esquadrias nota-se que são os mesmos do ambiente onde funcionam as autoclaves.

Este setor possui um acesso direto para os setores de embalagens e de selagem. A área total da produção é de 809 m² de área construída distribuída em: descaroçamento (217,32 m²); processamento (244,21 m²); cozinha(124,64 m²); embalagens (8,4 m²); seladora (15,36 m²) e autoclaves (138,06 m²).

Depósito

Este setor possui um grande espaço (255,62 m²), que no momento em que se realizou o levantamento estava ocupado por inúmeras caixas. Junto a este espaço existe um ambiente onde antigamente funcionava a seladora. Hoje, serve como área de apoio ao depósito. Neste pequeno ambiente parte do piso recebe ladrilhos hidráulicos, as paredes são apenas rebocadas e pintadas e o forro é de madeira.

No ambiente maior, destinado ao depósito, o piso é de cimento, as paredes, assim como no ambiente acima descrito, são rebocadas e pintadas e toda a estrutura de madeira da cobertura é aparente. Possui acesso direto à área de iluminação, às autoclaves, à cozinha e à área externa.

Setores de Serviços Complementares:

Denominaram-se de “serviços complementares” as atividades inerentes à fábrica que auxiliam no processo industrial que nela ocorre. Estas ocorrem em dois locais distintos: *no bloco de anexos*, que foi implantado ao lado da fábrica, e no *centro da fábrica*, ocupando parte da área de iluminação. Os edifícios que fazem parte do *bloco de anexos* abarcam as seguintes funções: depósito, químicos ou laboratório, banheiro masculino, banheiro feminino e caldeira. No centro da fábrica, são realizadas as seguintes atividades: câmara fria/ resfriamento, câmara fria/ congelamento, sala de máquinas e embalagens.

O depósito encontrado na área externa está localizado em um dos prédios do anexo lateral à fábrica, que antigamente era usado como refeitório. Neste espaço são encontradas caixas de papelão e latas. O local ainda possui

os azulejos que revestiam as paredes do refeitório, colocados até a altura de 1,95m e não possui forro, ficando à mostra as telhas de fibrocimento. O piso é de cimento alisado. As esquadrias das janelas são de madeira e, atualmente, o vão de entrada apresenta-se sem esquadria.

No laboratório, local onde se processam as misturas dos componentes químicos usados na produção, as paredes são rebocadas e pintadas, o piso é de cimento e a cobertura é aparente com estrutura em madeira e fechamento com telha de fibrocimento.

Os banheiros, masculinos e femininos, têm as paredes revestidas com azulejos, até a altura de 1,95m e piso revestido com placas cerâmicas. As esquadrias são metálicas.

O local da caldeira tem paredes, de tijolos de barro maciços, rebocadas e pintadas. O piso é bastante irregular, de chão batido e a cobertura é aparente em estrutura metálica com fechamento em telhas de fibrocimento. Não existem esquadrias no local, apenas vãos livres para circulação, iluminação e ventilação.

As câmaras frias de refrigeração e congelamento, a sala de máquinas e setor de embalagens não puderam ser visitados. Por isto, não pôde ser feita a apreciação interna nos ambientes. O mesmo ocorre com algumas construções do bloco de anexos.

Antiga residência

Analizando-se a totalidade da propriedade em planta baixa, a área que antigamente era destinada à residência é a mais fragmentada, o que é perfeitamente compreensível devido ao seu uso diferenciado em relação à atividade fabril, que necessita de grandes ambientes.

Na época em que abrigava a família do proprietário este edifício tinha a função compartilhada com o uso comercial. No lado direito da casa funcionava um bar. Atualmente, o prédio é mantido fechado e classificado como “área não produtiva”. Esta situação vem provocando a degradação do lugar. O piso de madeira da casa, em certos pontos, já cedeu. Parte do piso da área de circulação é revestida por ladrilhos hidráulicos (fig. 35) e estes estão em perfeito estado assim como o forro de madeira. O banheiro é dividido em dois

ambientes, um com uma pia, local onde o piso é de ladrilho hidráulico, e o outro com um box, neste o piso é de cimento. Em ambos os espaços as paredes são revestidas por azulejos.



Figura 35- Piso da antiga residência situada no conjunto fabril de Nestor Crochemore.

5ª PARTE: APRECIAÇÃO DA VISTA EXTERNA

Cores e revestimentos: O conjunto fabril analisado possui simplicidade em seus revestimentos, sendo as paredes, em sua grande maioria, apenas rebocadas e pintadas (fig. 36 e 37). A cor utilizada na fachada, salmon bem claro, aparece também internamente em alguns ambientes como na recepção e na área de descaroçamento. As esquadrias presentes na fachada lateral da fábrica, tanto as de madeira quanto as metálicas, recebem pintura com um tom de marrom, mais saturado (fig. 37). O desenho da platibanda da antiga residência é marcado por cor um tom acima da cor utilizada no restante da fachada e suas esquadrias são pintadas na cor marrom.



Figura 36- Fachada frontal da fábrica de Nestor Crochemore.



Figura 37- Fachada lateral da fábrica de Nestor Crochemore.

Simplificação da forma: Nesta parte da análise há uma tentativa de se extrair os princípios básicos de composição do conjunto fabril. Por razão de a fábrica ser implantada em uma esquina da área central da localidade, serão analisadas as duas fachadas.

A arquitetura da fábrica de Nestor Crochemore desenvolveu-se de forma linear e desta podem ser extraídos alguns retângulos ditos harmônicos.

Na fachada que se volta para a estrada do Quilombo (fig. 38) foi observada a incidência de retângulos “raiz de quatro” na composição da fachada da antiga residência. Já na fachada correspondente à fábrica em si, foi encontrado outro retângulo “raiz de quatro”, porém apenas na janela. O retângulo que determina a forma geral desta parte da fachada, traçado desde o chão até sua cumeeira revela um retângulo áureo (divisão de sua largura por sua altura resulta no número 1,61), contudo a visão da cobertura é distorcida por sua inclinação, sendo assim, não se tem uma visão nítida desta forma encontrada.



Figura 38 – Análise de proporções adotadas na fachada frontal da fábrica de Nestor Crochemore.

A fachada que está voltada para a estrada do Toledo (fig. 39) dá continuidade ao que foi observado na fachada da antiga residência. Sob este ângulo foram encontradas as mesmas proporções, baseadas em retângulos “raiz de quatro”. No restante desta vista da fábrica, predominam os quadrados na composição de fachada.



Figura 39 – Análise de proporções adotadas na fachada lateral da fábrica de Nestor Crochemore.

Linhos ordenadoras: As linhas traçadas horizontalmente nas fachadas procuram demonstrar as relações que os prédios mantém entre si com relação aos alinhamentos, diferenças de alturas, distribuição de esquadrias.

Em ambas as fachadas observadas se pode perceber que algumas alturas presentes na parte residencial encontram correspondência na fachada fabril. Todavia, a maior compatibilização entre os prédios é notada na fachada que é considerada lateral do conjunto (fig. 40).



Figura 40– Análise de linhas ordenadoras adotadas nas fachadas frontal e lateral (respectivamente) da fábrica de Nestor Crochemore.

Relação entre cheios e vazios: Quando, de forma simplificada, as partes fechadas são isoladas das partes abertas das fachadas, o que se vê é que apesar da vista frontal apresentar uma maior harmonia entre as partes (por existirem mais elementos que possuem as mesmas alturas) a outra vista é mais harmoniosa no que se refere a “relação entre cheios e vazios” (fig. 41).

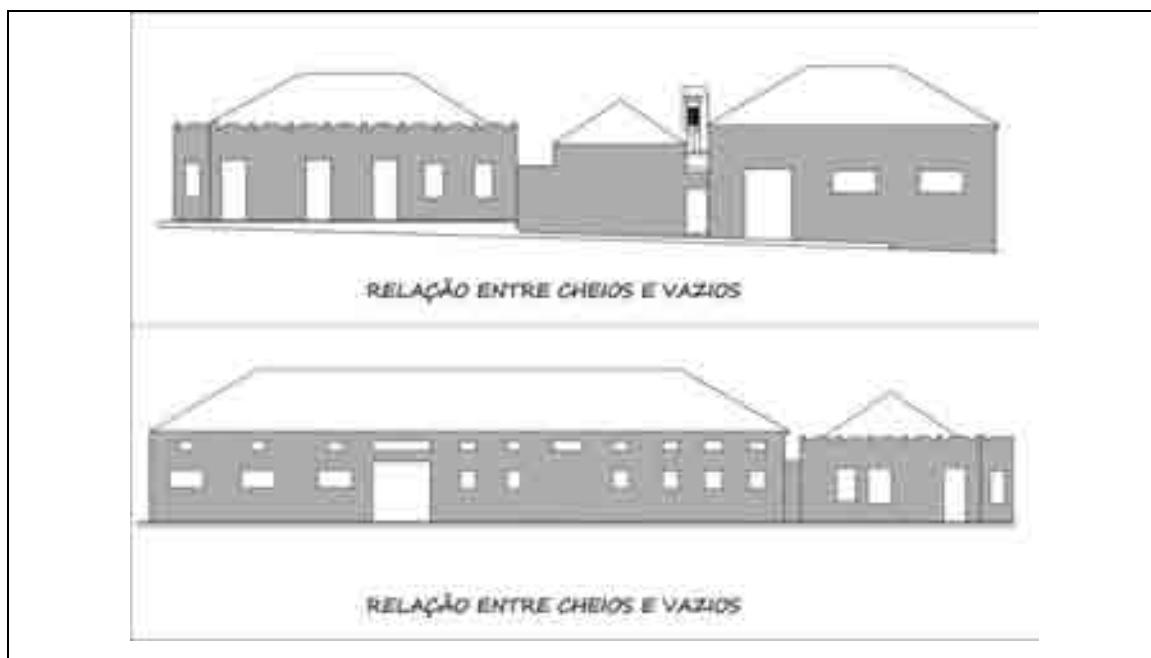


Figura 41 – Análise da relação entre cheios e vazios nas fachadas frontal e lateral (respectivamente) da fábrica de Nestor Crochemore.

Na vista lateral, o edifício da fábrica possui uma grande fachada onde existem inúmeras esquadrias, de diferentes tamanhos. A fachada da antiga residência, por sua vez, apresenta poucas esquadrias, de dimensões equivalentes e com distância maior entre elas.

Simetria: Ao estudar a simetria das fachadas dos diferentes edifícios observou-se que este instrumento de composição foi pouco utilizado (fig. 42). O prédio mais antigo, que corresponde à antiga residência, foi o único no qual se notou a aplicação deste recurso, e nas fachadas do acesso pela estrada do Quilombo. No edifício fabril o que se notou foi apenas o ritmo empregado na distribuição das esquadrias.

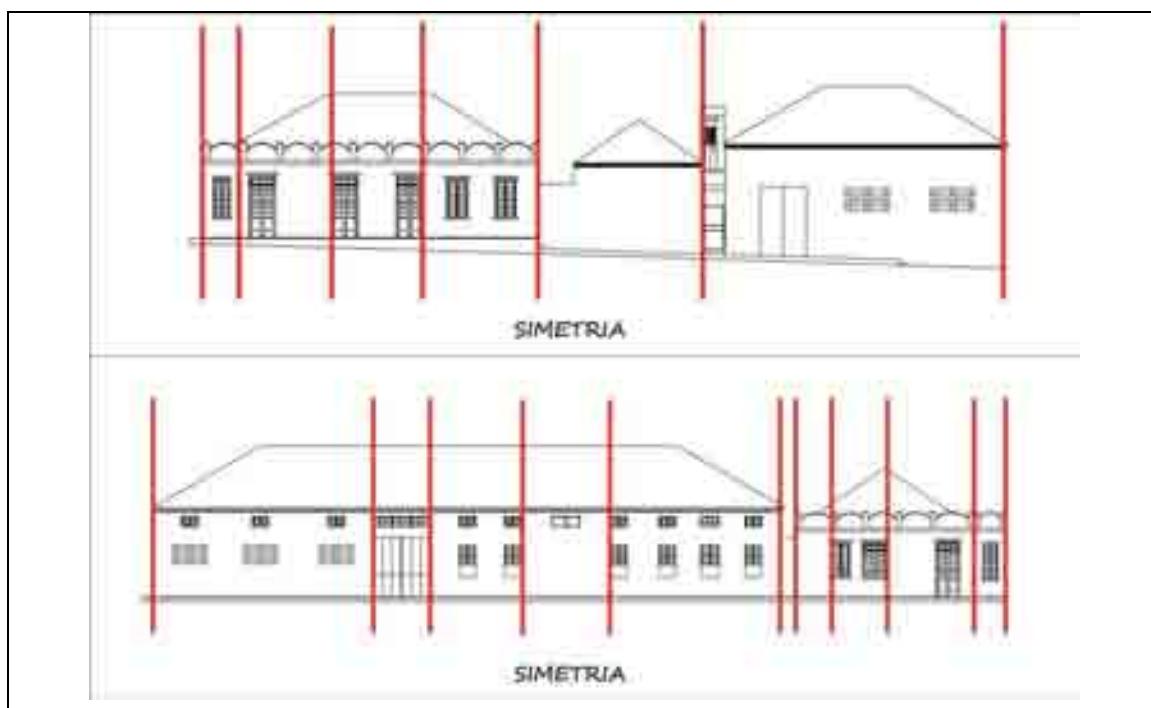


Figura 42– Análise de simetria nas fachadas frontal e lateral (respectivamente) da fábrica de Nestor Crochemore.

5.2.3. Red Indian S/A Indústria e Comércio

A fábrica de conservas Red Indian S/A, implantada em 1948 na cidade do Rio de Janeiro²⁰, instalou sua segunda filial em Pelotas, no ano de 1956. Atualmente, encontra-se desativada. Segundo Bach (2009, p. 119), a implantação desta fábrica na colônia teve origem na sociedade firmada entre Antonio Ernani Pinto da Silva, Albino Saalfeld, Breno Costa Ferreira e Antonio Barbeitos da Silva. O prédio que abrigou a empresa, construído por Albino Saalfeld, encerrou suas atividades em 2004.

A fábrica Red Indian S/A produzia doces variados. Dentre estes citam-se os doces em calda de figo, pêssego, laranja, abacaxi, o doce de abóbora, dentre outros. O uso do morango pela Red Indian é citado em matéria do Diário Popular²¹.

1^a PARTE- RELAÇÃO COM O ENTORNO

Localização e Vizinhanças

O terreno onde a fábrica está implantada, situado na localidade Ponte Cordeiro de Farias, no 5º distrito do município de Pelotas (Cascata), antiga Colônia Botafogo, com frente sudoeste, apresenta forma irregular. A referida localidade tem grande destaque na produção agroindustrial de doces, visto que concentra várias fábricas (fig. 43) e está na região mais importante em termos de plantio de pomares de pessegueiros do município de Pelotas.

O acesso a fábrica é bastante simples, pois o ônibus que parte do centro da cidade de Pelotas, na esquina da rua Sete de Setembro esquina Barão de Santa Tecla, possui uma parada exatamente em frente a ela, localizada na beira da estrada do Quilombo sem recuo com relação a esta.

O prédio da fábrica, além da produção de doces, não teve outra função até encerrar as suas atividades. Atualmente, o seu escritório ainda é mantido

²⁰ Informações encontradas no site da empresa: <http://www.red-indian.com.br/>

²¹ Diário Popular 31.10.2003. Rural: Fruta tem mercado garantido.

com a presença de uma funcionária, a Sra. Vera, que auxiliou neste processo de levantamento de dados concedendo acesso a fábrica.



Figura 43- Vista aérea da concentração de fábricas na localidade Ponte Cordeiro de Farias. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2006.

O local onde a fábrica foi implantada concentra várias fábricas que utilizam o pêssego como sua matéria-prima principal. Mas, a referida região tem sua importância, também, ressaltada por concentrar outras atividades de valor cultural e institucional.

Segundo este recorte feito no mapa que representa a zona rural de Pelotas (fig. 44), nota-se que existe um núcleo que congrega diferentes usos.

A região possui um caráter diferente das demais paisagens rurais. Em um raio de distância de no máximo 300 m é identificada a presença de seis fábricas de doces com datas de fundação que variam entre 1934 a 1965 (Bach, 2009): *a fábrica de Sylvio Bauer* (1965 -1982), que produzia passas de pêssego, doces de figo, goiaba, marmelo, pêssego e abacaxi; *a fábrica de João Bauer Sobrinho*, (1934 - 1964) (fig. 45); *a fábrica de Conservas Bauer*, de Lino Bauer: (1946 - 1970) (fig. 46); *a fábrica Delrio* (de origem argentina) (1964 - 1968), que mais recentemente já teve a função de casa de baile (fig. 47); a

fábrica de Arthur Schiller (1940) que hoje pertence à fábrica Golden Peach (fig. 48); e a Fábrica de Albino Saalfeld (1960) que em 1965 foi adquirida pela fabrica de conservas Vega (fig. 49).



Figura 44- Recorte do mapa rural cadastral de Pelotas adaptado pela autora em 2011.
Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas.



Figura 45- Fábrica de João Bauer Sobrinho.
Fonte: acervo pessoal de Alcir Bach (2009)

Figura 46- Fábrica de Conservas Bauer.
Fonte: acervo pessoal de Alcir Bach (2009).

	
Figura 47- Fábrica Delrio. Fonte: acervo pessoal de Alcir Bach (2009).	Figura 48- Fábrica de Arthur Schiller.
	
Figura 49- Fábrica de Albino Saalfeld.	

As tipologias arquitetônicas dos prédios neste cenário fabril são variadas. Encontra-se fábricas com fachadas bem simples, telhados de barro, platibandas, modulação marcante na fachada, com traçado mais racional.

Ao lado da Red Indian S/A, distante apenas 6,20 m, está localizada a antiga fábrica de Albino Saalfeld (fig. 49) que, apesar de representar um edifício de grande dimensão, desenvolveu-se no sentido do declive do terreno ficando, em seu primeiro plano, o antigo hotel que hoje abriga escritório da fábrica Golden Peach. Este volume organiza-se em apenas um pavimento, com pé-direito e cobertura (de telhas de barro). O seu desenvolvimento linear e o número de esquadrias presentes em sua fachada justificam a função de hotel que esta edificação já ocupou.

Características gerais:

A dimensão e a forma da fábrica destacam-se na paisagem local, transformando-a em um marco arquitetônico da região (fig.50).

No fundo do terreno se vê em um grande campo o arroio que era utilizado para a limpeza da fábrica. À água deste arroio, por receber efluentes ácidos provenientes da pelagem do pêssego, eram adicionadas substâncias químicas como sulfato e soda. Já a água que era utilizada para consumo em bebedores, para lavar o pêssego e fazer a calda era proveniente de um poço artesiano a qual era adicionado cloro.



Figura 50- Imagem aérea do conjunto fabril da Red Indian S/A. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2006.

2ª PARTE: CONFIGURAÇÕES INTEIRAS DOS EDIFÍCIOS

A configuração formal da fábrica é apresentada tendo o retângulo como forma básica, ficando o menor lado deste voltado para a estrada à frente do terreno, estabelecendo, portanto, esta face como a fachada principal do edifício. Existem outras partes anexas ao prédio, de dimensões reduzidas que não comprometem a vista principal da fábrica. A única parte anexa a fábrica que tem sua vista para a estrada integra-se ao corpo do edifício garantindo a unidade formal deste. Isto ocorre porque o escritório, anexo em questão, possui dois pavimentos, totalizando a altura da fábrica que, devido a sua função, depende de um amplo pé-direito. Não é percebida uma interrupção mais acintosa quando da ligação dos dois edifícios. O bloco do escritório utiliza-se das mesmas linhas horizontais que orientam o traçado da fachada da fábrica, da altura das esquadrias, da marcação da estrutura (viga) e da marcação da

base. Porém, há uma pequena diferença dimensional no que se refere à altura da platibanda.

O prédio da fábrica tem 33,05 m, de testada principal, 68,4 m de largura e 6,81 m de altura. Este abrange uma área total de 2896,6 m² distribuída em 2055,8m² de área de produção, 308,57 m² de área de anexos, 64,9 m² de área do escritório localizado no primeiro andar, 55,43 m² de área do escritório localizado no segundo andar, 29,8 m² de área de banheiros, 94,18 m² de área da caldeira e 287,9 m² de área do setor de serviços complementares.

A forma mostra-se “limpa”, ou seja, sem acréscimos que descaracterizem o conjunto no seu visual a partir da estrada. Os *sheds* que compõem o sistema de sua cobertura, não são mais destacados porque se desenvolvem no sentido do declive do terreno, sendo mais expressivos na fachada lateral da fábrica analisada. Esta face da Red Indian pode ser melhor visualizada quando o observador entra na propriedade. Quando o faz, vê outra composição de fachada, diferente da frontal, onde não existem muitas regras de alinhamento e as esquadrias obedecem a alturas diferentes e se apresentam com dimensões variadas. O que parece dar unicidade a esta fachada é sua marcação de base e sua linha de coroamento

Os anexos situados mais próximos ao corpo da fábrica tentam manter a linguagem da mesma utilizando platibanda e dando continuidade à marcação da base que é feita através de pintura de cor verde escuro. Somente na caldeira isto não ocorre porque esta possui telhado de duas águas com fechamento com telhas de barro do tipo francesa.

O bloco que aparece mais distante e que abriga funções que foram denominadas “serviços complementares” repete a marcação da base, apresenta a mesma cor em sua fachada (branca) e a cor das esquadrias segue a utilizada nas esquadrias da fachada lateral da fábrica (vermelha). Entretanto, este bloco apresenta claramente a união de três edificações diferentes, sendo que as que se localizam nas extremidades possuem suas empenas voltadas para fábrica. Ele é descrito por formas bastante simples e sem grande preocupação estética.

3^a PARTE: GRANDES ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Cobertura

A cobertura em *sheds* (dentes de serra) é o sistema presente em todo o bloco principal da fábrica (fig. 51). Neles são instaladas esquadrias metálicas através das quais se dá a iluminação e a ventilação do edifício. As águas dos *sheds* têm sua inclinação obedecendo ao sentido do declive do terreno (sudoeste-nordeste).

As treliças utilizadas na estrutura da cobertura da fábrica variam em forma e material. Na parte mais alta da fábrica, onde se pode supor que funcionava o depósito, e na mais baixa, onde a suposição é de abrigava a função de recepção da matéria-prima, as treliças são mais esbeltas por serem metálicas (fig. 52). Já na área central, onde ocorria a produção, são observadas tesouras de madeira (fig. 53). O uso da madeira neste setor pode ser devido aos produtos químicos liberados na feitura dos doces que acabam por corroer o material metálico.

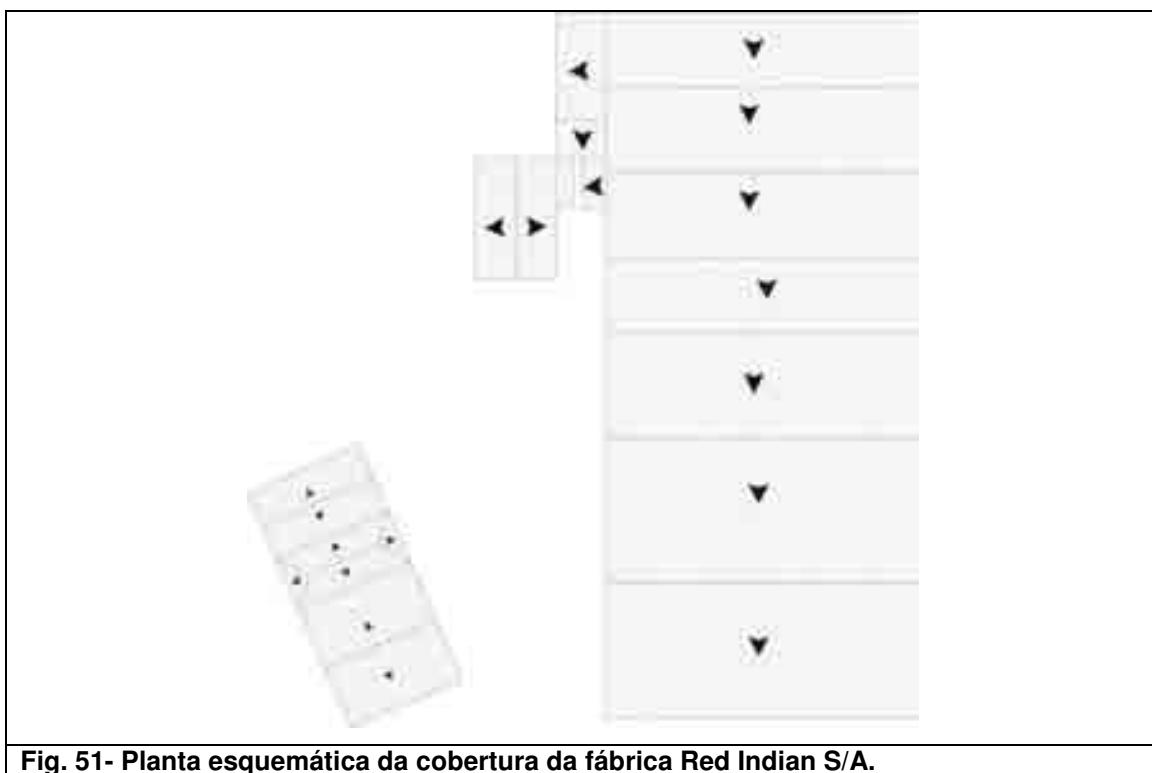


Fig. 51- Planta esquemática da cobertura da fábrica Red Indian S/A.

	
Fig. 52- Treliças metálicas da fábrica Red Indian S/A.	Fig. 53- Tesoura de madeira da fábrica Red Indian S/A.

O fechamento da cobertura de toda a extensão da produção é com telhas de fibrocimento onduladas, as mesmas utilizadas na cobertura do escritório e no bloco que abriga os banheiros e vestiários. Nos blocos restantes são utilizadas telhas de barro francesas.

Paredes

A Red Indian caracteriza-se por seus amplos espaços que se comunicam entre si. Não há muitas paredes dividindo os espaços internamente (planta livre) e as que existem possuem várias aberturas e acessos para o espaço seguinte. Interiormente, a organização dos espaços é também condicionada pela estrutura disposta em módulos, bem marcada através dos pilares. O sistema construtivo utilizado para a edificação das paredes é o de alvenaria de tijolos de barro, rebocada e pintadas e com algumas áreas, tais como as da produção com azulejos até a altura de 1,80m.

Chaminé

A chaminé presente na Red Indian (fig. 54), de seção quadrada, apresenta algumas peculiaridades. Em primeiro lugar, sua forma geral é escalonada, diminuindo de espessura a medida que fica mais próxima do topo. Mas o ponto que atrai maior atenção é o fato de que junto a sua parte mais alta possui a logomarca da fábrica estampada em alto relevo, identificada pela figura de um índio.



Figura 54- Chaminé da Red Indian.

4^a PARTE: APRECIAÇÃO DOS AMBIENTES INTERNOS

As atividades da fábrica foram encerradas em 2004. Portanto, no momento da realização deste levantamento, novembro de 2010, o edifício encontrava-se praticamente vazio, sendo ocupado essencialmente por grandes latões da fábrica vizinha, Golden Peach, e várias caixas de papelão. Poucos equipamentos permaneciam no local e alguns sem se ter a precisão de sua localização original. Além disto, a funcionários que abriu as portas da fábrica, mesmo trabalhando como secretária, não dispunha de muitas informações.

Desta forma, o desafio foi o de compreender a logística de funcionamento da produção de doces e, da melhor maneira possível, a função que estes espaços exerceram na época em que a indústria estava a pleno vapor. O auxílio a essas questões partiu da própria arquitetura, dos revestimentos internos e do conhecimento adquirido a respeito do funcionamento de outras fábricas de conservas.

Inicialmente, fez-se uma planta esquemática para diferenciar as áreas segundo seus revestimentos internos (fig. 55). A partir daí foram descartadas as áreas que possuíam piso de cimento e as áreas do setor da produção caracterizadas como possuidoras de piso revestido com placas cerâmicas ou de cimento queimado. Em especial, este último revestimento foi observado em

um espaço que apresentava uma subdivisão feita por uma grande trama fechada com tela de nylon (fig. 56), de onde se conclui que havia neste local uma preocupação em proteger o que ali estava sendo produzido. O revestimento de azulejo existente nas paredes destes espaços enfatizava que aquele ambiente primava pela higiene, devendo, portanto abrigar alguma etapa da atividade produtiva.

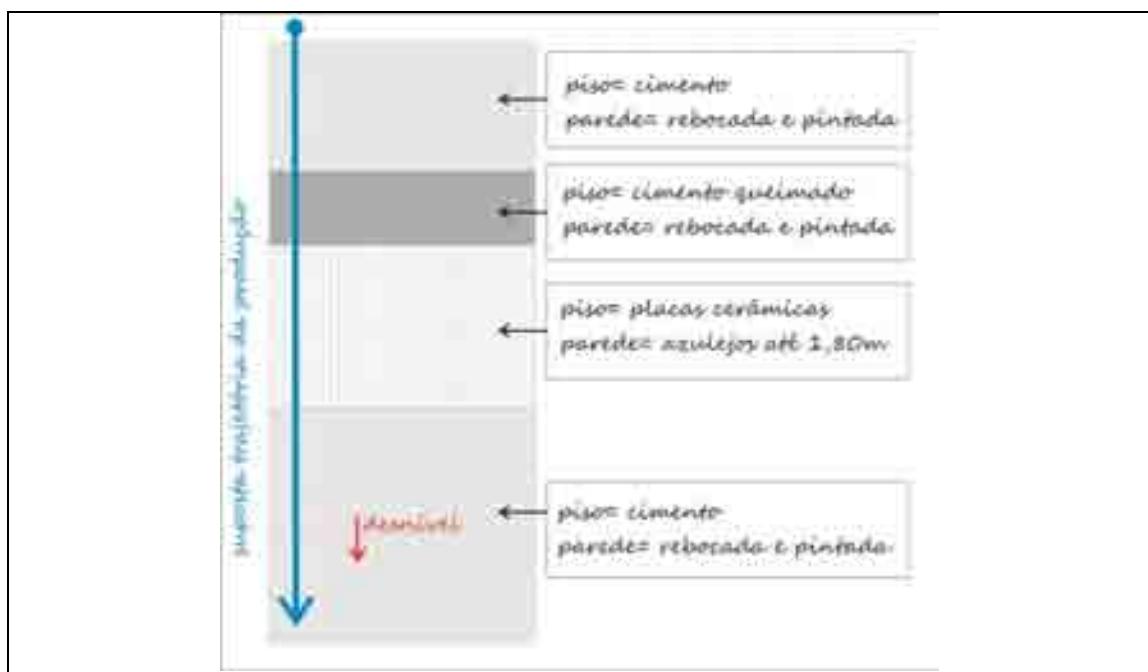


Figura 55- Esquema dos revestimentos do edifício principal da fábrica Red Indian e suposto sentido da produção.



Figura 56- Divisória interna da fábrica da Red Indian.

A área mais baixa do terreno que apresenta piso de cimento, treliças metálicas e paredes simplesmente rebocadas e pintadas, poderia abrigar tanto o depósito quanto a recepção da matéria-prima. A opção por definir uma ou outra função foi de extrema importância para definir o sentido percorrido pela fabricação do doce. O condicionante apontado foi a diferença de níveis de piso encontrada. Estes patamares poderiam servir para dividir as etapas da recepção do material, classificação e pesagem. A área que corresponde à frente da fábrica, também de piso de cimento, paredes rebocas e pintadas e treliças metálicas, possui um espaço contínuo mais amplo, ideal para estocar o produto e funcionar como depósito.

Partindo-se das deduções acima a respeito do processo de produção, foi possível fazer uma setorização geral (fig. 57), pouco detalhada, porém, de certa forma, elucidativa sobre a planta baixa da fábrica.



Figura 57- Setorização planta baixa esquemática da fábrica Red Indian.

A análise foi organizada em quatro grandes setores, os quais são: depósito, produção, recepção e anexos. Este último ainda subdividido em: escritório, banheiros, caldeira e serviços complementares.

Depósito: Grande espaço contínuo, com 427,4 m² de área construída, dimensões internas gerais de 29,64 m x 14,42 m, comprimento e largura, respectivamente. Este apresenta, centralizadamente, o principal acesso da fábrica, devidamente enfatizado em sua fachada, e também possui acesso direto ao escritório e as duas grandes aberturas para a área de produção. Observou-se que as paredes deste ambiente são rebocadas e pintadas e o piso é de cimento e que as esquadrias são todas metálicas, exceto a porta de acesso ao escritório que é de madeira.

Produção: O espaço da produção é caracterizado por uma área total construída de 791,68 m², dimensões internas gerais de 29,64 m x 26,71 m², comprimento e largura, respectivamente, na qual supõe-se como área possível de cozinha o valor de 21,33 m e como área delimitada por telas de nylon, indicando mais um espaço de cozinha, o valor de 92,39 m². O espaço é bastante permeável, com várias aberturas que permitem a comunicação entre eles. Neste ocorrem dois acessos para a área externa da propriedade, por meio de grandes portões. Dois terços desta área representam espaços com piso revestido por placas cerâmicas, e paredes revestidas com azulejos. A terceira parte tem seu piso em cimento queimado e suas paredes rebocadas e pintadas. Em todo este setor a cobertura, composta por tesouras de madeira e telhas onduladas de fibrocimento, fica aparente.

Recepção: A área total da recepção é de 783,08 m², dimensões internas gerais de 29,64m x 26,42 m², comprimento e largura, respectivamente, distribuída em três níveis: o primeiro nível (mais baixo): tem uma área de 361,88 m²; o segundo nível (localizado no espaço central, 25 cm acima) tem uma área de 144,74 m² e o terceiro nível (o de cota mais alta, 1,07 m acima) tem uma área de 266,65 m². Pode ser dividida em três e o espaço central é mais estreito. No espaço de menor cota o acesso é feito por uma rampa, no de cota intermediária (central) o acesso é feito através de uma escada de madeira móvel. No último nível existe um banheiro, dimensões de 2,00 m por 1,85m, comprimento e largura, respectivamente, que não pôde ser visto internamente. Quanto aos materiais, notam-se paredes apenas rebocadas e pintadas e o piso de cimento em todo o setor. Todas as esquadrias são metálicas, exceto pelas

portas que dão acesso á uma pequena área e da porta existente entre este setor e o seguinte.

Anexos: No primeiro pavimento da fábrica, na área destinada à recepção, existe um local mais reservado para o escritório e para um banheiro. Uma escada de madeira conduz o observador até o segundo pavimento que dispõe de uma comunicação direta com a fábrica e uma entrada para atendimento ao público. Atualmente, neste andar são guardados arquivos da fábrica. Atrás desta área referente ao escritório são implantados: um vestiário de 6,87 m², outra área com a mesma finalidade medindo 9,96 m² e um conjunto de sanitários e boxes com chuveiros que totaliza 6,77 m². O espaço da caldeira é amplo, com 84,56 m² de área construída, distando 4,74 m da parede lateral da fábrica. Internamente o piso é de cimento e as paredes rebocadas e pintadas. Neste ocorre uma grande abertura para os fundos da fábrica e duas menores que servem à parte frontal do conjunto fabril. No setor correspondente aos serviços complementares não foi possível entrar. Porém se teve acesso às plantas dos banheiros, masculino e feminino. Na fachada de cada um dos espaços deste setor existe a indicação da função de cada parte do conjunto, que compreende os seguintes ambientes: oficina (50,51 m²); gerador (38,35 m²); banheiros, masculino e feminino (46,62 m²); refeitório (52,4 m²); e vestiário (27,18 m²).

5^a PARTE: APRECIAÇÃO DA VISTA EXTERNA

Cores e revestimentos: Como é característico em construções situadas em área rural, aquelas edificações que não possuem paredes em tijolos à vista, as tem apenas rebocadas e pintadas, em sua grande maioria, na cor branca.

Com esta edificação não foi diferente, porém houve, também, a adoção de outras cores. Na marcação das estruturas e das esquadrias utilizou-se um tom de verde saturado. O vermelho, por sua vez, aparece na logomarca da empresa que estampa a fachada (fig. 58), nas esquadrias que compõem a fachada lateral e nas esquadrias dos edifícios anexos.

O uso de cores diferentes para ressaltar a marcação da estrutura na fachada também aparece em fábricas instaladas nas proximidades, como a fábrica Delrio e a fábrica de Arthur Schiller.



Figura 58- Fachada da Red Indian.

Simplificação da forma: Representada no esquema abaixo (fig. 59) está a simplificação da forma da fábrica que consiste na extração de sua geometria básica, que é o retângulo.

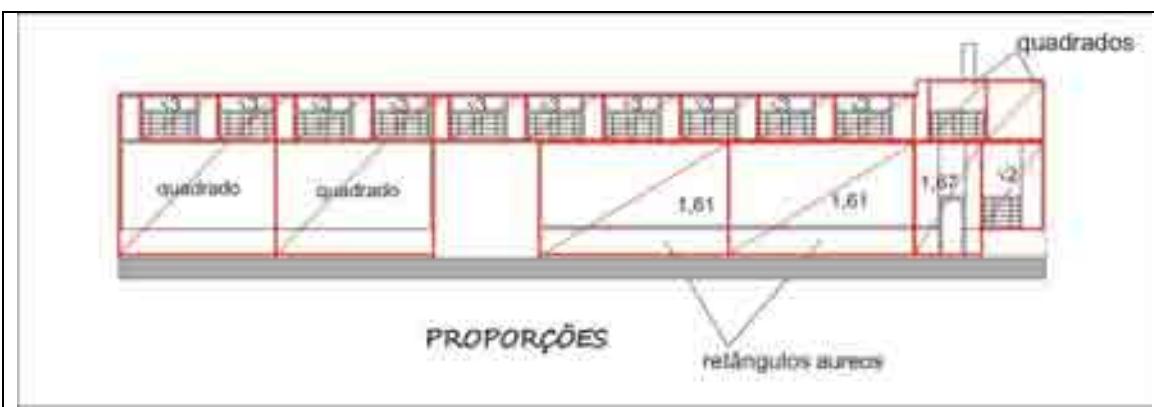


Figura 59 – Análise de proporções adotadas na fachada frontal da fábrica Red Indian.

Após esta primeira avaliação de caráter mais simples, há uma busca por retângulos que compõem a fachada que possam ter proporções ditas harmônicas. Os encontrados foram: o retângulo de proporção áurea (a divisão da dimensão da base pela dimensão da altura resulta no número 1,61); a raiz de dois, a raiz de três e a raiz de quatro (quadrados).

Linhas ordenadoras: Como a fachada do edifício apresenta linhas bastante racionais, podem ser observadas várias linhas que ajudam a estruturar a composição da mesma. As principais são as linhas de base, de coroamento e a que diferencia a parte que compreende as janelas padrão, simetricamente distribuídas (fig. 60).

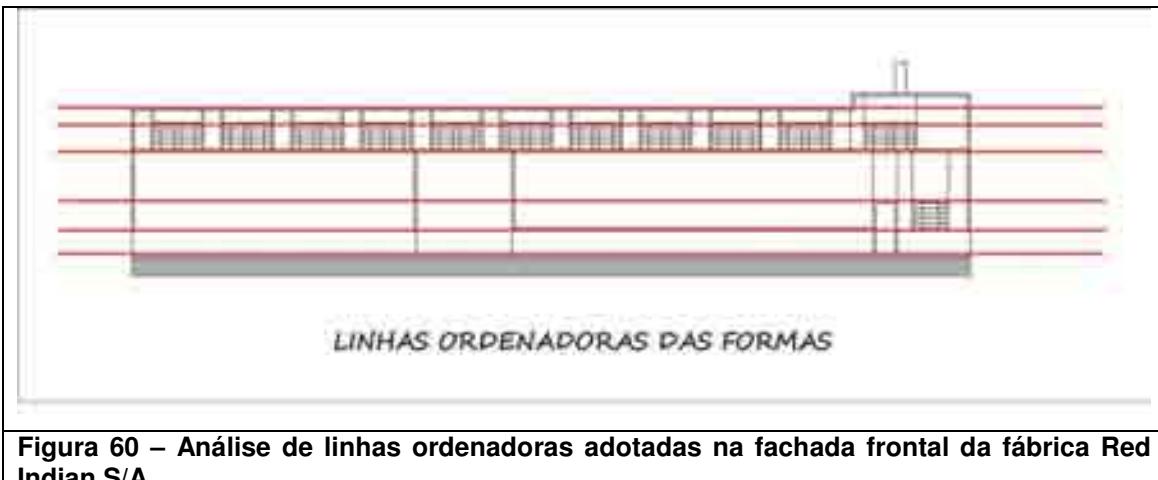


Figura 60 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na fachada frontal da fábrica Red Indian S/A.

Relação entre cheios e vazios: Analisando a fachada principal sob o aspecto da distinção entre espaços cheios e vazios, à primeira vista, a impressão passada é a de que o edifício apresenta grandes áreas de espaços sem abertura. Isto ocorre pela disposição das esquadrias que concentram-se no topo da fachada (intenção de minimizar radiação solar direta no plano de trabalho), possuem grandes dimensões e pequeno espaço entre elas (fig. 61).



Figura 61 – Análise de relação entre cheios e vazios na fachada da fábrica Red Indian.

Simetria: Através de um estudo das linhas verticais que organizam a arquitetura da fábrica, nota-se que esta possui composição assimétrica (fig.62).

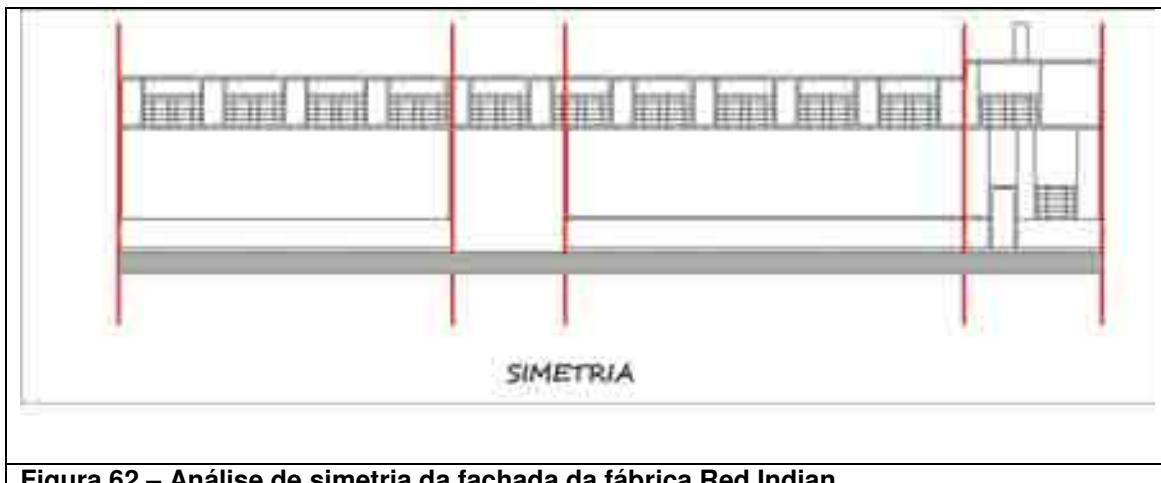


Figura 62 – Análise de simetria da fachada da fábrica Red Indian.

5.2.4. Indústria de Conservas Patzlaff

Valter Patzlaff, fundador da Indústria de Conservas Patzlaff, teve uma indústria de conservas de menor porte antes de 1967. Após essa data foi criada a sociedade que deu origem a indústria Patzlaff e Kütter e Cia. Ltda que foi desfeita em 1985, quando Valter Patzlaff adquiriu a parte de seu sócio e constituiu a Indústria de Conservas Patzlaff Ltda. A fábrica continua em atividade e sua produção é de pêssego em calda (BACH, 2009, p. 75).

A atividade de levantamento feita na fábrica foi acompanhada e orientada pela Sra. Dalva Patzlaff, filha do fundador da mesma.

1^a PARTE- RELAÇÃO COM O ENTORNO

Localização e Vizinhanças

A fábrica de conservas Patzlaff está localizada no perímetro urbano do atual município de Morro Redondo (antigo 8º Distrito de Pelotas), emancipado em 12/05/88²², na Avenida Jacarandá (Fig. 63), número 39. O conjunto fabril que a compõe dista apenas seis metros da referida avenida o que torna o seu

²² Ver em www.portalpublico.com.br/pmmorroredondo.

acesso bastante simples, pois o ônibus que parte do centro de Pelotas, Praça Cipriano Rodrigues Barcelos, tem uma parada praticamente em frente a ela.



Figura 63- Avenida Jacarandá. Fonte: <<http://www.panoramio.com/photo/26215237>>. Acesso em 07 de fevereiro de 2011.

Apesar de a fábrica estar situada em uma área urbana, o local ainda apresenta características que lhe conferem um caráter rural. Isto pode ser visto no tamanho dos terrenos, na forma de ocupação destes com edificações de linhas simples, em sua maioria com telhas de barro. As áreas verdes são predominantes, o tráfego de veículos dá-se sem intensidade.

As construções lindéiras são em sua maioria residências de variadas tipologias, com amplo recuo frontal onde o ajardinamento é valorizado. Outra característica observada é a utilização de coberturas em telhas de barro sem escondê-las com platibandas. Algumas destas avarandadas.

As edificações próximas, mais marcantes na paisagem, são a Igreja do Advento (fig. 64), localizada à aproximadamente 500 m da fábrica, e o Hospital Dr. Hernesto Maurício Arndt (fig. 65), distante aproximadamente 400 m.

	
Figura 64- Igreja do Advento. Fonte: < http://www.panoramio.com/photo/5195867 >. Acesso em 07 de fevereiro de 2011.	Figura 65- Hospital Dr. Hernesto Arndt. Fonte: < http://www.panoramio.com/photo/1992090 >. Acesso em 07 de fevereiro de 2011.

Características gerais

A fábrica parece integrar-se à arquitetura local sem causar grande impacto. Isso ocorre porque, em primeiro lugar, a parte que aparece em primeiro plano na fachada (a mais antiga) remete à uma arquitetura residencial de pequenas proporções. Os blocos anexos, construídos posteriormente, apesar de possuírem dimensões maiores, não se revelam como um grande ponto focal na paisagem pela posição em que foram implantados no terreno (apresentam um recuo frontal maior) (fig. 66). A vista a partir do fundo do terreno ressalta a ruralidade de sua implantação, com vegetação maciça e grande vistas sem o impedimento de barreiras físicas.



Figura 64- Vista da fábrica de Conservas Patzlaff a partir da Av. Jacarandá.

2ª PARTE: CONFIGURAÇÕES INTEIRAS DOS EDIFÍCIOS

Na área demarcada em amarelo na figura 67 podem ser observados os diferentes edifícios que compõem o conjunto fabril. A indústria possui uma área total construída de 1906,18 m², distribuída da seguinte forma: antiga residência (49,1m²); primeira fábrica (308,57 m²); primeiro anexo (332,20 m²); segundo anexo (140,20 m².); terceiro anexo (729 m²); caldeira (137,5 m²); bloco de depósitos (137,5 m²); banheiros (16,18 m²). As dimensões da fábrica são de 40,5 m de comprimento (residência e fábrica) e 53,43 m de largura (fachada frontal).



Figura 67- Imagem aérea do conjunto fabril da Indústria de Conservas Patzlaff. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2006.

A configuração original da fábrica era retangular quando foi implantada nos fundos da residência da família. As primeiras obras de ampliação deram origem a construções que deram continuidade a esta forma retangular. Mais tarde, quando novas ampliações foram necessárias, os novos edifícios tiveram de “contornar” a construção vizinha o que mudou o caráter da implantação que passou a ser escalonada, com diferentes recuos frontais, deixando nebulosa a legibilidade do conjunto. A figura 68 apresenta esta evolução identificando com diferentes cores os momentos das intervenções.

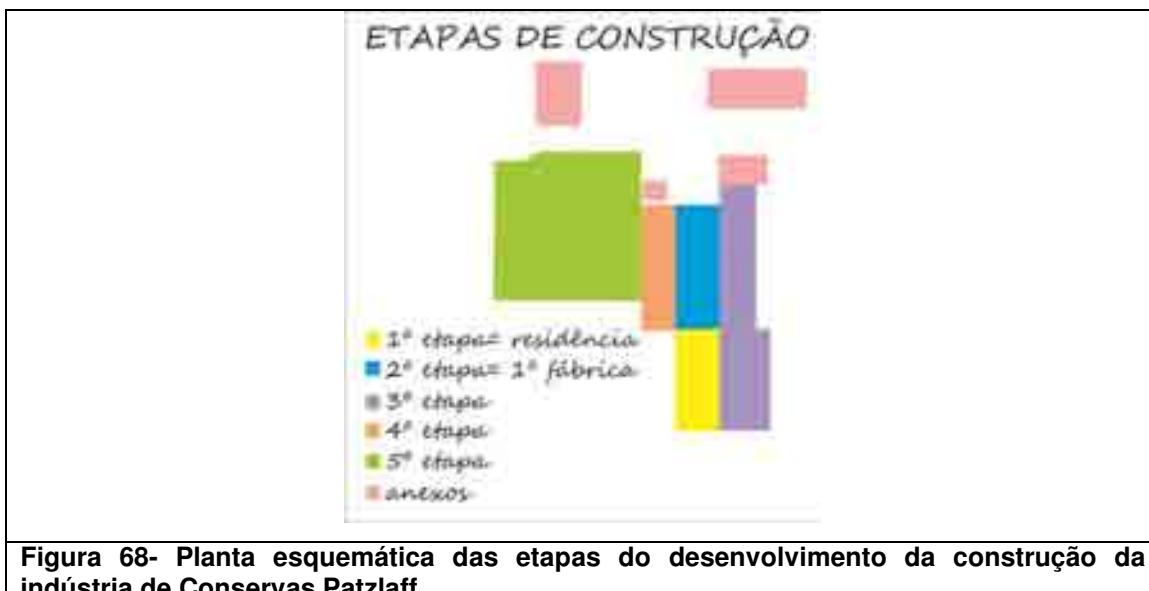


Figura 68- Planta esquemática das etapas do desenvolvimento da construção da indústria de Conservas Patzlaaff.

Os prédios existentes na fábrica apesar de, em sua maioria, organizarem-se em fita apontam para certa independência entre si, de acordo com a ordem em que estão dispostos da esquerda para a direita:

- 1- Edifício com platibanda- funciona como garagem e circulação de veículos— a fachada é quase toda ocupada pelo portão. Sua altura respeita o início do arco da cobertura do galpão que lhe é adjacente.
- 2- Edifício com empena cega (possui função de depósito)— empena originada da cobertura em curva recebe modulação demarcada em sua fachada. Dada a sua proporção, a única abertura que possui (portão) é muito pequena.
- 3- Edifício com platibanda inclinada (abriga parte da produção)— integra-se mais harmoniosamente com o conjunto antigo pela dimensão de esquadrias e por apresentar a mesma cor na fachada. Possui acabamento na platibanda tal como uma moldura em seu topo.
- 4- Edifício com telhas aparentes (antiga residência e atualmente funciona como recepção): é a única parte a revelar as telhas de sua cobertura. Estas, de barro, do tipo capa e canal. A edificação é avarandada como outras residências da localidade, com marquise de concreto. Mostra em sua fachada a organização interior original (cômodos organizados por um corredor central). Está em primeiro plano na vista frontal da fábrica.
- 5- Edifício com platibanda inclinada e com topo escalonado (abriga a recepção da matéria-prima): demonstra preocupação em

compatibilização com a edificação adjacente, visto que o friso presente em sua fachada acompanha a altura inicial da cobertura daquela. Além disso, a altura de seu portão segue aproximadamente a altura da marquise deste edifício. É notória a preocupação estética, pois, apesar da compatibilização com a construção preexistente, adota solução arquitetônica que marca sua temporalidade: uso de platibanda e a mesma recebendo acabamento com escalonamento desenhado em sua linha de coroamento.

De forma geral, as diferentes construções mostram formas conflitantes que vão desde um típico galpão industrial a uma modesta residência rural.

Os prédios posicionados de forma avulsa, situados nos fundos da fábrica, onde o terreno é mais baixo e a simplicidade é mais evidente, apresentam pequenas dimensões, quando comparados ao conjunto implantado em fita, e não seguem qualquer alinhamento do conjunto. Estas são construções singelas feitas com tijolos de barro aparentes (no caso da caldeira) como a fachada de fundos da fábrica.

Estes anexos soltos no terreno não ostentam qualquer preocupação com composição da fachada a exemplo dos portões de dimensões e alturas diversas. Nestes também é possível ler como forma básica a retangular. A caldeira fica a 8,6m da fábrica e o bloco onde funcionam depósitos a 4,7m.

3^a PARTE: GRANDES ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Cobertura:

O sistema construtivo e os materiais empregados na cobertura são indicadores significativos das etapas de construção do conjunto (fig. 69). A diferença de idade dos diferentes prédios pode ser percebida por suas coberturas tanto interna como externamente.

Na vista interna, os prédios mais antigos são constituídos de tesouras de madeira simples aparentes, com tirante composto por toras rústicas. Nos prédios mais novos ocorre a presença de treliças metálicas (em arco no galpão maior) cujo uso repercutiu em um expressivo aumento do vão livre.

Externamente as diferenças apontadas baseiam-se no uso ou não de platibanda e na inclinação dos telhados²³.

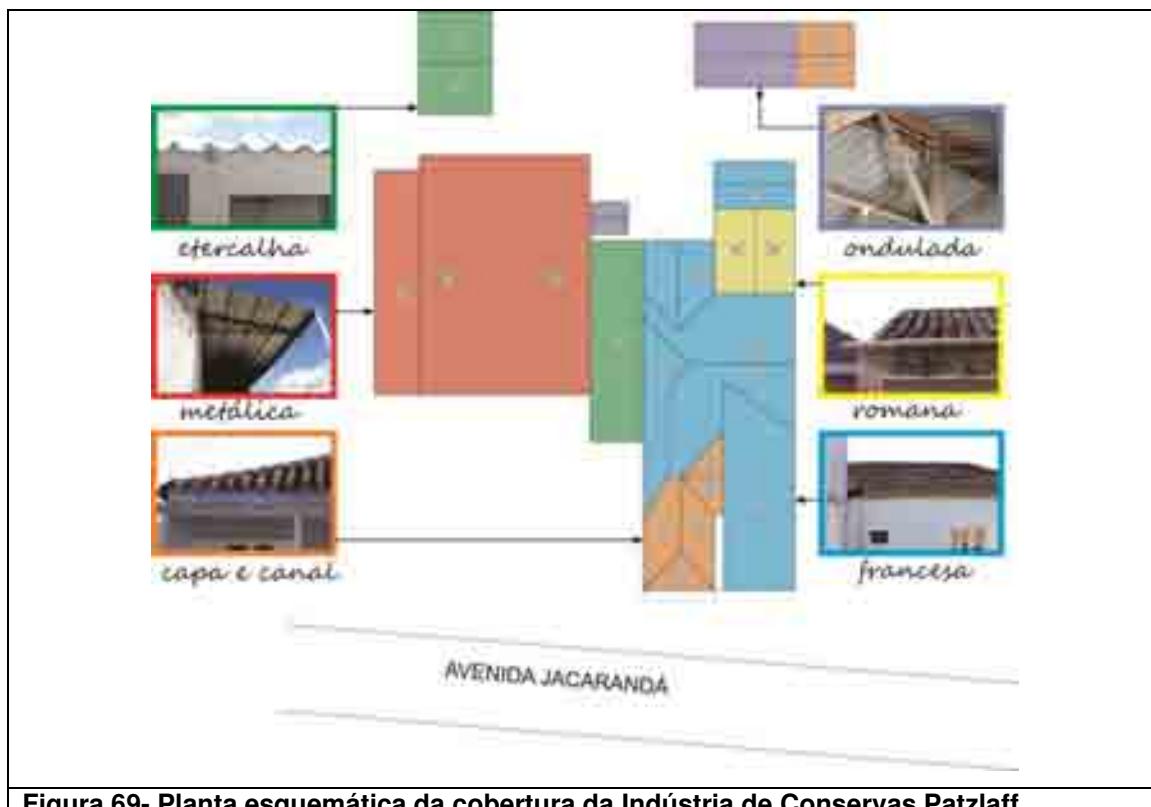


Figura 69- Planta esquemática da cobertura da Indústria de Conservas Patzlaff.

Dentre as fábricas estudadas esta é a que apresenta maior variedade de telhas (seis) como aponta a figura 69. No galpão usado como depósito a iluminação pela cobertura ocorre a partir de telhas translúcidas instaladas em alguns pontos em meio às telhas metálicas. Estas são utilizadas também no anexo ao lado, utilizado como garagem.

Foi observado o uso da telha de fibrocimento do tipo “etercalha” em um dos prédios que abriga a produção e no anexo utilizado como depósito, no fundo do terreno. Nos banheiros e em parte da cobertura do edifício da caldeira, situados no fundo do terreno, é utilizada a ondulada telha de fibrocimento. Os edifícios restantes possuem no fechamento de suas coberturas telhas de barro: tipo capa e canal, tipo francesa e tipo romana com capa quadrada.

A estrutura é feita em madeira em todos os edifícios exceto pela área mais nova onde são utilizadas treliças metálicas.

²³ Telhas de barro, utilizadas nas partes mais antigas da fábrica, exigem inclinações maiores do que, por exemplo, as telhas mais novas instaladas no galpão mais atual.

Paredes:

As paredes da fábrica são de alvenaria de tijolos de barro maciços rebocadas e pintadas, exceto na recepção, caldeira e nas fachadas de fundos dos edifícios mais antigos onde os tijolos são aparentes. Na recepção os tijolos aparentes são pintados com cal. No galpão mais novo a modulação é demarcada por pilares que se sobressaem da espessura da parede.

Chaminé

A chaminé da fábrica, localizada no prédio da caldeira, é de metal e possui seção circular (fig. 70).



Figura 70- Chaminé da Indústria de Conservas Patzlaaff.

4^a PARTE: APRECIAÇÃO DOS AMBIENTES INTERNOS

A organização espacial da produção da fábrica pode ser divida, basicamente, em três grandes setores, segundo a sua função (fig. 71): o primeiro setor corresponde a parte mais antiga do conjunto e recebeu a denominação de “recepção” por abrigar atividades como recepção da matéria-prima, escritório e recepção de clientes; o segundo setor denominado de “produção”, abriga toda a atividade de preparo do pêssego em calda; e o terceiro e último setor foi denominado de “depósito” porque abriga as latas prontas para o transporte e o açúcar utilizado na fabricação do doce.

A fábrica apresenta ainda pequenas unidades anexas soltas na parte dos fundos do terreno que serão analisadas separadamente desta grande setorização.

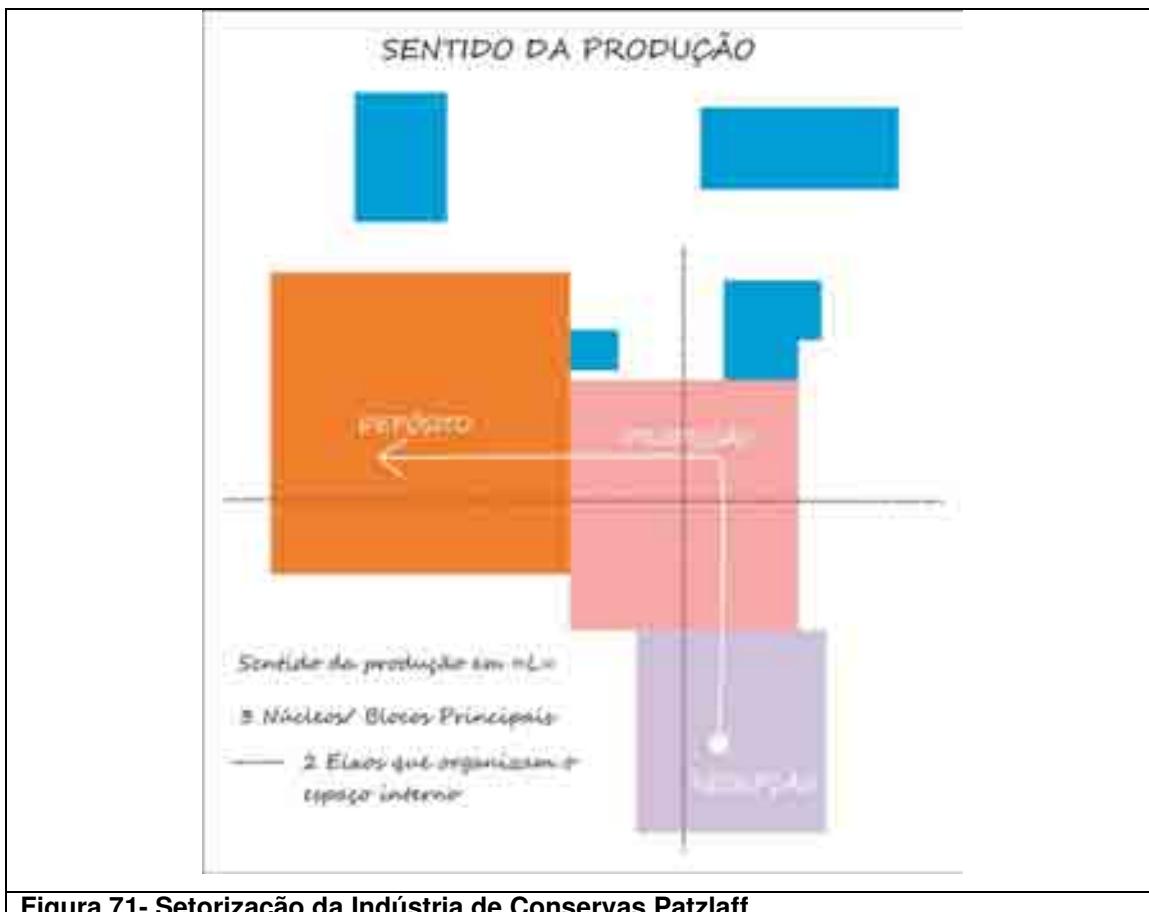


Figura 71- Setorização da Indústria de Conservas Patzlaff.

Recepção

Compõe este setor um escritório ($64,6 \text{ m}^2$), dividido em uma área de atendimento ao público e outra área reservada de trabalho. A divisão deste espaço é com paredes de madeira. Também são de madeira neste ambiente o piso (exceto por uma pequena área próxima ao balcão revestida por placas vinílicas), o forro, as esquadrias e as venezianas das janelas.

Além deste, também fazem parte desse setor, um arquivo ($54,35 \text{ m}^2$), área contigua ao escritório onde há um banheiro; um banheiro ($7,13 \text{ m}^2$); uma área de recepção da matéria-prima ($143,3 \text{ m}^2$) que constitui um amplo ambiente, com piso de cimento, um portão metálico e uma porta de madeira, onde a fruta é classificada e pesada e com espaço para estacionamento do veículo que a transporta; e uma área de luz (10 m^2), construída quando a parte que abriga a função de recepção da matéria-prima foi implantada.

Produção:

A área em questão possui três partes distintas, oriundas de três fases de implantação. A primeira parte é a continuação da antiga residência do proprietário (hoje, escritório), com piso de cimento e forro de PVC cobrindo uma pequena área. A segunda parte é um prolongamento da área de recepção de matéria-prima onde o tipo de piso é mantido. E a terceira parte funciona como elemento de transição entre a parte mais moderna e a mais antiga da fábrica. Neste foi observado outro tipo de revestimento de piso, feito em placas de pedra lixada.

A circulação deste setor é complexa, pois para se transitar entre os prédios é necessário contornar os diferentes maquinários utilizados na fabricação do doce. Todas as esquadrias presentes neste setor são metálicas. A figura 72 destaca a parte da fábrica que abriga a produção doce a ser detalhada.



Figura 72 - Planta baixa esquemática da Indústria de Conservas Patzlaff e delimitação do recorte a ser detalhado.

No processo (fig. 73), partindo do segundo edifício, o pêssego passa por uma esteira de corte e em seguida para o descaroçamento, que pode ser manual ou semi-automático. Através de uma esteira transportadora passa para o primeiro edifício onde são separados os caroços. Posteriormente, as frutas passam pelo virador e em seguida pelo pelador.

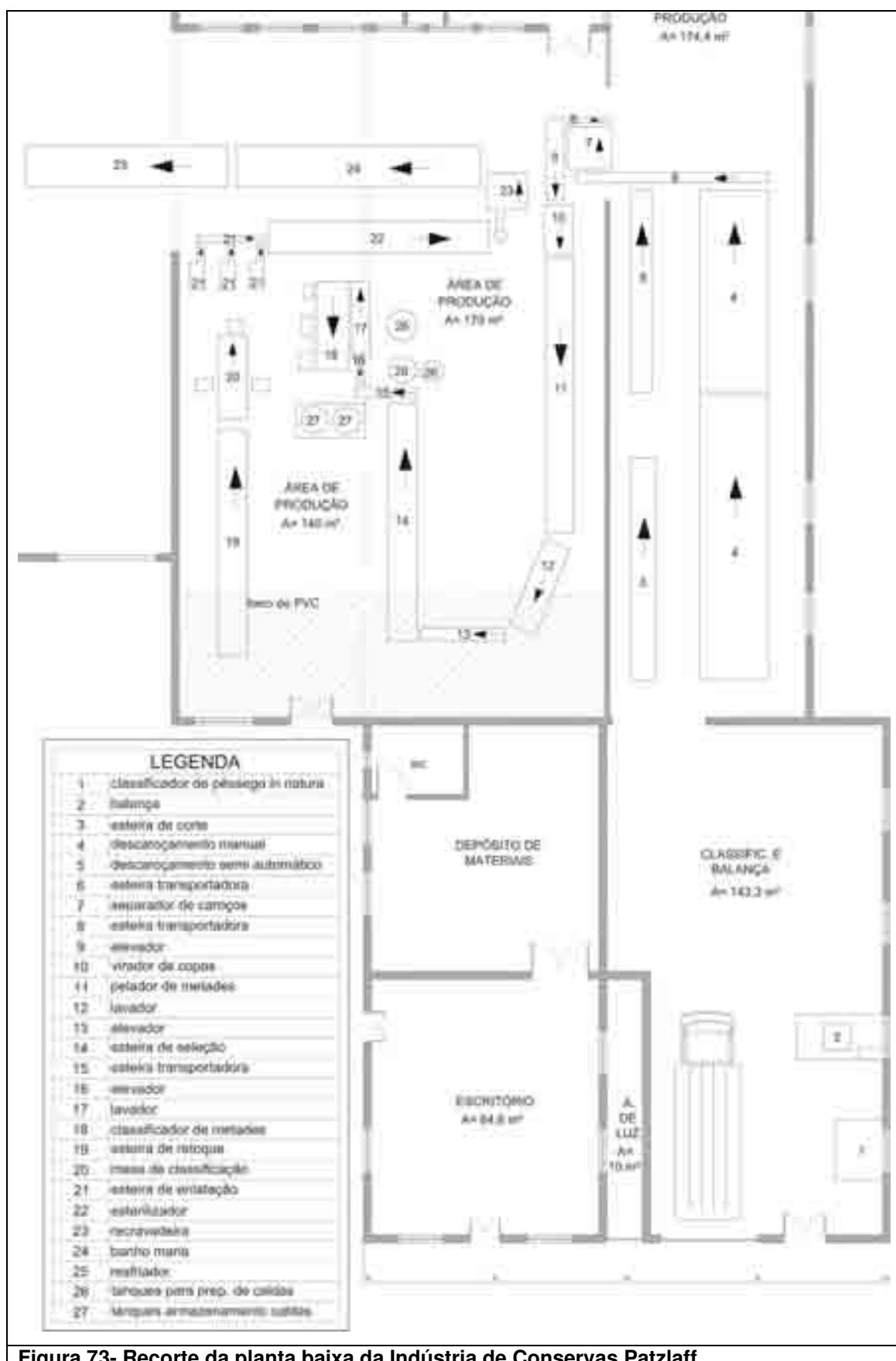


Figura 73- Recorte da planta baixa da Indústria de Conservas Patzlaff.

No próximo estágio o pêssego é lavado, passa por uma seleção e é transportado ao próximo edifício. Chegando ao terceiro edifício, o pêssego é novamente lavado, passa por outra seleção e é encaminhado a uma esteira onde são feitos os retoques necessários. Após passar por uma mesa de classificação o pêssego vai para a esteira de enlatação. A etapa seguinte é a esterilização, que começa neste edifício e termina no primeiro. Só depois de passar pela recravadeira²⁴ e iniciar o processo de banho Maria é que o pêssego retorna ao último edifício desse setor produtivo. Na passagem deste para o depósito é feito o resfriamento das latas.

Na figura 74 é apresentada, esquematicamente, a dificuldade de orientação dentro do conjunto do esquema da produção, podendo este ser lido como um labirinto de descontinuidades. Os três edifícios que compõem este processo não setorizam claramente a produção. A área total deste setor é de 493,4 m² distribuídos em 179 m² no primeiro edifício, 174,4 m² no segundo edifício e 140 m² no terceiro edifício.



Figura 74 – Esquema do caminho da produção na Indústria de Conservas Patzlaff.

²⁴ Máquina utilizada para fechar as latas.

Depósito

Este setor é composto por um amplo galpão (595 m²), com piso de cimento, que serve como depósito das latas de pêssego e do açúcar. Adjacente a este galpão há um recuo lateral coberto (127,5 m²) que possui a função de abrigar o veículo que transportará o produto. O galpão possui pé-direito alto— 7,24m no início do arco— e amplo vão livre. São poucas as esquadrias e estas são metálicas. A iluminação fica a cargo de telhas translúcidas instaladas em alguns pontos da cobertura.

Anexos

Deste setor fazem parte ambientes destinados a: caldeira e gerador, pequenos depósitos (um deles solto no fundo do terreno e o outro atrelado ao corpo da fábrica) e banheiros. A arquitetura do espaço destinado ao gerador e a caldeira não apresenta qualquer ordenamento formal. O espaço que abriga a caldeira é aberto ao exterior. Os depósitos e os banheiros não puderam ser avaliados internamente. A base do prédio da caldeira, o prédio do depósito que fica no fundo do terreno e o prédio dos banheiros acompanham o declive do terreno. Este último edifício possui uma platibanda com altura tal que esconde a caixa d'água. Sua distância em relação ao conjunto da fábrica é de apenas 75 cm, o que resulta em um corredor estreito e escuro.

5^a PARTE: APRECIAÇÃO DA VISTA EXTERNA

Cores e revestimentos: O conjunto analisado possui simplicidade em seus revestimentos, sendo apenas rebocado e pintado (fig. 75). As cores, ao mesmo tempo tentam dar unidade ao conjunto, também fazem diferenciação entre os prédios mais antigos, pintados de azul acinzentado com esquadrias pintadas de branco, e os mais novos, pintados de branco com detalhes no mesmo tom de azul.



Figura 75- Fachada frontal da Indústria de Conservas Patzlaff.

Simplificação da forma: No esquema abaixo (fig. 76) são apresentadas simplificadamente as formas básicas que compõem a fachada principal. Deste pode-se extrair que as fachadas se derivam de uma forma básica comum, a retangular.

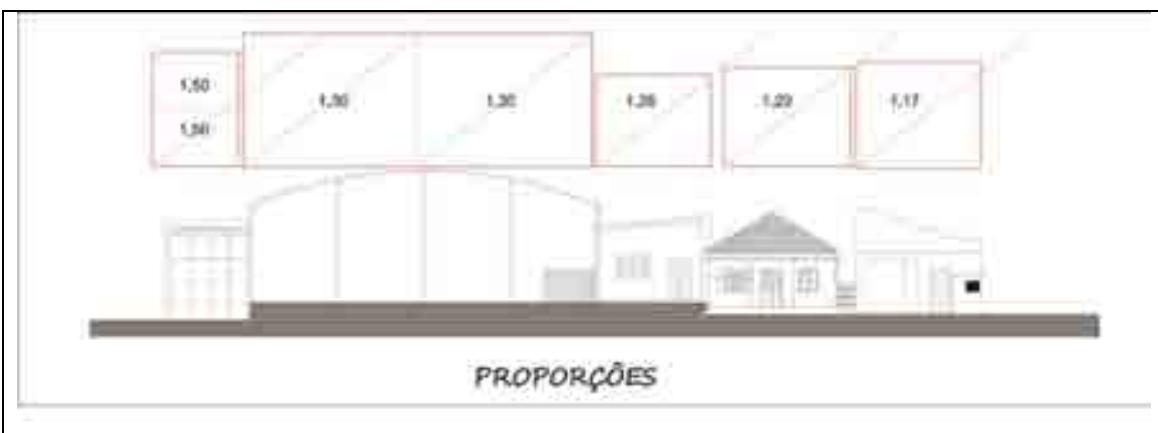


Figura 76 – Análise de proporções adotadas na Indústria de Conservas Patzlaff.

O número escrito dentro de cada retângulo revela a divisão da dimensão de sua largura pela dimensão de sua altura. Este número vai indicar a proporção existente em cada caso. Nota-se, que os números resultantes são bastante próximos, exceto pelos dois retângulos localizados nas extremidades.

As diagonais traçadas nos dois retângulos que compõem a forma básica do galpão mais novo, quando importadas para os outros retângulos revelam a similaridade de proporções.

Linhas ordenadoras: A próxima análise, demonstrada na figura 77, indica algumas linhas horizontais que ajudam a organizar os diferentes edifícios. A linha mais alta mostra a relação entre as alturas das coberturas. Coincide com a altura da platibanda da garagem, com o início do arco do galpão, com a cumeeira do edifício mais antigo e, aproximadamente, com a altura máxima dos dois blocos de platibanda inclinada.



Figura 77 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na Indústria de Conservas Patzlaff.

A linha intermediária, que marca a altura da janela do anexo que separa o prédio mais novo do mais antigo, coincide com a altura da inclinação do telhado deste último e também com o friso presente no prédio situado mais a direita. A última linha desenhada indica as mesmas alturas do portão do galpão, das esquadrias da antiga residência e a porta do edifício localizado mais a direita.

Relação entre cheios e vazios: Nas três fachadas mais antigas, a relação entre cheios e vazios na fachada é harmoniosa (fig. 78). Contudo, no último bloco implantado há uma grande discrepância. A parte da fachada relativa à garagem tem sua face quase que totalmente ocupada pelo portão. Por outro lado, o galpão apresenta uma grande parede que possui apenas um portão, pequeno diante da dimensão desta fachada.



Figura 78 – Análise de relação entre cheios e vazios na Indústria de Conservas Patzlaff.

Simetria: Analisando os edifícios separadamente, nota-se que a simetria é uma característica presente em todos exceto pelo edifício que ocupa a função de recepção da matéria-prima, implantado à direita (fig. 79).

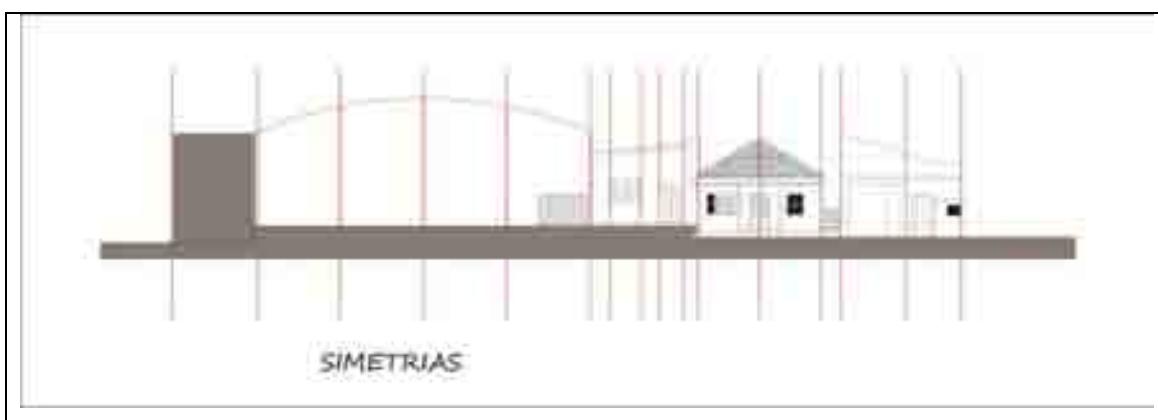


Figura 79 – Análise de simetria na Indústria de Conservas Patzlaff.

5.2.5. Fábrica de Conservas Schaun

A fábrica de Conservas Schaun começou pequena, com registro datado em 1952. Era uma indústria tipicamente familiar. No auge trabalharam com cerca de 50 operários, todos da redondeza. No começo era tudo a base de lenha e manual. Somente passado algum tempo foi colocado o primeiro motor. Nos últimos anos é que a produção chegou a cerca de 120 mil latas, sendo em torno de 60 mil de pêssegos e o restante de abacaxi, morango, figo e pepino. Para os trabalhos técnicos com o pêssego contavam com o trabalho do técnico da Estação Experimental de Cascata, o Sr. Joaquim Martins. Usaram máquina

de descascar por cerca de três ou quatro anos, depois passaram para o descasque químico. (BACH, 2009, p. 60).

Relatos mostram que nos prédios construídos para abrigar a fábrica não existiram outras atividades que não a de produção de doces do tipo enlatados de frutas como pêssego, figo, abacaxi e morango.

A visita a fabrica foi feita com o acompanhamento do Sr. Ivo Schaun, filho do fundador da fábrica.

1^ª PARTE- RELAÇÃO COM O ENTORNO

Localização e Vizinhanças

A fábrica de Conservas Schaun está situada no 5º distrito de Pelotas, na região conhecida como Cascata, na localidade de Santa Bernardina, próxima a estrada que leva o mesmo nome desta área.

A Cascata é uma região de forte vocação para as atividades de lazer e turismo onde são encontradas as “casas de final de semana” que fazem parte da tradição local. Além disso, é o centro de grandes eventos religiosos como “a procissão de Nossa Senhora de Guadalupe, realizada em outubro, no Morro da Antena, no Santuário Guadalupe, da Igreja Católica e o Encontro da Federação Sul-Rio Grandense de Umbanda, realizado em fevereiro, na Cascatinha (...). Ambos concentram milhares de pessoas, sendo que a procissão é realizada em apenas um dia e o encontro na Cascatinha em dois”. (SILVA, 2009, p. 141). Inserida neste contexto encontra-se a localidade de Santa Bernardina que é identificada pela marcante presença de descendentes de alemães. Esta fica a aproximadamente 2km da área considerada mais urbanizada da Cascata, o centro do distrito, a localidade denominada de Cascatinha.

O conjunto fabril está localizado a, aproximadamente, 45 m da BR 471 e a pouco mais de 40 m da estrada Santa Bernardina (fig. 80).



Figura 80- Imagem aérea da Fábrica de Conservas Schaun.

No entorno imediato da fábrica o que se vê são residências de pequeno porte e de linhas muito simples, tipicamente rurais. A edificação mais próxima a fábrica, com grande representatividade junto à comunidade, é a escola E.M.E.F. Professor Francisco Araújo (fig. 81), localizada a pouco mais de 600 m da unidade fabril.

Salientando a vocação para o turismo e para o lazer, destaca-se nesta região a implantação do Parque Nova Cascata (fig. 82), que fica a aproximadamente 800 m da fábrica. Neste local o principal atrativo é a bela paisagem proporcionada pela natureza. O empreendimento ainda oferece trilhas ecológicas, café colonial, dispõe de quadras esportivas, parque infantil, dentre outras coisas. O parque é o maior ponto de referência para a localização da fábrica.

	
<p>Figura 81 - E.M.E.F. Professor Francisco Araújo. Fonte: <http://www.pelotas.com.br>. Acesso em 21 de fevereiro de 2011.</p>	<p>Figura 82- Parque Nova Cascata. Fonte: <http://www.flickr.com/photos/clicksra/4326980369/sizes/m/in/photostream/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2011.</p>

Outro ponto de foco turístico é o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe (fig. 83), distante cerca de 1.300 m da fábrica. Segundo o site da diocese de Pelotas: “O Santuário é composto pela Igreja central, salão de formação e退iros, salão de refeitório, casa de hospedagem dos peregrinos, réplica do Museu do Santo Sudário e uma residência anexa. O projeto do Santuário ainda não está completo em sua obra.”²⁵



Figura 83. Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe.
Fonte: <<http://www.diocesedepelotas.com/>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

²⁵ Ver em <http://www.diocesedepelotas.com/2010/10/historico-do-santuario.html>

Características gerais

A fábrica é o retrato fiel da mortalidade na década de 1970 das agroindústrias que fabricavam os doces coloniais. Atualmente, esta se mostra em ruínas e sem a maior parte do telhado. A vegetação cresce livremente por entre os ambientes do antigo prédio, tornando o trânsito em seu interior extremamente difícil. Contudo, as paredes ainda permitem indicar a divisão dos espaços, os materiais aplicados e existem muitos elementos construtivos que, embora em estado de conservação ruim, auxiliam na leitura e na análise retrospectiva do local. Nesta tarefa também foi possível o apoio de algumas fotografias antigas que retratam não só a arquitetura da fábrica como também a sua dinâmica produtiva.

Além do edifício da fábrica, existem duas construções anexas que se encontram no mesmo estado crítico de conservação. Junto ao portão que dá acesso à propriedade há uma residência (da família) que ainda funciona como tal.

2^a PARTE: CONFIGURAÇÕES INTEIRAS DOS EDIFÍCIOS

O prédio da fábrica, com testada de 18,45 m e profundidade de 20,48 m, possui uma área total de 576,95 m², distribuída em 470,65 m² de área do prédio principal e 106,29 m² de área dos anexos.

A fábrica possui um prédio principal e dois anexos de linguagem simples, como assim o é a própria fábrica, que não interferem na legibilidade do primeiro. O primeiro dos anexos corresponde ao prédio que abrigava a caldeira, que ainda se encontra no local e possui um ponto de intersecção com o corpo da fábrica, e o segundo anexo é composto por um refeitório e banheiros. Na propriedade é encontrada ainda uma edificação residencial, próxima ao portão de entrada desta e que fica a 23m da fábrica (fig. 84).



Figura 84- Residência da propriedade da fábrica de Albino Schaun.

Antigamente o prédio da fábrica era composto por duas partes distintas, dispostas lado a lado (fig. 85). Neste as coberturas e as duas fachadas possuíam composições distintas devido a tamanhos diferenciados de esquadrias. Atualmente, é observada uma tentativa de unificação do conjunto fabril que se apresenta com uma planta baixa central, forma retangular e fachadas retas. O conjunto apresenta-se com poucos anexos e os que existem mantém a mesma linguagem da construção da fábrica, com linhas retas e simples. Observando-se a fachada lateral (fig. 86), que se volta ao anexo do refeitório, pode-se perceber que há uma interrupção visível entre o prédio mais antigo e a parte dos fundos que foi construída em uma ampliação posterior.



Figura 85- Fachadas, atual e antiga, da fábrica de Conservas Schaun. Fonte: foto antiga, acervo pessoal de Alcir Bach. Foto recente da autora, 2010.



Figura 86- Interrupção visível na fachada entre o prédio mais antigo e a parte construída posteriormente. Fábrica de Conservas Schaun.

3^a PARTE: GRANDES ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Cobertura:

Antigamente o prédio da fábrica possuía dois sistemas diferentes de coberturas: um com telhado em quatro águas e outro com telhado em duas águas cuja empena é voltada para a fachada principal. Em antigas fotografias (fig. 87 e 88) são vistas tesouras de madeira que estruturavam o telhado, o forro de madeira e as telhas que eram de barro do tipo francesa.



Figura 87- Foto interna da fábrica de Conservas Albino Schaun onde se vê o madeiramento da cobertura. Fonte: acervo pessoal de Alcir Bach.



Figura 88- Foto interna da fábrica de Conservas Albino Schaun onde pode ser visto o forro de madeira. Fonte: acervo pessoal de Alcir Bach.

Atualmente, a parte da fábrica que ainda possui cobertura é composta por treliças de madeira e telhas onduladas de fibrocimento. O prédio anexo, no qual se encontram o refeitório e os banheiros, possui a cobertura com tesouras de toras de madeira, e telhas de barro do tipo capa e canal. O forro era todo de madeira. O mesmo sistema de cobertura também existe no prédio da caldeira, com exceção do forro, inexistente nesta. Nos fundos do terreno foi criada uma área coberta, provavelmente para auxiliar no descarregamento da matéria-prima. Esta cobertura é composta por toras de madeira que a estruturam e telhas onduladas de fibrocimento. Esta construção aparenta ser mais recente do que o restante dos prédios, porém já desabou e o que restou foram os entulhos no chão.

Paredes

Todas as construções que compõem o conjunto fabril possuem suas paredes construídas em alvenaria de tijolos de barro, com espessura de 26 cm, rebocadas e pintadas. São encontrados azulejos em parte das paredes do refeitório, em alguns pontos das paredes dos banheiros e na área de produção da fábrica onde atingem a altura de 2,20m.

Chaminé

A chaminé da fábrica (fig. 89) possui seção circular e é feita em alvenaria de tijolos de barro, rebocada e pintada. Destaca-se na paisagem, criando um ponto focal que identifica a fábrica.



Figura 89- Chaminé da Conservas Schaun.

4^a PARTE: APRECIAÇÃO DOS AMBIENTES INTERNOS

A partir das informações fornecidas pelo Sr. Ivo Schaun, indispensáveis ao entendimento dos caminhos percorridos na produção doceira, mais especificamente do pêssego em calda (carro chefe da fábrica), foi traçada uma setorização geral (fig. 90) para que se pudesse proceder com a análise da organização dos espaços internos da produção. Esta setorização resultou em três partes principais: “produção”, “depósito” e “serviços complementares”.

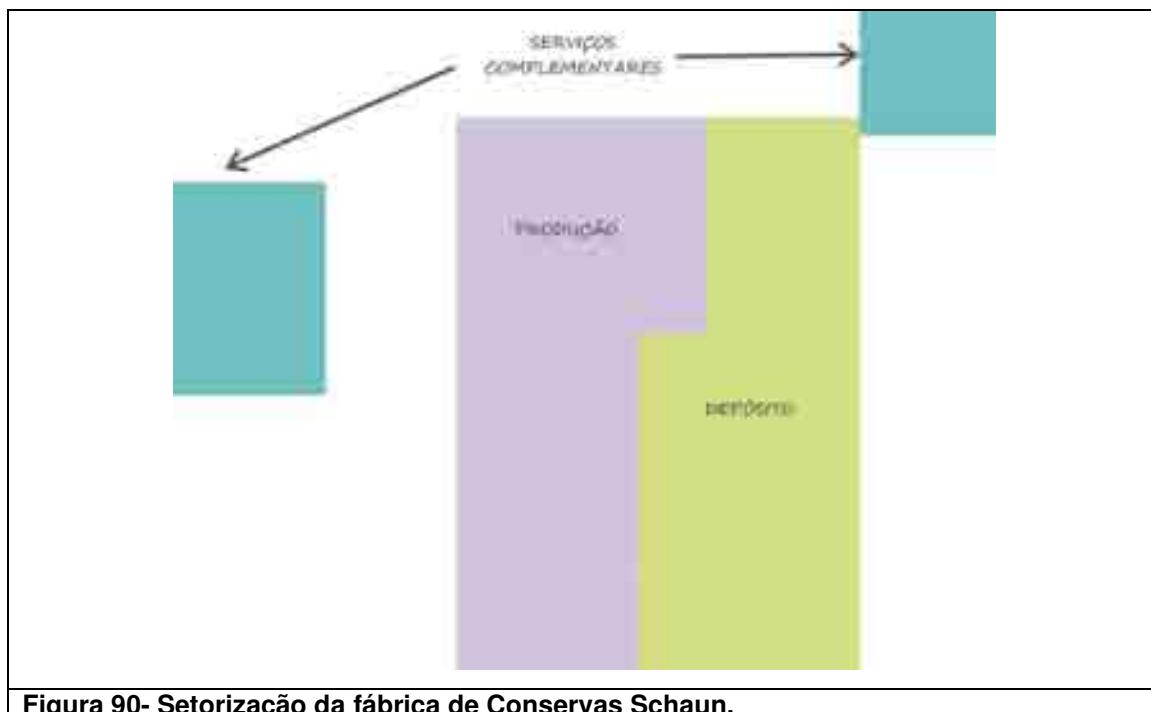
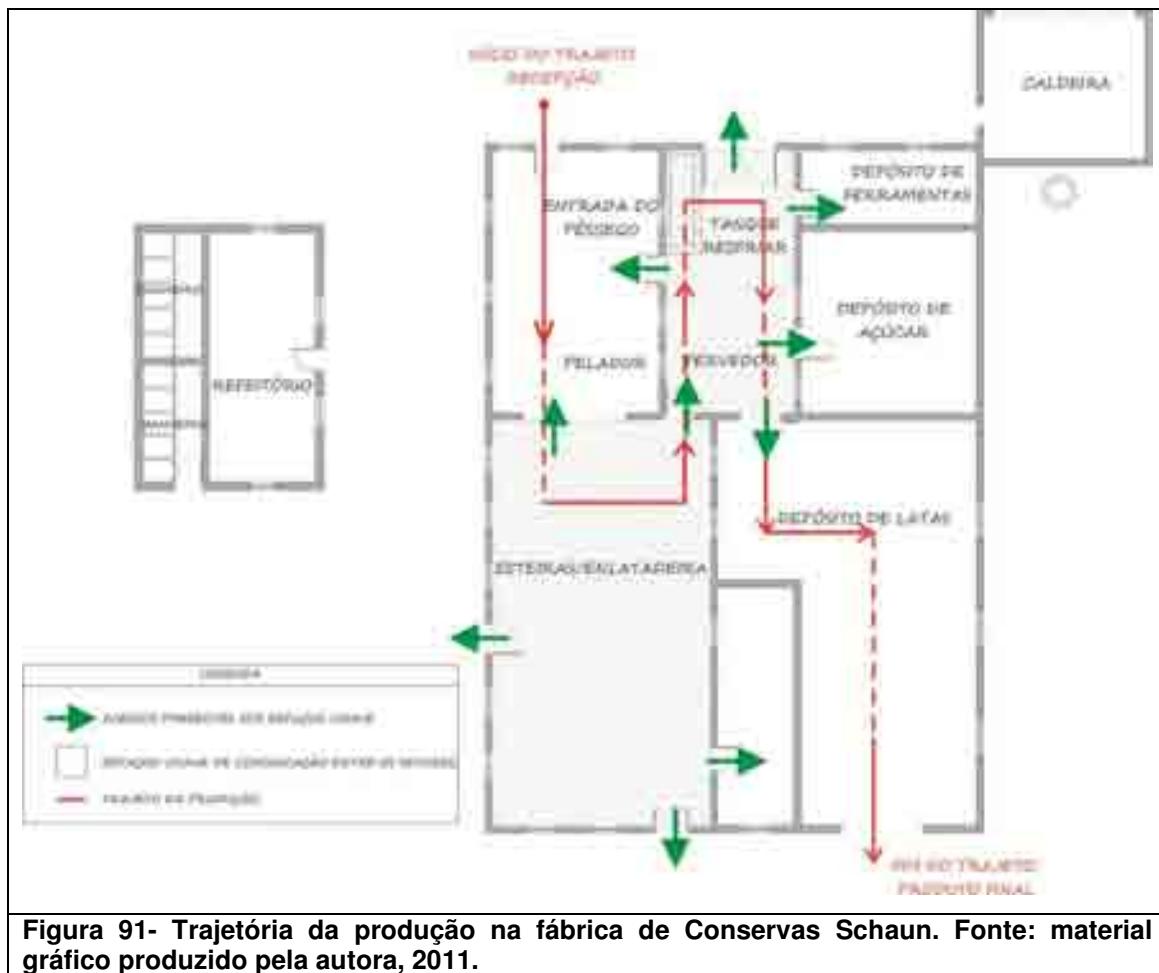


Figura 90- Setorização da fábrica de Conservas Schaun.

Observou-se, primeiramente, que em todos os ambientes da fábrica o piso é revestido por cimento, as janelas recebem esquadrias metálicas e as portas esquadrias de madeira.

A trajetória, traçada na tentativa de expressar o sentido percorrido pela atividade produtiva neste local, aponta para uma centralidade que é notada também na planta baixa. Além disto, pode-se inferir também que a produção não é cíclica, já que inicia seu processo em um determinado ponto e é encerrada no lado oposto. Nesta análise, dois ambientes mostram-se estratégicos na questão da comunicação entre espaços e aparecem hachurados na figura 91. Nestes existem vários acessos a todos os ambientes

que participam da manipulação das frutas além do próprio acesso a área externa.



Produção:

O início do preparo dos doces ocorria com a chegada da matéria-prima na recepção, localizada na área situada nos fundos da fábrica (fig. 91), com acesso possibilitado por um grande portão de madeira. Diante deste portão, no exterior do edifício, há uma área de estacionamento que possuía cobertura estruturada em madeira e com telhas de fibrocimento. Hoje restam apenas o piso em cimento e os pilares que sustentavam esta cobertura. Entrando no edifício, o observador se depara com um amplo espaço onde só eram descarregadas as frutas e era iniciado o processo de manipulação destas para o próximo ambiente que é o de pelagem do pêssego. A área destinada à recepção é de 59,45 m² e a correspondente a parte externa (estacionamento) é

de 89,7 m². Nesta parte, o revestimento das paredes se dá através de reboco e pintura apenas.

Dando continuidade ao processo, o pêssego é levado por esteiras para ser enlatado. O local onde ocorre esta etapa é o de maior vão livre e é considerado como espaço-chave na comunicação entre os demais ambientes. Este possui diversos acessos como o grande vão pelo qual passa o pêssego que já foi manipulado no espaço anterior e dois outros para o exterior, sendo um deles na lateral, centralizado neste ambiente, e outro na fachada principal da fábrica. Além destes, existe ainda uma porta que leva a um ambiente não identificado pelo Sr. Ivo Schaun, mas que poderia, por dedução, ser um depósito para latas vazias, já que era neste local que os pêssegos eram enlatados. Este espaço apresenta-se com uma área de aproximadamente 120,97 m² e suas paredes são revestidas por azulejos até a altura de 2,20m.

O último acesso do local ocorre por uma porta que leva a um ambiente da produção do doce que, segundo o Sr. Ivo, é a parte mais antiga da fábrica, onde tudo começou. Após enlatados, os pêssegos recebem a calda e passam para o fervedor para aquecer as latas que, posteriormente, são resfriadas em tanques. A área do ambiente onde se encontram os tanques é de, aproximadamente, 46 m² e suas paredes são apenas rebocadas e pintadas. Este local é, também, considerado um espaço-chave do processo, sendo por isto centralizado e tendo acessos diretos.

Depósito

O setor em questão representa não apenas o fim do ciclo produtivo (com a chegada do produto final para ser transportado) como também o seu início (depósito de açúcar). É dividido em quatro ambientes: depósito de materiais, depósito de açúcar, depósito de latas e o espaço que se supôs ser um depósito de latas vazias.

Nas áreas correspondentes ao depósito de materiais (17,74 m²) e depósito de latas vazias (25 m²) não foi possível realizar a visitação interna, as portas permaneceram trancadas. No depósito de açúcar (43,68 m²) se pôde notar que as paredes são rebocadas e pintadas, porém pode ter havido outro revestimento. No momento do levantamento as paredes apresentavam até a

altura de 2,20 m alvenaria de tijolos aparente como se algum revestimento tivesse descolado.

A área destinada ao depósito de latas (115,79 m²) é espaço em que se chega através de um grande acesso que possuía um portão de madeira, observado em foto antiga²⁶, na fachada principal da fábrica. O piso, de cimento, possui as marcas das latas que ali eram estocadas e as paredes são simplesmente rebocadas e pintadas.

Serviços complementares

Estes se caracterizam por dois prédios implantados cada qual em uma das laterais da fábrica, com funções diretamente ligadas a logística de produção dos doces.

O primeiro edifício, o da caldeira, com área total de 31,44 m², foi construído com parte de sua parede lateral encostada no prédio principal da fábrica. O grande vão de acesso deste encontra-se voltado para os fundos da fábrica sem o emprego de esquadria. Dentro deste local ainda pode ser vista a antiga caldeira protegida contra a ação da intempéria por uma cobertura de telhas de fibrocimento, muitas quebradas em alguns pontos. O piso, ao contrário do restante da fábrica, é de chão batido e as paredes são apenas rebocadas e pintadas.

No segundo prédio, localizado a pouco mais de 6m de distância da lateral da fábrica, estão o refeitório e os banheiros, masculino e feminino. No refeitório visualiza-se uma pequena área de parede revestida por azulejos que estampam mapas do Rio Grande do Sul estilizados (fig. 92), no restante as paredes são rebocadas e pintadas. Apresenta forro de madeira e o mesmo é percebido nos banheiros. Nestes, em parte da parede é notada a utilização de azulejos de padrões diferentes dos encontrados no refeitório (fig. 93). A área correspondente ao espaço do refeitório é de 36,42 m² e aos banheiros é de 20,28 m²

²⁶ Ver fig. 85, p.150.

	
Figura 92- Azulejo do refeitório da fábrica de Conservas Schaun.	Figura 93- Azulejo do banheiro da fábrica de Conservas Schaun.

5^a PARTE: APRECIAÇÃO DA VISTA EXTERNA

Cores e revestimentos: Todos os prédios que constituem este conjunto fabril possuem as mesmas características quanto à aplicação de revestimentos. São marcados pela simplicidade que é peculiar no meio rural. As fachadas são todas rebocadas e pintadas de branco com cal. Hoje este branco não é tão nítido, pois os prédios, devido a sua situação de abandono, possuem muitas manchas que dão um aspecto acinzentado (fig. 94).



Figura 94- Fachada frontal da Conservas Schaun.

Simplificação da forma: Ao se proceder com a etapa analítica da simplificação da forma pode ser observado que a fachada principal, embora seja resultado da tentativa de unificação do conjunto, não apresenta composição de seus elementos que permita esta integração. Foram traçadas as formas básicas que traduzem a disposição os elementos da fachada e a partir daí se tentou encontrar relações entre estas formas e os retângulos ditos harmônicos (Fig. 95). Percebeu-se apenas a presença de dois retângulos raiz de quatro (união de dois quadrados) e um quadrado.

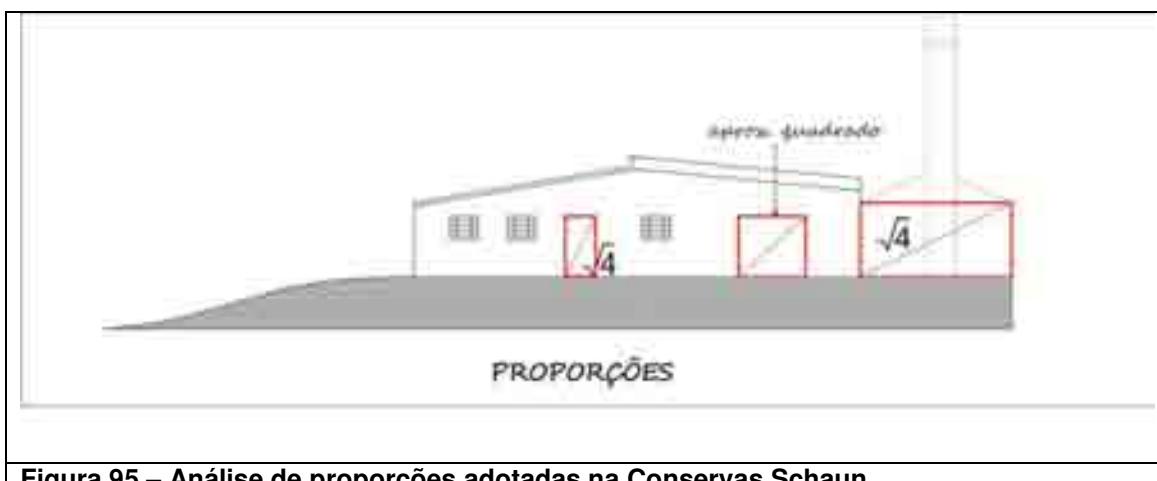


Figura 95 – Análise de proporções adotadas na Conservas Schaun.

Linhos ordenadoras: Foram traçadas linhas horizontais no intuito de investigar quais alinhamentos foram utilizados na composição da fachada (fig. 96). Foi constatado que todas as esquadrias respeitam uma mesma altura, que a altura da parte mais baixa do início da inclinação do telhado da fábrica coincide com o início do telhado do prédio da caldeira e que as alturas de cumeeira dos edifícios da caldeira e da fábrica possuem alturas semelhantes.



Figura 96 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na Indústria de Conservas Patzlaff.

Relação entre cheios e vazios: Neste critério de análise fica visível a discrepância entre as antigas fachadas que compõem hoje a fachada principal (fig. 97). De um lado (esquerdo) há um maior número de esquadrias e a distância entre elas é menor. No outro lado, apesar de haver um grande vão, a distância entre os espaços vazios são maiores, eles estão em menor número, o que dá a impressão de maior predominância de espaços cheios.



Figura 97 – Análise de relação entre cheios e vazios na Indústria de Conservas Patzlaff.

Simetria: Analisando-se a fachada frontal percebe-se que não só a fachada atual não utiliza o princípio compositivo da simetria como, também, analisando as antigas fachadas separadamente observa-se que estas não eram simétricas (fig. 98).

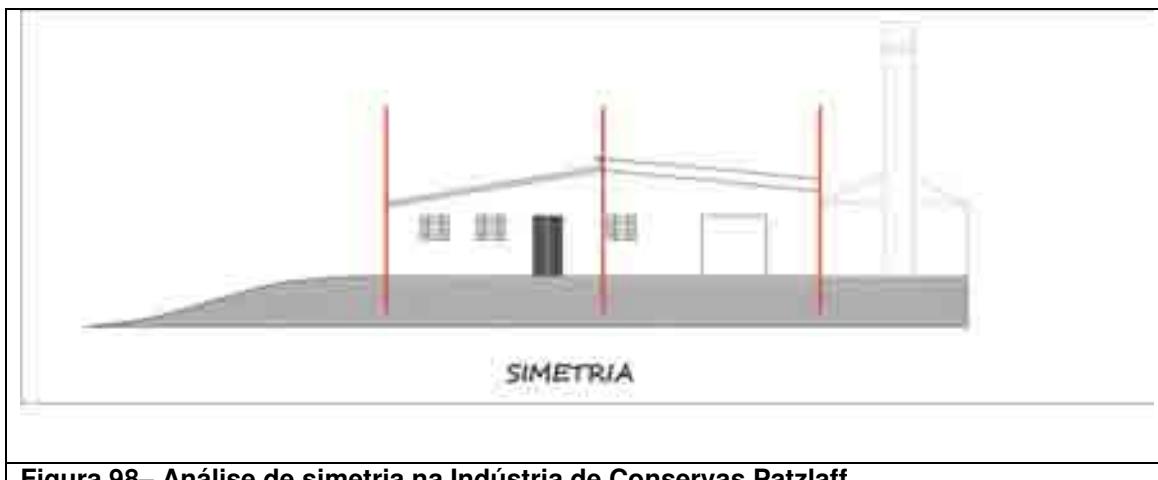


Figura 98– Análise de simetria na Indústria de Conservas Patzlaff.

5.2.6. Fábrica de Albino Saalfeld- Atual Golden Peach

Antes de fundar a fábrica de conservas Albino Saalfeld, na década de 1950, o Sr. Albino possuía um hotel que era utilizado por veranistas interessados nos atrativos naturais da região, tais como o Arroio Pelotas, as pedreiras e o próprio ambiente rural com a sua tranquilidade característica. (BACH, 2009, P.73). Em 1960, ele construiu uma fábrica nos fundos do edifício do hotel, distante cerca de 6 m da fábrica de conservas Red Indian. Cinco anos após, em 1965, a fábrica foi alugada para João Alves Veríssimo que representava a indústria paulista de conservas Vega. Neste período foram feitas ampliações no prédio e compradas novas máquinas (BACH, 2009, P.73). A Vega funcionou até 2005 produzindo doce em calda de pêssego, goiaba, figo, morango, pêra, abacaxi (BACH, 2009, p. 108). Os prédios do conjunto fabril, atualmente, fazem parte do complexo da Indústria de conservas Golden Peach e não abriga mais qualquer atividade produtiva.

1^a PARTE- RELAÇÃO COM O ENTORNO

Localização e Vizinhancas

O terreno onde a fábrica está implantada é situado na localidade Ponte Cordeiro de Farias, no 5º distrito deste município de Pelotas (Cascata), antiga Colônia Botafogo. A referida localidade tem grande destaque na produção

agroindustrial de doces, visto que concentra várias fábricas²⁷ e está na região mais importante em termos de plantio de pomares de pêssego do município de Pelotas.

Na figura 99 é possível visualizar a unidade fabril da fábrica de Albino Saalfeld inserido no complexo da Indústria de conservas Golden Peach. O edifício da fábrica em si nunca foi utilizado para o outro fim, senão o da atividade fabril. Já os edifícios existentes em sua periferia apresentaram usos diversos. O hotel, localizado na parte da frente do terreno, já abrigou uma mercearia e já serviu como salão para bailes. Atualmente, este tem a função de escritório e de arquivo da Golden Peach.

Ao lado do edifício da fábrica encontra-se a antiga residência de Sr. Albino Saalfeld funcionando como depósito de seu atual proprietário.

O acesso a fábrica é bastante simples, pois o ônibus que parte do centro de Pelotas (na rua Sete de Setembro, esquina Barão de Santa tecla) possui uma parada exatamente em frente à fábrica.



Figura 99- Imagem aérea da fábrica de Albino Saalfeld e da fábrica Golden Peach. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2006.

²⁷ Ver figura 43, na página 116.

No local onde a fábrica está implantada se concentram várias fábricas que utilizam o pêssego como sua matéria-prima principal. Mas, a referida região tem sua importância também ressaltada por concentrar outras atividades de valor cultural e institucional. Em um raio de distância de no máximo 300 m da fábrica encontram-se seis outras com datas fundação que variam entre 1934 a 1965, as quais são: Fábrica Sylvio Bauer (1965-1982), produtora de passas de pêssego, doces de figos, goiabas, marmelos, pêssegos e abacaxis; Fábrica João Bauer Sobrinho²⁸ (1934 – 1964); Conservas Bauer, de Lino Bauer²⁹ (1946 – 1970); Delrio³⁰ (1964 – 1968); Fábrica de Arthur Schiller³¹ (1940), que pertence hoje ao complexo Golden Peach; e a Fábrica Red Indian (1956) que se localiza muito próxima a fábrica em questão, distando apenas 6,15 m desta (espaço que corresponde à circulação de veículos desta fábrica)..

Como foi dito anteriormente, no momento da descrição da fábrica Red Indian, as tipologias encontradas neste cenário fabril são variadas. Encontram-se desde as fábricas com fachadas bem simples, com telhas de barro, até aquelas que se utilizam de platibandas, modulação marcante na fachada, com traçado mais racional.

Características gerais

O edifício que comportava as atividades fabris aparece em um segundo plano, no sentido do declive do terreno, não sendo perceptível ao transeunte que circula pela estrada do Quilombo. A edificação que aparece em primeiro plano e que assume a responsabilidade de transmitir a imagem da fábrica é o prédio do antigo hotel, que não revela o tipo de atividade que ali acontece. Quem passa pela estrada do Quilombo vê uma edificação que se desenvolve linearmente com fachadas com várias aberturas que sugerem uma arquitetura de caráter comercial.

Ao mesmo tempo em que o edifício diferencia-se neste ambiente, integra-se harmonicamente com o local onde está implantado. Suas

²⁸ Ver figura 45, p. 117.

²⁹ Ver figura 46, p. 117.

³⁰ Ver figura 47, p. 118.

³¹ Ver figura 48, p. 118.

características construtivas, tais como o telhado de telhas de barro francesas e as esquadrias de madeira verticalizadas, e as linhas gerais marcadas pela simplicidade, fazem alusão à típica arquitetura rural.

2^a PARTE: CONFIGURAÇÕES INTEIRAS DOS EDIFÍCIOS

A fábrica com uma testada 57,51 m e uma profundidade de 84,6 m, possui um conjunto fabril uma área total de 2326,76 m², distribuída em área da fábrica (941,44 m²), área dos anexos (306,75 m²), área da residência (97,73 m²) e área do hotel (484,92 m²)

O conjunto fabril analisado é implantado, em linhas gerais, em “L” (fig. 100), onde a parte paralela a estrada é composta pelos edifícios que abrigavam o hotel e o salão de bailes.

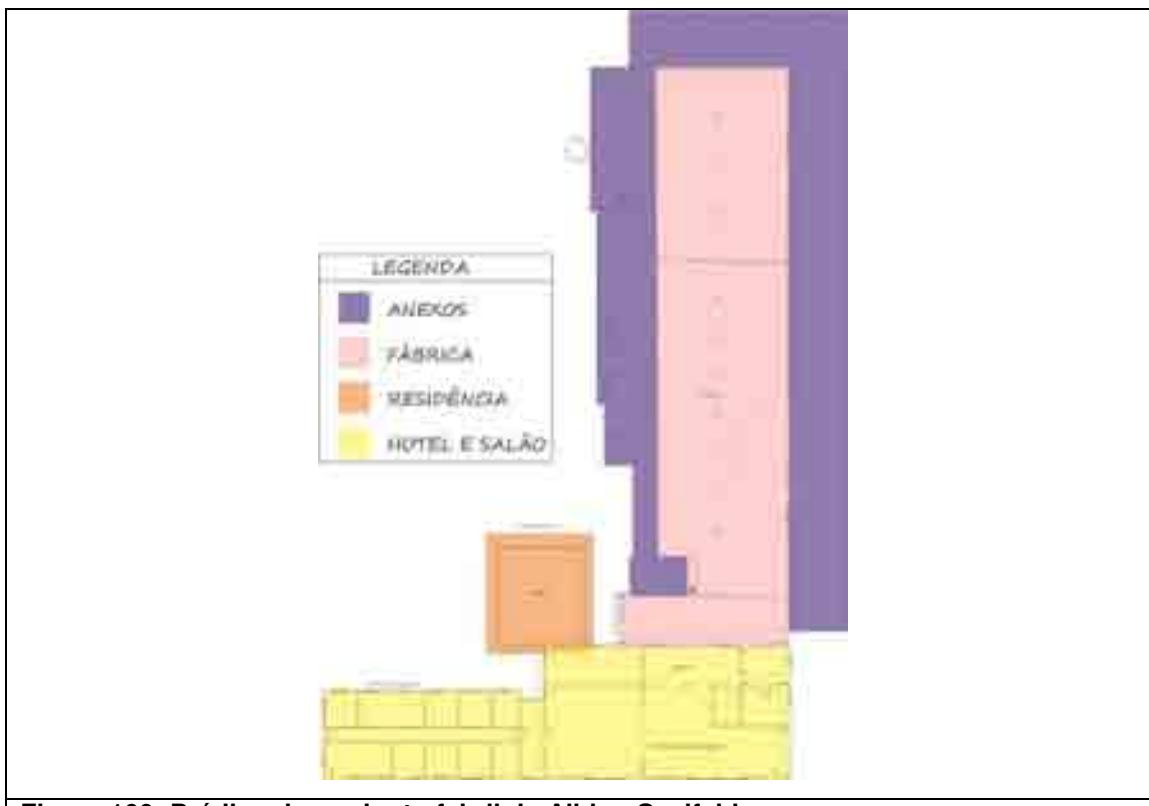


Figura 100- Prédios do conjunto fabril de Albino Saalfeld.

Perpendicularmente a este volume, tem-se o edifício da fábrica com a conformação de um grande retângulo contornado por seus anexos de dimensões variadas o que torna a leitura da forma da fábrica um tanto quanto “poluída”. Além dos edifícios citados existe a antiga residência do Sr. Albino Saalfeld, localizada encostada em parte da fachada de fundos do edifício do

antigo salão, distante 3,1 m do bloco da fábrica, que se une a este através de uma área intermediária aberta que recebe uma cobertura de uma águia de telhas onduladas de fibrocimento (fig. 100).

Se a fachada frontal transmite a imagem de uma arquitetura simples, porém com elementos harmônicos entre si, a fachada vista a partir do interior do terreno aponta para uma arquitetura, de certa forma, desorganizada e sem preocupação com alinhamentos e composição de fachada devido aos anexos que ficam junto ao corpo da fábrica.

O edifício da residência não parece integrar-se ao conjunto fabril, tanto por sua tipologia (residência avarandada, de corredor central) como também pela forma como foi implantada, sem obedecer a quaisquer alinhamentos e criando subespaços entre os edifícios.

3^a PARTE: GRANDES ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Cobertura:

Os vários blocos que compõem esta agroindústria diferenciam-se por suas coberturas (fig. 101). O edifício principal da fábrica e seus anexos, que atendem a demandas produtivas, possuem uma cobertura aparente metálica com telhas onduladas de fibrocimento. O restante dos edifícios apresenta também cobertura aparente, neste caso de madeira, porém com telhas de barro tipo francesa. Na residência a cobertura é em quatro águas (fig. 101). No conjunto que compõe a fachada principal a cobertura é em quatros águas no edifício do hotel e em duas águas no edifício do salão (fig. 101).

A cobertura do edifício da fábrica possui *sheds* cujo desenho característico, em “dentes de serra”, não pode ser observado devido à orientação dos mesmos, ficando à mostra a inclinação do telhado e suas telhas. Internamente, os sheds são compostos por esbeltas treliças metálicas (fig. 102) em toda sua extensão, exceto pela parte do prédio que possui cota mais baixa, correspondendo aos fundos da fábrica, onde a estrutura é de madeira (fig. 103).

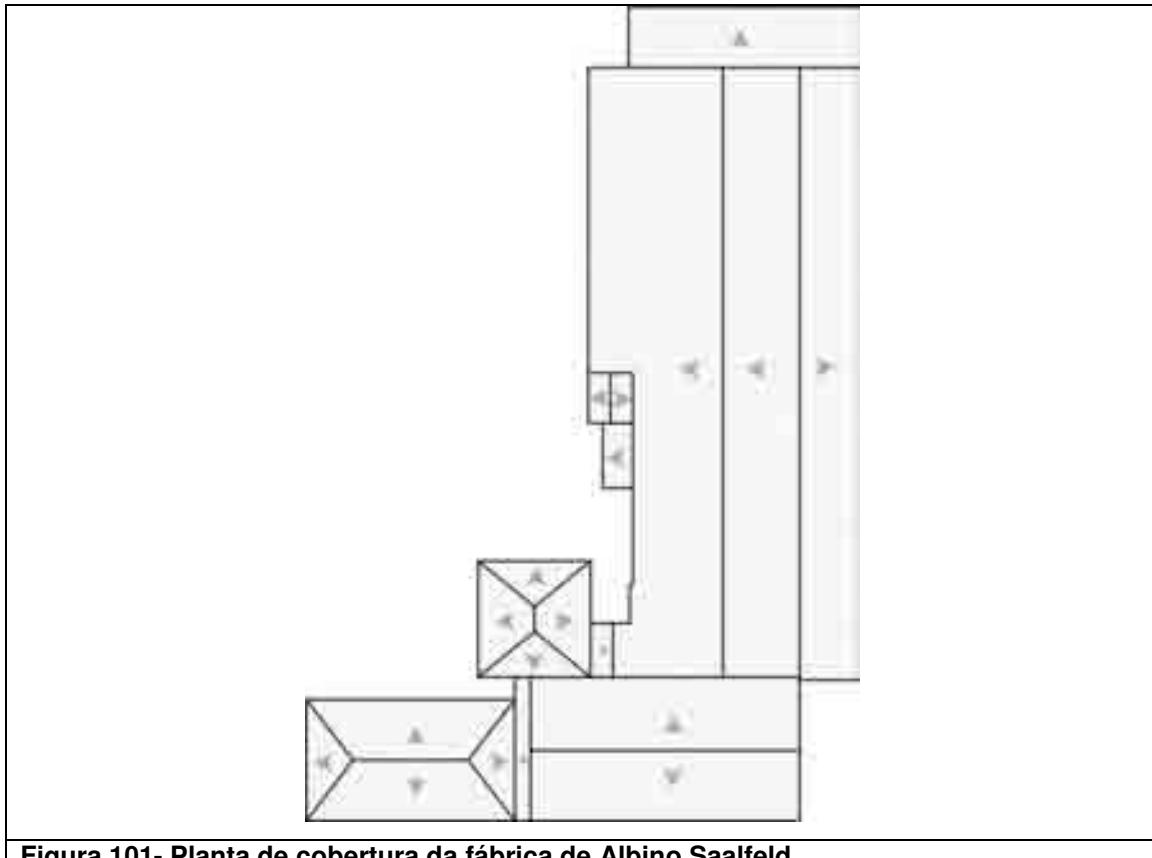


Figura 101- Planta de cobertura da fábrica de Albino Saalfeld.



Figura 102- Treliças metálicas da fábrica de Albino Saalfeld.

Figura 103- Tesouras de madeira da fábrica de Albino Saalfeld.

Paredes

Em todos os edifícios que integram o conjunto fabril estudado, o sistema construtivo utilizado para as edificações das paredes é a alvenaria de tijolos de barro. No edifício da fábrica não existem subdivisões das áreas com paredes, é um amplo espaço aberto. O que divide os espaços são apenas os pilares presentes no centro deste e o desnível existente na parte posterior do prédio.

A subdivisão é constante em se tratando dos anexos da fábrica. Foram criados diversos espaços de pequenas dimensões, cujas funções, no geral, não podem ser precisadas.

Chaminé:

A fábrica de Albino Saalfeld possui uma grande chaminé (fig. 104) que, apesar de sua dimensão, é visível somente para o observador postado no interior da propriedade porque esta se encontra na região mais baixa do terreno.

Formalmente se pode dizer que apresenta seção circular com a sua base rebocada e pintada de branco e seu corpo e topo em tijolos à vista.



Figura 104- Chaminé da fábrica de Albino Saalfeld.

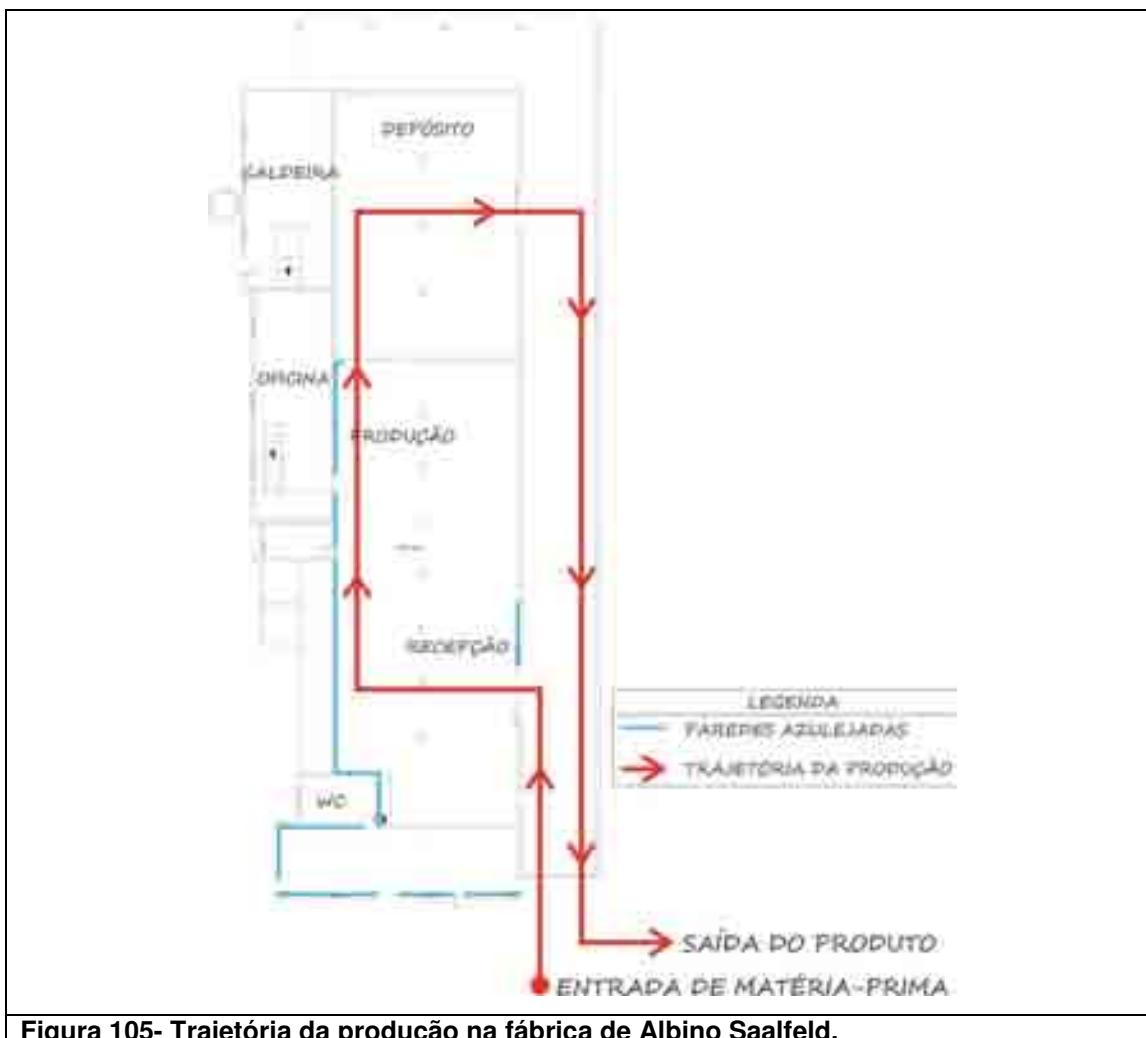
4ª PARTE: APRECIAÇÃO DOS AMBIENTES INTERNOS

No momento do levantamento arquitetônico, em novembro de 2010, a fábrica encontrava-se desativada, mesmo estando integrada ao conjunto fabril da Golden Peach, atualmente em pleno funcionamento.

O acompanhamento durante a visita na fábrica foi feito por uma funcionária da Golden Peach que explicou em detalhes o funcionamento da

mesma, desde a chegada da fruta até o depósito do produto já devidamente enlatado. O local, antes destinado a produção fabril, atualmente serve apenas como depósito de latões, caixas de papelão, páletes³², antigas caldeiras, esteiras e outras máquinas.

A partir das informações obtidas elaborou-se um esquema ilustrando a provável trajetória percorrida pela produção doceira na fábrica, representado na figura 105.

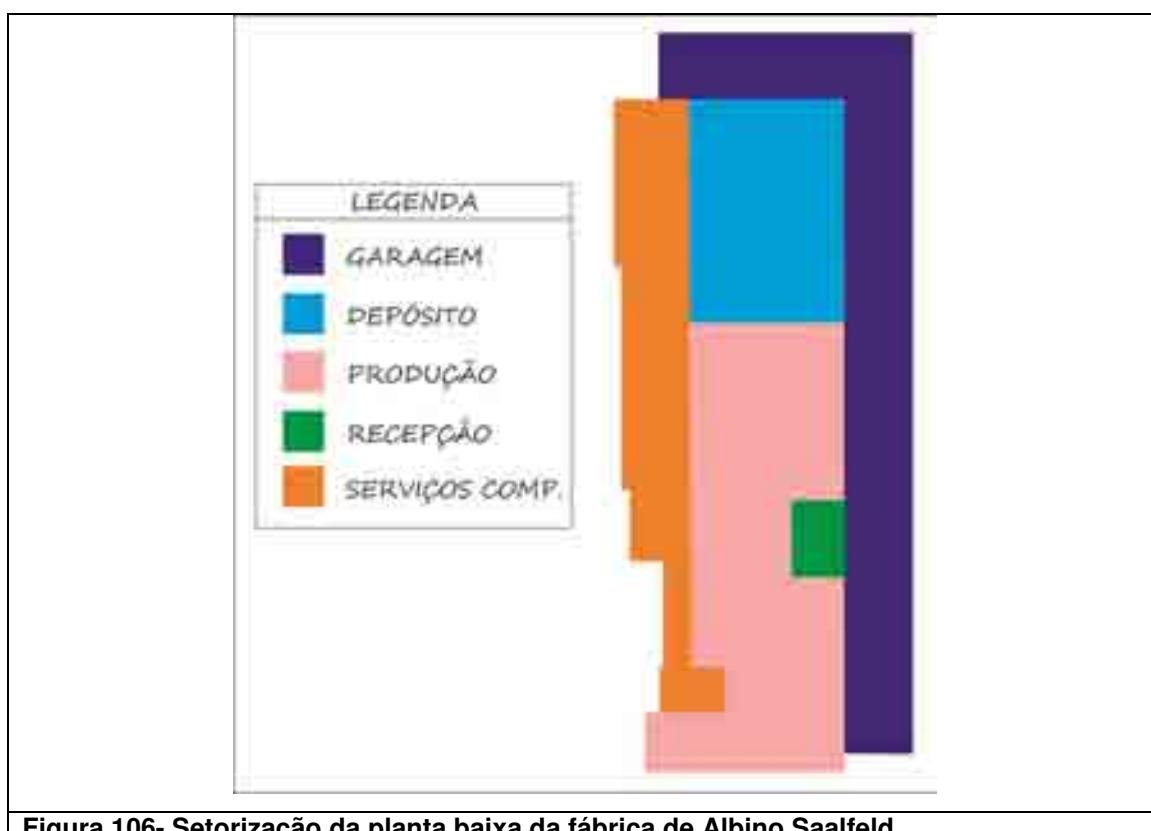


Considerando a informação de que a recepção da matéria-prima ocorria na área de maior dimensão, onde também ocorria a produção, deduziu-se ser este o espaço da recepção, cujo ambiente as paredes não recebem

³² Pálete é um estrado que pode ser fabricado em madeira, metal ou plástico e tem a função de economizar tempo nas etapas de carregamento e descarregamento de mercadorias racionalizando os espaços de estocagem, diminuindo danos em produtos e possibilitando melhor utilização dos espaços verticais. <http://www.palmatec.com.br/artigo.asp?id=6>

revestimento de azulejos. A área da fábrica com cota mais baixa, com desnível de 90 cm, acredita-se que abrigava a função de depósito, pelo revestimento simples de suas paredes, por sua grande dimensão de área livre e pelo acesso existente, através de um grande portão, para a área da garagem.

A partir da definição dos trajetos acima, elaborou-se a setorização deste espaço, representada esquematicamente na fig. 106, organizada em cinco setores: *garagem, recepção, produção, depósito e serviços complementares*.



Garagem

O espaço da garagem, que é o divisor entre a fábrica de Albino Saalfeld e a fábrica Red Indian, tem a conformação de um “L” e possui a função de circulação tanto da matéria-prima quanto do produto final. Este possui 532 m² de área construída, obtida na soma de dois retângulos de dimensões diferentes: um com 68 m de profundidade e 6,15 m de largura no espaço localizado na lateral da fábrica e outro, na parte dos fundos, com 23 m de profundidade e 6,3m de largura. Quanto aos materiais se pode dizer que o piso

é de cimento, as paredes apenas rebocadas e pintadas e os portões de acesso são todos de madeira.

Recepção

Através da descrição do período em que a fábrica estava em funcionamento, pôde ser identificado o acesso pelo qual chegavam as frutas. Foi delineado o provável espaço que poderia atender a esta função, porém a sua dimensão não pôde ser precisada. Não houve a possibilidade registrar e nem situar as etapas realizadas desde a recepção até o preparo do doce, identificadas como classificação e pesagem. Neste setor os revestimentos mantêm-se os mesmos e são notadas janelas compostas por esquadrias metálicas e um portão de acesso à garagem de madeira.

Produção

O espaço da produção se confunde com o da recepção. Para a sua organização foi considerando a presença de pisos de duas alturas (diferença de 55 cm). A área mais alta, correspondente a um pequeno espaço, tem acesso direto para a rua. A partir desta, por meio de uma rampa, chega-se ao segundo nível que se caracteriza por um grande espaço aberto em que a produção divide seu espaço com a recepção. A recepção e a produção ocupam, juntas, uma área de $611,6\text{ m}^2$ em um espaço com dimensões internas de 14,38 m de largura x 41,88 m de profundidade. Este espaço possui suas paredes revestidas por azulejos até a altura de 1,80m e o piso, assim como nos ambientes descritos anteriormente, de cimento.

Depósito

O depósito encontra-se na área mais baixa, nos fundos da fábrica. Este é um grande espaço aberto que se comunica diretamente com a produção,

pois não existem paredes separando estes setores, que possui um acesso direto com a garagem através de um grande portão. Recentemente passou por uma reforma na qual o piso foi refeito com blocos de concreto intertravado. Neste ambiente não foram encontrados azulejos revestindo as paredes que são apenas rebocadas e pintadas. O depósito, com 14,68 m de largura e 20,86 m de profundidade, ocupa uma área de 300 m².

Serviços complementares

Este setor congrega pequenos espaços anexos ao prédio da fábrica, que possuem funções afins a produção doceira. Nem todos os ambientes contemplados neste setor foram passíveis de identificação de função, mas imagina-se que estes poderiam destinar-se a pequenos depósitos de ferramentas, embalagens, dentre outros. Os setores anexos identificados foram: *banheiros, caldeira e oficina*.

A funcionária que conduziu a visita à fábrica, no momento desta, não possuía a chave do ambiente dos banheiros e não se pôde fazer uma avaliação interna do mesmo. Porém, esta nos passou algumas informações relevantes. Segundo ela, certo dia dois funcionários foram fazer uma manutenção no local, precisaram retirar a tampa do ralo e descobriram que ali havia um poço. Este deveria servir para suprir as próprias demandas hídricas do banheiro. Os banheiros ocupam uma área de 22,16 m², correspondente a dimensões internas de 5,95 m de profundidade e 3,75 m de largura.

Do local da caldeira, atualmente ocupado por entulhos e maquinários antigos, nada restou. Este espaço, que ocupa uma área de 105,7 m² (dimensões de 6,79 m x 15,56 m, largura e profundidade, respectivamente) é um anexo situado mais ao fundo da fábrica possuindo acesso direto para a rua e para a oficina. Neste, os revestimentos são os mesmos encontrados na parte interna da fábrica.

A oficina, com área é de 105,7 m² (dimensões gerais de 6,79 m x 15,56 m, largura e profundidade, respectivamente), possui acesso apenas para o interior da fábrica através de um vão sem esquadria. Neste espaço a circulação é, praticamente, impossível porque abriga antigos tachos de inox, prateleiras e

maquinários, ou parte deles, que hoje não são mais utilizados. Esta possui um mezanino no qual são depositados outros materiais.

Além dos setores da produção doceira, existem outros edifícios que compõem a unidade fabril que tiveram atividades paralelas, especialmente nos períodos de entre safras. São eles o hotel e o salão de baile.

O hotel possui um corredor central que distribui os cômodos de forma simétrica. Existem dois acessos nas extremidades deste corredor. Um liga o interior do edifício à rua e o outro dá acesso à uma área de transição que fica entre o hotel e o prédio do salão de baile. Além destes, existe também outro corredor, localizado na fachada frontal do conjunto, que leva à um dos cômodos. Atualmente, este edifício abriga funções de escritório, arquivo e depósito. Seu interior é revestido, na maioria dos cômodos, com os materiais originais em bom estado de conservação. Toda a extensão do antigo hotel possui forro de madeira e o piso ora é de cimento e ora é constituído de blocos aparentes de pedra e em alguns cômodos o revestimento é de madeira.

No local que acomoda o escritório da Golden Peach o piso é revestido por placas cerâmicas de cor vermelha. Em outro, onde funciona o arquivo o piso é revestido por placas cerâmicas brancas e o corredor possui piso de cimento queimado. Em todos os ambientes as paredes são rebocadas e pintadas e as esquadrias são de madeira. Sua área total é de 214,18 m² (dimensões gerais de 21,7 m de profundidade e de 9,87 m de largura).

A produção dos doces de fruta é marcada pela sazonalidade. Muitas indústrias, principalmente as de pequeno porte, por trabalharem apenas com uma variedade de fruta, na maioria das vezes o pêssego, disponibilizam espaços de seus edifícios para uso como salão de baile (fig. 107) ou são utilizados edifícios que não mais atuam na produção industrial. O ambiente destinado ao salão de baile na fábrica de Albino Saalfeld está localizado na frente da fábrica. O espaço da fábrica em si nunca foi utilizado com este fim. No prédio do salão os espaços internos encontram-se em bom estado de conservação. Existe uma grande área livre onde as paredes são pintadas até certa altura de tom diferente, com uma linha azul que faz a transição entre as cores. O forro é de madeira pintada de verde, no mesmo tom do forro do prédio do hotel. O piso é de cimento, mas em um cômodo este é revestido por coloridos ladrilhos hidráulicos (fig. 108). Neste, os lambris do forro são pintados

de verde. Há o aproveitamento do grande espaço, decorrente da inclinação do telhado, por meio de um sótão. O salão possui uma área de 384,33 m² (dimensões gerais de 26,67 m de profundidade e de 14,98 m de largura, respectivamente).



Figura 107- Imagem interna do salão de baile presente junto à fábrica de Albino Saalfeld.



Figura 108- Imagem dos ladrilhos hidráulicos do salão de baile presente junto à fábrica de Albino Saalfeld.

5^a PARTE: APRECIAÇÃO DA VISTA EXTERNA

Cores e revestimentos: A fachada principal do conjunto (fig. 109), de onde fazem parte o hotel e o salão, é apenas rebocada e pintada em sua extensão.

O destaque está para a marcação feita nas esquadrias através da cor azul saturada, mesma utilizada na cornija.



Figura 109- Fachada frontal da fábrica de Albino Saalfeld.

Simplificação da forma: Em linhas gerais, o conjunto pode ser descrito como tendo forma geométrica básica descrita por um retângulo.

Após esta primeira avaliação de caráter mais simples, há uma busca por retângulos que compõem a fachada que possam ter proporções ditas harmônicas (fig. 110). Estas são calculadas a partir da divisão do lado maior do retângulo por seu lado menor. Os encontrados foram: retângulo de proporção áurea (a divisão da dimensão da base pela dimensão da altura resulta no número 1,61); raiz de dois (1,41) e raiz de quatro (quadrados). O retângulo mais encontrado possui o número 1,3 como resultante da divisão de seus lados. Não está entre os mais conhecidos ditos harmônicos, porém a utilização da mesma proporção em diversas partes dos edifícios, inclusive nas janelas, revela uma composição harmônica.



Figura 110 – Análise de proporções adotadas na fachada frontal da fábrica de Albino Saalfeld.

Linhos ordenadoras: Os dois edifícios que compõem esta fachada possuem esquadrias e o início da inclinação de suas coberturas seguindo os mesmos alinhamentos o que confere ao conjunto uma boa legibilidade (fig. 111).

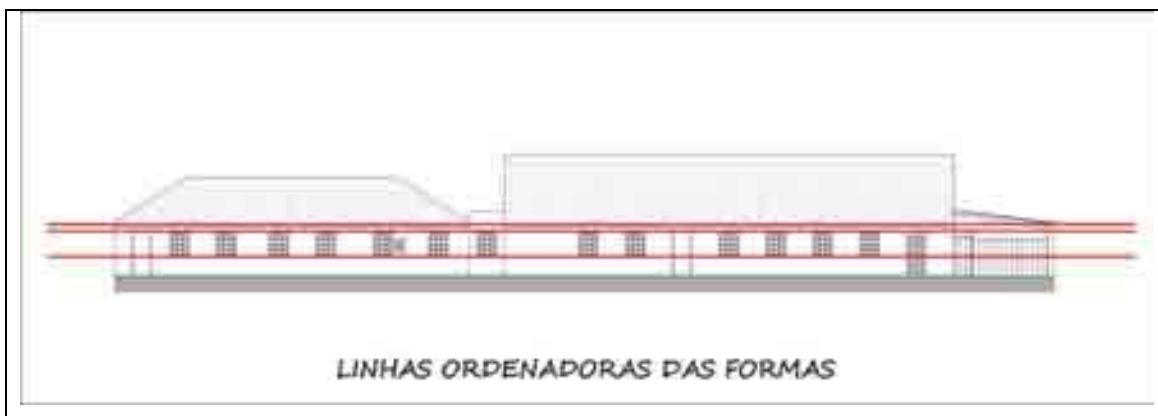


Figura 111 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na fachada frontal da fábrica de Albino Saalfeld. Fonte: material gráfico produzido pela autora, 2011.

Relação entre cheios e vazios: Analisando a fachada principal sob o aspecto da distinção entre espaços cheios e vazios, observa-se uma relação equivalente entre as suas áreas (fig. 112).



Figura 112 – Análise de relação entre cheios e vazios na fachada frontal da fábrica de Albino Saalfeld. Fonte: material gráfico produzido pela autora, 2011.

Simetria: Através de um estudo das linhas verticais que organizam a arquitetura da fábrica, nota-se que esta possui composição simétrica na fachada do antigo hotel. Já na fachada que refere-se ao hotel esta simetria não é encontrada (fig. 113).

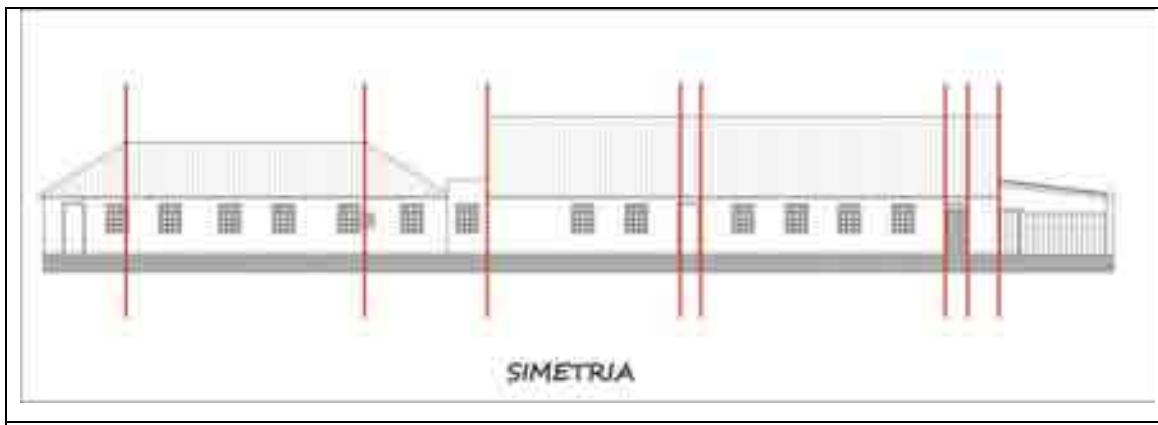


Figura 113 – Análise de simetria na fachada frontal da fábrica de Albino Saalfeld. Fonte: material gráfico produzido pela autora, 2011.

5.2.7. Fábrica de Arthur Schiller

A data de construção desta fábrica não pôde ser precisada. Porém, sabe-se que Arthur Schiller iniciou suas atividades em 1941, com produção de caráter familiar e que em 1950 já alugava sua fábrica para a para a fábrica de conservas Almeida (BACH, 2009, p.56). Deduz-se a partir daí que o edifício em questão foi construído na década de 1940, pois em 1950 já havia uma indústria de porte passível de ser alugada. Em 1995 encerrou suas atividades e posteriormente foi comprada pela Golden Peach.

1^a PARTE- RELAÇÃO COM O ENTORNO

Localização e Vizinhanças

O terreno onde a fábrica está implantada fica na localidade Ponte Cordeiro de Farias, no 5º distrito deste município de Pelotas (Cascata), antiga Colônia Botafogo, com frente sudoeste (fig. 114).



Figura 114- Imagem aérea da fábrica de Arthur Schiller. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2006.

O local onde a fábrica está implantada, como descrito para as fábricas anteriormente analisadas, concentra várias fábricas que utilizam o pêssego como sua matéria-prima principal e possuem tipologias construtivas variadas, caracterizadas com fachadas bem simples, telhas de barro e platibandas.

Características gerais:

O conjunto fabril Arthur Schiller é um dos símbolos da industrialização que marca a paisagem do local. Com sua fachada com linhas mais racionais e platibanda, o edifício ajuda a conferir identidade industrial ao entorno.

A fachada principal está localizada junto à estrada, com pequeno recuo frontal se compararmos com edificações que se destinam a outros usos no meio rural, como por exemplo, as construções residenciais.

No fundo do terreno, um grande campo onde se vê o arroio que é utilizado para limpeza da fábrica. E para tratar essa água que recebe efluentes ácidos provenientes da pelagem do pêssego, adicionam substâncias químicas como sulfato e soda. Já a água que é utilizada para consumo em bebedores,

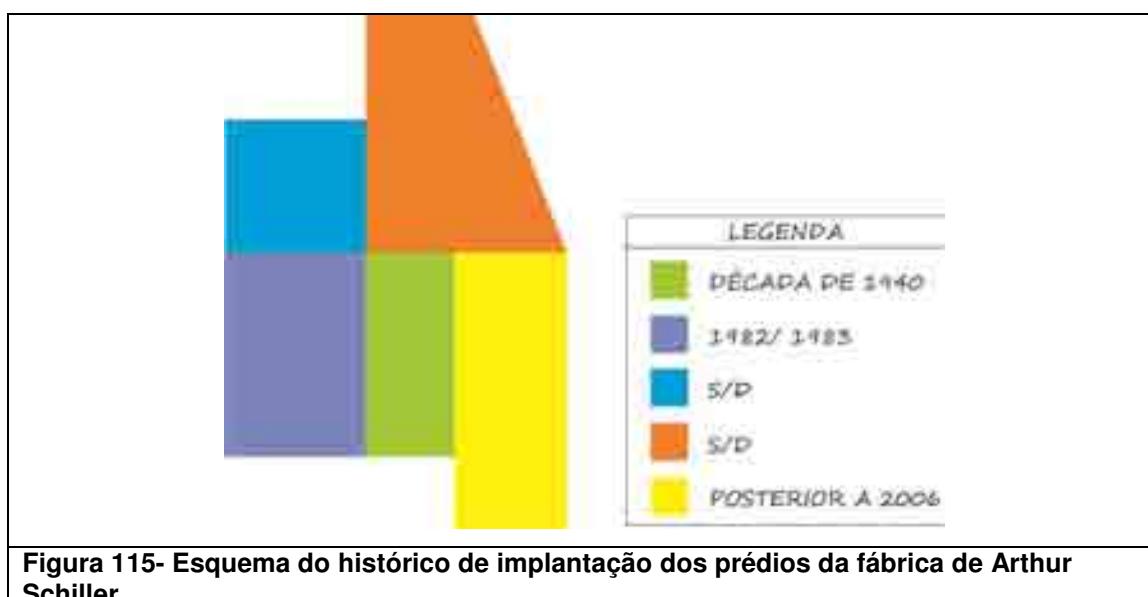
para lavar o pêssego, fazer a calda, provém de um poço artesiano e a esta é adicionado cloro.

2ª PARTE: CONFIGURAÇÕES INTEIRAS DOS EDIFÍCIOS

A implantação da fábrica ocorreu de forma compacta. Mesmo após inúmeras etapas na construção, a partir das quais surgiram diferentes prédios, o conjunto mantém todos os anexos junto ao corpo principal da fábrica (fig.115).

A imagem que o observador tem da fábrica, a partir da estrada do Quilombo, é “limpa” e organizada. Por outro lado, a vista dos fundos do terreno indica uma despreocupação com a compatibilização formal dos prédios que foram sendo construídos ao longo dos anos.

A fábrica, com testada de 51,07 m e profundidade de 79,28m, possui uma área total de 3185,58 m², distribuída em: 457,27 m² (primeiro bloco construído), 678,30 m². (segunda etapa de construção), 448 m² (terceira etapa de construção), 878,54 m² (quarta etapa de construção) e 690,85 m² (última etapa de construção).



A forma observada na implantação, devido a sua complexidade, pode ser lida de diferentes formas. Em linhas gerais, é a de um “T” irregular composto por vários retângulos de proporções diferentes, alinhados e unidos a um trapézio. Este, com a dimensão de sua base maior alinhada a duas faces de diferentes retângulos. Todas estas formas têm como ponto de união um eixo principal localizado de modo central no conjunto fabril. Próximo a este eixo é circunscrita, pelos diferentes edifícios, a chaminé. De outra forma, o conjunto pode ser lido como um grande quadrado com pequenas adições e subtrações em sua forma (fig.116).

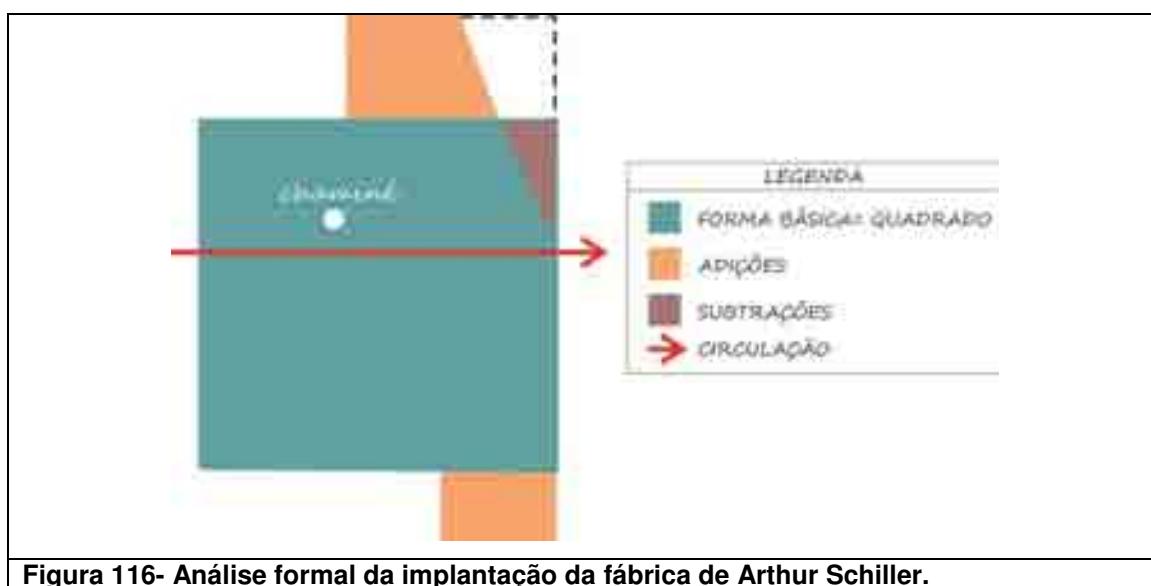


Figura 116- Análise formal da implantação da fábrica de Arthur Schiller.

3^a PARTE: GRANDES ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Cobertura

Em cada etapa da construção deste conjunto nota-se a utilização de diferentes sistemas de coberturas (fig. 117). Os edifícios mais antigos, implantados lado a lado, que constituem o bloco da primeira implantação, possuem o mesmo tipo de cobertura em quatro águas com telhas de barro francesas. Não se sabe se estas telhas são as mesmas do início da fábrica porque esta já passou por inúmeras reformas. O prédio construído entre 1982 e 1983 possui uma cobertura bem diferente dos prédios pré-existentes. A

cobertura é curva, utilizando treliças e telhas metálicas, dando origem a um grande vão livre.

A terceira etapa de implantação da fábrica foi caracterizada por uma cobertura diversificada, constituída de duas partes com telhado de duas águas de telhas de barro tipo francesas apoiadas em estrutura de madeira. Entre as duas partes há um telhado de uma água estruturado por pequenas treliças metálicas com fechamento de telhas onduladas de fibrocimento. Atrás dessas partes descritas e cobrindo os banheiros é encontrado outro sistema de cobertura constituído de laje, estrutura de madeira e telhas onduladas de fibrocimento.

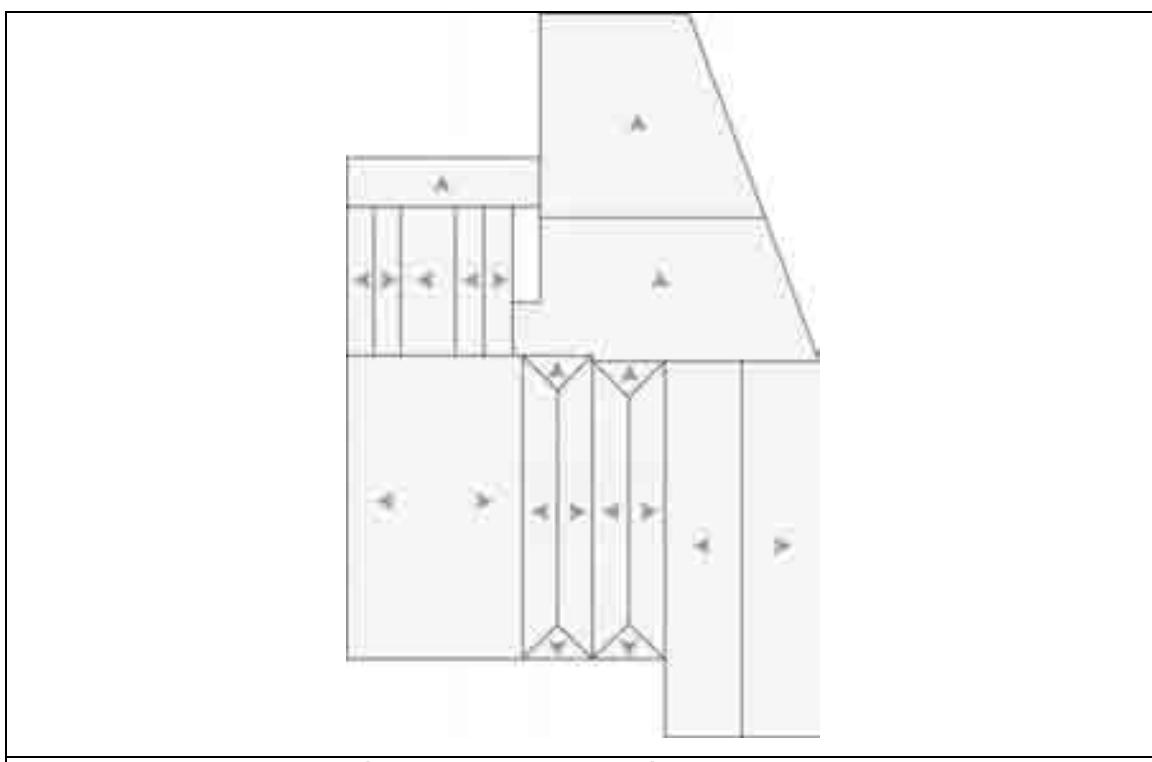


Figura 117- Planta esquemática da cobertura da fábrica de Arthur Schiller.

O edifício que possui a forma de um trapézio tem na cobertura estrutura de sustentação metálica com fechamento com telhas onduladas de fibrocimento. A parte mais nova da fábrica é um grande galpão estruturado com elementos de concreto e fechamento em telhas metálicas. Este substituiu o antigo prédio que aparece em fotos mais antigas e na imagem aérea disponibilizada na figura 114 (p. 175). O antigo anexo possuía um telhado de três águas de telhas de barro tipo francesas.

Paredes

Todos os edifícios construídos até os da última etapa possuem paredes de alvenaria de tijolos de barro, sendo que nos edifícios mais antigos a parede possuía uma espessura maior. Isto pode ser observado através da largura dos pilares existentes entre os dois prédios mais antigos e da parede que separa estes do grande galpão de cobertura curva. O único edifício implantado diferencia-se, neste sentido, por trazer todo seu fechamento em concreto, onde a modulação é visível. A grande maioria dos blocos que integram este conjunto analisado possui prédios com amplos espaços livres internamente. O uso de divisões internas é mais acentuado no caso do bloco que compreende serviços como banheiros, vestiários e refeitório, entre outros.

Chaminé

Para o observador que transita na estrada em frente à fábrica, a chaminé não é visível. Ela está implantada entre os edifícios do conjunto e a visão que se tem a partir do interior da propriedade é a mais privilegiada. Possui seção circular e é constituída de alvenaria de tijolos de barro, rebocada, pintada com largas faixas brancas ao longo de seu comprimento (fig. 118).



Figura 118- Chaminé da fábrica de Arthur Schiller.

4^a PARTE: APRECIACÃO DOS AMBIENTES INTERNOS

A produção da fábrica de Arthur Schiller, assim como todo o complexo fabril da indústria de conservas Golden Peach, não estava em seu pleno funcionamento no momento em que o levantamento foi realizado porque era período de entre safra do pêssego. A época de produção do pêssego em calda e da polpa da fruta, que são o alvo de industrialização da empresa, ocorreria no mês seguinte. Assim mesmo, havia vários funcionários na fábrica. Dentre eles, uma funcionária se encarregou de guiar a visita e explicar as etapas de produção. A partir das informações passadas por ela se pôde compreender a ordem de construção dos edifícios e a atividade que ocorre em cada um deles.

Utilizando-se das referidas informações, elaborou-se a organização dos setores (fig.119) na ordem em que participam do processo produtivo, ficando estes definidos como: *produção área externa* *produção área interna*, *polpas*, *depósito* e *serviços complementares*. A partir da classificação dos espaços traçou-se a trajetória percorrida pela produção de pêssego em calda, assim como a trajetória da produção das polpas de pêssego (fig. 120).

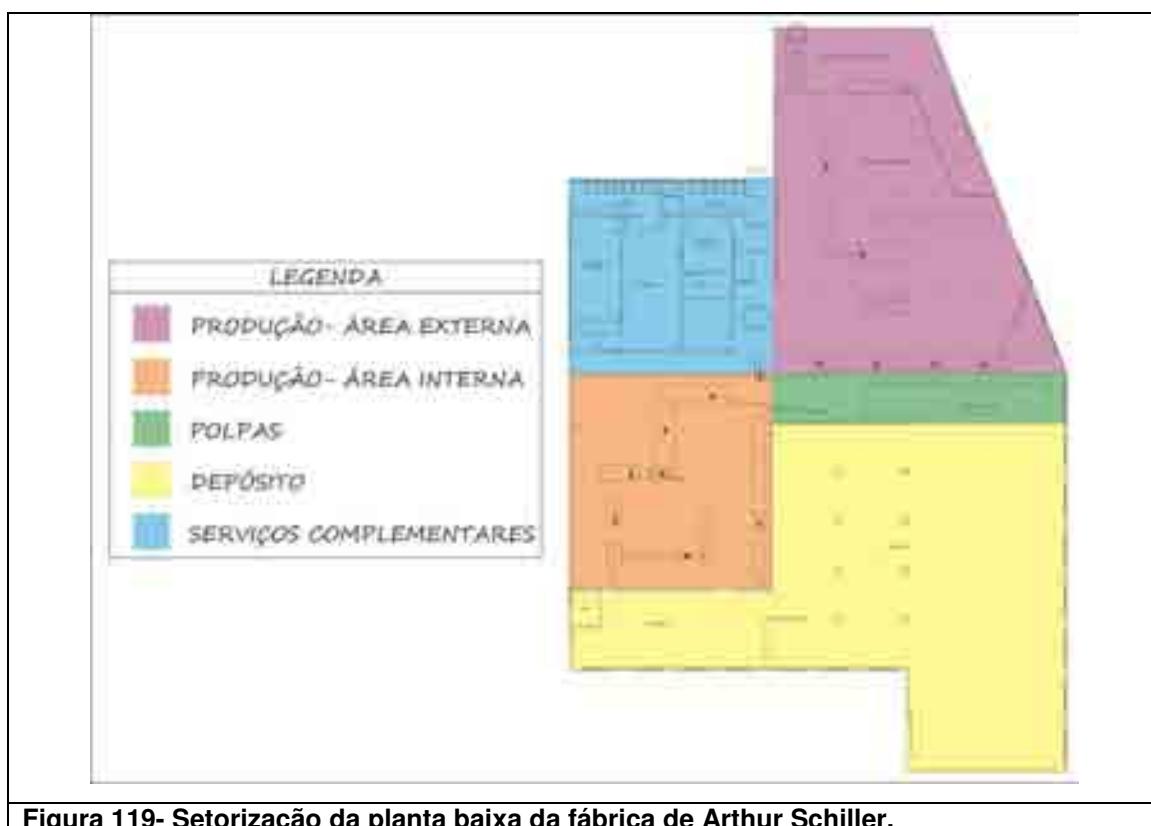


Figura 119- Setorização da planta baixa da fábrica de Arthur Schiller.



Produção- Área externa:

Este setor tem a forma de um trapézio (dimensões gerais de base maior igual a 30,67m, base menor igual a 16,7m e profundidade igual a 36,8m) e área total de 886 m², distribuída em dois pisos de alturas diferentes, ambos de cimento. O primeiro, mais baixo, é o local de recepção da matéria-prima e, também, da caldeira e da lenha que a alimenta e de um gerador. No piso mais alto, as frutas são pesadas, passam por um processo de classificação e logo após são descarocadas. Os pêssegos classificados como “tipo um” ou “tipo dois” (classificação feita pela diferença de tamanho das frutas) são descarocados através de um maquinário destinado a este fim. Já os pêssegos maiores passam por uma mesa de descarocamento manual. Há um equipamento para a separação dos caroços e estes são conduzidos, através de um elevador, para a rua. Os equipamentos seguintes, pelos quais a fruta passa, são o virador, o pelador e o lavador. A partir daí, os pêssegos são levados para o setor de produção- área interna, através de um elevador (fig. 121).



Figura 121- Detalhamento da produção da área externa na fábrica de Arthur Schiller.

Produção- Área interna:

Este setor tem forma retangular (dimensões gerais de 20,51 m x 22,51m, largura e profundidade, respectivamente) e área total de 461,8 m². Toda área apresenta revestimento de piso em placas cerâmicas e de paredes em azulejos até a altura de dois metros. Não é utilizado nenhum tipo de forro ficando aparentes as treliças e as telhas metálicas. As portas presentes no ambiente são de madeira e as janelas são todas compostas por esquadrias metálicas.

Chegando neste setor a fruta passa direto para uma mesa onde é feita uma nova classificação. Os pêssegos adequados aos padrões adotados pela empresa para enlatar continuam seu processo neste setor e os que apresentam imperfeições são encaminhados ao setor de polpas. Aqui, o pêssego é classificado por metades e passa para a mesa de enlatar que recebe as latas que vêm por meio de um elevador bem rudimentar que parte do depósito. Posteriormente, as latas recebem a calda e são dirigidas ao exaustor onde ficam sob o vapor que irá cozinhá-las. Após esta etapa, as latas partem para a recravadeira que trata de fechá-las. Em seguida, as latas vão para a

área de autoclaves e ficam entre nove e dez minutos fervendo (dependendo da variedade do pêssego). Por fim, as latas seguem para os tanques de resfriamento onde são mantidas por, aproximadamente, dez minutos. Só, então, as latas são levadas ao depósito (fig. 122).



Figura 122- Detalhamento da produção da área interna da fábrica de Arthur Schiller.

Polpas:

Este é o setor mais moderno da fábrica, tanto pela edificação como, também, pelas máquinas de última geração utilizadas. Com o emprego desta nova tecnologia, o fabricante acaba tendo um melhor aproveitamento da fruta.

Contudo, as novas máquinas demandam um novo espaço, principalmente em razão do pé-direito (aproximadamente doze metros). Por este motivo, o antigo edifício existente no local, teve de ceder lugar há um novo, com novos sistemas construtivos que proporcionaram amplo pé-direito e largo vão livre. O novo galpão construído com área total de 149,47 m² (dimensões gerais de 31,14 m x 4,8m, profundidade e largura, respectivamente), possui duas áreas com pé-direito de alturas diferentes. Na parte mais alta situa-se o setor das polpas. Assim como no restante do edifício, o piso é de cimento. A estrutura portante e as paredes são de concreto e ficam aparentes.

Depósito:

Este setor traz uma peculiaridade: permeia quatro prédios diferentes. No edifício construído na década de 80 existe uma área menor destinada ao depósito que é de onde partem as latas vazias transportadas até a área de “produção interna”. Nesta área o piso é de cimento, as paredes rebocadas e pintadas, as treliças metálicas e a cobertura em telhas também metálicas ficam aparentes. Ainda neste prédio, existe um pequeno laboratório com laje rebocada e pintada e paredes revestidas por azulejos (mesmos encontrados na área produtiva). A área mais antiga da fábrica, que correspondia a dois prédios com as mesmas características hoje transformados em um único espaço com a retirada de uma parede que os separava, tem a função não só de depósito como também de rotulagem das latas. Possui grandes esquadrias metálicas que se orientam para o setor de polpas, e esquadrias localizadas na fachada principal (também metálicas) que seguem determinada padronização. O piso é de cimento e as paredes rebocadas e pintadas.

O último prédio a compor este setor foi o último a ser implantado. Este tem o acesso para o exterior e é por onde sai o produto final, onde o ciclo produtivo se encerra. Foge a todos os sistemas construtivos pesquisados nas fábricas analisadas, possuindo sua estrutura e suas paredes em concreto sem nenhum tipo de revestimento. Não existe o emprego de forro em nenhuma região do edifício, ficando as telhas metálicas expostas.

O setor de depósito possui uma área total de 1160 m² e o laboratório tem uma área de 11,11 m². Os espaços no depósito têm as seguintes dimensões gerais: 20,51m x 8,22m (prédio da década de 80); 14,64m x 25,93m (bloco mais antigo); 16,5m x 36,77m (edifício mais atual).

Serviços complementares

Dentro deste setor há uma maior subdivisão do espaço. São áreas pequenas, de funções diversas, atendendo, em sua maioria, às necessidades básicas dos funcionários da fábrica. É composto pela *entrada de funcionários* (*local onde se localiza o relógio ponto*), *refeitório*, *banheiros* e *vestiários*

(masculino e feminino), depósito de materiais de limpeza e oficina. A divisão destes espaços internos é feita de maneira despreocupada, seguindo poucos alinhamentos. A circulação principal se dá em forma de “L” e em certos momentos é pouco fluida ou até mesmo interrompida (fig.123).

O local onde os funcionários batem o ponto, com uma área de 15,9 m², possui uma sala com piso de cimento e paredes rebocadas e pintadas exceto por um pequeno espaço onde a parede é revestida com azulejos sugerindo a possibilidade de ali ter funcionado uma copa. Existem dois acessos, um que leva ao refeitório (porta de madeira de duas folhas) e outro (porta de madeira de uma folha) usado com acesso à área de circulação interna da fábrica e como entrada para os funcionários. Existe um vão de janela que foi fechado e uma janela de esquadria metálica para a área externa.

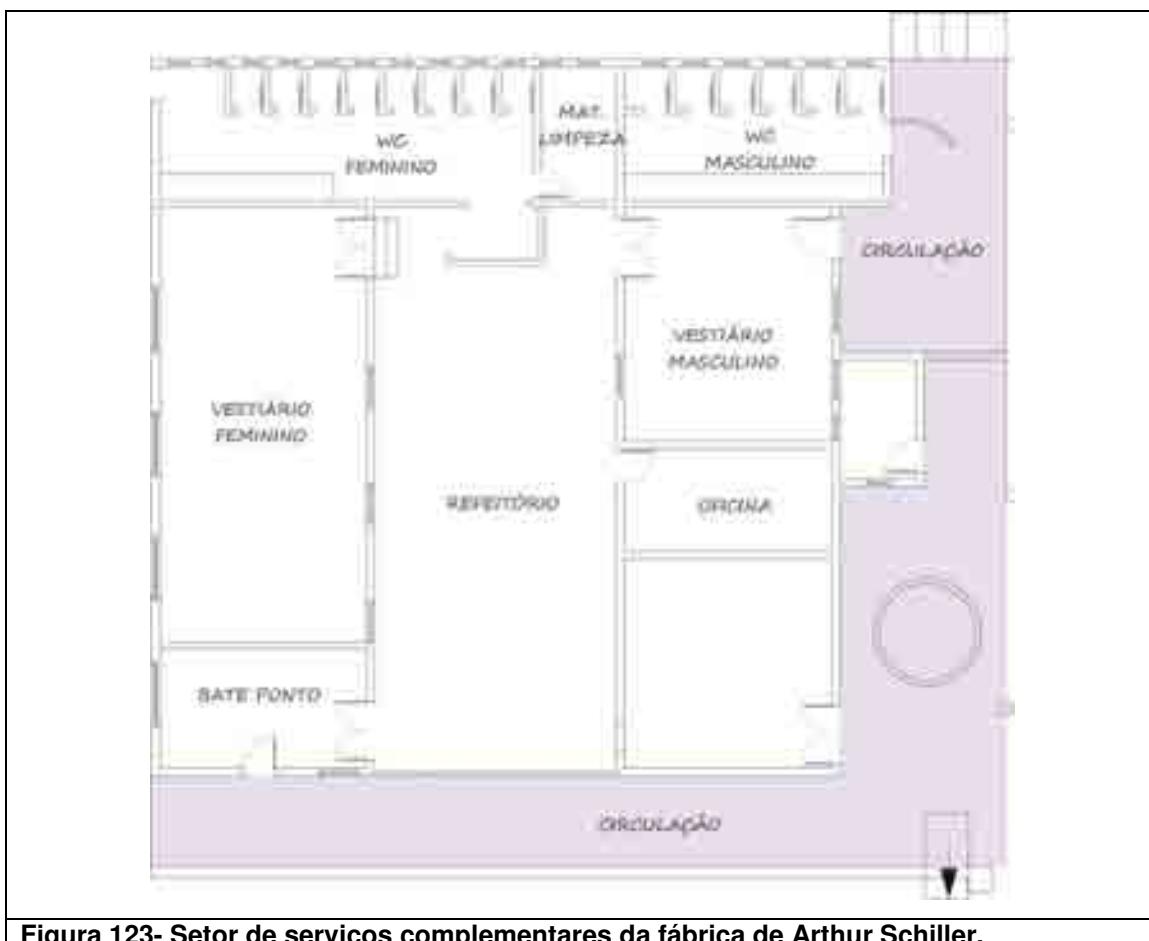


Figura 123- Setor de serviços complementares da fábrica de Arthur Schiller.

O refeitório, com área total de 85,56 m², possui uma divisória de madeira que o separa da área de circulação interna. É um espaço amplo e centralizado (fig. 123). A partir dele se tem acesso aos vestiários, a oficina, ao local onde os

funcionários batem o ponto e ao banheiro feminino. Trata-se de um ambiente bem iluminado naturalmente, graças à presença de telhas translúcidas existentes na parte mais alta da parede de fundos, que divide este do ambiente do banheiro feminino. Através do refeitório outros ambientes são iluminados o que faz com que este lugar tenha diversas janelas (de madeira) voltadas para o seu interior. O piso é de cimento, as paredes apenas rebocadas e pintadas e não existe nenhum tipo de revestimento de forro.

O banheiro feminino, com área total de 32,4 m², possui dois acessos diferentes, um pelo refeitório e o outro pela área externa, fundos da fábrica. É um ambiente de grande comprimento (9,5m) se compararmos à sua profundidade (3,4m). O banheiro masculino, com área de 22,5 m², possui apenas um acesso pela área de circulação deste setor. Nestes dois ambientes o piso é revestido por placas cerâmicas e as paredes são apenas rebocadas e pintadas— até a altura de 1,8m são pintadas em tom de verde— e a laje é rebocada e pintada.

O vestiário feminino, com área de 58,24 m², possui dimensões maiores que o masculino, com área de 31,64 m². Neste as esquadrias que estão voltadas para o refeitório são de madeira e as janelas que se voltam para a rua são metálicas. Ambos possuem piso de cimento, paredes rebocadas e pintadas (exceto por uma parede do vestiário masculino que é de tijolos à vista pintados).

No depósito de materiais de limpeza, com área de 6,46 m², não foi possível realizar a apreciação interna, bem como Oficina, com área de 13,8 m². O depósito possui acesso pelo banheiro feminino e a oficina possui acesso pelo refeitório.

5^a PARTE: APRECIAÇÃO DA VISTA EXTERNA

Cores e revestimentos: A fachada principal do conjunto é composta por dois volumes (fig. 124). O primeiro possui uma fachada com platibanda que agrupa tanto os edifícios mais antigos quanto o construído na década de 80. Estes são rebocados e pintados de branco. A estrutura modular aparente na fachada é pintada em tom de azul escuro. Analisando fotografias menos recentes, nota-se que no lugar onde hoje utilizam a cor azul antes era verde,

mas mantendo o tom saturado na marcação desta estrutura e o branco para o restante do edifício. Na platibanda havia o nome do antigo proprietário pintado de vermelho e, de forma centralizada na fachada, era pintado o nome de sua empresa “Vó Otília”, também em vermelho. Hoje, como a fábrica pertence a outro proprietário, os nomes apenas foram apagados. No segundo volume, representado pelo novo edifício, a única cor que pode ser observada a do concreto que aparece sem revestimento.



Figura 124- Fachada frontal da fábrica de Arthur Schiller.

Simplificação da forma: Como observado anteriormente, a fachada principal é composta por duas partes distintas. A primeira é retangular e podem ser encontrados vários retângulos, ditos harmônicos, em sua composição. Sua forma geral é representada por um retângulo “raiz de quatro” (a divisão de sua largura total por sua altura total resulta no número dois, ou seja, são dois quadrados). Também se fazem presentes retângulos “raiz de dois” (a divisão de sua largura total por sua altura total resulta no número 1,41), “raiz de três” (a divisão de sua largura total por sua altura total resulta no número 1,73) e “raiz de cinco” (a divisão de sua largura total por sua altura total resulta no número 2,23).

Na segunda parte desta fachada, que é representada pelo prédio mais novo, dividindo sua altura total (até a cumeeira) por sua largura total, pode ser observado um retângulo “raiz de quatro” (fig. 125).



Figura 125 – Análise de proporções adotadas na fábrica de Arthur Schiller.

Linhas ordenadoras: É visível que os dois prédios que compõem esta fachada principal são modulares, portanto, existem linhas que ordenam seus elementos (fig. 126). Mas se a análise considerar o conjunto, e não cada edifício separadamente pode-se dizer que o prédio construído posteriormente não teve a preocupação estética de seguir os alinhamentos horizontais adotados pela construção preexistente. Apenas a sua cumeeira tem altura próxima à altura da última janela do edifício vizinho.



Figura 126 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na fábrica de Arthur schiller.

Relação entre cheios e vazios: Há em todo o conjunto a predominância de espaços cheios sobre os espaços vazios. Isto fica mais evidente na fachada do galpão construído posteriormente por este apresentar uma empena cega na fachada frontal (fig. 127).



Figura 127 – Análise de relação entre cheios e vazios na fábrica de Arthur Schiller.

Simetria: Através de um estudo das linhas verticais que organizam a arquitetura da fábrica, nota-se que esta possui composição simétrica em ambos os edifícios quando analisados separadamente (fig. 128).

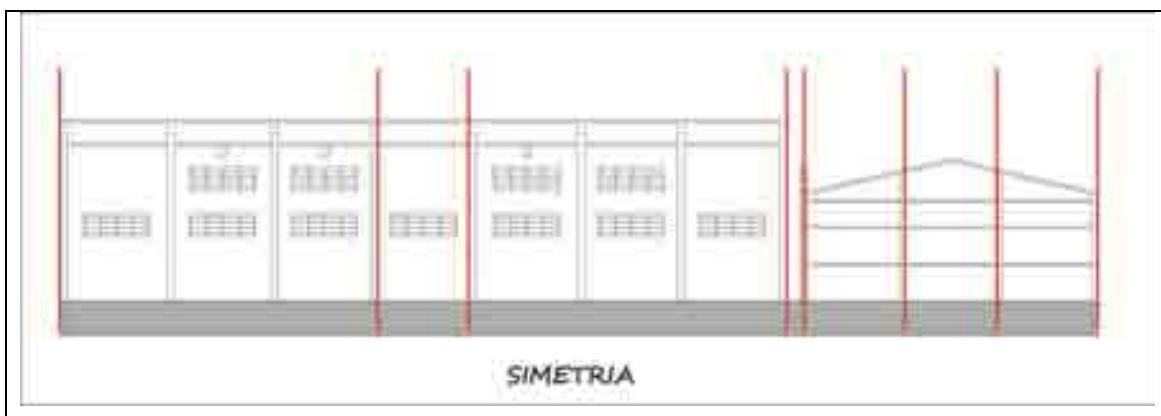


Figura 128 – Análise de simetria na fábrica de Albino Saalfeld.

5.2.8. Fábrica de João Casarin

Neto de italianos, João Casarin quando jovem trabalhou em três fábricas de compotas na colônia de Pelotas. Em 1958, com Emilio Saalfeld, em 1959 com Leopoldo Westendorf e, em 1960, com Antonio Pegoraro. Desse modo, aprendeu tudo sobre compotas, o que o animou, em 1961, a fundar a sua própria fábrica, que não era registrada e trabalhava “por comissão” para as empresas de conservas Eduardo Ballester de Rio Grande, Rizzo de Caxias do Sul, Dias Ferreira de Pelotas e Delrio de São Paulo. Sua fábrica comprova pêssego dos produtores da redondeza e, na maioria do tempo, se utilizava de mão de obra temporária. Chegou a ter 60 funcionários. O Ministério do Trabalho fazia visitas freqüentes, exigindo o cumprimento da lei, o que o

obrigou a fazer o registro dos trabalhadores. Outro problema enfrentado pela fábrica de João Casarin era a fiscalização da saúde no seu espaço fabril que era inadequado quanto a altura, forros e revestimento das paredes (estas eram sem azulejo). As irregularidades eram justificadas Disse que naquela época trabalhava pelo produto que se caracterizava por uma atividade safrista com cerca de um mês de alta produção, o que dificultava um empreendimento elevado em um espaço que ficava parado o resto do ano. Isso foi desgostando o proprietário até que, quando as grandes fábricas se instalaram, muita gente desistiu da colônia. No começo, era tudo manual. Os equipamentos eram emprestados, outros eram confeccionados pelos proprietários das fábricas. João Casarin conta que inventou seus equipamentos e que eles funcionavam. No primeiro ano, a produção por safra chegou a 28 mil latas e encerrou com 72 mil latas no último ano (BACH, 2009, p. 90). A produção da fábrica era de pêssego em calda.

As informações coletadas durante a visita à fábrica foram disponibilizadas pelo proprietário da fábrica, Sr. João Casarin, e por sua esposa, Sra. Noêmia Casarin.

1ª PARTE- RELAÇÃO COM O ENTORNO

Localização e Vizinhanças

A fábrica em estudo está localizada no 8º distrito de Pelotas, Rincão da Cruz, na colônia Maciel (fig. 129).

O Rincão da Cruz é conhecido e visitado por aqueles que buscam atividades de turismo e lazer. É uma área de especial interesse por apresentar como atrativos bens naturais tais como cachoeiras e matas (que servem para trilhas e banhos) e o próprio patrimônio material edificado que é identificado, principalmente, nas cantinas de vinho e no Museu Etnográfico da Colônia Maciel (PANIS, 2009, p. 97).

A Colônia Maciel, localidade onde se encontra a fábrica, foi fundada em 1885, pelo Governo Imperial e tem sua importância retratada no Museu Etnográfico da Colônia Maciel, onde esta preservada a memória histórica da comunidade marcada pela imigração italiana (SILVA, 2009, p.152).



Figura 129- Localização das principais edificações do entorno da fábrica de João Casarin.

A área onde a fábrica encontra-se instalada é de grande importância social e cultural para sua comunidade e, por isto, agrega edificações vizinhas de expressão, tais como a Escola Municipal Garibaldi, distante menos de 50m da fábrica, que originalmente ocupava o prédio do atual Museu Etnográfico da Colônia Maciel (fig.130) e a Igreja da Comunidade Sant'Anna, distante cerca de 90m da fábrica (fig.131). A escola apresenta arquitetura com linhas similares as da fábrica, exceto pela parte avarandada de sua fachada.

Por fim, confirmando a diversidade de usos sócio-culturais existente, em um raio de cem metros da fábrica, além de residências, existe o Museu Etnográfico da Colônia Maciel (fig. 132). Este é um ponto importante para o turismo e para a história da comunidade. Trata-se de uma edificação diferenciada não só pela sua incumbência de transmitir a memória da etnia italiana em Pelotas, como, também, pelo próprio patrimônio edificado, construído em 1929³³.

³³Ver em: <http://museucoloniamaciel.blogspot.com/>



Figura 130- Escola Municipal Garibaldi.



Figura 131- Igreja da comunidade Sant'Anna. Fonte:
<<http://www.panoramio.com/photo/15658233>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2011.



Figura 132- Museu Etnográfico da Colônia Maciel. Fonte:
<<http://www.panoramio.com/photo/15657690>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

Características gerais

A fábrica parece integrar-se à arquitetura local sem causar grande impacto. Isso ocorre porque a edificação possui linhas simples e características que são encontradas nas construções da região. Sua fachada é bastante simples e o pé-direito é apenas um pouco mais alto do que a residência mais próxima. Possui um pequeno recuo frontal com medidas que variam entre 6,4m e 11,5m, pois a fábrica não está implantada de forma paralela à estrada. Na fábrica ocorriam atividades recreativas e esta era, também, utilizada como salão de baile.

2ª PARTE: CONFIGURAÇÕES INTEIRAS DOS EDIFÍCIOS

A configuração original da fábrica era bem próxima a um quadrado, com pequena diferença de dimensão entre a sua testada e a sua profundidade (fig. 133). Ao lado da fábrica, separada por um corredor de aproximadamente 1,2m, encontra-se a residência do Sr. João Casarin, proprietário da fábrica. As construções posteriores foram anexas ao prédio em uma de suas fachadas laterais e na fachada de fundos. Estas são perceptíveis ao olhar de quem observa o prédio.



A unidade fabril possui uma área total de 439 m², composta por 358,6 m² de área construída da fábrica e por 80,4 m² de área construída de anexos. As dimensões gerais dos prédios da fábrica são: testada da fábrica atual igual a 22,93m; testada da fábrica original igual a 20,93m; testada da residência igual a 19,62m e profundidade da fábrica igual a 20m.

O edifício em estudo não apresenta grandes alterações em sua forma original, assim como em seus materiais construtivos e de revestimento. As modificações existentes em termos de soma de novos volumes ficam aparentes em suas fachadas através de marcações de transição visíveis nas paredes e também são perceptíveis na conformação do sistema de cobertura.

Um aspecto importante a ser salientado é que não existem construções de apoio a produção fabril avulsas no terreno, permanecendo todas as atividades e serviços junto ao corpo da fábrica.

3^a PARTE: GRANDES ELEMENTOS CONSTRUTIVOS

Cobertura

O sistema construtivo e os materiais empregados na cobertura são indicadores significativos das etapas de construção do conjunto. A diferença temporal existente entre o edifício original e seus anexos pode ser percebida por suas coberturas de forma clara ao se analisar as imagens externas. Há uma ruptura na inclinação natural do telhado quando da implantação do anexo situado na lateral da fábrica.

De modo geral, a cobertura do edifício é dividida em duas partes. Cada uma delas apresenta um telhado em quatro águas estruturado por tesouras de madeira e cobertos por telhas de barro francesas. Nas partes que são anexas, o que ocorre é um prolongamento desta água do telhado (fig. 134).

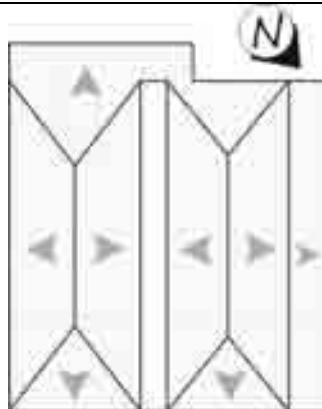


Figura 134- Planta de cobertura da fábrica de João Casarin.

Paredes:

A fábrica de João Casarin possui um grande vão livre interno que foi dividido por uma parede construída entre os pilares preexistentes. As construções anexas apresentam maior subdivisão de suas áreas justificada pela diferença de demanda por espaços por causa dos variados usos. As paredes são de alvenarias de tijolos maciços, rebocadas e pintadas, interna e externamente. Na fachada de fundos e na fachada que se volta para a residência os tijolos ficam à vista assim como sua base em blocos de pedras.

Chaminé:

A antiga chaminé que despontava na fachada da fábrica, aparentemente de alvenaria de tijolos (fig. 135) hoje não existe mais.



Figura 135- Foto da fachada original da fábrica de João Casarin com chaminé ao fundo.
Fonte: BACH, 2009, p.90.

4ª PARTE: APRECIAÇÃO DOS AMBIENTES INTERNOS

Nos espaços internos da fábrica misturam-se as áreas destinadas a atividades fabris e as que atendiam às demandas da atividade de salão de baile que este edifício já abrigou. Pode-se ilustrar este fato através da área que, segundo João Casarin, abrigava produção e estoque. O mesmo local foi utilizado como salão para os bailes que ali eram realizados.

A fábrica teve suas atividades encerradas em 1972 e os bailes, há muitos anos, não são mais realizados. Por isso, no momento do levantamento (dezembro de 2010) não se pôde avaliar a produção a partir do mobiliário, ou da visualização do processo produtivo. Tudo que foi encontrado foram antigas caixas de bebidas personalizadas com o nome do proprietário da fábrica, um barril, algumas mesas e bancos, mobiliários da cozinha e antigos freezers na cozinha.

O sentido da produção pode ser deduzido através de algumas informações que foram passadas pelo proprietário da fábrica. Ele pode ser descrito como cílico e centralizado e é setorizado, de forma generalista, na figura 136. O espaço analisado pôde ser dividido em quatro setores principais: *recepção/estoque; produção; cozinha e serviços complementares*.



Figura 136- Setorização e sentido da produção na fábrica de João Casarin.

Recepção e estoque

Este setor, com área de 144,76 m², é acessado pela porta principal da fábrica em sua fachada frontal. Era nesta área que ocorria a recepção da matéria-prima e onde ela era estocada. O acesso referido foi modificado, provavelmente com a intenção de controlar o acesso ao prédio. Ao invés de ter apenas a grande porta central, recuou-se a entrada principal e foram criadas duas entradas laterais, mais estreitas. Além do acesso, o ambiente também possui comunicação com a cozinha, banheiro masculino e área de produção. O piso desta área é revestido por um soalho de madeira e as paredes são rebocadas e pintadas, sendo que até a altura de 80 cm a cor utilizada é diferenciada. Existe, ainda, um forro composto por ripas de madeira que deixam, em parte, a estrutura do telhado à vista. As esquadrias seguem a uma padronização percebida em toda fábrica e são todas de madeira.

Notam-se dois bancos de madeira que contornam duas paredes deste ambiente que, provavelmente, eram utilizados mais nos momentos em que havia bailes.

Produção

O ambiente da produção, com área de área de 128,74 m², possui um acesso para a área externa pela sua fachada lateral, na divisa entre a residência e a fábrica. Observam-se, também, dois vãos de passagem para a recepção e um de comunicação direta com a cozinha. Além disto, neste setor é localizado o acesso ao banheiro feminino.

Através de uma fotografia antiga, apresentada na figura 137, que retrata o interior da fábrica em sua dinâmica produtiva, se pôde notar a permanência de, aproximadamente, 50 trabalhadores no interior da fábrica, em sua maioria composta por mulheres. Também foi permitida a visualização da organização das mesas de trabalho (dispostas entre si de forma paralela) onde ocorria a limpeza da fruta, descarçoamento e, entre outras etapas, tudo realizado de forma manual. Neste local, o piso é revestido por cimento, as paredes rebocadas e pintadas (até 80 cm com outra cor) e o teto com forro em ripas de madeira.



Figura 137- Fábrica de João Casarin em atividade. Fonte: BACH, 2009, p.50.

Ao fundo da fotografia (fig. 137) percebe-se uma seqüência de latas o que ajuda na dedução de que naquele local ocorria o processo de enlatação.

No teto, largas faixas de tecidos, em duas cores, dispostas de maneira intercalada formam ondas no alto daquele que neste momento deveria ser o salão de bailes. Através de outra fotografia apresentada na figura 138, que retrata uma atividade recreativa na unidade fabril, um baile, pode-se perceber a presença de uma estrutura para a ornamentação do teto.



Figura 138- Baile no interior da fábrica de João Casarin. Fonte: acervo pessoal de Alcir Bach.

Cozinha

A cozinha, com área de 53,45 m², é em um amplo espaço que se desenvolve de modo linear. Nesta encontram-se ainda mobiliários que aparentam serem os originais do local. São estes: armários, estantes, um balcão, freezers e geladeira. Este ambiente possui livre comunicação com o interior da fábrica através de grandes vãos abertos na parede. O único acesso que possui porta (esta de madeira) é o que leva à área da churrasqueira. O piso e as paredes possuem os mesmos materiais de revestimentos descritos no setor anterior exceto pela ausência do forro, pois, a estrutura da cobertura fica aparente.

Serviços Complementares

Este setor, com área total de 80,4 m², representa os ambientes que foram implantados posteriormente e auxiliaram no desenvolvimento das atividades, quer sejam de produção doceira ou de lazer. Neste sentido, existem espaços que servem às demandas dos dois tipos de uso como é o caso dos banheiros, e outros que têm uma finalidade específica como o cômodo que, segundo João Casarin, era utilizado como dormitório para crianças enquanto seus pais desfrutavam do baile.

No banheiro feminino existem dois vãos para iluminação e ventilação na parede externa, tendo apenas um deles esquadria que é de madeira. Possui piso revestido por placas cerâmicas, paredes revestidas por barra lisa de cimento³⁴ (cimento queimado) até a altura de 1,5m. Nos espaços dos sanitários esse revestimento é substituído por azulejos. Não há forro revestindo o teto, desta forma, a estrutura de madeira da cobertura fica à mostra.

No banheiro masculino o piso é em cimento queimado, as paredes na área de circulação são revestidas por barra lisa de cimento (até a altura de 1,5m), e as outras paredes revestidas por azulejos (até a altura de 1,5m). A estrutura de madeira da cobertura fica à mostra. O vão da janela de iluminação e ventilação foi fechado e as portas são de madeira.

³⁴ Trata-se do revestimento executado com argamassa de cimento. O pó de cimento é lançado, é borrifada água, e em seguida com a desempenadeira de aço, alisa-se o pó de cimento incrustado na argamassa, caracterizando a chamada queima do cimento.

No ambiente da churrasqueira o revestimento de piso se dá por placas cerâmicas, as paredes são rebocadas e pintadas e o madeiramento do telhado aparente. Existe um acesso direto para a área externa, através de porta de madeira.

No cômodo denominado de “dormitório”, que tem seu acesso por uma porta existente dentro do banheiro feminino, não foi possível realizar a apreciação interna do ambiente. As áreas abertas, cobertas pelo prolongamento do telhado original, que completam os anexos dos fundos da fábrica, atualmente, abrigam diversos materiais, entulhos e não se pode determinar qual a sua função na época em que a fábrica estava em funcionamento. Pode-se deduzir que abrigavam equipamentos como, por exemplo, o gerador.

5ª PARTE: Apreciação Da Vista Externa

Cores e revestimentos: O entorno da fábrica, anteriormente exposto, é constituído por diversas edificações de usos diversos e, neste caso, de cores também diversas. Em paisagens rurais é comum que as edificações utilizem apenas a pintura, muitas vezes com tinta a base de cal, na cor branca. Este núcleo diferencia-se neste sentido. São edificações pintadas de amarelo, azul, verde, porém, todos em tons pouco saturados (fig. 139).



Figura 139- Entorno da fábrica de João Casarin. Fonte:
<<http://www.panoramio.com/photo/15657561>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

O prédio referente à residência de João Casarin possui sua fachada apenas rebocada e pintada de azul e esquadrias de vermelho, em tom mais escuro (fig. 140). Tem sua base bem marcada com uma base de pedras.

A edificação da fábrica, por sua vez, apesar de manter esta simplicidade de revestimentos, tendo a fachada rebocada e pintada, utiliza o branco como cor principal e as esquadrias e a marcação da base pintadas em tom de cinza claro (fig. 140) . É mais simples do que a fachada da residência porque aquela possui cornija, elemento não observado na fábrica (fig. 140).



Figura 140- Fachada frontal da fábrica e da residência, respectivamente, de João Casarin.

Simplificação da forma: No esquema a seguir é indicada a simplificação da forma da fábrica e da residência separadamente. Ambas desenvolvem-se linearmente e apresentam como forma básica geral o retângulo (fig. 141).



Figura 141 – Análise de proporções adotadas na fábrica de João Casarin.

O retângulo “raiz de quatro” (formado por dois quadrados) é o mais encontrado nas duas fachadas, ou uma aproximação a ele. Além dele, as formas consideradas harmônicas encontradas nas fachadas dos dois prédios foram o quadrado e o retângulo raiz de cinco. Apesar de a forma das aberturas da fábrica não remeterem a retângulos ditos harmônicos, as suas proporções são iguais não só entre as janelas como também no vão que marca o acesso principal, tornando o conjunto com melhor organização em sua fachada.

Linhas ordenadoras: As duas edificações em análise apresentam, quando observadas isoladamente, preocupação estética referente a alinhamentos de alturas de suas esquadrias. Estudar as duas edificações juntas permite mostrar se a última construção teve a preocupação em compatibilizar sua arquitetura com a preexistente. Se existiu a intenção de dar unidade as duas construções que pertencem ao mesmo proprietário e que possuem pouca distância entre si (fig. 142).



Figura 142 – Análise de linhas ordenadoras adotadas na fábrica de Arthur Schiller.

O que foi observado é que o prédio da fábrica buscou seguir a mesma altura das esquadrias da residência apesar destas apresentarem dimensão e forma diferente. O alinhamento que corresponde ao início do telhado diferencia-se entre elas, pois a fábrica, por sua função, apresenta maior pé-direito.

Relação entre cheios e vazios: A relação entre cheios e vazios nas fachadas se dá de forma equilibrada, tendo a residência uma porcentagem um pouco maior de espaços “vazios” (aberturas).

A representação gráfica utilizada para fazer esta diferenciação contribui também para ressaltar a diferença nas formas adotadas para os vãos. A residência caracteriza-se por adotar esquadrias mais verticalizadas, ao contrário da fábrica que se vale de vãos mais horizontais (fig. 143).



Figura 143 – Análise de relação entre cheios e vazios na fábrica de Arthur Schiller.

Simetria: Em ambos os edifícios se nota uma distribuição tripartida dos elementos que compõem suas fachadas. No caso da fábrica, as partes laterais não possuem dimensões exatamente iguais, mas visivelmente o recurso da simetria é utilizado. Porém, isto só ocorre se desconsiderarmos a parte anexa que aparece à esquerda na fachada. Após essa alteração, a simetria foi descaracterizada (fig.144).

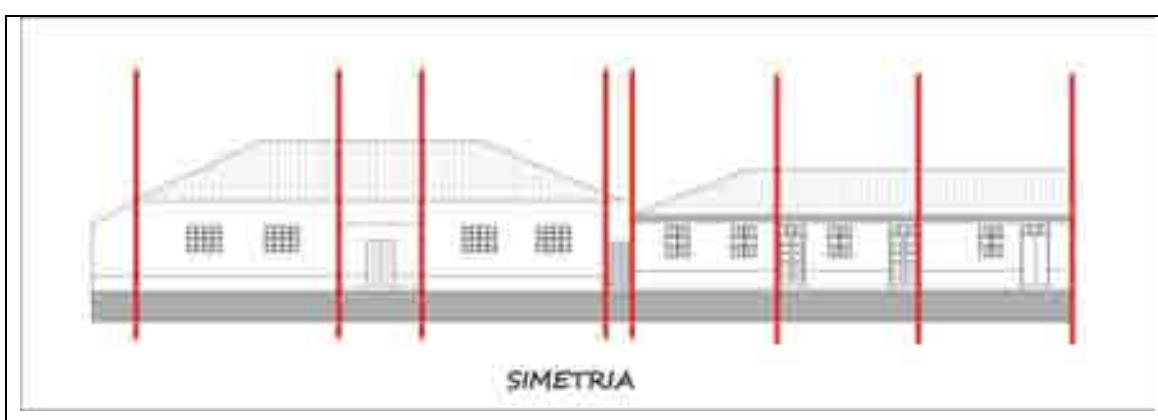


Figura 144 – Análise de simetria na fábrica de Albino Saalfeld.

As dimensões de testada da fábrica e da residência são muito próximas (se for desconsiderado o anexo) o que faz com que o conjunto de prédios apresente uma relação simétrica, com o eixo de simetria localizado no portão que os separa.

CAPÍTULO VI – Análise Geral das Fábricas

6.1 - Caracterização da amostragem

As fábricas que compuseram a amostragem deste trabalho foram construídas no período compreendido entre as décadas de 1940 e 1970, sendo que destas 50% na década de 1950 (quatro fábricas), 37,5 % na década de 1960 (três fábricas) e 12,5% na década de 1940 (uma fábrica). Todas estão localizadas na área de concentração de pomares, identificada em 1960³⁵.

Os distritos visitados nos levantamentos foram: Cascata (5º distrito), onde estão quatro das fábricas levantadas e dentre estas, mais especificamente, três situam-se na localidade da Ponte Cordeiro de Farias; Morro Redondo (antigo 8º distrito, hoje município emancipado), que possui uma das fábricas levantadas; Quilombo (7º distrito,) onde estão localizadas as duas fábricas da família Crochemore, na localidade Vila Nova; e Rincão da Cruz, (8º distrito), que possui uma fábrica localizada na colônia Maciel.

Dentro do universo de fábricas que foram abarcadas neste trabalho metade é constituída por aquelas que ainda estão em funcionamento e a outra metade por fábricas que já encerraram suas atividades, possuindo um exemplar já em processo de ruína.

Em todos os casos há uma predominância pelo doce de pêssego em calda, em três deles este é o único doce produzido, mas em 62,5% das fábricas há uma diversificação da produção doceira. São encontradas não apenas outras frutas em calda, como o morango, abacaxi, figo, como também doces de massa utilizando estas frutas como matéria-prima.

Muitas vezes o espaço produtivo incorporava outras atividades ou era originário de outro processo produtivo, como ocorreu com as “Indústrias Reunidas Crochemore” cujo conjunto teve início em uma antiga vinícola.

As atividades veiculadas a estes espaços são diversas e a mais recorrente é a residencial (encontrada em 83,33% das fábricas). As residências aparecem ora junto ao corpo da fábrica ora isoladas no terreno podendo até, posteriormente, assumir alguma atividade vinculada à fábrica, como por exemplo, a de escritório. Dentre as cinco fábricas que possuíam alguma

³⁵ Ver fig. 7, p.78.

edificação residencial em sua propriedade, quatro ainda possuíam, na maioria, dos casos, o desenvolvimento da atividade comercial dos produtos. O uso do espaço da fábrica para a promoção de atividades recreativas (bailes) foi observado em duas das fábricas analisadas, correspondendo a 25% dos objetos em estudo.

Das unidades fabris que, em algum momento tiveram outros usos, todas possuem na arquitetura a marca dessas atividades. Em sua maioria, refere-se aos revestimentos incorporados, à divisão dos espaços, identificada no emprego de paredes de menor espessura, no mobiliário e decoração dos interiores.

6.2 - Relações com o Entorno

Durante a realização dos levantamentos arquitetônicos notou-se certa facilidade de acesso às fábricas, propiciada pela proximidade destas com as principais estradas de sua região e pela presença de, na maioria das vezes, paradas em frente à mesma.

Das fábricas observadas, 75% (seis fábricas) encontram-se implantadas a menos de 20m da estrada, sendo que destas três não possuem recuo frontal algum. O maior recuo observado foi de 40m, na fábrica de “Conservas Schaun”.

A relação acima exposta da fábrica com a estrada interfere diretamente no impacto que esta pode causar neste ambiente. A fábrica “Conservas Schaun”, por exemplo, não se constitui um marco visual na região porque encontra-se muito distante da estrada (40 m) e a sua arquitetura possui linhas simples e dimensões que não destoam das encontradas nas proximidades.

Do total de fábricas pesquisadas, 62,5% foram consideradas construções que se integram à arquitetura de sua região, sem causar grande impacto visual.

O local onde as fábricas estão implantadas é caracterizado por uma centralidade na região. Ali estão instalados prédios de diversos usos, freqüentemente próximos às fábricas. Foi observado que as escolas aparecem nas proximidades de sete das oito fábricas analisadas, freqüência esta que também é encontrada na implantação de igrejas. As atividades comerciais tais

como bares, restaurantes, armazéns, também muito recorrentes, só não foram registradas nas imediações da fábrica de João Casarin. É importante salientar que a presença da atividade fabril advinda de outras fábricas é intensa nas proximidades das fábricas estudadas. Em cinco delas (62,5%) identificou-se que, em seu entorno imediato, há pelo menos uma fábrica de produção doceira.

6.3- Configurações Inteiras dos Edifícios

Depois de feito o levantamento arquitetônico, se pode proceder com a avaliação da forma geral que as fábricas apresentavam em planta baixa. Isto foi possível através de um processo de abstração da sua forma até chegar a um desenho simplificado, que retratasse a sua disposição geral.

A análise mostrou que as plantas das fábricas têm formas retangulares (37,5%), quadradas (25%), em “L” (25%) e irregular (12,5%) (a forma foi assim identificada pela dificuldade de extrair uma configuração básica).

Observou-se, também, que a maioria das fábricas (75%) possui organização central. Esta organização demonstra como a relação entre os diversos prédios que compõem o conjunto fabril é direcionada mesmo que existam anexos, presentes em todas as fábricas estudadas. O que difere é a maneira como os anexos são incorporados. Em apenas três das oito fábricas as construções anexas encontram-se em sua totalidade junto ao corpo da fábrica. No restante, estes anexos estão em parte “soltos” no terreno. Verificou-se, também, que em apenas 25% das unidades fabris os anexos buscam adaptar-se aos padrões formais do edifício principal. Apesar disto, a porcentagem de fábricas consideradas de boa legibilidade por conseguir manter uma unidade no conjunto e sua forma geral mais “limpa” corresponde a 75%, as outras apresentam adições muito evidentes, ruídos em sua composição e blocos muito independentes entre si.

Foi realizada uma classificação mais generalizada das unidades que caracterizavam as fábricas em função de sua área total construída. Sob este foco, as fábricas analisadas se caracterizaram como 25% de pequeno porte (área menor que 1000m²), 25% de médio porte (área no intervalo de 1000m² a 2000m²) e 50% de grande porte (área maior de 2000m²).

A maioria destas fábricas doceiras, mesmo as de grande porte, desenvolve-se em apenas um pavimento. A exceção fica na fábrica Red Indian que possui um segundo pavimento em uma pequena área sobre o escritório. Foi identificado, também, em duas fábricas o uso eventual de depósito em um espaço gerado pela grande inclinação do telhado.

6.4- Grandes Elementos Construtivos

Um dos itens de análise deste quesito foi a avaliação das paredes das fábricas doceiras. O resultado apontou que todas as edificações utilizam-se do sistema tradicional de alvenaria de tijolos de barro, com espessuras, que em geral, correspondem a 25 cm, aproximadamente.

O segundo item foi a cobertura, que, por sua vez, apresentou maior variação em diversos aspectos. Verificou-se que em todos os conjuntos fabris são usados de dois até quatro tipos de inclinação e que, pelo menos em um dos seus edifícios, ocorre telha de barro do tipo francesa. Mas, somente a fábrica de João Casarin tem esta como o único tipo de telha utilizado. No restante das fábricas se vê é o uso de vários tipos de telhas, sendo que a mais utilizada é a telha ondulada de fibrocimento, presente em sete fábricas das oito fábricas analisadas. As telhas metálicas são vistas em apenas duas fábricas, Conservas Patzlaff e a fábrica de Arthur Schiller, assim como as de barro do tipo capa e canal encontradas apenas nas fábricas de Nelson Crochemore, de Albino Schaun e na Indústria de Conservas Patzlaff. Esta última apresentando ainda uma terceira variedade de telha de barro, a do tipo romana com capa quadrada.

Como consequência da variação do tipo de telha, o sistema estrutural da cobertura também é diverso. Nas fábricas o sistema misto de treliças metálicas e tesouras de madeira predomina (cinco fábricas). Na fábrica de Arthur Schiller, além dos dois sistemas já citados, ocorre também estrutura em concreto. Em apenas duas fábricas, as fábricas de João Casarin e de Albino Schaun a estrutura da cobertura é totalmente com tesouras de madeira.

O último item analisado, que mereceu especial atenção, diz respeito a um reconhecido símbolo da industrialização: a chaminé. Foram identificados três tipos de chaminés: de seção circular em alvenaria, encontrada em seis

fábricas; de seção circular em metal, encontrada em duas fábricas; e a de seção quadrada em alvenaria encontrada na fábrica a Red Indian. Cabe salientar que na fábrica de Nestor Crochemore se notou a existência de duas chaminés, uma metálica de seção circular e outra, também de seção circular, em alvenaria.

6.5- Apreciação dos Ambientes Internos

A primeira avaliação que se fez com relação ao interior dos edifícios foi no intuito de compreender como os espaços eram distribuídos. Para isto, foram analisadas as plantas baixas e a partir daí observou-se a recorrência de subdivisões existentes nelas. O que se pode inferir através deste estudo é que na medida em que as fábricas vão construindo mais anexos a sua distribuição interna é mais fragmentada. Apenas em uma fábrica se pode dizer que a planta em sua totalidade é muito subdividida, é o caso das “Indústrias reunidas Crochemore, de Nelson Crochemore que se justifica talvez pela grande variação de sua produção que atende também a itens de padaria como pães, cucas, etc. Em apenas 25% das fábricas nota-se a área total pouco fragmentada. Na maioria fábricas nota-se que a fragmentação ocorre apenas na área que corresponde aos anexos que possuem funções de serviços complementares.

Esta subdivisão dos espaços observada interfere no modo como se dá a legibilidade interna nesses edifícios, porém não a condiciona completamente, pois há outros fatores que contribuem para a boa orientação daquele que transita no interior da fábrica. Entre estes fatores estão o número de prédios diferentes que compõem o conjunto fabril, a forma como eles se integram, os alinhamentos que são respeitados, etc. Apenas três fábricas foram identificadas como de fácil orientação interna e três foram vistas como de difícil orientação, justamente por conta dos anexos que contribuíam para uma leitura ruim dos espaços internos. As outras duas fábricas foram tidas como “confusas” em todo o trajeto percorrido internamente, são elas a Conservas Patzlaff e a fábrica de Nelson Crochemore.

A organização dos espaços internos, embora com muitas variações nas plantas das diferentes fábricas, segue a uma divisão comum. De modo geral,

os setores das fábricas organizam-se em: recepção, produção, depósito e serviços complementares. A disposição destes setores é que irá determinar a trajetória da produção doceira que, como foi observado, pode ser descrita como: linear, orgânica, em “L” e cíclica/centralizada, cada uma correspondendo a 25% (vinte e cinco por cento) da amostragem.

O percurso das atividades produtivas é dado por entre os espaços que constituem a fábrica não havendo áreas destinadas a função específica de circulação. Isto só ocorre nas “Indústrias Reunidas Crochemore” onde são observadas grandes áreas para circulação, mas que não atendem exclusivamente a este fim.

No critério relativo ao “programa de necessidades” alguns itens foram observados na totalidade das fábricas, tais como a área de produção, o depósito e os banheiros. Outros usos do espaço também aparecem com certa recorrência: escritório (presente em 50% das unidades fabris); cozinha, depósito de materiais, oficina, refeitório e garagem (presente em 37,5% das unidades fabris) e laboratório (identificado em apenas duas fábricas). Além destes, outros usos do espaço foram encontrados, mas fazem parte das peculiaridades de cada fábrica. É importante lembrar que a fábrica de Nestor Crochemore possuía antigamente um refeitório que, atualmente, é usado como depósito. As fábricas de Arthur Schiller e de Albino Saalfeld atualmente fazem parte do complexo industrial da fábrica de conservas Golden Peach que utiliza o espaço do antigo hotel da fábrica de Albino Saalfeld como escritório.

O espaço da produção doceira é o coração da fábrica e pode ser organizado de diversas maneiras. Por isto, teve uma análise mais detalhada. A produção de doces em um único e amplo ambiente é visto em duas das fábricas estudadas e nas outras ocorre subdividido, de acordo com as etapas de produção e com os prédios que constituem este setor. Estas subdivisões variam de um a seis distintos espaços que participam do processo produtivo até o doce ser encaminhado ao estoque. A altura (pé-direito) dos prédios da área de produção nas fábricas estudadas tem dimensões que variam de 4m a 5m, exceto na “Indústria de Conservas Patzlaaff” que possui uma variação de altura de 2,56m a 5,27m.

Igualmente, verificou-se a variação de revestimentos internos, tanto de piso e paredes, como de utilização de forro. Notou-se que, na maioria das

fábricas (em seis delas), não há uma padronização dos materiais de revestimento. Em alguns casos os revestimentos variam de acordo com o prédio em que se está, pois, às vezes, a etapa da produção não demanda a aplicação de determinado material. Em outros casos esta descontinuidade de aplicação de revestimentos é dada em um mesmo ambiente como ocorre nas “Indústrias Reunidas Crochemore”.

O tipo de piso predominante no ambiente da produção é o de cimento (sete fábricas). Além deste, são encontrados também, pisos revestidos com placas cerâmicas (37,5%); de pedra (25%) e cimento queimado (encontrado apenas na fábrica Red Indian). Nas paredes verificou-se o predomínio de reboco pintado. Além deste, também, foi observado em cerca de 50% das fábricas a presença de placas cerâmicas e azulejos. Na análise dos forros verificou-se que as unidades fabris utilizam de maneira pouco expressiva este produto. Das fábricas analisadas 62,5% não possuem forro em toda área produtiva. Os forros encontrados foram o de madeira, na fábrica de João Casarin, e o de PVC, visto em algumas partes da área de produção doceira da fábrica Conservas Patzlaff e em grande parte da área produtiva da fábrica de Nestor Crochemore.

Ainda no setor de produção verificou-se que as esquadrias encontradas, tanto as que dão acesso ao exterior como as que envolvem acesso a outros espaços internos, não seguem a um padrão de material e de dimensões. Em apenas uma fábrica, a Conservas Patzlaff, se pode dizer que todas as portas são metálicas e em duas outras unidades fabris, a fábrica de Albino Schaun e a fábrica de João Casarin, todas as portas são de madeira. No restante da amostragem ocorre o uso dos dois tipos de esquadrias.

6.6- Apreciação das Vistas Externas

As fachadas frontais que foram observadas têm em comum a simplicidade na aplicação de revestimentos o que é muito comum na arquitetura fabril em detrimento de motivos econômicos. O local de implantação destas fábricas, zona rural, trata de acentuar esta escolha pela simplicidade, onde todas as fábricas são apenas rebocadas e pintadas.

O uso de cores muito saturadas é pouco comum e não constituem a cor predominante de nenhuma das fábricas. Na maioria delas (75%), a cor é predominante é o branco.

As cores são também utilizadas para fazer a marcação da estrutura na fachada de três exemplares fabris e também para a marcação da base do edifício, observado em duas fábricas.

Quanto à parte formal, pode-se dizer que todas as fachadas analisadas apresentam horizontalidade, dispondo-se de forma linear e dando origem ao retângulo como forma básica extraída da fachada do conjunto. Nestas, a composição pode ser lida através de diferentes elementos. Um deles refere-se à padronização de esquadrias, notada em cinco das oito fachadas das fábricas analisadas.

Além disso, na análise para identificar as proporções adotadas nos edifícios, verificou-se que o uso de retângulos conhecidos como harmônicos ocorre em três fábricas e que o retângulo que se fez mais presente foi o de raiz quatro (soma de dois quadrados). Em duas fábricas a incidência maior foi de retângulos com a divisão entre sua maior dimensão por sua menor igual a “1,30”, o que não resulta um retângulo harmônico, mas a sua grande freqüência é importante na conformação destas fábricas. As outras três fábricas apresentam, cada uma, maior incidência de retângulos 1,45 (também não considerado retângulo harmônico), de raiz quatro e retângulos de raiz dois (1,41).

Outro instrumento utilizado para estudar a composição das fachadas é o traçado de linhas horizontais sobre elas com o intuito de investigar a que alinhamentos estas seguem e se os diferentes prédios que compõem o conjunto fabril demonstram compatibilização destes alinhamentos. O que se pôde verificar é que a maioria das edificações apresenta boa ordenação do conjunto através de alinhamentos. Isto se deve a algumas alturas que são mantidas, tais como a linha do início da inclinação do telhado (mantida em todo conjunto por cinco fábricas) e o alinhamento das esquadrias (verificado em seis fábricas).

Os últimos itens desta análise correspondem à relação que existe nas fachadas entre os espaços chamados “cheios” (fechados) e os “vazios” (com aberturas, envidraçados) e a utilização da simetria como instrumento de

composição. Com relação ao primeiro item, pode-se dizer que 50% apresentam diferentes relações entre cheios e vazios e que em algumas predominam espaços mais abertos e em outras áreas fechadas. Em três das fábricas há a mesma predominância entre todos os prédios do conjunto, seja ela de cheios ou de vazios. Na fábrica de Arthur Schiller, apesar de se notar que os prédios possuem uma predominância maior por espaços cheios, nota-se que esta proporção é muito diferente já que em um dos prédios a fachada é completamente cega, fechada.

O uso da simetria foi observado sob dois aspectos. Primeiro verificou-se a simetria do conjunto fabril por inteiro, a qual só foi identificada em apenas duas fábricas. Posteriormente, observou-se a simetria nos prédios do conjunto quando analisados isoladamente, verificando que esta foi pouco recorrente, sendo notada em apenas duas fábricas, nas quais a maioria dos prédios é simétrica.

6.7- Delineiam-se as Tipologias

Seguindo a metodologia utilizada por Panerai (1983), após a definição do corpus, a observação minuciosa dos objetos e a caracterização geral dos tipos encontrados, chega-se ao momento de síntese do processo. Procedeu-se a uma classificação final de tipos fabris, possibilitada pela criação do banco de dados da amostragem. O banco de dados possibilitou agrupar as fábricas por análise de afinidades e disparidades. Como resultado desta classificação são definidas as tipologias: “Isoladamente, estes tipos não representam uma ferramenta muito valiosa se não os situamos em um sistema global. É este sistema, a saber, o *conjunto dos tipos e de suas relações* o que nós denominaremos como tipologia” (PANERAI, 1983, p.153).

São diversas as possibilidades de agrupar os objetos quando se trabalha com uma gama muito grande de variáveis, porém, uma classificação apontou mais afinidades entre os elementos de cada conjunto. Viu-se que a o porte das fábricas determina diversas características formais e comportamentais não só vinculadas ao seu próprio universo como, também, na relação com o seu entorno. Como consequência desta verificação as fábricas foram diferenciadas

em três tipologias: unidades fabris de pequeno porte, unidades fabris de médio porte e unidades fabris de grande porte.

Unidades fabris de Pequeno Porte

Pertencem a este grupo fábricas que possuem o total de área construída inferior a 1000m². São elas as fábricas de João Casarin e de Conservas Schaun.

Como se sabe, as fábricas que fizeram parte da produção doceira em Pelotas, instaladas em zona rural entraram em processo de fechamento, especialmente a partir da década de 1970, por motivos expostos anteriormente³⁶. As fábricas que mais sofreram com este processo foram, justamente, as de pequeno porte, aqui identificadas e que se encontram, atualmente, com suas atividades encerradas.

As fábricas deste grupo se localizam próximas da residência de seu proprietário, dando um caráter familiar a sua configuração e produção. Estão longe de aglomerações de indústrias e têm em comum na sua vizinhança, edifícios escolares. Integram-se de forma harmônica a paisagem local e suas construções não causam grande impacto visual na região.

Estas fábricas desenvolvem-se em apenas um pavimento e a planta baixa possui configuração central, organizando-se de forma, em geral, pouco fragmentada podendo ser mais subdividida somente na área de anexos.

A presença da chaminé de seção circular em alvenaria, visível em sua fachada frontal é comum nessas unidades fabris. A chaminé da fábrica de João Casarin não mais existe, mas foi identificada fotograficamente.

Outro aspecto observado é a boa legibilidade que as fábricas deste grupo apresentam. Esta é perceptível não só na apreciação de sua vista externa como, também, no momento em que se circula por seus espaços internos. A legibilidade das fábricas deste grupo foi identificada a partir de diversos fatores: padronização das esquadrias (portas todas são de madeira e janelas de madeira ou metálicas), do piso utilizado (todo em cimento), da

³⁶ Ver na página 73 sobre os motivos que levaram ao fechamento das fábricas.

estrutura da cobertura (feita de um único material, a madeira) e pela pouca variação do tipo de telhas (no máximo dois tipos). As construções anexas deste grupo se adéquam ao padrão do edifício principal da fábrica e as transformações dos edifícios, feitas ao longo dos anos, são visíveis, porém não evidenciadas.

A boa compatibilidade dos prédios que compõem a fábrica é possível, externamente, tirando-se partido da manutenção de alinhamentos de esquadrias, a mesma altura para o início das coberturas entre outros alinhamentos.

Por fim, as unidades fabris de pequeno porte, aqui identificadas, são caracterizadas por apresentarem a cor branca como predominante em sua fachada principal, pela assimetria dos prédios que a compõem e por suas relações de proporção. Essas fábricas têm em sua composição de fachada a maior incidência de retângulos de raiz quatro e além destes possuem quadrados que ajudam a harmonizar sua vista frontal.

Unidades fabris de médio porte

Pertencem a este grupo fábricas que possuem o total de área construída superior a 1000m² e inferior a 2000m². São elas a fábrica de Nelson Crochemore e a Indústria de Conservas Patzlaff. Estas têm origem em fábricas de caráter familiar, já que possuem a atividade residencial veiculada, que foram gradativamente crescendo e ainda continuam em plena atividade. Porém, este crescimento ocorreu de forma desordenada e seus conjuntos industriais atualmente são confusos e com ruídos em sua vista principal. Apesar disto, não destoam da arquitetura local e não causam grande impacto na vizinhança. Isso ocorre pela relação de recuos com relação à estrada (ou avenida no caso da Patzlaff).

A fábrica de Nelson Crochemore se situa a mais de 20m da estrada e a edificação que aparece em primeiro plano em sua paisagem é a de um anexo que funciona como escritório. Este possui características de tipologia residencial de linhas simples e correspondentes ao meio rural. No caso da Indústria de Conservas Patzlaff a edificação que aparece em primeiro plano é a antiga residência do proprietário, ficando a beira da avenida. Já seus anexos

de grandes dimensões com aspecto de galpão industrial, que poderiam causar impacto maior, ficam mais recuados e atrás de uma residência vizinha, mantendo o conjunto em harmonia com seu entorno.

As fábricas deste grupo tipológico apresentam planta central disposta em apenas um pavimento. Têm em comum, além dos setores comuns a todas as fábricas, tais como depósito e produção, um espaço destinado a escritório e uma área para garagem dos veículos que transportam os doces.

A característica principal deste grupo fica por conta do alto grau de descaracterização de sua arquitetura e da sua falta de legibilidade, percebida tanto externa como internamente. Isso decorre, de maneira geral, da construção de anexos, não só junto ao corpo da fábrica como, também, soltos no terreno, que não seguem o padrão da unidade fabril. Com isso notam-se a utilização de diversos tipos de telhas (três ou mais tipos), de diferentes materiais que compõem as estruturas dos telhados (tesouras de madeira e treliças metálicas) e de diversos revestimentos internos.

A única tentativa de dar unidade ao conjunto é a padronização das janelas que são metálicas do tipo basculante na área de produção. Contudo, mesmo esta padronização de esquadrias, de modo geral, não é vista em suas fachadas frontais. Estas fachadas apresentam assimetria no conjunto de prédios e cada um deles remete a uma predominância entre espaços cheios (fechados) ou vazios (abertos/envidraçados).

Unidades fabris de grande porte

Pertencem a este grupo fábricas que possuem o total de área construída superior a 2000m². São elas a Red Indian, a fábrica de Arthur Schiller e a fábrica de Albino Saalfeld. Todas estas fábricas estão situadas na localidade Ponte Cordeiro de Farias, região marcada pela forte presença de indústrias produtoras de doce, em especial de pêssegos em calda. Esta situação nos leva a concluir que, neste caso, as fábricas, à medida em que possuem um maior porte, passam a compor cenários industriais, onde a maioria delas ocupa posição de destaque, causando forte impacto visual na paisagem. E algo que favorece este impacto causado é a implantação destes conjuntos a beira da estrada com um mínimo recuo, sempre menor de 20m.

Outro fator relevante que é recorrente na implantação destas fábricas é a proximidade que estas têm com edificações de importância coletiva como escolas e igrejas.

Neste grupo, apesar das construções anexas não seguirem o padrão do edifício da fábrica, elas são caracterizadas por mostrar boa legibilidade. Isso se deve ao fato de que os anexos que as descaracterizam localizam-se nos fundos do terreno ou mais recuados, sendo pouco perceptíveis na vista principal da unidade fabril. São as únicas fábricas levantadas a apresentar um espaço destinado à oficina.

Nestas fábricas os sistemas de cobertura são compostos por mais de um tipo de material em sua estrutura, assim como as telhas utilizadas que, também, são diversas (de dois a três tipos).

Nas paredes, há variação no revestimento que, em algumas partes, apresenta azulejos até a altura de aproximadamente 2m e, em outras, a parede é apenas rebocada e pintada. Nenhuma destas fábricas possui qualquer tipo de forro na área de produção. Quanto às esquadrias utilizadas, o que se pode dizer é que as portas são produzidas com diferentes materiais, mas as janelas obedecem a um padrão: são todas metálicas, do tipo basculante.

As fachadas possuem o branco como cor predominante, porém é observado o emprego de tons saturados para compô-las. Na Red Indian e na fábrica de Arthur Schiller, que possuem fachadas mais racionais, estas cores servem para fazer a marcação da estrutura. Na fábrica de Albino Saalfeld, por sua vez, é utilizado o tom mais saturado para distinguir a moldura das janelas e para ressaltar as esquadrias.

Outras similaridades são encontradas na composição das fachadas, tais como a padronização das esquadrias, que seguem sempre o mesmo alinhamento, a assimetria do conjunto e a presença em todas dos retângulos harmônicos de raiz dois e raiz três (as únicas fábricas onde estes foram observados).

Cabe ressaltar que a fábrica de Nestor Crochemore, apesar de ser de grande porte, não foi incluída nesta tipologia por não apresentar as mesmas características das outras unidades que compõem este grupo de classificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse trabalho possibilitou observar que as mudanças ocorridas nos últimos anos com relação ao uso do termo “patrimônio” vieram ao encontro da demanda da sociedade por uma identidade menos fragmentada. Esta fragmentação foi atribuída, principalmente, a era da globalização, período no qual as discussões a respeito de patrimônio imaterial tomam maiores proporções.

A pesquisa realizada possibilitou o conhecimento sobre a trajetória percorrida para a aceitação dos edifícios industriais como passíveis de proteção e patrimonialização, bem como a lentidão que caracterizou este processo. Fez-se uma leitura das Cartas Patrimoniais onde se percebeu uma mudança de olhares com relação aos remanescentes da industrialização. Esta mudança culminou na redação de uma Carta própria para atender as demandas por proteção do patrimônio imaterial. Para que isto fosse possível, demonstrou-se o esforço advindo do campo da arqueologia industrial que ao longo de vários anos também foi revisto e ampliado.

Apesar das discussões, a imaterialidade não conseguia ser abordada no campo das leis. Porém, através do Decreto de Lei nº 3551, assinado em 2000, os bens culturais imateriais tiveram uma primeira medida efetiva de proteção.

Por meio do registro nos livros temáticos, criado pelo IPHAN para bens como o “Ofício das Paneleiras de Goiabeiras”, o “Ofício das Baianas de Acarajé” e o “Modo Artesanal de Fazer Queijo Minas”, viu-se que o que se chama de “patrimônio gastronômico” possui forte expressão histórica e cultural no Brasil. Assim, os doces tradicionais pelotenses, que há muito têm o seu valor cultural reconhecido, viram a possibilidade de serem identificados como patrimônio cultural imaterial em âmbito nacional. Para isto, alguns instrumentos foram sendo criados e colocados em prática, tais como cooperativas, sindicatos e o próprio inventário do doce.

Entretanto, mesmo com esses esforços, nota-se a falta de zelo e ações que envolvam o suporte material à memória da produção do doce. Nesta situação se encontram as antigas fábricas de doces de Pelotas, em sua maioria, instaladas em zona rural. Estas, por pertencerem à categoria de “lugar de memória”, oferecem o suporte material para a formação de uma memória

coletiva e por isso devem ser estudadas e registradas. Não apenas o edifício, mas todo o maquinário que algumas destas fábricas ainda abrigam.

Foi possível, através deste estudo, traçar um paralelo entre a história da formação da tipologia industrial no mundo, com a realidade fabril doceira de Pelotas. Neste sentido, foi verificado que, por natureza, as primeiras fábricas nasciam da adaptação de outras tipologias e, na medida em que ocorriam as inovações tecnológicas, elas iam se transformando. Entre as fábricas que foram analisadas, vê-se que as de pequeno e médio porte nasceram em um ambiente familiar, são muito ligadas à residência do proprietário e foram crescendo a medida que desenvolviam-se os modos de fazer do doce. Porém, as unidades menores, por não possuírem a mesma força para acompanhar os avanços da tecnologia, foram pouco ampliadas.

Viu-se também que, em determinado momento, as fábricas eram consideradas como meros invólucros de máquinas e que, posteriormente, passaram a agregar novas funções, tais como escolas, vilas operárias, serviços médicos, etc. Estas atividades são encontradas na região de implantação das fábricas selecionadas para análise. Os edifícios escolares, por exemplo, aparecem nos arredores de sete das oito fábricas estudadas. A mesma recorrência é encontrada com relação a igrejas. Além disso, na maioria das fábricas, a residência do proprietário era instalada em seu próprio terreno, junto à unidade de produção e os trabalhadores moravam (ou ainda moram) nas proximidades da fábrica em que trabalham.

Com relação aos símbolos da industrialização, apontados no início da dissertação, pôde ser percebido que os mesmos mantêm suas propriedades simbólicas no ambiente em que foram observados. As chaminés constituem marcos visuais na região e as edificações que se utilizam dos *sheds* transmitem a imagem de uma grande indústria.

A estética fabril encontrada corresponde aos preceitos do início da constituição da tipologia industrial (que na maioria dos casos imperam até hoje), que dizem respeito à economia e funcionalidade sem preocupação com ornamentos ou efeitos decorativos. Esta simplicidade é reforçada também pelos modos de construir, típicos ambientes rurais.

Não obstante, os edifícios de arquitetura industrial ainda enfrentam muitas barreiras para serem preservados. Isto se deve à idéia de que ainda é

ligada a eles de “meros recipientes” por suas características espaciais e formais. Além deste, foram apontados outros motivos como a especulação imobiliária, em decorrência do crescimento desenfreado das cidades.

No entanto, o que se vê é que a adaptação dos edifícios industriais faz-se imperativa e os mesmos possuem espaços propícios a esta adaptação, principalmente por apresentarem grandes vãos e por sua estrutura sólida e sóbria que serve para uma infinidade de usos.

A questão da preservação se torna mais delicada quando se olha para as fábricas implantadas no meio rural. Além do preconceito com as construções rurais, existe ainda a falta de visibilidade destes edifícios que passam a sofrer ações do tempo quando a fábrica é desativada. Esta situação pôde ser exemplificada na unidade fabril de Albino Schaun que, atualmente, vê suas paredes e pisos concorrerem com o nascimento de diversas espécies de plantas, porque grande parte de sua cobertura já não existe mais.

Este quadro de completo abandono foi trazido para o presente estudo arquitetônico pautado na análise tipológica destes edifícios. Para tanto, percorreu-se uma trajetória histórica de abordagens teóricas sobre o assunto. Através desta, pôde-se compreender os diversos sentidos atribuídos à palavra “tipo”, e a indicação, por parte de alguns autores, de se proceder ao agrupamento, de unidades que correspondam ao patrimônio industrial, por tipologias. Viu-se, pois, que as características tipológicas evidenciadas são capazes de espelhar costumes e tradições da sociedade. Foram encontrados alguns usos do espaço muito peculiares, como o local que à noite se destinava ao abrigo de crianças cujos pais participavam do baile que ocorria no espaço da fábrica. Além disso, pode-se destacar a simplicidade do meio rural que foi observada nas fachadas das fábricas estudadas. Simplicidade dos revestimentos adotados e vista também na ausência de ornamentos.

Através da análise realizada no grupo de fábricas escolhido foram reconhecidas várias similaridades e disparidades que fizeram com que estas pudessem constituir diferentes grupos identificados por seu porte.

De maneira geral o que se pôde observar é que muitas fábricas mantiveram por longos anos atividades paralelas para aumentar sua lucratividade aproveitando-se da flexibilidade do espaço produtivo e da sazonalidade de determinados ciclos de produção.

Outra observação feita é que, apesar de as fábricas apresentarem-se como importantes pontos de localização, em sua grande maioria situam-se junto às estradas e sua arquitetura integra-se ao meio não causando grande impacto visual.

Foi possível perceber, também, que todas as fábricas, desde as menores até as de grande porte, possuem construções anexas. De certo modo, estas buscaram adaptar-se às novas demandas. Porém, a maior porcentagem corresponde a construções anexas que não remetem ao padrão da fábrica.

As fábricas de pequeno porte, apesar de em certo momento ampliarem sua área construída, foram as que se mantiveram mais inalteradas e isto se reflete em uma unidade do conjunto. Esta unidade é percebida interna e externamente, principalmente no emprego dos materiais de revestimento e pela padronização de esquadrias e de elementos que constituem a cobertura.

As fábricas de grande porte também apresentaram boa legibilidade, porém as de médio porte parecem estar em um conturbado processo de transição, apresentam ruídos em suas vistas externas e internas.

Além destas características outras foram observadas e outras tantas podem ainda ser investigadas em trabalhos futuros. Há um grande número de variáveis na análise que podem apontar para os mais diversos caminhos.

Conclui-se, por fim, baseado na experimentação deste trabalho, que a análise tipológica traduz-se em instrumento importante para a salvaguarda do patrimônio industrial porque exalta suas principais características e aponta traços importantes da história de mudanças pelas quais as fábricas passaram.

Acredita-se ainda que o material oriundo desta pesquisa possa servir como instrumento para diversas áreas como a própria arquitetura, quando o interesse for o de se estudar os ambientes de trabalho em Pelotas ou o de estudar o repertório arquitetônico rural do município, assim como para diversos outros campos como a história, arqueologia e entre outros.

Ainda há muito a ser pesquisado a respeito da arquitetura rural, são moinhos, residências, pontos culturais, igrejas. Há também um vasto campo de pesquisa no que se refere à arquitetura industrial em zona urbana. Pode-se dizer, portanto que o que esta dissertação significa é apenas uma parte desta ampla gama de assuntos a desbravar.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Marlise Sanchotene de. **Um olhar sobre o *palimpsesto* urbano:** processo de formação e diferentes construções no tempo de um patrimônio arquitetônico às margens do Canal São Gonçalo (Pelotas/RS). 2009. 153f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas)- PUC- RS. Porto Alegre, 2009.
- AMON, Denise, MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.11, n.1, p. 13-21, jan/jun. 2008
- ARGAN, Giulio Carlo. Sobre a tipologia em arquitetura. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**. Antologia teórica 1965-1995. 2 ed. São Paulo: Cosacnafy, 2006. Cap. 5, 267-272.
- _____. **Projeto e Destino**. São Paulo: Ática, 2000.
- _____. **Enciclopedia Universale Dell'arte volume XIV**. Instituto Per La Colaborazione Culturale Venezia Roma Firenze, Casa Editrice G. C. Sanzone, 1966, p. 1-16. Tradução da arquiteta Ana Lúcia Costa de Oliveira.
- AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Arquitetura do açúcar**. São Paulo: Nobel, 1990.
- BACH, Alcir Nei. **Patrimônio industrial rural**: As fábricas de compotas de pêssego em Pelotas- 1950 a 1970. 2009. 204f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural)- Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2009.
- BETEMPS, Leandro. **A tradição francesa do doce em Pelotas**. Diário Popular, Pelotas, 14 Jul. 2007. Disponível em: http://srvnet.diariopopular.com.br/14_07_07/artigo.html. Acesso em: 29 jul. 2009.
- BETEMPS, Leandro, VIEIRA, Margareth. Turismo pela História da Colonização no Sul do Rio Grande do Sul: o Caso das Colônia Francesa e Municipal de Pelotas/RS. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**. Volume 2. n. 2. 2º semestre de 2008
- BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 2 de outubro de 2000**. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2006.
- BROWN, Michael F. Heritage Trouble: Recent Work on the Protection of Intangible Cultural Property. **International Journal of Cultural Property**, (12): 40-61, 2005.
- CARUSO, Cíntia de O. **A agroindústria familiar no extremo sul gaúcho**: limites e possibilidades de uma estratégia de reprodução social. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e política, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2008.
- CARVALHO, Paulo. Património e (re) descoberta dos territórios rurais. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 23, n. 2, pg. 173-196, jul./dez. 2003.

- CASTRO, Cleusa de. **As fábricas paulistas de louça doméstica: Permanências, Transformações e Simultaneidades em Arquitetura.** (mestrado) Porto Alegre:URGS, 2002.
- CAVALCANTI, Letícia. **O "Açúcar" de Gilberto Freyre.** Terra Magazine, 29 de março de 2008.
- CAVIGNAC, Julie Antoinette, DANTAS, Maria Isabel. **Sistema Alimentar e Patrimônio Imaterial: O Chouriço no Seridó.** Sociedade e Cultura, v.8, n.2, jul./dez.2005, p. 63-78.
- CERVELLATI, Pier L. **Bolonia: Politica y Metodologia de la Restauracion de Centros Historicos.** Barcelona: Gustavo Gili. 1976.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Lisboa: Edições 70, 2000.
- CIAM. **Carta de Atenas**, Atenas: 1933.
- COLQUHOUN, Alan. Tipologia e metodologia de projeto. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura.** Antologia teórica 1965-1995. 2 ed. São Paulo: Cosacnafy, 2006. Cap. 5, 273-283.
- CORREIA, Nuno Carlos Pedroso de Moura. **A construção da crítica:** sobre tipologia, a regra e o modelo, o tratado de Vitrúvio, Solà-Morales e a fragilidade da arquitetura contemporânea... para além das metanarrativas. 2005. 86f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)- Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. Coimbra, 2005.
- D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. **Mémória: leituras de M. Halbwachs e Pierre Nora.** Revista Brasileira de História, n.25-26, vol.13, 1993.
- DUARTE, Veridiana de Vasconcelos. **Fenadoce:** Representação cultural através da preservação da cultura popular pela mídia. 2008. 138f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)— Área de concentração em Produção e Recepção de Mídia, Universidade de Marília. Marília, 2008.
- DURHAM, E. R. Cultura, patrimônio e preservação. Debates. In:ARANTES, Antonio Augusto (org). **Produzindo o Passado, Estratégias de construção do patrimônio cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1984, pg. 23-58.
- ESSINGER, Cíntia Vieira. **Entre a Fábrica e a Rua:** A Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e a Criação de um Espaço Operário. Bairro da Várzea, Pelotas, RS (1953-1974). Pelotas: Editora e Gráfica Universitária PREC - UFPel, 2009. v. 300. 214 p.
- EVANGELISTA, Rafael. **De arqueologia a patrimônio.** In *Revista Eletrônica do Iphan*. Campinas: Labjor/Unicamp. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=171>. Acesso em: 13 mar. 2010.
- FERREIRA, M. L. Mazzucchi. **O doce pelotense como patrimônio imaterial:** resultados preliminares do Inventário Nacional de Referências Culturais. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 7, 2007, Porto Alegre. Anais VII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul, 2007.
- FOIRE, R. H. **Warchavchik e o Manifesto de 1925.** ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, v. 2, p. 76-87, 2002.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005.

FREIRE, Beatriz Muniz. **O Inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial: novos instrumentos de preservação**. In: Cadernos do LEPAARQ. Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, vol. II, n. 3, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo, PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

FUNDAÇÃO DE PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL DE PELOTAS (1983). **Estudo e propostas alternativas para o desenvolvimento industrial de Pelotas**. Pelotas.

GIMENES, M. H. S. G. **Patrimônio Gastronômico, Patrimônio Turístico: uma reflexão introdutória sobre a valorização das comidas tradicionais pelo IPHAN e a atividade turística no Brasil**. GT 3 “Gastronomia y desarrollo local” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 a 8 de julho de 2006.

GRANDO, Marines Zandavalli. **Pequena Agricultura em Crise**: O Caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul. (tese) Porto Alegre: Fundação de Economia Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1989.

GUEDES, Manuel Vaz. **Arqueologia industrial**. revista Eletricidade, nº 372, pp.293-299, Dezembro de 1999

GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitetura Latino- Americana. Textos para Reflexão e Polêmica**. São Paulo/SP: Studio Nobel, 1989.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro/RJ: DP&A,2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

INVENTÁRIO Nacional de Referencias Culturais: **produção de doces tradicionais pelotense**: relatório final / Coordenação de Flavia Rieth ; Fabio V. Cerqueira, Maria Letícia M. Ferreira [et al.], 2009.

IPHAN. **Carta de Petrópolis**. 1º Seminário Brasileiro para Preservação e Revitalização de Centros Históricos. 1987

_____. **Carta de Brasília**. Documento regional do Cone Sul sobre autenticidade. 1995

_____. **Recomendação Europa**. 1995

-_____. Livro do Registro de Saberes – Ofício das Panelas de Goiabeiras. 2002.

_____. Livro de Registro de Saberes – Ofício das Baianas de Acarajé.2004.

_____. Livro de Registro de Saberes – Modo artesanal de fazer Queijo de Minas, nas regiões do Serro e das serras da Canastra e do Salitre. 2008.

_____. Dossiê 6. **Ofício das Baianas de Acarajé**. Rio de Janeiro: Iphan/MinC, 2004.

JÚNIOR, Arthur Bosílio, LODY, Raul Giovanni da Motta, MAGALHÃES, Mário Osório, MEDEIROS, Humberto. **A Doçaria Tradicional Pelotense**. Rio de Janeiro/RJ: Senac Nacional, 2003.

KNEIPP, Jordana Marques. **Avaliação das relações cooperativas no Pólo de Doces de Pelotas-RS**: uma abordagem através do capital social. 2008. 50 f. Monografia (Graduação em Administração)- Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2007.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização**. Problemas teóricos de restauro. Cotia: Ateliê editorial, 2009.

_____. **A restauração de monumentos históricos na França após a Revolução Francesa e durante o século XIX**: um período crucial para o amadurecimento teórico. Revista CPC, São Paulo, n. 3, p. 110-144, nov. 2006/abr. 2007

LEÓN, Zênia de. **Pelotas: Casarões contam sua história**. V.1. Pelotas: D.M. Hofstätter, 1993.

_____. **Pelotas: Casarões contam sua história**. V.2. Pelotas: D.M. Hofstätter, 1993.

LLOPART, Blanca Sala i. La arquitectura como objeto de estudio antropológico: um discurso social. In: THORNBERG, Josep. **Impacto físico, social y cultural de La arquitectura**. Khora 2. Barcelona: Edicions UPC, 1998, cap. 3. Pg. 36-38

LOPES, A. L. B. Cidade e Modernidade: A Pelotas dos anos 50. **História e História (NEE: Núcleo de estudos Estratégicos/ UNICAMP)**, v. 1, p. 1-13, 2009.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EDUFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MARTINS, Irapuã Pacheco. **Design, imaginário e cultura**: memórias e representações do doce de pelotas como aportes na formação do designer. 2005. Dissertação (Mestrado em educação)- Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2005.

MEDEIROS, Maria Alice Lopes. **Da colônia ao shopping**: um estudo da evolução tipológica da arquitetura hospitalar em Natal. 2005. 236f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.

MIRANDA, Adriana E. **A evolução do edifício industrial em Porto Alegre 1870 a 1950**. 2003, 151 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)- Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

MONEO, Raphael. **On typology**. Oppositions (13). The Mit Press, autumn 1978, p. 23-45.

MORAIS, Evelyn Gregory. **A arquitetura rural das unidades de produção de uva e vinho artesanal na bacia do rio Jundiaí-Mirim.** 2006, 146f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil)- Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

MOREIRA, Danielle Couto. **Arquitetura ferroviária e industrial:** o caso das cidades de São João Del-Rei e Juiz de Fora (1875-1930). 2007. 303f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2007.

MOURA, Rosa Maria e SCHLEE, Andrey. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense.** 1^a edição, 1998.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura.** Antologia teórica 1965-1995. Cosacnaiyf: São Paulo, 2006.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos Lugares.** In: KHOURY, Yara Aun. Traduções. Projeto História, São Paulo (10), dez, 1993.

PANERAI, Philippe. Tipologias. In PANERAI, Philippe ET alii. **Elementos de análisis urbano.**- Madrid: IEAL, 1983.

PANIS, Marcelo. **Turismo, Patrimônio Cultural e Desenvolvimento Local- O Distrito de Rincão da Cruz no Município de Pelotas/RS.** 2009, 229f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Análise Ambiental e Dinâmica Territorial)- Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

PAOLI, Paula Silveira de. Patrimônio material, patrimônio imaterial: dois momentos da construção moderna do passado. In: **CorpoCidade Debates em estética urbana 1**, 2008, Salvador. CorpoCidade Debates em estética urbana 1, 2008.

PEIXOTO, Luciana da Silva João, CERQUEIRA, Fábio Vergara. Salvamento Arqueológico do centro Histórico de Pelotas/RS. BRASIL. **Anais do V Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, 20 a 23/11/2006, Rio Grande, RS.

PEREIRA, José H. M. **As fábricas paulistas de louça doméstica:** estudo de tipologias arquitetônicas na área de patrimônio industrial. 2007, 138f. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

PEREIRA, Sonia Gomes. A historiografia da arquitetura brasileira no século XIX e os conceitos de estilo e tipologia. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.31, n.12, p.143-154, dez. 2004.

POULOT, Dominique. Um Ecossistema do Patrimônio. In: CARVALHO, C. S. de; GRANATO, M; BEZERRA, R. Z; BENCHETRIT, S. F. (orgs.). **Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008, pp. 26-43.

POZZER, Guilherme Pinheiro **Arqueologia e Patrimônio Industrial: a Estação Cultura em Campinas.** Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

QUATREMÈRE DE QUINCY. Verbete: *Tipo. Encyclopédie Methodique - Architecture*. Liège: chez Panckoucke, Tome III, 1825. In: PEREIRA, Renata Baesso. Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy, 357p. Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – FAU-USP. São Paulo, 2008.

REA, Louis M., PARKER, Richard A. **Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo/SP: Pioneira, 2000.

RIETH, Flavia, SILVA, Tiago. **Tradição, doces coloniais e região doceira**: Reivindicações das localidades de Açoita Cavalo e Santo Amor sobre a autenticidade dos modos de fazer os doces de Pelotas. In: XVI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPEL, 2007, Pelotas. CD com anais do XVI Congresso de Iniciação Científica da Ufpel, Pelotas, 2007.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RUBIÓ, Ignasi de Solá-Morales. Do contraste à analogia: novos desdobramentos do conceito de intervenção arquitetônica. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**. Antologia teórica 1965-1995. 2 ed. São Paulo: Cosacnai, 2006. Cap. 4, 252-264.

SANTOS, Ademir Pereira dos. **Arquitetura Industrial**: São José dos Campos. São José dos Campos, SP. 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e método**. São Paulo/SP: Nobel, 1985.

SIMÃO, Luciene de menezes. **Os Mediadores do Patrimônio Imaterial**. Sociedade e Cultura, v.6, n.1, jan./jun.2003, p. 59-70.

THIESEN, B. V. **Arqueologia industrial ou arqueologia da industrialização?** Mais que uma questão de abrangência. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 4, p. 1-4, 2006.

TICCIH. **Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial**. Julho, 2003.

TILLEY, Christopher. **Identity, Place, Landscape and Heritage**. Journal of Material Culture, (11): 1/2, 7-32, 2006.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. **Atas da 32ª. Conferência Geral**. Paris, 29 set.-29 out., 2003.

VIANNA, Letícia. Patrimônio Imaterial: legislação e inventários culturais. A experiência do Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular. In: LONDRES, Cecília. (org). **Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas**. Rio de Janeiro: Funarte, Iphan, CNFPC, 2004. 5v

WINTER, John. **Industrial Architecture. A survey of Factory Buiding**. London: Studio Vista London, 1970.

ANEXOS

NELSON ANTÔNIO CROCHMORE

142

NELSON A.
CROCHMORE



DACY
DOMINGOS
RIBAS

108

57

DACY
DOMINGOS
RIBAS

CONSTRUÇÃO
ANEXA

22.8

2.85
12.95
12.95
2.95
19.85
28.75

CALDEIRA
FÁBRICA DE
DOCES

175

NELSTOR CROCHMORE
ZILA C. RIBES

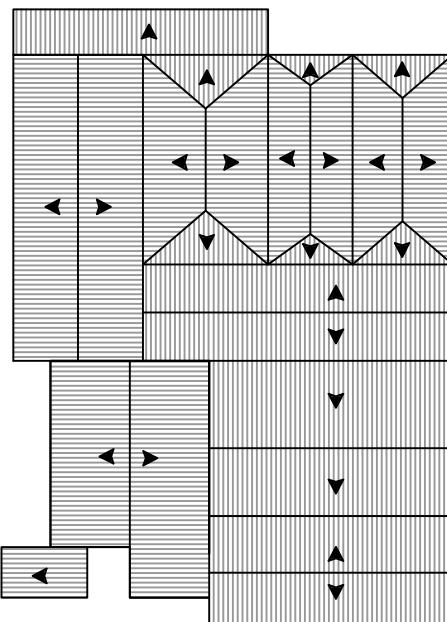
48
96

48
101

ESTRADA PELOTAS-BACHIN

FACHADA LATERAL

ESCALA: 1:2000



PLANTA DE COBERTURA

ESCALA: 1:500

Fábrica de Nelson Crochemore

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

SITUAÇÃO E COBERTURA

LOCALIZAÇÃO

7º Distrito de Pelotas- RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

ESCALA

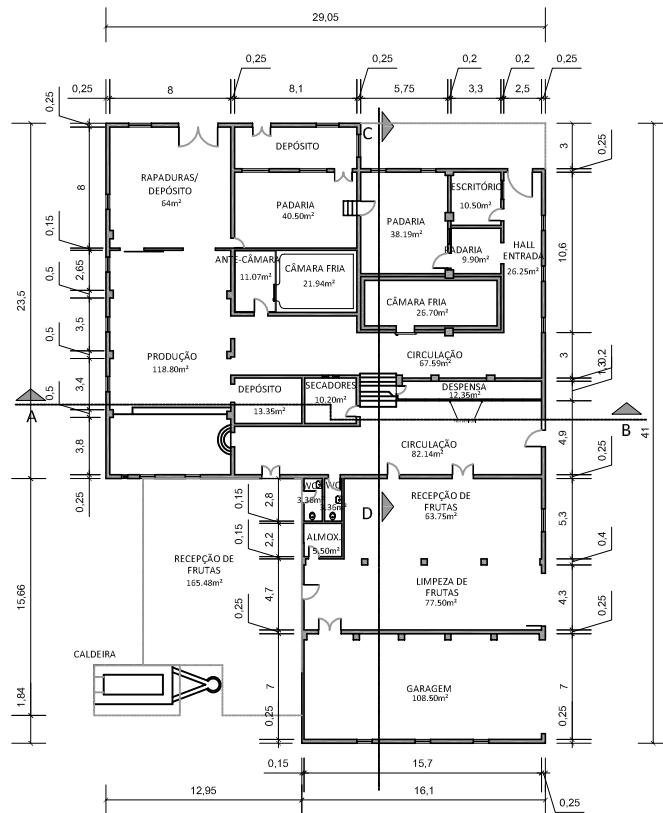
1:500

DATA:

Dez/2010

1

N



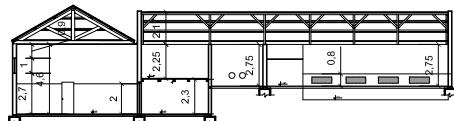
PLANTA BAIXA

ESCALA: 1:500



FACHADA FRONTAL

ESCALA: 1:500



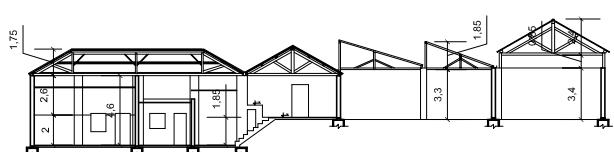
CORTE A-B

ESCALA: 1:500



FACHADA LATERAL

ESCALA: 1:500



CORTE C-D

ESCALA: 1:500

Fábrica de Nelson Crochemore

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

PLANTA BAIXA, CORTES E FACHADAS

LOCALIZAÇÃO

7º Distrito de Pelotas - RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

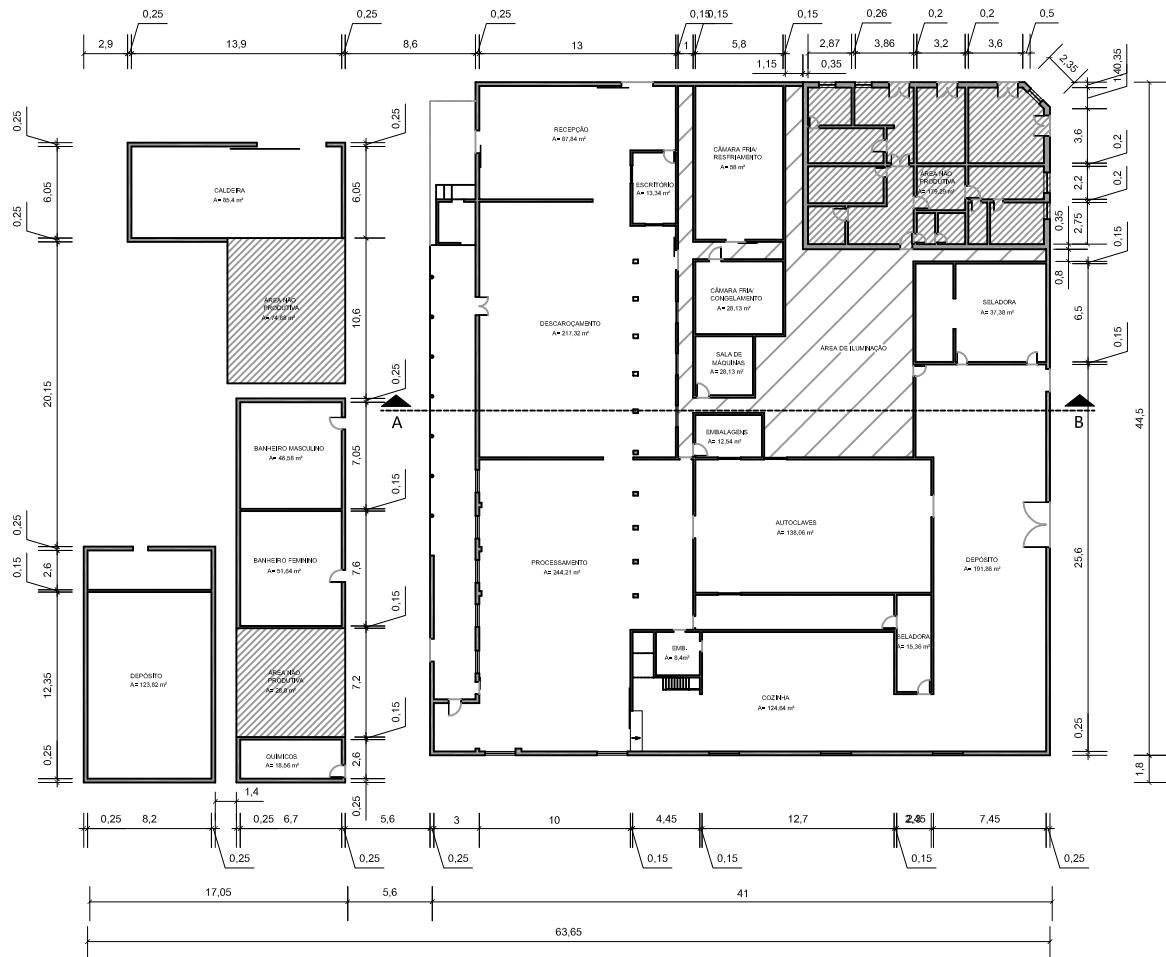
ESCALA

1:500

DATA:

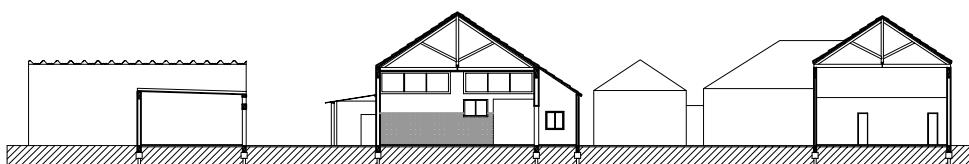
Dez/2010

2



PLANTA BAIXA

ESCALA: 1:500



CORTE A-B

ESCALA: 1:500

Fábrica de Nestor Crochemore

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

PLANTA BAIXA E CORTE A-B

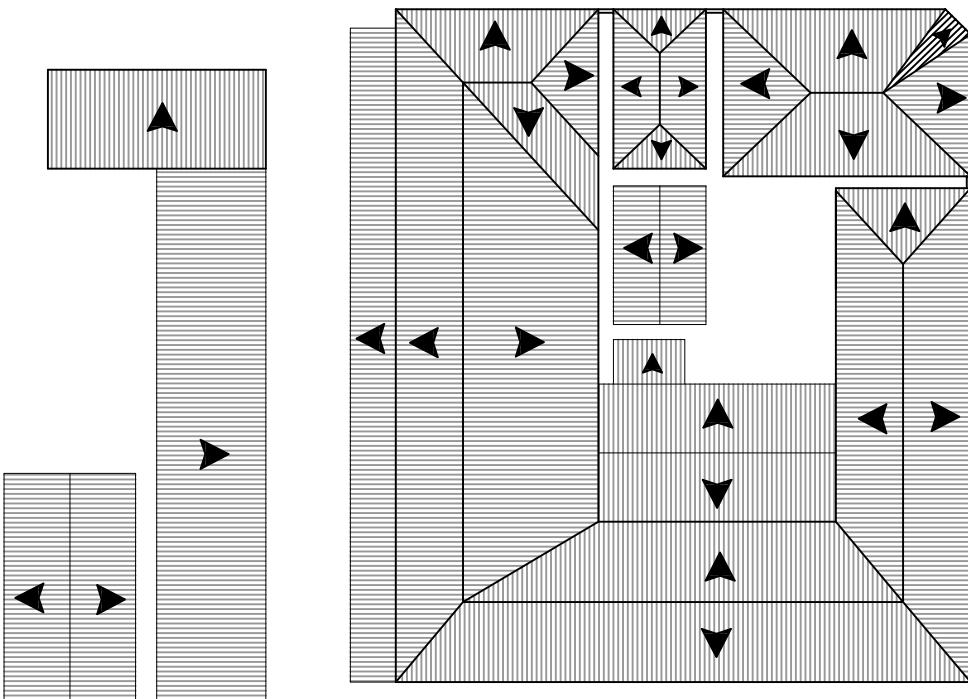
LOCALIZAÇÃO

7º Distrito de Pelotas- RS

Rob

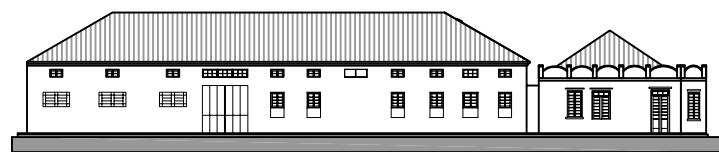
1000

N



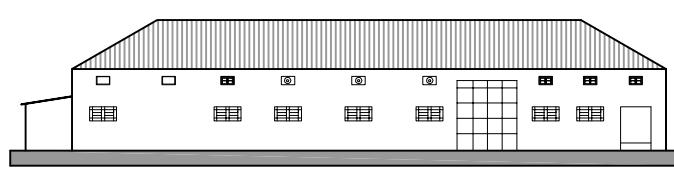
PLANTA DE COBERTURA

ESCALA: 1:500



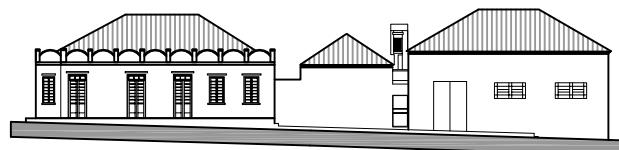
FACHADA LATERAL- ESQUINA

ESCALA: 1:500



FACHADA FUNDOS

ESCALA: 1:500



FACHADA FRONTAL

ESCALA: 1:500

Fábrica de Nestor Crochemore

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

COBERTURA E FACHADAS

LOCALIZAÇÃO

7º Distrito de Pelotas- RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

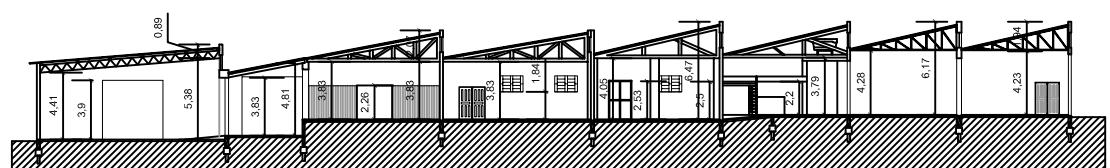
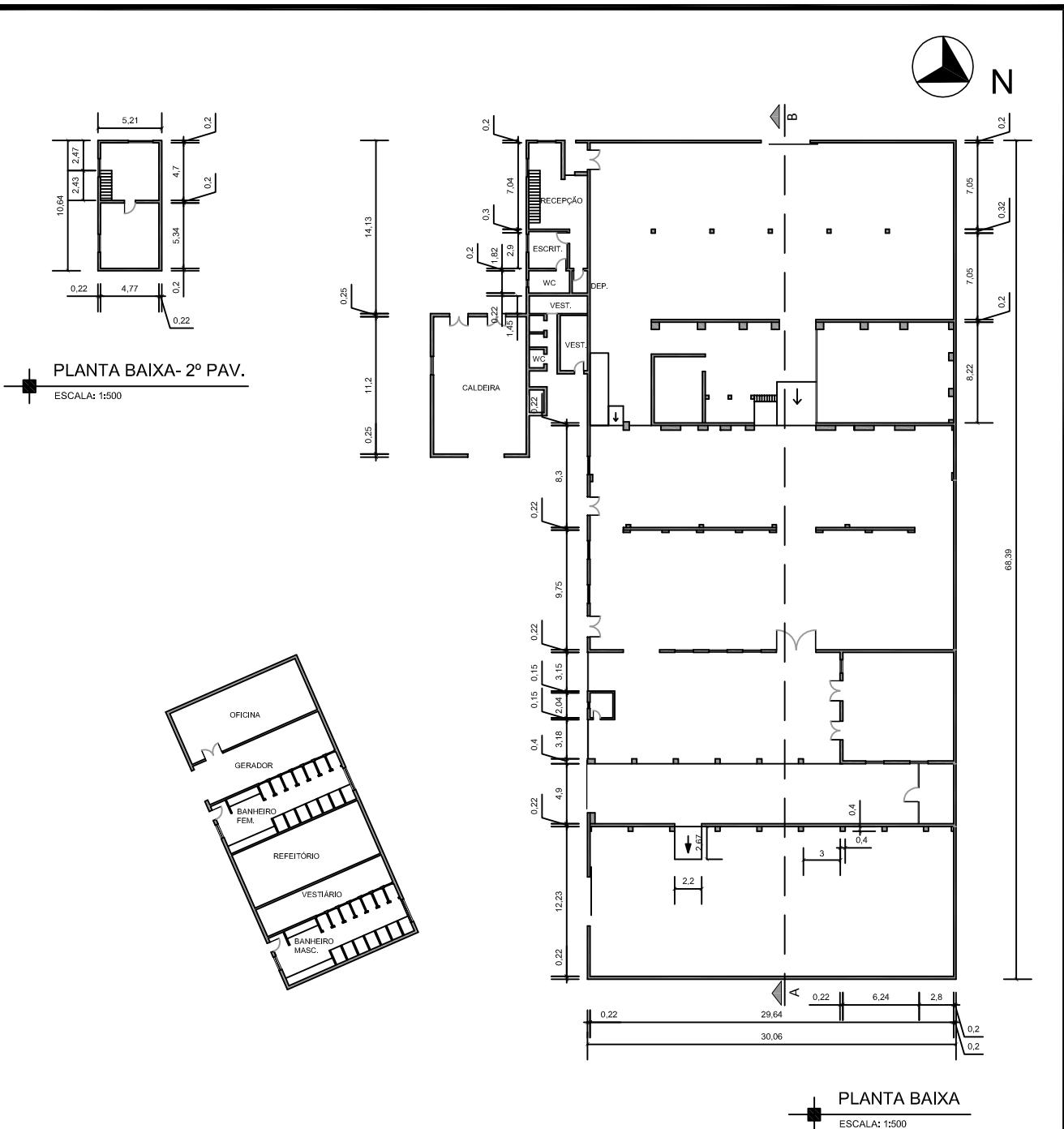
ESCALA

1:500

DATA:

Dez/2010

4



CORTE A-B

Fábrica Red Indian S/A

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

PLANTAS BAIXAS E CORTE A-B

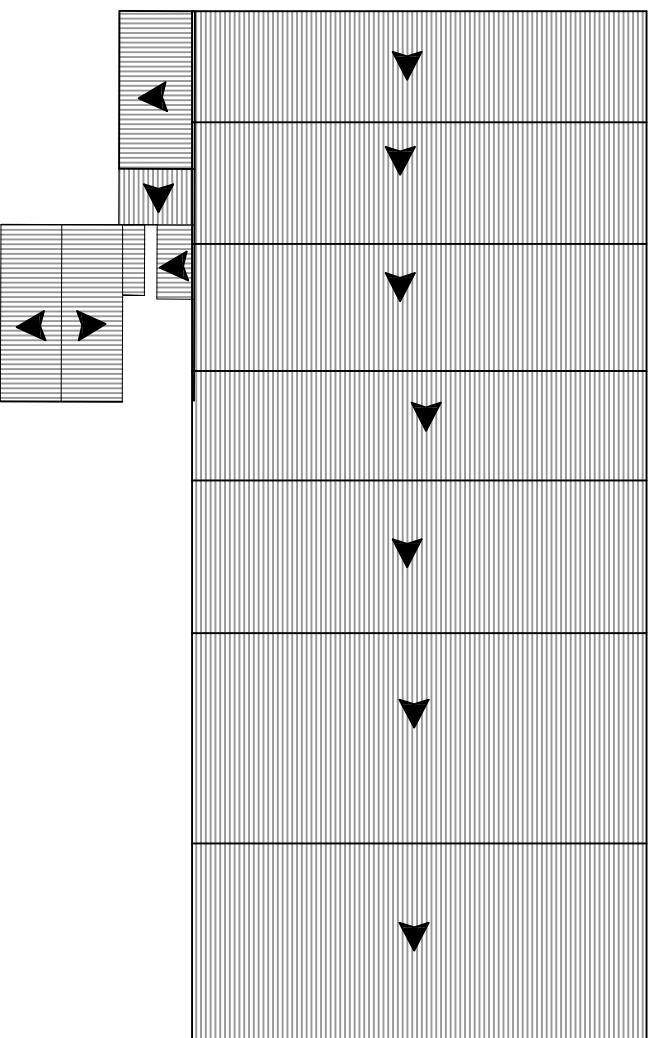
LOCALIZAÇÃO

5º Distrito de Pelotas- RS

DESENHO R

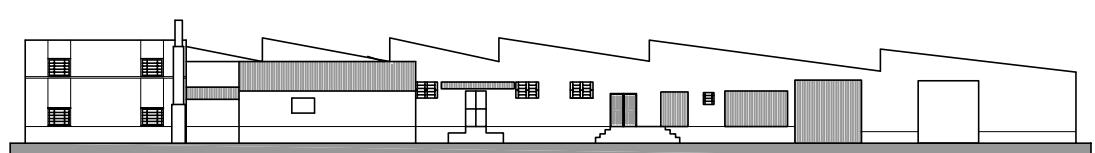
Roberta Meckling Arantes Santos

5



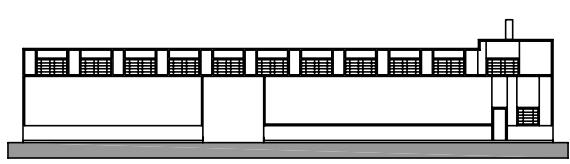
PLANTA DE COBERTURA

ESCALA: 1:500



FACHADA LATERAL

ESCALA: 1:500



FACHADA FRONTAL

ESCALA: 1:500

Fábrica Red Indian S/A

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

COBERTURA E FACHADAS

LOCALIZAÇÃO

5º Distrito de Pelotas- RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

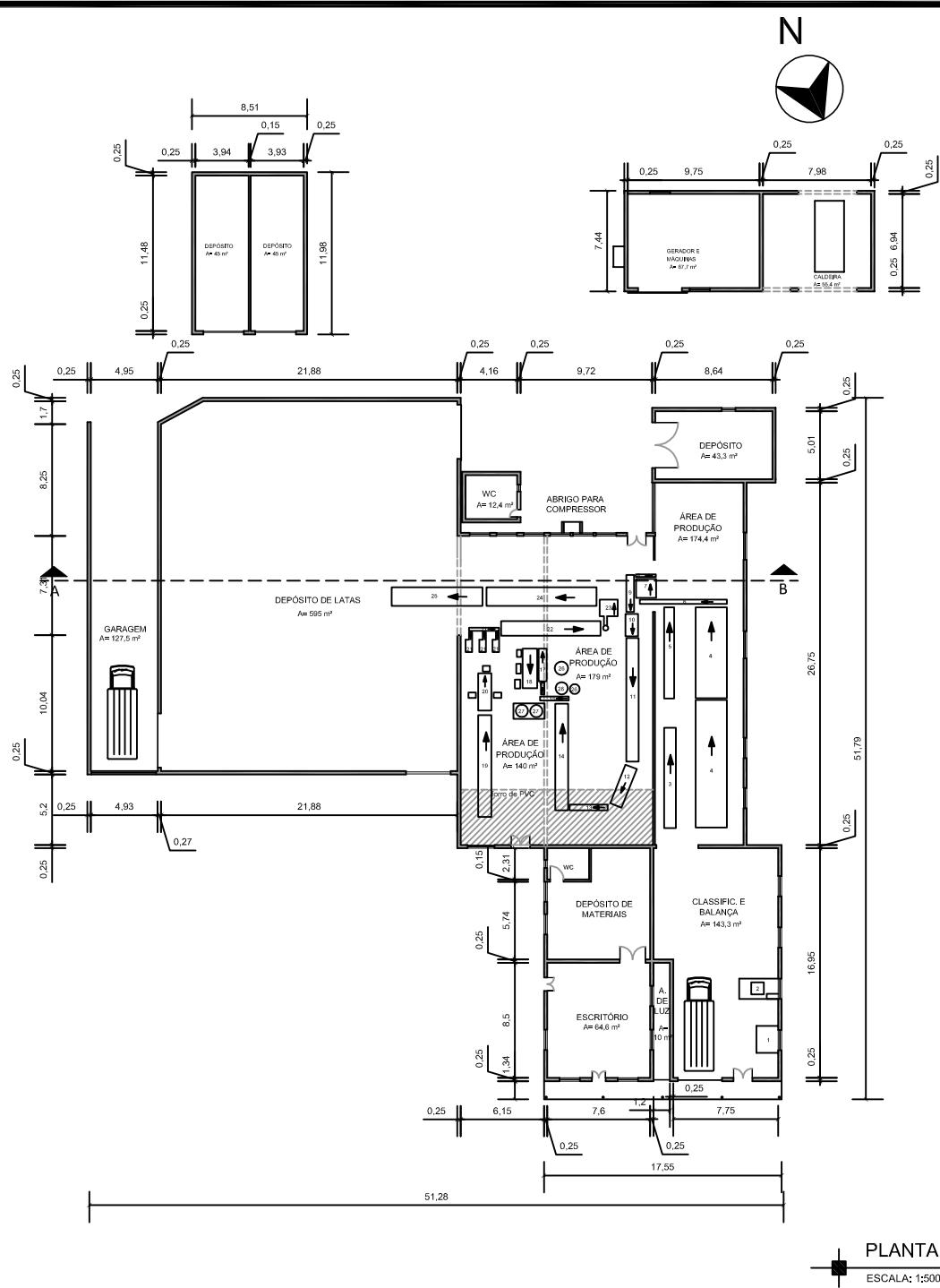
ESCALA

1:500

DATA:

Dez/2010

6



PLANTA BAIXA
ESCALA: 1:500

CORTE A-B
ESCALA: 1:500

Fábrica de Conservas Patzlaff

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

PLANTA BAIXA E CORTES

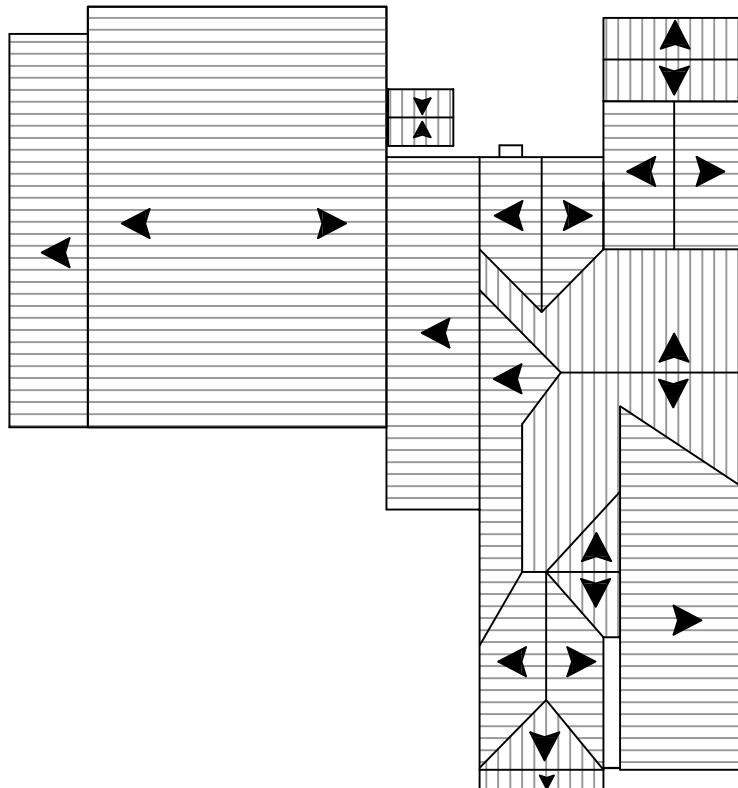
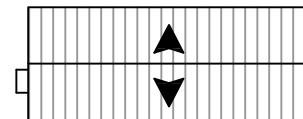
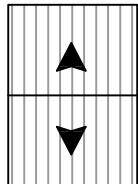
LOCALIZAÇÃO
Morro Redondo- RS

DESENHO
Roberta Mecking Arantes Santos

ESCALA
1:500

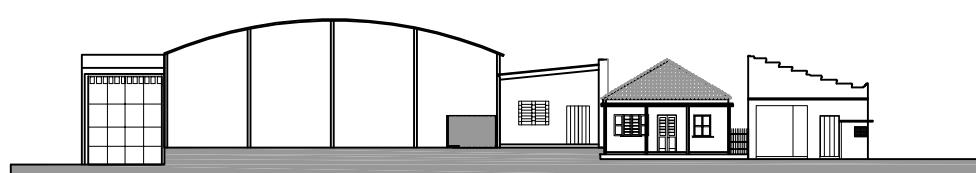
DATA:
Dez/2010

7



AVENIDA JACARANDÁ

PLANTA DE COBERTURA
ESCALA: 1:500



FACHADA FRONTAL
ESCALA: 1:500

Fábrica de Conservas Patzlaff

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

COBERTURA E FACHADA

LOCALIZAÇÃO

Morro Redondo- RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

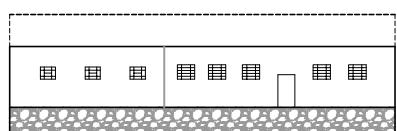
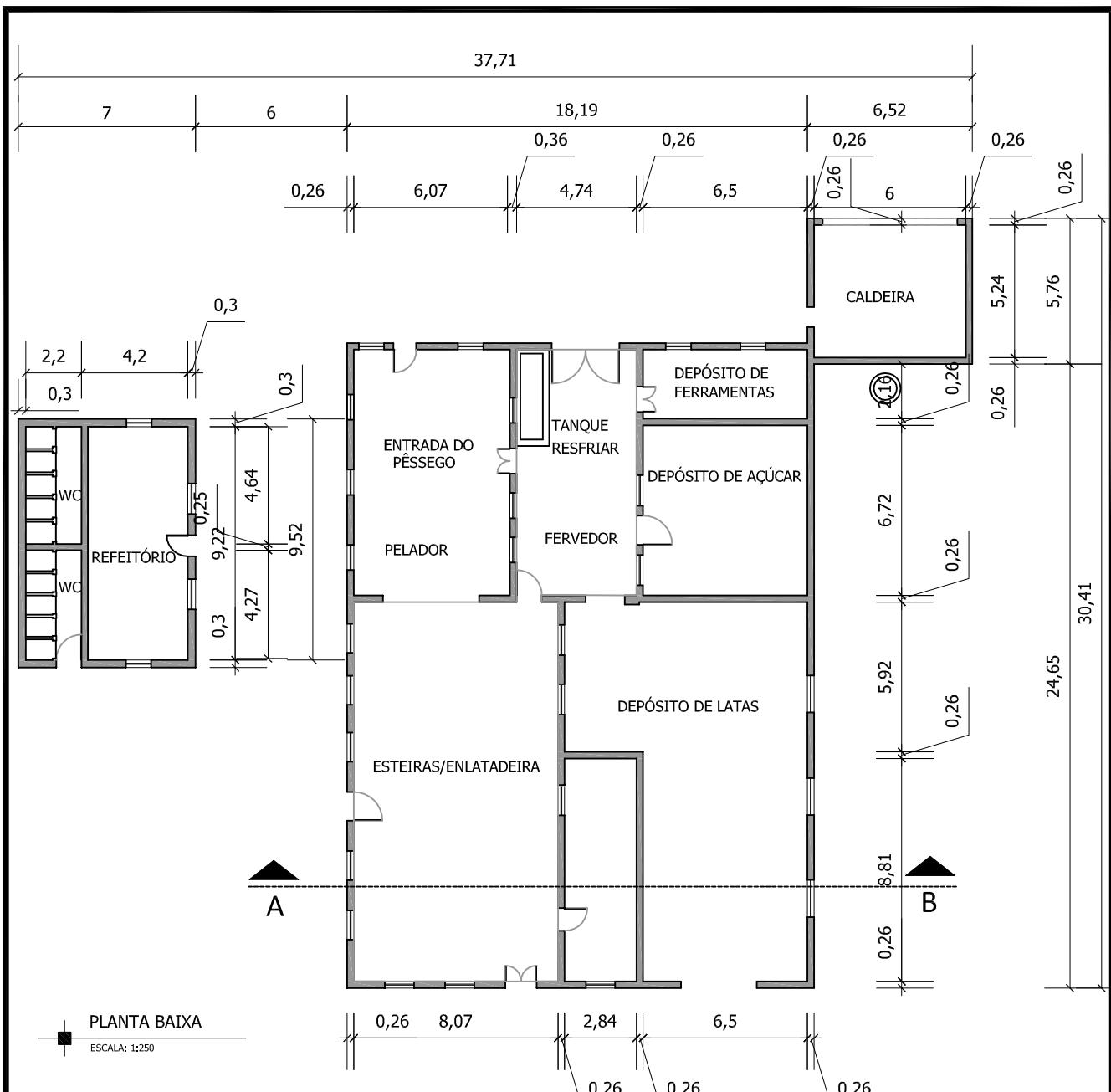
ESCALA

1:500

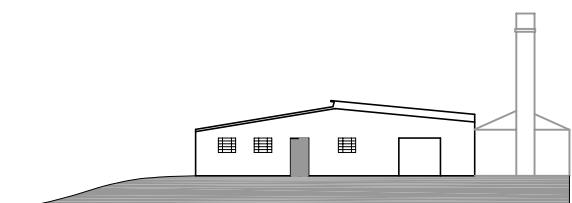
DATA:

Dez/2010

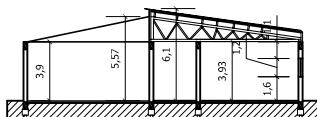
8



FACHADA LATERAL



FACHADA FRONTAL



CORTE A-B
ESCALA: 1:500

Fábrica de Conservas Schaun

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

COBERTURA E FACHADA

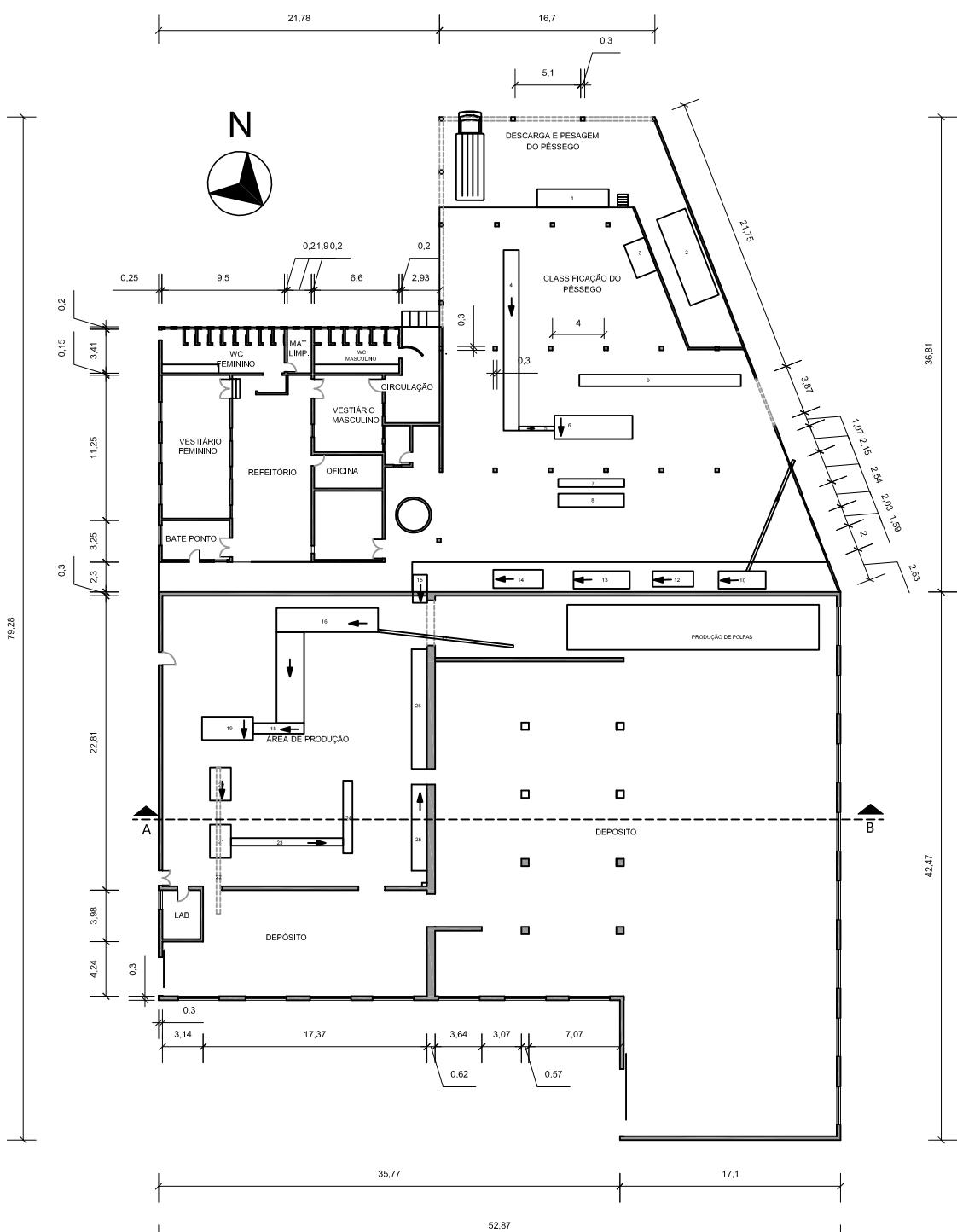
LOCALIZAÇÃO

5º DISTRITO DE BELOJAS - RS

2000-01

1:500 DATA: Dez/2010

9

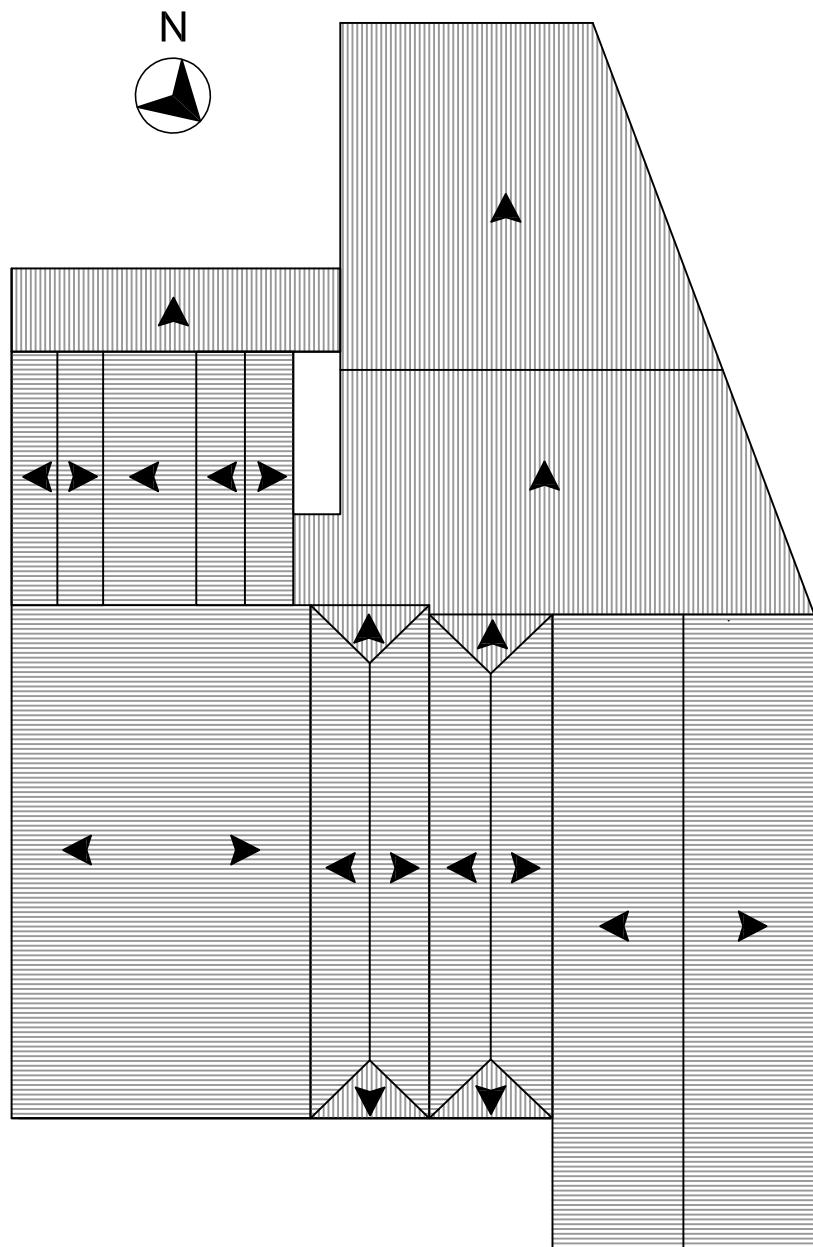


PLANTA BAIXA

ESCALA: 1:500

<i>Fábrica de Arthur Schiler</i>	
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	
TÍTULO DESENHO	PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO	5º Distrito de Pelotas- RS
DESENHO	Roberta Mecking Arantes Santos
ESCALA	1:500
	DATA: Dez/2010

10



PLANTA DE COBERTURA

ESCALA: 1:500

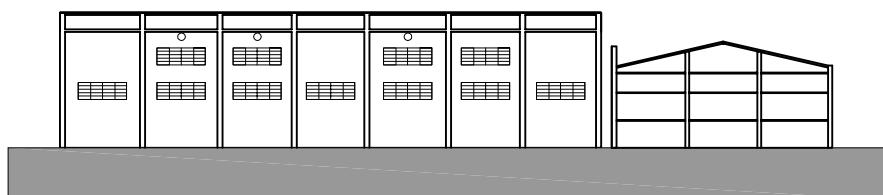
<i>Fábrica de Arthur Schiler</i>	
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	
TÍTULO DESENHO	PLANTA DE COBERTURA
LOCALIZAÇÃO	5º Distrito de Pelotas- RS
DESENHO	Roberta Mecking Arantes Santos
ESCALA	1:500
	DATA: Dez/2010

11



CORTE A-B

ESCALA: 1:500



FACHADA FRONTAL

ESCALA: 1:500

Fábrica de Arthur Schiler

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

FACHADA E CORTE A-B

LOCALIZAÇÃO

5º Distrito de Pelotas- RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

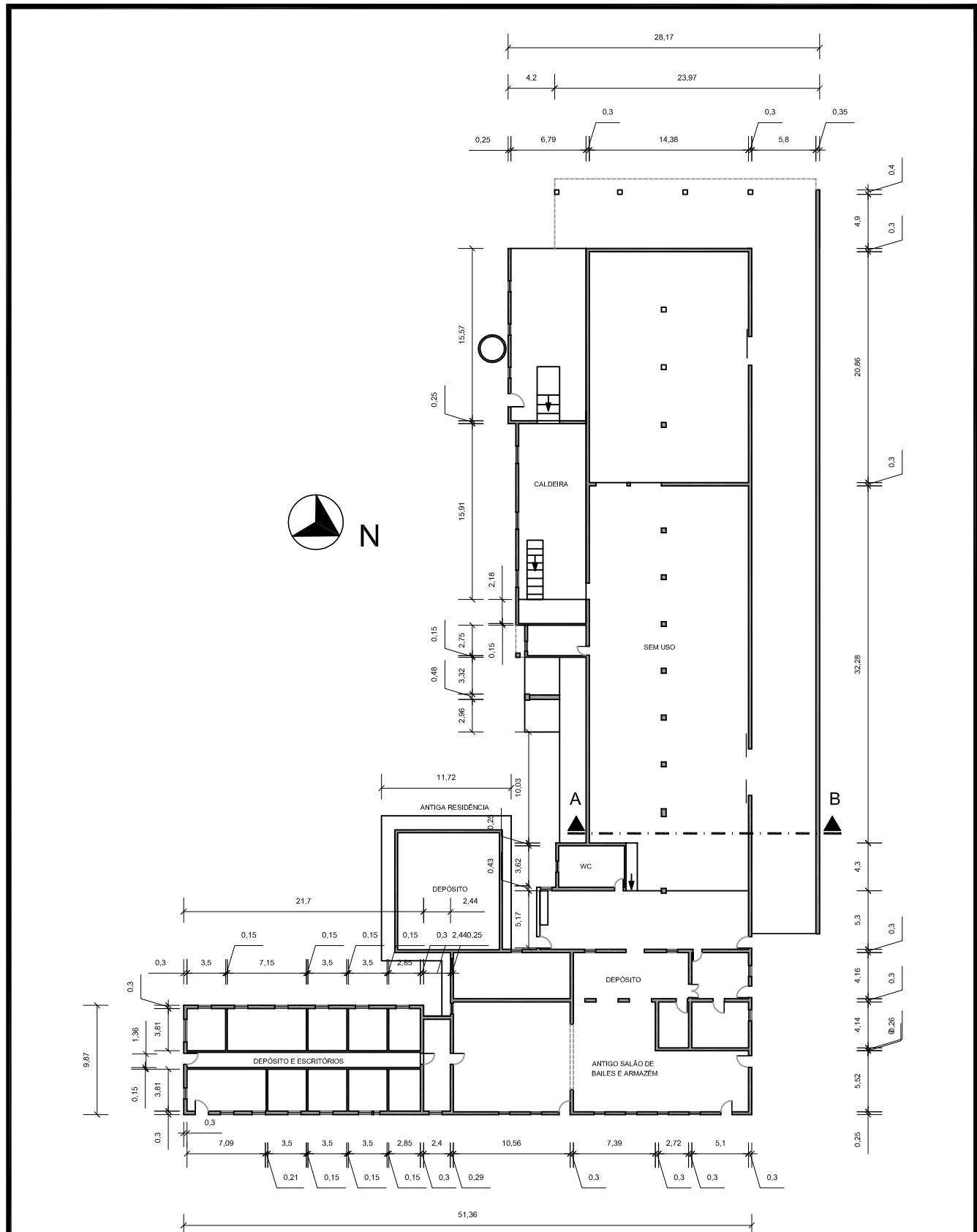
ESCALA

1:500

DATA:

Dez/2010

12



PLANTA BAIXA

ESCALA: 1:500

Fábrica de Albino Saalfeld

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

PLANTA BAIXA

LOCALIZAÇÃO

5º Distrito de Pelotas - RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

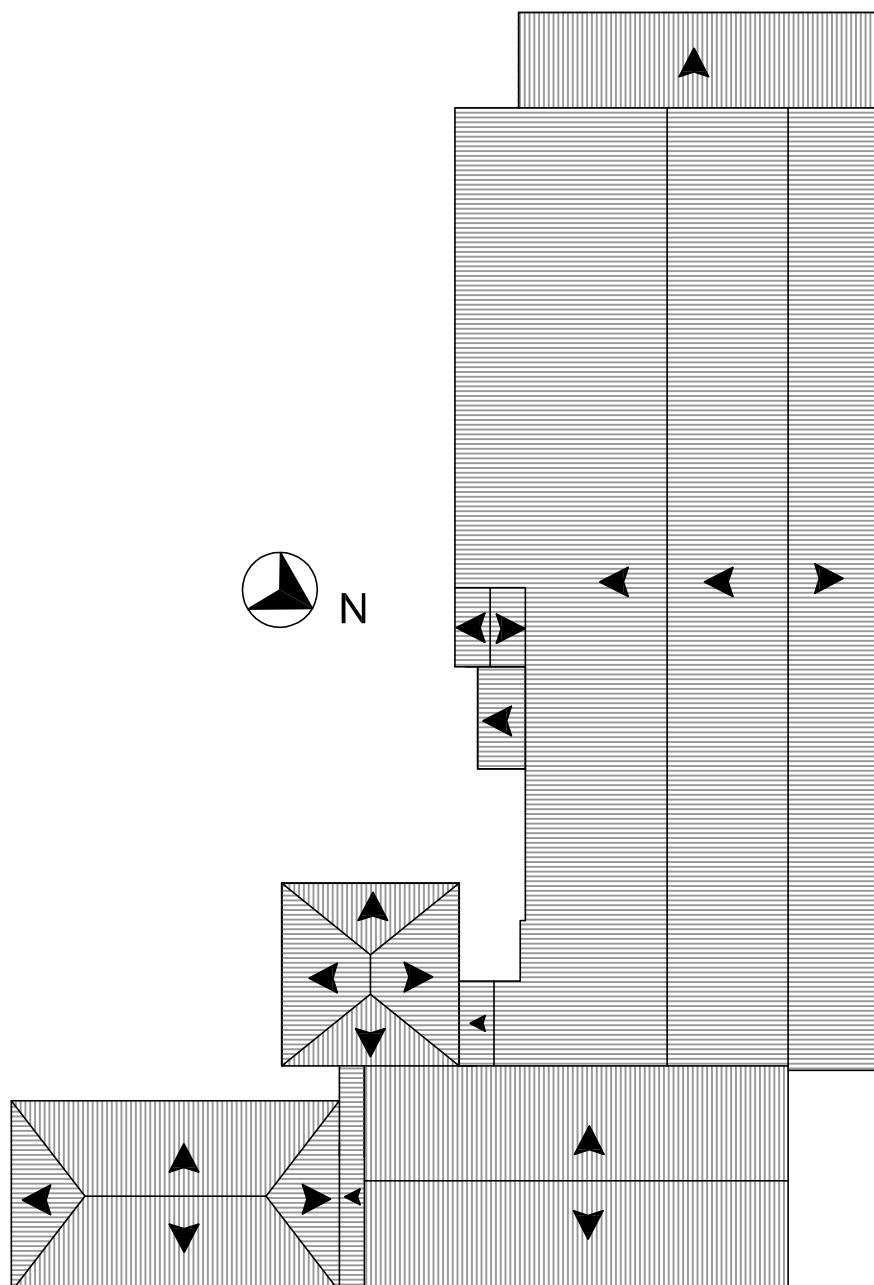
ESCALA

1:500

DATA:

Dez/2010

13



PLANTA DE COBERTURA

ESCALA: 1:500

Fábrica de Albino Saalfeld

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

COBERTURA

LOCALIZAÇÃO

5º Distrito de Pelotas- RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

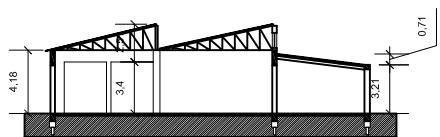
ESCALA

1:500

DATA:

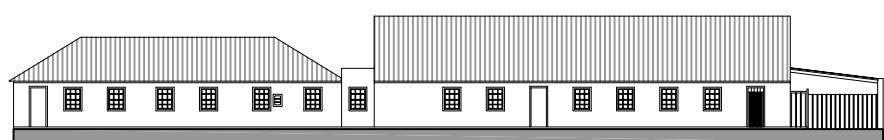
Dez/2010

14



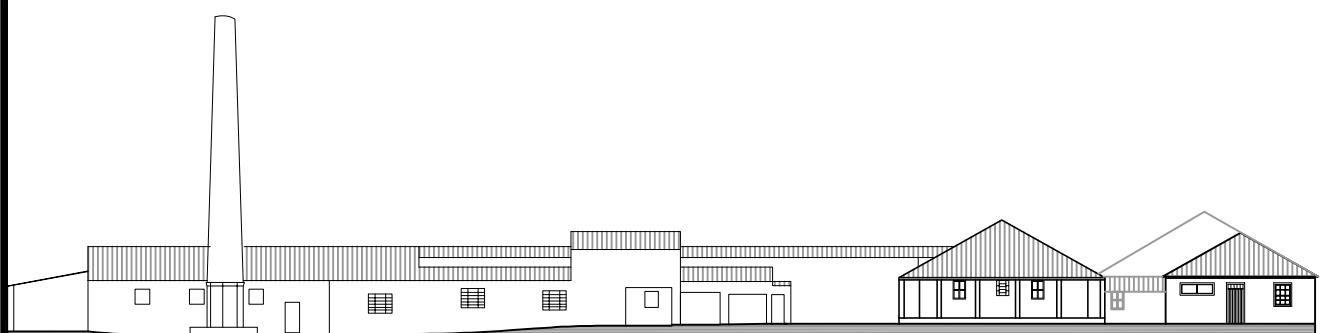
CORTE A-B

ESCALA: 1:500



FACHADA FRONTAL

ESCALA: 1:500



FACHADA LATERAL

ESCALA: 1:500

Fábrica de Albino Saalfeld

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

FACHADAS E CORTE A-B

LOCALIZAÇÃO

5º Distrito de Pelotas- RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

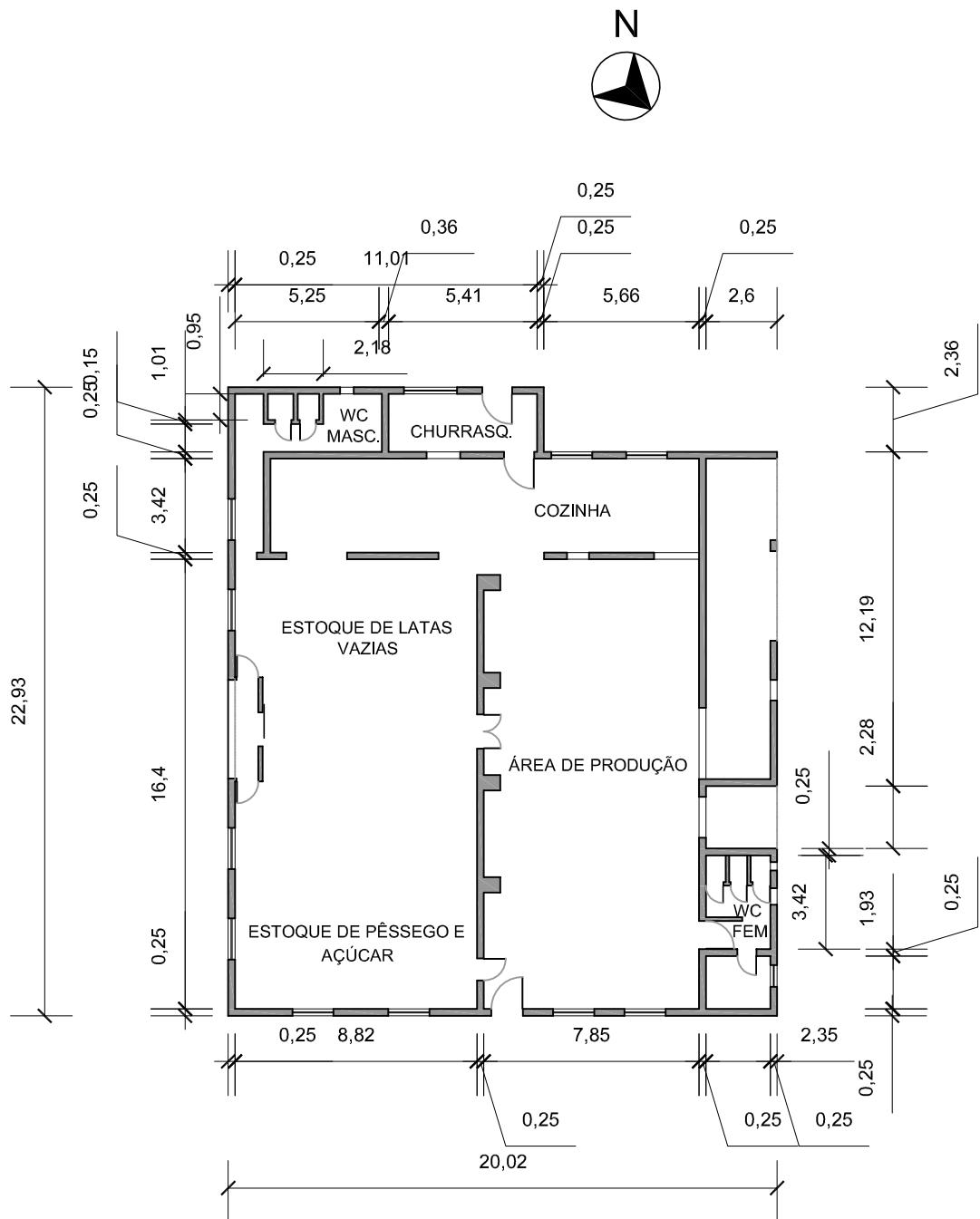
ESCALA

1:500

DATA:

Dez/2010

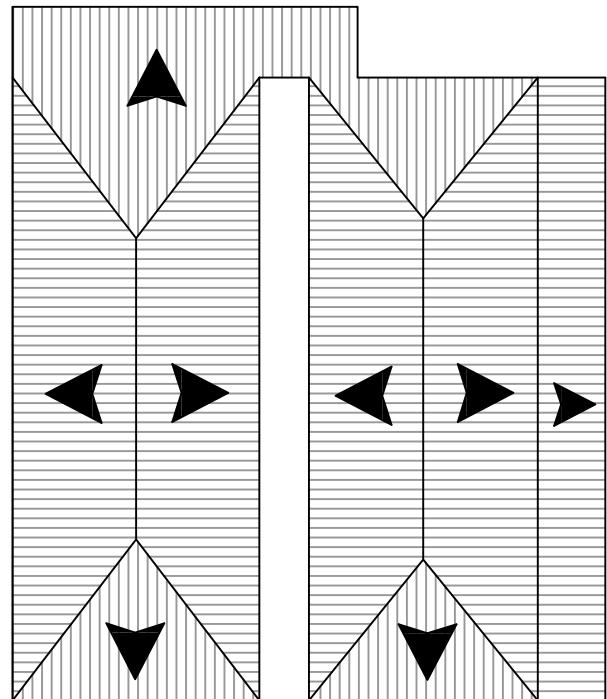
15



PLANTA BAIXA

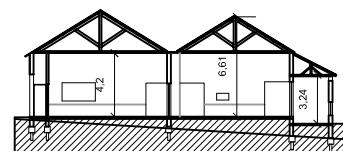
ESCALA: 1:250

<p><i>Fábrica de João Casarin</i></p> <p>LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO</p> <p>TÍTULO DESENHO PLANTA BAIXA</p> <p>LOCALIZAÇÃO 8º Distrito de Pelotas- RS</p> <p>DESENHO Roberta Meckling Arantes Santos</p> <p>ESCALA 1:250</p> <p>DATA: Dez/2010</p>	
16	



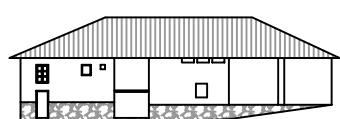
FACHADA FRONTAL

—■—
ESCALA: 1:500



CORTE A-B

—■—
ESCALA: 1:500



FACHADA FUNDOS

—■—
ESCALA: 1:500



FACHADA LATERAL

—■—
ESCALA: 1:500

Fábrica de João Casarin

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

TÍTULO DESENHO

COBERTURA, FACHADAS E CORTE

LOCALIZAÇÃO

8º Distrito de Pelotas- RS

DESENHO

Roberta Mecking Arantes Santos

ESCALA

1:250

DATA:

Dez/2010

17